

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

LUIZ HENRIQUE APOLLO DA SILVA

REESTRUTURAÇÃO URBANA DO BAIRRO FLORESTA:

Uma vitrine para o projeto de Cidade Criativa de Porto Alegre

PORTO ALEGRE

2019

LUIZ HENRIQUE APOLLO DA SILVA

REESTRUTURAÇÃO URBANA DO BAIRRO FLORESTA:

Uma vitrine para o projeto de Cidade Criativa de Porto Alegre

Dissertação de Mestrado apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Orientadora: Prof. Dra. Vanessa Marx

Porto Alegre

2019

CIP - Catalogação na Publicação

Apollo da Silva, Luiz Henrique
REESTRUTURAÇÃO URBANA DO BAIRRO FLORESTA: Uma vitrine para o projeto de Cidade Criativa de Porto Alegre / Luiz Henrique Apollo da Silva. -- 2019. 200 f.
Orientadora: Vanessa Marx.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Reestruturação Urbana do 4º Distrito. 2. Porto Alegre. 3. Cidade Criativa. 4. Empreendedorismo Urbano. 5. Agentes da economia criativa. I. Marx, Vanessa, orient. II. Título.

LUIZ HENRIQUE APOLLO DA SILVA

REESTRUTURAÇÃO URBANA DO BAIRRO FLORESTA:

Uma vitrine para o projeto de Cidade Criativa de Porto Alegre

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGS/UFRGS), como requisito para a obtenção do grau de mestre em Sociologia.

Orientadora: Prof^a Dra. Vanessa Marx

Linha de Pesquisa: Sociedade, Participação Social e Políticas Públicas

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Vanessa Marx (PPGS-UFRGS-Orientadora)

Prof Dr Guilherme F Waterloo Radomsky - PPGS/UFRGS _____

Prof^a Dr^a Heleniza Ávila Campos - PROPUR/UFRGS _____

Prof Dr Paulo Roberto Rodrigues Soares - POSGEA/UFRGS _____

Dedico este trabalho à minha mãe, ao meu pai e à minha irmã cuja base de amor incondicional me capacita a mergulhar nos mais profundos oceanos.

AGRADECIMENTOS

Este é o resultado de amadurecimento para o reconhecimento como profissional pesquisador e sociólogo urbano. A construção desse trabalho foi com muita persistência, diante de diversas etapas de inserção no campo, obstáculos internos e exteriores e realizações que transmitem o meu desempenho pessoal. A partir de minha seleção para a entrada no mestrado ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2016 ocorreram muitas mudanças no país, acarretado por um golpe de Estado que derrubou uma presidenta eleita democraticamente para ser substituída pelo vice que usurpou o plano de governo e iniciou medidas de cortes nas instituições públicas, assim como a implantação da destruição dos direitos trabalhistas no país.

Sou grato de poder ter iniciado o meu processo no mestrado ainda com bolsas de estudos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que, junto ao CNPq, é o órgão que investe e desenvolve a ciência no Brasil. Além de poder estar numa universidade pública, gratuita e de qualidade – com nota máxima em seu programa, poder receber essa quantia toma a responsabilidade e o reconhecimento de um cientista no campo das humanas, tão necessário para a construção da identidade nacional e o desenvolvimento de críticas sociais pelos problemas históricos no país de privilégios, assimetrias de poder e preconceitos. Assim, agradeço a CAPES e reitero o meu compromisso em sempre apoiar a sua existência e aperfeiçoamento, principalmente em tempos sombrios em que se questiona os investimentos na ciência, na cultura e na educação.

Sem dúvida o difícil contexto que vive o Brasil teve um impacto menor no decorrer do trabalho da dissertação, devido ao núcleo de pessoas que amo estarem sempre me apoiando. Dessa forma, agradeço incondicionalmente à minha mãe, Rosmari, pela sua capacidade de compreensão e de escuta, ao meu pai, Telmo, por acreditar e me motivar em todos os meus passos e a minha irmã, Luize, por ser a minha maior parceira e por ter trazido o Zé, com quem eu pude reconhecer o seu cuidado. Sem essa base familiar, a dissertação e todo o processo do mestrado não teria êxito, pois é com eles que encontro meu porto seguro, e deles que tenho a maior admiração pelas pessoas que se tornam diariamente.

No decorrer dessa longa caminhada, tive vínculos muito especiais com pessoas que tem poderes mágicos em transformar a minha vida mais alegre. Aos meus amigos mais antigos desde a época do colégio de quem ainda tenho muito carinho, Nicole, Daniele, Suzana, e posteriormente com Nando e Matheus, muito obrigado por estarem em diversos momentos da minha vida. Estar com vocês é me reencontrar e lembrar das minhas essências.

Montar uma rede firme e boa de relaxar e que me levaram a construção e significação da cidade de Porto Alegre tem grande importância pelas minhas amigas que trago desde a faculdade de Relações Internacionais: Ana Júlia e Andressa. Acrescento ainda ao Felipe e sobretudo a Marília, com quem sempre posso contar em horas de crise e para compartilhar aventuras. Agradeço muito termos conexões tão fortes e verdadeiras. Também obrigado a amigos que me sinto tão bem e que sempre me deixam tão à vontade para desabafar, ao César e à Mônica. O curso de ciências sociais trouxe duas amigadas de pessoas com quem aprendi e compartilhei muitos perrengues acadêmicos, às futuras colegas antropólogas que logo serão famosas, Marina e Nicole, muito obrigado por escutarem tanto dos meus problemas. Àqueles que estiveram longe durante esse período, mas cujo vínculo terno e de carinho sempre esteve presente, demonstrado nas nossas mensagens, chamadas de vídeo e algumas visitas que foram de muito apreço. São pessoas de diferentes momentos da minha vida e cada uma transmite um pouco quem eu sou. Obrigado à Alessandra, Moura, Jedai, Bárbara, Aline, Beto e Ítalo.

Nesse período tive a grata surpresa de conhecer uma pessoa muito especial. Ele está presente de maneira intensa na minha construção identitária e seu carinho, parceria e apoio foram essenciais nessa trajetória. Muito Obrigado Bernardo por ter a sensibilidade de me mostrar o amor nesse caos. Também fico grato por ter trazido na minha vida amigos tão queridos, Rafa e Lu.

O período do mestrado é tomado por bastante insegurança, receio e sensações de estarmos sempre atrasados com o nosso trabalho. Dificilmente somos reconhecidos durante esse momento, e me conectar com pessoas que estavam ‘nesse mesmo barco’ foi de grande valor. Foram suas conversas que me trouxeram *insights*, souberam ter a delicadeza de problematizar sem ofender e se disponibilizaram para explicar e ter o espírito de coleguismo para parcerias de trabalho, de congresso e de festas. Obrigado aos amigos que tive o prazer de compartilhar momentos no mestrado, aos mestres malucos: Mariana, Luciana, Álvaro, Jayme, Andressa e Vilson.

Nessa trajetória, diversos professores são inspirações para a nossa vida acadêmica, são eles que nos indicam excelentes bibliografias, nos condicionam a análises grandiosas e se esforçam em nos fornecer as ferramentas essenciais para a construção de um profissional pesquisador e sociólogo. Uma professora, em especial, tenho a admiração pela sua dedicação e por tanto que me ensinou, obrigado à professora Vanessa Marx. Suas orientações, dicas, conversas, direcionamentos, interesses e a parceria que formamos me levou a um aprendizado grandioso. Reconhecer-me como sociólogo urbano tem a tua marca registrada.

Esse trabalho não foi uma construção solitária, além de amigos para relaxar, estar em um ambiente de grupo de pesquisa foi o que tornou a dissertação mais coesa e coerente com os rumos que a sociologia urbana está tomando. Dedico esse trabalho aos colegas com quem me reuni diversas vezes para discutirmos textos, desenvolver metodologias, fazermos análises de pesquisa e escrever artigos para revistas, seminários e congressos. Obrigado ao Grupo de Pesquisa em Sociologia Urbana e Internacionalização de Cidades (GPSUIC). Construir e fazer parte desse grupo foi essencial para o desenvolvimento da dissertação.

Gostaria de agradecer também a todos que foram muito amáveis na minha pesquisa de campo, parte integrante do meu aprendizado com diversos percalços. Obrigado pela disponibilidade de tempo dos vinte entrevistados, ao abrirem seus locais de trabalho e seus eventos para que eu pudesse fazer as minhas análises. Definitivamente suas narrativas e indicações foram o que levaram ao conhecimento do território sob seus olhares criativos.

Por fim, gostaria de agradecer profundamente a minha psicóloga Cristina, com quem passei horas em todas as semanas do mestrado e me auxiliou para meu empoderamento. Foi com ela que aprendi técnicas para diminuir ansiedades, construção de saber quem sou e para onde vou, sabedoria em analisar as minhas ações, respeitar as minhas individualidades, aceitar os problemas e ter calma para lidar com eles da maneira mais genuína. Contar com todas essas pessoas e construir essa rede de maneira artesanal e com sabedoria foi o que transformaram os meus passos diários em força para me tornar o profissional que sou, cuja realização principal está colocada nessa dissertação.

“De nuestros miedos nacen nuestros corajes y en nuestras dudas viven nuestras certezas.

Los sueños anuncian otra realidad posible y los delirios otra razón.

En los extravíos nos esperan hallazgos, porque es preciso perderse para volver a encontrarse”.

(Eduardo Galeano)

RESUMO

A área do 4º Distrito em Porto Alegre era a denominação da divisão urbana na entrada da cidade e onde se instalavam as principais indústrias e as vilas operárias que foram berço da industrialização no Estado do Rio Grande do Sul a partir do início do século XX. O cenário e organização social desse espaço se desenvolveram pela sua função fabril modificada após o seu deslocamento, devido ao processo de metropolização, com consequência de abandono e marginalização da área a partir da década de 80. Desde o final da década de 90, esse amplo espaço é disputado para uma revalorização do solo por projetos público-privado de reestruturação urbana, mais recentemente o projeto Masterplan, cujos depósitos, ancoradouros e edifícios fabris são condicionados a novos usos do capitalismo global informacional, onde a economia criativa se insere. A sua denominação abrange diversas áreas de trabalhadores qualificados em tecnologia, arquitetura, design, mídia, moda, expressões culturais cujo conhecimento tem alto valor agregado e é explorado na sua capacidade inovadora e empreendedora. Esses agentes se aglomeram territorialmente principalmente no Floresta, bairro do 4º Distrito localizado mais próxima ao centro, onde se encontram centenas de agentes criativos, tais como o Hostel Boutique, o CC100, o Vila Flores, chamarisco de novos agentes criativos, promotor de eventos, turismo, preservação e embelezamento da área, estabelecidos na rede do Distrito C que constrói seus laços e valores, incentiva o investimento de negócios inovadores na área atrelados às conexões multiculturais de uma ideia descolada que faz a cultura colaborar com uma imagem estratégica ao território. A fim de compreender a transformação desse espaço com o foco no agenciamento em rede desses profissionais, a metodologia utilizada no trabalho foi de análise documental a partir do plano municipal de economia criativa de 2014, de notícias de atrações e investimentos no local, de observações participantes em eventos no bairro e de entrevistas com vinte empreendimentos localizados na área. Esse novo construto social torna-se um marketing urbano compreendido sob o olhar teórico do pensamento único estratégico, na construção *glocal* e de ressignificação identitária relacional e híbrida, onde a cidade se torna um ponto estratégico de financeirização. Além disso, estão atreladas às vantagens comparativas de modelos de cidades criativas, legitimados por órgãos internacionais como a UNCTAD, que ressignificam em Porto Alegre o histórico bairro operário do Floresta para um território de características criativas, de consumo, de lazer criando uma vitrine para investimentos aos novos paradigmas do empreendedorismo urbano global.

Palavras-chave: Reestruturação Urbana do 4º Distrito; Porto Alegre; Cidade Criativa; Empreendedorismo urbano; Bairro Floresta; Agentes da economia criativa.

ABSTRACT

The area of the 4th District in Porto Alegre was the name of the urban division at the entrance of the city and where settled the main industries and working villages that were the cradle of industrialization in the State of Rio Grande do Sul from the beginning of the twentieth century. The scenery and social organization of this factory function space was modified after its displacement, due to the process of metropolization, with consequence of abandonment and marginalization of the area from the 80's. Since the end of the 90's, this wide space is disputed for a revaluation of the soil by public-private urban restructuring projects, most recently the Masterplan project, whose deposits, moorings and factory buildings are conditioned to new uses of informational global capitalism, where the creative economy is inserted. Its name covers several areas of skilled workers in technology, architecture, design, media, fashion, cultural expressions whose knowledge has high added value and is exploited in its innovative and entrepreneurial capacity. These agents cluster mainly in the territory of Floresta, a neighborhood of the 4th District located closest to downtown, where there are hundreds of creative agents, such as Hostel Boutique, CC100, Vila Flores, attractions of new creative agents, events promoter, tourism, preservation and beautification of the area, established in the District C, network that builds its ties and values, encourages the investment of innovative businesses in the area linked to the multicultural connections of a cool idea that makes culture collaborate with a strategic image to the territory. In order to understand the transformation of this space with the focus on networking these professionals, the methodology used in this work was documentary analysis based on the 2014 municipal creative economy plan, news of attractions and investments on the space, participant observations in events of the neighborhood and interviews with twenty enterprises located in the area. This new social construct becomes an urban marketing understood under the theoretical perspective of strategic single thinking, in the glocal construction and of relational and hybrid identity resignification, where the city becomes a strategic point of financialization. Moreover, they are linked to the comparative advantages of creative city models, legitimized by international organizations such as UNCTAD, which redefine in Porto Alegre the historic working-class district of Floresta to a territory of creative, consumer and leisure creating a showcase for investments to the new paradigms of global urban entrepreneurship.

Keywords: Urban Restructuring of the 4th District; Porto Alegre; Creative city; Urban entrepreneurship; Forest neighborhood; Agents of the creative economy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: 4º Distrito – entrada da cidade.....	12
Figura 2: Área 4º distrito.....	51
Figura 3: Casas em Fita.....	52
Figura 4: Vilas no 4º Distrito.....	60
Figura 5: Vila Bairro Floresta.....	61
Figura 6: Shopping Total, antiga cervejaria Brahma.....	64
Figura 7: Lei de limites dos bairros.....	65
Figura 8: Prédio à Rua Comendador Coruja.....	67
Figura 9: Palacinho.....	67
Figura 10: Serviços no Bairro Floresta.....	68
Figura 11: Localização da Praça Florida.....	68
Figura 12: Entrada da Praça Florida.....	69
Figuras 13: Mutirão na Comendador Azevedo.....	70
Figuras 14: Mutirão na Comendador Azevedo.....	70
Figura 15: Ecossistema do Distrito Criativo.....	77
Figura 16: Indústria de inovação.....	82
Figura 17: Dinâmica dos elos da economia criativa.....	84
Figura 18: Emblema Distrito C.....	107
Figura 19: Arte urbana no Dia C	109
Figura 20: DIA C.....	111
Figura 21: DIA C.....	111
Figura 22: DIA C.....	111
Figura 23: DIA C.....	111
Figura 24: Shopping Total e ZISPOA.....	113
Figura 25: Mapa da Zona de Inovação.....	114
Figura 26: Galeria Bolsa de Arte.....	115
Figura 27: Hostel Boutique.....	117
Figura 28: Associação Cultural Vila Flores.....	120
Figura 29: Associação Cultural Vila Flores.....	120
Figura 30: Deslocamentos 4D 2018.....	123
Figura 31: Simultaneidades 2017.....	124
Figura 32: Simultaneidades 2017.....	124

Figura 33: Vila Flores na Bienal de Arquitetura em Veneza.....	145
Figura 34: Boate Madrigal para negócios de economia criativa.....	155
Figura 35: Parque linear Voluntários da Pátria.....	157
Figura 36: Farrapos Florida.....	159
Figura 37: Farrapos Florida.....	159
Figura 38: Feira no Deslocamentos 4D.....	164
Figura 39: Feira no Deslocamentos 4D.....	164
Figura 40: Caminhos pela rua.....	166
Figura 41: Caminhos pela rua.....	166
Figura 42: Caminhos pela rua.....	166
Figura 43: Caminhos pela rua.....	167
Figura 44: Caminhos pela rua.....	167
Figura 45: Estética da economia criativa em detrimento aos vulneráveis.....	168
Figura 46: Casas antiga e Igreja no Bairro Floresta.....	169
Figura 47: Casas antiga e Igreja no Bairro Floresta.....	169
Figura 48: Moinho Germani - Prédio à Rua Sete de Abril esq com Rua Emancipação	172
Figura 49: Hotel Ibis com pintura criativa em contraste.....	172

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Ocupações das Unidades de Desenvolvimento Humano (UDH) da Orla do Guaíba (2000-2010).....	54
Tabela 2: Índices de desenvolvimento humano no 4º Distrito, ano 2010.....	59
Tabela 3: Idades dos empreendedores criativos.....	101
Tabela 4: Serviços no Bairro Floresta.....	163

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: modelo teórico.....	17
Quadro 2: modelo de análise.....	19
Quadro 3: Índices de Vulnerabilidade Social.....	72
Quadro 4: Proporção de roubos de veículos e assaltos nos bairros de Porto Alegre 2016-2017.....	74
Quadro 5: Proporção de roubos de veículos e assaltos nos bairros de Porto Alegre 2016-2017.....	75
Quadro 6: Principais agentes no Bairro Floresta.....	128
Quadro 7: Conceitos para denominar economia criativa.....	151

SUMÁRIO

1 Introdução	1
2 Metodologia	9
2.1 Problema	9
2.2 Justificativa	11
2.3 Objetivo Geral e Específicos	15
2.4 Modelo Teórico.....	16
2.5 Hipótese	21
2.6 Procedimento Metodológico	21
3 Fundamentação Teórica	26
3.1 Território em disputa de valores simbólicos	26
3.2 Fenômeno Urbano Global-Local e territorialização	35
3.3 Planejamento urbano de cidade criativa	41
4 Estudo de caso: Bairro Floresta como vitrine do projeto de cidade criativa de Porto Alegre	50
4.1 Formação socioespacial do Bairro Floresta	51
4.1.1 Características do território estratégico do 4º Distrito.....	54
4.1.2 Características históricas territoriais do Bairro Floresta	63
4.1.3 Atores sociais do Bairro Floresta	68
4.2 Projeto de cidade criativa de Porto Alegre: interesse pelo Floresta na mercadorização da cultura territorial	80
4.2.1 Plano de Economia Criativa de Porto Alegre	81
4.2.2 Confluência e divergências de tendência global de mercado no bairro Floresta .	87
4.2.3 Projeto de reestruturação urbana por PPPs no 4º Distrito e as implicações no bairro Floresta	90
4.3 Empreendimentos criativos locais: agentes globais de legitimação da reestruturação urbana	99
4.3.1 Inserção dos agentes da economia criativa no bairro.....	99
4.3.2 Visibilidade e principais agentes criativos no local	105
4.3.3 Valores culturais da economia criativa	129
4.3.4 Relações dos empreendimentos criativos.....	142
4.4 Transformações na territorialidade do bairro Floresta.....	161
5 Considerações finais	175
6 Referências Bibliográficas	185
Anexo I: Entrevista semi-estruturada (agentes criativos)	199
Anexo II: Perfil dos Entrevistados	200

1. Introdução

Nos anos 80, diversas grandes cidades em países em desenvolvimento passaram por um processo de desindustrialização, devido a mudanças de estratégias econômicas corporativas nas cidades, levando ao abandono de investimentos, a desarticulação de regiões industriais e operárias, segregando essas áreas que passaram a adquirir características e condições sociais de maior vulnerabilidade. A metropolização que ainda não atingiu sua saturação, a descentralização das indústrias, o aumento das cidades médias e o crescimento de sua participação na população urbana são exemplos da consequência desse processo.

Esse fenômeno se dá paralelamente ao de consolidação de metrópole informacional; isto é, uma capital relacional, cujo centro promove coleta das informações, armazena-as, classifica-as, manipulando-as e utilizando-as a serviço dos atores hegemônicos da economia, da sociedade, da cultura e da política (SANTOS, 2008). As grandes cidades passam a não ter mais a função fabril como principal e estão atreladas a uma influência de rede urbana internacional, conforme interesses políticos, relacionadas aos setores de serviços e atração de fluxo de capital financeiro.

O caso a ser trabalhado na dissertação delimita-se a um território que passou por essas características de transformação urbana de uma rápida desindustrialização na década de 80 que acarretou na desconstituição da paisagem do local antes configurada em laços identitários e organizada pelo seu valor industrial (SANTOS, 2008). Capital do estado localizado mais ao sul do Brasil, a cidade de Porto Alegre teve o seu desenvolvimento industrial a partir da década de 40 desde o início do século XX que passou a elevá-la como a principal economia do estado, ao substituir a decadência do setor do charque e do couro concentrado no sul do estado.

O desenvolvimento urbano atrelado à industrialização ocorreu na área de aglomeração industrial do 4º Distrito em Porto Alegre, local estratégico de entrada da cidade, identificada como um “bairro cidade” (MATTAR, 2010) devido aos princípios totais dos usos do solo urbano na sua dinâmica interna. O local era porta de entrada comercial e de imigração dos alemães, concretização da política de imigração na região de Porto Alegre no século XIX, que contribuiu para o processo de início da industrialização no Rio Grande do Sul, fluxo de mercadoria vindas do porto e posteriormente o motivo para o traçado da estrada de ferro.

Desde o início do século XX, esse foi o espaço onde se estabeleceram as primeiras fábricas do estado do Rio Grande do Sul construindo uma área para o escoamento da produção logística em portos e rodovias e onde habitantes eram destinados às moradias de vilas operárias. No decorrer dos períodos históricos, essa própria dinâmica interna fora destinada posteriormente para a função especificamente ao desenvolvimento capitalista industrial, sobretudo a partir de 1959, quando o planejamento urbano da cidade de Porto Alegre conduziu a área para essa destinação funcional específica.

A relação com o Guaíba a partir do 4º Distrito que abrange os bairros atuais do Floresta, São Geraldo, Navegantes, Humaitá e São João era intensa pelos banhistas, gondoleiros e de fluxo comercial, devido ao porto, o que constituiu características marcantes na identidade da área. A desindustrialização ocorreu a partir da década de 70 com as novas estratégias de distribuição da economia industrial para a região metropolitana que aliava o baixo valor do solo urbano nas cidades satélites com o interesse corporativista, o que desarticulou a economia do distrito. Até hoje, encontram-se diversos espaços conduzidos para fins mecânicos, de marcenaria, de serralheria na área. Esses símbolos econômicos e culturais criados nessas dinâmicas permaneceram nas edificações, no comércio de matérias prima, na fabricação de autopeças e vias urbanas para o escoamento da produção, além de diversos espaços de armazenamento de estoques fora de funcionamento.

A partir de então, esse grande espaço de Porto Alegre esteve sob a influência da falta de planejamento urbano com a paulatina desvalorização das edificações industriais e das antigas vilas operárias – muitas das quais já foram inclusive abandonadas pelos próprios proprietários. As mudanças que ocorrem na formação destrutiva e de reconfiguração das cidades, como Porto Alegre, são resultados das relações sociais e condicionante das mesmas e detêm atores que seguem diferentes propósitos ligados ao poder no território tanto por seu valor cultural, econômico e/ou simbólico. Nessa conjuntura, a territorialização é verificada como fator de mudança do espaço conforme o processo de interação entre os agentes sociais que constroem seus signos à luz de diferentes impactos estratégicos segundo articulações e interesses de poder.

Foram mudança de investimentos de capital que gerou a degradação de áreas centrais, fruto de uma miséria estrutural e de processos socioespaciais de desenvolvimento da própria cidade. Foram áreas relegadas ao descaso, com problemas de estruturas urbanas, bem como, diversos pontos sem a presença de serviços públicos que atentam aos problemas socioeconômicos da região. Entretanto, desde a década de 90, esse

local específico da cidade é visado por diversas iniciativas de projetos para revalorização econômica e resgate de adensamento demográfico, por planos de reestruturação urbana.

Por reestruturação urbana se entende as modificações vinculantes a uma política de economia urbana para um *locus* da cidade a fim de construir novos rumos de desenvolvimento para a área. Para tanto, projetos com diferentes articulações se inserem em processos de disputa e de desenvolvimento como retórica que foram conduzidos a partir de 1995 como o Porto Alegre Tecnópole, posteriormente em 2000 o PIEC- Projeto Integrado de Entrada da Cidade. A partir de 2014, as mais recentes guinadas se deram para a internacionalização da cidade de obras para abrigar a Copa do Mundo da FIFA em 2014 com a preocupação do escoamento veicular das avenidas e do embelezamento para o turismo. Ainda mais recentemente o projeto de revitalização urbanística no 4º Distrito se concentrou nos seguintes: Porto do Futuro, Masterplan e Porto Alegre Resiliente em 2016 que esteve relacionado a debates sobre inovação, incentivo de atração de empresas e parcerias público-privadas.

Com efeito, esses espaços abandonados da cidade, a partir de então, são percebidos como oportunidade de expansão (SMITH, 1986), devido aos privilégios de sua localização, ao fácil acesso aos centros urbanos e à infraestrutura regular cujos usos das antigas fábricas, depósitos, ancoradouros e cortiços que estavam obsoletos são transformados por um novo paradigma de investimento econômico privado. Essas áreas são inseridas em projetos de embelezamento urbano, sem dar a importância aos problemas urbanos do adensamento presente somente com o fim de atração de investimento dos novos paradigmas urbanos que alteram as cidades principalmente diante de fluxos globais-locais que se consolidam por redes de interações para desenvolver políticas urbanas.

O chamado planejador empreendedor, junto da revitalização urbana criam a parceria entre setores público e a iniciativa privada, encarada por sua vez para alavancar investimentos privados com fundos públicos. Todas foram multiplicadas nas réplicas de requalificações pelo mundo que adotam um modelo, segundo aponta David Harvey (2014), em um espetáculo urbano, ou seja, uma substituição pós-moderna do espetáculo como forma de resistência ou de festa popular revolucionária pelo espetáculo como forma de controle social. Esse espetáculo, portanto, acaba sendo uma forma de promover o desenvolvimento urbano pela estetização, dissimulando problemas sociais e estruturais pela promoção da cultura como dado essencial na coalizão de interesses das estratégias

políticas de atração de investimentos privados, tornando-se peça chave para a mobilização competitiva permanente entre as cidades.

Assim, a organização social do espaço de revitalizações urbanas embasada nas redes urbanas é deparada por uma apresentação e poder global no local e sem especificação de uma taxa de crescimento demográfico, ligando num mesmo discurso ideológico a evolução das formas espaciais de uma sociedade a difusão de um modelo cultural à base de um domínio político (CASTELLS, 1999). Nesse sentido, a lógica de um pequeno número de grupos com posição dominante no mercado global vinculado ao local exerce de fato papel de controle do território, por via da produção e do consumo.

São trazidos novos padrões de dominação do interesse de empresas transnacionais com um diferente estilo de organização, de produção e de marketing, com novos padrões de planejamento, propaganda de massa, concorrência e controle interno das economias dependentes pelos interesses externos. Elas representam o capitalismo monopolista que lideram por mecanismos financeiros, associação local, corrupção, pressão em diferentes *policymakers*, utilizando-se de recursos maciços do território para a logística e custo de infraestrutura. Além disso, legitimam-se por uma ideologia da lógica do crescimento (LOGAN e MOLOTCH, 1998) criada pela coalizão das elites junto com o poder público que moderniza o território como um todo, os equipamentos e também as normas indispensáveis à operação racional vitoriosa do grande capital, em detrimento do direito de uso da cidade da sociedade civil de forma democrática e igualitária (SANTOS, 2008).

Dentre diversos segmentos que amplificam esses novos fluxos econômicos legitimados pelas articulações e discursos entre empresas, universidades, sociedade civil, mídia e poder público, que trazem uma nova configuração no território existe a chamada indústria criativa. Ela está atrelada a concepções de trabalho em produção flexível, diferenciação de produtos, especialização produtiva, atividades em fluxos de rede a serem exploradas e da expressão geográfica desses fenômenos, quais sejam, as aglomerações produtivas nessa nova concepção de produção pós-fordista (MIGUEZ, 2007). Para ficarem claras as redes que são desenvolvidas nesse escopo, a indústria criativa é dividida no Brasil, conforme dados da FIRJAN (2012), em quatro grandes áreas: tecnologia (P&D, biotecnologia, TIC), consumo (publicidade, arquitetura, design e moda), mídia (editorial e audiovisual) e cultura (expressões culturais, patrimônio, artes visuais, música e artes cênicas).

Essa aglomeração profissional é legitimada por órgãos multilaterais como a UNCTAD (*United Nations Conference on Trade and Development*) que produziu um

relatório sobre economia criativa de maneira ideal para o desenvolvimento territorial, o *Creative Economy Report* de 2008. A base de redes globais se insere na cidade num construto em disputa com o espaço, ora pela mercadorização da cultura, ora pela valorização da identidade cultural simbólica e material de um espaço de vila operária em conflito, numa territorialidade relacional de um conjunto de relações complexas entre processos sociais e espaços materiais (HAESBAERT, 2004). Essa inserção de ideias em rede tem maior legitimidade quando está associada ao marketing de planejamentos estratégicos para reestruturações urbanas que fabricam consensos hegemônicas internacionais ao empreendedorismo urbano (ARANTES, MARICATO e VAINER, 2000) a fim de revitalizar áreas por vias do embelezamento estratégico.

Em Porto Alegre essa aglomeração é verificada principalmente em uma determinada área do 4º Distrito, o bairro Floresta recorte de análise da dissertação. Devido a sua localização próxima ao centro, alto IDH, ligação logística e estar no escopo histórico de mudanças de paradigmas industriais da cidade, ele se concentra como a área onde mais recentemente verifica-se essa nova configuração econômica para a área de maneira estratégica aos diferentes agentes que geram uma nova territorialidade. As características históricas de antigo bairro operário, junto com o estilo arquitetônico ainda preservado, insere esse território numa relação comunitária de laços e de valor de uso nas ações políticas (SOUZA, 2013) de um território vinculado às conflitualidades do processo de industrialização que desenvolveu uma urbanização no espaço alimentada por uma carga afetiva entre os moradores, mas segregada em diferentes estratos sociais. É um bairro dividido em fronteiras urbanas que demonstram atualmente a heterogeneidade social presente no bairro e as mudanças nos paradigmas econômicos históricos aliado a destruição, indiferença e resistência.

Atualmente esse território ressurgiu na disputa de valor simbólico discursivo e de interesses estratégico econômicos pela inserção das diversas iniciativas de economia criativa que são aglomeradas na região, numa refuncionalização do espaço, com interesses de uma territorialização de novas relações e configuração. Esses empreendimentos começaram a surgir a partir de 2012 no bairro em uma amplitude de diferentes de setores: patrimônio cultural, artes visuais e performáticas, audiovisual e mídias impressas e interativas, design e serviços criativos, feiras e galerias, os espaços multiculturais e áreas de educação e pesquisa. Dentre alguns exemplos mais antigos estão o Atelier Roseli John, o Teatro de bonecos Caixa de Elefante, o Espaço de arte Belladonna, o Estúdio de Ideia, a Star Produtora, o FOCO Arquitetura, a Casa 533 e o Via Velô

bicicletaria, a Galeria Bolsa de Arte, o Brechó Balaio de Gato, o Estúdio Hybrido, a Casa Cultural Tony Petzhold, o Vila Flores, o CRIART e o Ofício Criativo. Esses novos atores sociais, do que Richard Florida (2002) convencionou chamar de classe criativa, inserem-se nesses ambientes, e acabam construindo uma aglomeração pela identificação profissional de classe média de serviços cujos consumos (GOLDTHORPE, 1995), educação (BIDOU-ZACHARIENSEN, 2005) e estilo de vida (HAMNET, 1996) são semelhantes na sua materialidade e na relação com o desenvolvimento urbano baseado na livre circulação de inovações e criatividade.

Ao se estabelecerem como instrumento de classe profissional, esses agentes criativos trazem eventos, debates, visibilidade e interesses públicos e privados para a construção de uma cidade criativa. E por essa nova configuração econômica e demandas que se verifica no espaço do bairro Floresta, a dissertação os analisa como atores centrais na nova territorialização do espaço para se tornar atrativo a diferentes investimentos. Parte desses novos interesses está numa reestruturação urbana que vincula a arte como setor econômico e cultural para projetos urbanos de envergadura global a fim de colocar a cidade de Porto Alegre no mapa mundial de fluxos informacionais e financeiros.

Nessa concepção e legitimados por uma interação do poder público, pela mídia e pela interação dessas redes de profissionais criativos, Porto Alegre é uma cidade influenciada por esses novos dinamismos econômicos de trabalho, bem como de mudanças territoriais como forma de desenvolvimento urbano. Ela é considerada como segunda cidade mais criativa do país, segundo dados da FECOMERCIO-SP e FIRJAN (2012) e apresentou um plano municipal de economia criativa para desenvolver essas competências relacionadas a esses tipos de serviços. Esses debates e articulações são conduzidas, atualmente pelo chamado Pacto Alegre com parcerias entre universidades, FIERGS, Banco Mundial para desenvolver uma aliança na renovação das bases produtivas da cidade e transformação da área em um *branding* a fim de criar um aglomerado de empresas de tecnologia e inovação, baseado em modelos que aliam o planejamento urbano à estratégia cultural.

Esse discurso de revitalização urbana pela indústria criativa gera vantagens comparativas na desindustrialização (O'CONNOR, 2015) e criam as chamadas cidades criativas, determinada por Charles Landry (2000) como um projeto com características estéticas (pela carga simbólica de pertencimento), funcionais (pelo impacto econômico de sua indústria cultural), bem como, parte de uma agenda de inclusão social. A aglomeração desse setor com bases materiais para a produção criativa gera um valor

diferencial cultural identitário, além de qualificação de mão-de-obra nesses diversos segmentos de atividades complementares na cidade e a inserção nos fluxos de informação e de inovação do mundo, engendrando um processo de retroalimentação, uma vez que as referidas aglomerações também fortalecem a base territorial (MEDEIROS, GRAND e FIGUEIREDO, 2011), segundo os parâmetros desse desenvolvimento. Em seu discurso, como insere-se em áreas degradadas, tem perspectivas que tomam uma construção de consenso, por isso, verifica-se sua amplitude de ações econômicas e sociais.

No contexto de conexões em rede impulsionados pela globalização, os estudos comparativos desenham cada vez mais as experiências de outras cidades, assim como as relações de suas estruturas governamentais com diferentes fluxos extensivos de comunicação. São associações entre cidades consideradas ‘modernas’, identificadas como modelos globais de melhores práticas, apesar de suas diferenças de desenvolvimento quanto à infraestrutura, capacidade de crescimento econômico e populacional ser distinta. Assim, essas cidades fazem do uso de interconexões entre agentes, a fim de obter entendimentos sobre a urbanização e a imposição da padronização urbana por meio de comparações, conforme a adaptabilidade local. Dessa forma, as conexões de relações mais amplificadas em circuitos transnacionais de diferentes atores (ROBINSON, 2011), como os agentes criativos, importam para a adaptabilidade nos circuitos transnacionais de políticas urbanas de empreendimentos neoliberais com as cidades como o principal alvo de acumulação do capital transnacional (BRENNER, 2018). Assim, além de uma relação estrutural impositiva, os projetos de reestruturação urbana e as novas territorialidades locais ligam-se por vínculos, fluxos e conexões globais que estão relacionados aos agentes interessados.

A ideia de cidade criativa é provinda de uma circunstância tática de modelo urbano, legitimado e difundido por agências internacionais, para explorar economicamente particularidades culturais de um local, que, por sua vez, moldam resultados das políticas e os caminhos de um tipo de desenvolvimento. Assim, basear-se nessa análise significa responder às diversas apropriações e fluxos em que as cidades estão conectadas. Portanto, ao tomar como base a cidade criativa como ideal, a dissertação também relaciona a circulação entre fluxos de diferentes agentes interessados a fim de compreender o processo de territorialização entre os atores interessados e inseridos no espaço e suas linhas de conexão, sobretudo pelas políticas liberalizantes e de economias globalizadas – como as cidades globais (SASSEN, 1998) - que nos circuitos financeiros e de informação impulsionam a aglomeração de serviços.

Instiga-se aí uma análise substancial em uma relação comparativa conforme os resultados associados e vínculos, fluxos e conexões específicas de cada um dos atores em processos heterogêneos que moldam e contestam desenvolvimentos urbanos específicos. Essa dissertação, portanto, explora como os agentes ou instituições asseguram essas influências da cidade criativa à distância, compondo o pensamento de implantação desse projeto no local, resultado da realização de processos urbanos (JACOBS, 2011) de fluxos informacionais globais.

Para tratar dessas relações sobre a construção de um desenvolvimento estratégico de cidade criativa tendo como base as aglomerações dos agentes de economia criativa no território do bairro Floresta em Porto Alegre, a dissertação primeiramente irá apresentar a sua metodologia, apontando a problemática sociológica, a justificativa, o objetivo geral e específicos, as hipóteses bem como o procedimento metodológico. Posteriormente, para consolidar o olhar sociológico que o autor se propôs ao analisar o tema, apresentar-se-á a fundamentação teórica colocadas em três pontos: Território em disputa de valores simbólicos, Fenômeno Urbano Global-Local e territorialização e Planejamento Urbano de Cidade Criativa. A partir dessa visão, o estudo de caso com suas delimitações e análises serão explanados com vista a notar o jogo multidimensional dos atores heterogêneos que propõe transformações no território do bairro Floresta. Aponta-se aí as características do espaço, os principais atores sociais que o compõe, os projetos de reestruturação urbana do 4º Distrito e sua influência global do modelo de desenvolvimento de cidade criativa, e o enfoque nos empreendimentos criativos como catalizadores dessas transformações a partir de suas relações e valores culturais adaptados ao contexto local.

2. Metodologia

Este capítulo tem o propósito de elencar a forma pela qual essa dissertação foi construída, relacionada às abordagens que dão base para a instrumentalização teórica do campo. Seria importante salientar que é um envolvimento de caráter científico e sociológico, por isso da necessidade de construir a metodologia de bases epistemológicas coerentes para adquirir procedimentos em campo que sejam efetivos e éticos. Dessa forma, o capítulo se divide em problema a ser analisado em campo, quais são os objetivos geral e específicos, o modelo teórico que está em questão, a hipótese geral abordada, e, por fim, os procedimentos metodológicos que levam ao estudo do caso.

2.1 Problema

A reestruturação urbana que se vincula às ideias de cidade criativa passa pelo debate da forma de desenvolvimento e de quem é priorizado nessas ações políticas estratégicas de modificações econômicas. Para tanto, o debate dos agentes presentes se insere de um lado à concepção de direito à cidade aos seus usos e de habitação, mobilidade, saneamento e bem-estar contrapondo-se a atração externa cooptada por um sistema rentista e de financeirização da cidade cuja consequência é o processo de gentrificação. Esse conceito é um neologismo fabricado por Ruth Glass nos anos 50 para compreender e denunciar a transformação da composição social dos residentes de um bairro, mais precisamente a substituição da classe operária por uma classe de alta renda, aparentemente como um processo natural. Além do mais, ocorre a realocação dos ocupantes originais para fora do bairro o que implica uma renovação urbana de um local que estava degradado em uma melhoria para os novos moradores (HAMNET, 1996). Entretanto, leva à exclusão e a modificação da identidade do espaço ao ordenarem uma nova concepção de estilo de vida aos moradores, quando da união consensual de uma política *business oriented* (ARANTES, 2000).

Baseado no relatório da UNCTAD, a Prefeitura Municipal de Porto Alegre apresentou em dezembro de 2014 um plano municipal de economia criativa, elaborado a partir de reuniões com instituições que compõem o Comitê Municipal de Economia Criativa¹, e que possibilitou a construção de uma rede de pessoas e entidades com

¹Comitê de Economia Criativa da cidade de Porto Alegre é formado pelas seguintes entidades da sociedade civil: Agência de Inovação Social, Associação de Desenvolvedores de Jogos Digitais do Rio Grande do Sul, Associação Gaúcha de Dança, Associação Rio-Grandense de Artes Plásticas Francisco Lisboa, Associação Rio-Grandense de Publicidade, Câmara Municipal de Porto Alegre, Câmara Rio-Grandense do Livro, Conselho das Entidades de TI do Rio Grande do Sul, Conselho Municipal de Ciência e Tecnologia, Conselho Regional de Administração do Rio Grande do Sul, Escola Superior de Propaganda e Marketing,

diferentes interesses para o desenvolvimento urbano criativo (FLORES, 2014). Os eixos norteadores do plano vão desde marcos legais, mapeamento das economias criativas na cidade até projetos de sustentabilidade e educação permanente para economias criativas, sobretudo no bairro Floresta e proximidades. Além do mais, as iniciativas privadas mobilizam o 4º distrito de Porto Alegre desde 2012 e se dispõem em levar a maiores transformações na obsoleta zona industrial.

Essa estratégia de influência global atribui uma nova perspectiva de valor de uso e de troca que gera uma rede de relações entre os agentes, cujos comportamentos, interesses e ações modificam o espaço social. O foco atrelado no trabalho está na valoração do campo simbólico da economia criativa como uma estratégia de desenvolvimento urbano no espaço do bairro Floresta. Debate-se o tema aliando os aspectos de espetacularização do território e da cultura identitária, assim como de uma relação com as cidades orientadas pelos valores mercadológicos, o que pode gerar tanto o aspecto de inclusão e reconhecimento dos atores locais, quanto de gentrificação. A conexão *glocal* apontada por Swyngedouw (2004) visa demonstrar essa interação de um processo de reescalonamento das cidades por atores envolvidos, em que a hibridização de valores estará disposta em um processo dialético de tradução territorial identitária entre o global e o local.

Numa dinâmica dos atores interessados no 4º Distrito, reconfigura-se o espaço em articulações desses projetos urbanos de arranjos políticos na cidade e relações de poder estratégicas para o fluxo de capital transnacional com a forma em que são criados os laços de agentes criativos inseridos no bairro Floresta. Nesse contexto, o problema visa identificar como ocorrem as transformações na territorialidade do bairro Floresta, relacionadas à dinâmica do processo global-local de cidade criativa em que os agentes criativos se inserem numa construção identitária relacionada à reestruturação urbana do 4º distrito de Porto Alegre.

Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul, Federação do Comércio de Bens e Serviços do Estado do Rio Grande do Sul, Federação das Associações Comerciais e Serviços do Rio Grande do Sul, Instituto dos Arquitetos do Brasil, *Laureate International Universities* (Uniritter), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rede Metodista de Educação, Serviço de Apoio às Micros e Pequenas Empresas, Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos e Diversão, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Universidade do Vale do Sinos, Nós Gestão de Negócios e Fundação do Cinema do RS. Os órgãos da prefeitura que integram o comitê são os seguintes: Gabinete de Inovação e Tecnologia, Secretaria de Comunicação Social, Gabinete do Vice-Prefeito, Secretaria de Cultura, Secretaria da Fazenda, Secretaria Municipal de Governança Local, Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comércio, Secretaria da Juventude, Secretaria do Trabalho e Emprego, Secretaria do Turismo e Secretaria de Urbanismo” (PREFEITURA DE PORTO ALEGRE, 2016).

2.2 Justificativa

Atualmente, estrutura-se um contexto político nacional e municipal que fortifica a mudança especulativa de financeirização do espaço urbano por projetos público-privados, internacionalização da cidade e a consequente exclusão social. O direito à cidade (HARVEY, 1992 e LEFEBVRE, 2001) se articula como ponto de reivindicação quando as demandas de serviços urbanos essenciais da população são deixadas de lado para dar lugar a projetos urbanos consorciados que valorizam territórios estratégicos para atividades econômicas específicas, embelezamento, turismo e/ou habitação de classes desejadas. O planejamento urbano ortodoxo, incitado para homogeneizar as terras e padronizar a cultura urbana, dificulta o exercício da cidadania, da organização política e identificação com o ambiente. A ideologia do crescimento e do desenvolvimento para legitimar as cidades corporativas acaba por afetar o modo de vida da população.

A cidade de Porto Alegre tornou-se referência internacional a partir do orçamento participativo no final da década de oitenta e por isso, um lugar de convergência de encontros dos movimentos sociais pelo Fórum Social Mundial (MARX, 2008). Passados mais de dez anos e com novo projeto político, Porto Alegre nos apresenta uma nova fase de sua política internacional, mais institucional, voltada ao incentivo de iniciativas de atores do âmbito privado. Com relação ao seu processo de urbanização, o 4º Distrito tornou-se uma das áreas mais visadas na cidade por projetos urbanos estratégicos estruturados em operações urbanas consorciadas de iniciativa público-privada, em um instrumento pró-mercado para atração de investimentos e criação de polos imobiliários, de saúde, de tecnologia, de inovação e de economia criativa.

A área que compreende diferentes territórios também caminha em diferentes direções conforme as conflitualidades, as relações dos atores sociais conforme os interesses distintos no local e as estratégias político-econômicas adotadas. Essa dissertação delimita o bairro Floresta dentro da estratégia ampliada do 4º distrito de Porto Alegre pelas características históricas de um local onde habitava parte da classe operária quando havia fábricas na área e que hoje tem valor comercial, de prédios históricos, com antigos residentes e de amplos contrastes sociais. Conforme apontado a seguir em mapa, esse é o território de acesso à entrada da cidade, uma fronteira entre a infraestrutura do centro da cidade, o bairro Moinhos de Vento – o mais nobre da cidade pelo seu valor de mercado, serviços e classe -, a Vila Santa Terezinha (conhecida como Vila dos Papeleiros) e a Avenida Farrapos, local onde se concentravam diversas boates e alto índice de prostituição nas ruas. Além do mais, o bairro Floresta é um território que foi atrelado a

área do 4º Distrito posteriormente para dar maior visibilidade, legitimação e novos limites aos projetos urbanos já que iniciativas de economia criativa surgem nesse espaço e modificam essa área com suas novas atividades, sobretudo quando relacionado a atores privados de articulação, tais como o Distrito C, o Vila Flores e o ZISPOA.



Figura 1: 4º Distrito – entrada da cidade
Fonte: Google maps, elaborado pelo autor

O conceito de economia criativa, a sua aplicabilidade como fator de desenvolvimento, de criação de capital e transformação social nas cidades é ampla e polissêmica. Diversos autores e órgãos tomam diferentes pontos de vistas e abrangência do setor quanto à sua estratégia político-econômica. Destacam a sua relevância na valoração do contexto cultural local, pela proteção de direitos autorais e intelectuais de seu insumo criativo intangível e que transmitem significado simbólico. Como forma de exemplificar a sua amplitude, economia criativa abrange serviços que circundam atividades culturais sob a ênfase econômica e que estão relacionadas a ideias de vanguarda de produção de bens imateriais criativos, aparentemente promissor de um recurso infinito. Focam na classe profissional criativa como as áreas da ciência, educação, engenharia, arquitetura, design e artes (FLORIDA, 2002) e no ambiente (lôcus) de criatividade, ou seja, criando um contexto de inovação tecnológica das mídias e no escopo de uma nova economia do conhecimento, tendo em vista seu uso por novos e interativos consumidores cidadãos (HARTLEY, 2005).

A economia criativa está ampliada na ideia dinâmica de interação estabelecida em redes pelas trajetórias de talentos criativos com capacidade de solução de problemas e

visão de oportunidades e com participação para gerar transformações sociais (LANDRY, 2011), sobretudo em áreas degradadas e esvaziadas das grandes cidades. É dessa forma que se constitui o processo ligado ao conceito e ao modelo de cidade criativa, como um complexo urbano onde atividades culturais de vários tipos são componentes instrumentalizados na economia da cidade e no funcionamento social local (THROSBY, 2010), levando a região a um protagonismo mundial de tratamentos diferenciados ligados à inovação urbana para atração e fixação de talentos criativos (FLORIDA, 2002), mensuradas por índice de criatividade, ou seja, tolerância, inovação, tecnologia e talentos.

Além do mais, dá-se importância ao aspecto de desenvolvimento urbano com a legitimação de projetos ideias de cidades criativas concebidos e legitimados inicialmente por estratégias econômicas, sobretudo de países anglófonos (Austrália – 1994, Paul Keating e Inglaterra – 2001, DCMS), para seus reposicionamentos na produção econômica global, que se relaciona a um círculo virtuoso o qual supera a ideia econômica clássica limitada aos bens materiais. Assim, esse desenvolvimento difundido principalmente pelos órgãos ONU-UNCTAD passou a ser visto como um modelo que traz vitalidade, equidade social e identidade às cidades.

Conforme os autores que conceituam cidade criativa, este deve se estruturar como um lugar que estimula criatividade pela diversidade de vários tipos de atividades culturais, engajamento cidadão, onde há a presença e emprego para a classe criativa, economicamente próspero e agradável para se morar e ser atrativo ao investimento estrangeiro devido às suas facilidades simbólicas bem estabelecidas (LANDRY, 2000; FLORIDA, 2002; THROSBY, 2010; UNCTAD, 2012). Ou seja, é um fator de medição que se relaciona com a imposição da globalização através das normas financeiras de padronizações culturais e que aponta soluções para problemas urbanos em um espaço de redes na nova era da revolução técnico-científica internacional.

A diluição de fronteiras também permeia a adaptabilidade local com a exploração de suas capacidades criativas. Por isso, esse modelo principalmente difundido aos países em desenvolvimento possui algumas incongruências relacionadas a valoração do que é considerado criativo, diante do tamanho de uma cidade e sua diversificação econômica. E este fator criativo está considerado conforme o interesse pela área a ser estimulada à requalificação, a construção de *clusters* criativos, às áreas com setores econômicos historicamente estabelecidos cujo solo seja de baixo valor. Nesse sentido, a economia criativa e o modelo de cidade criativa baseiam-se em discurso para revalorização urbana através da estetização da cidade, com uma postura de ação dinâmica proporcionada e

respaldada em seu capital humano, que critica o zoneamento das funções e prioriza a diversidade de investimentos, conforme mensuração de classes e cultura considerada qualificada pelo fluxo informacional global.

Para tanto, a construção de uma política das cidades de relações internacionais como a paradiplomacia se relaciona na cadeia produtiva para remodelar as suas cooperações para transformações urbanas. A partir de uma relação da economia criativa como modelo de desenvolvimento urbano, formula-se um diagnóstico de acordo com suas particularidades culturais locais, ao mesmo tempo em que estão atreladas aos novos paradigmas do capitalismo informacional e legitimado por órgãos internacionais como a UNCTAD. Assim, os agentes que estão localizados na área tendem a formar uma participação social maior na economia da cidade, pela sua visibilidade e, por conseguinte, geram uma pressão política estratégica nas decisões políticas tomadas em diversos níveis institucionais. Desta maneira, além de sua relevância acadêmica, a pesquisa justifica-se pela importância econômico-social dessa atividade cuja aglomeração em um local legitima transformações urbanas.

O recolhimento de dados empíricos juntamente com os conceitos teóricos abordados na construção da dissertação auxilia na formulação de análises que corroboram com pesquisas sociológicas relacionadas às reestruturações urbanas conforme participação de agentes sociais que reorganizam o espaço por mudanças econômicas estratégicas. Análise de documentos em leis complementares da cidade, projetos de transformação da área junto a reportagens de jornais locais sobre as ações político-econômicas na área dão o escopo contextual das estratégias dos diferentes atores sociais e consequências de legitimações adotadas para determinados investimentos. O enfoque do trabalho se coloca principalmente nas observações participantes durante o ano de 2018 em diferentes eventos no bairro Floresta divulgados e convidados pelos agentes da economia criativa, registrados em relatos e fotos. Além disso, entrevistas semi-estruturadas com vinte empreendedores de diferentes atividades do setor durante os meses de julho a setembro de 2018 para demonstrar o seu olhar sobre o território, as suas ações criativas e valores que contribuem para a reflexão de suas perspectivas urbanas, dependendo das redes globais e locais adotadas e as suas colaborações para as transformações socioeconômicas.

A construção da aglomeração dos agentes criativos pela inserção na cadeia produtiva de valor global de consumo e de trabalho ligados aos setores culturais em uma área da cidade considerada degradada como a adoção do 4º Distrito de Porto Alegre leva

a conflitualidade de valores. Tendo esse novo processo da economia criativa em diálogo com a cidade e com o espaço em que se instala, suas estratégias são difusas quanto a forma como irão se inserir. Em parte, ela se constrói a partir dos novos paradigmas de governança do empreendedorismo urbano, cujas parcerias público privada são referências na implementação.

Em Porto Alegre, a lei 9.875/2005 define as PPPs como contratos administrativos de concessão, que podem ser de duas modalidades: patrocinada ou administrativa, sendo que a primeira envolve contraprestação pecuniária do parceiro público ao parceiro privado além da cobrança de tarifa dos usuários, e a segunda se refere a prestação de serviços para a Administração Pública, direta ou indiretamente.

Por isso, da relevância do trabalho quanto às modificações que ocorrem nos seus valores econômicos, culturais e sociais que se associam a uma dinâmica dialógica da identidade local e global – de inspiração dos valores do modelo de cidade criativa. São construções de uma relação formal dos novos projetos urbanos e a informalidade da organicidade dos atores que circundam pelo território, da imposição da globalização pela financeirização e os hibridismos locais, os valores de usos que se transformam em trocas especulativas ou reações da população que gera contra-usos, todos eles relacionados à diversidade e dinamismo do espaço urbano e público.

2.3 Objetivo Geral e Específicos

Esta pesquisa objetiva analisar as novas interações sociais de redes interdependentes que transformam a realidade territorial no bairro Floresta construída para abrigar os novos valores simbólicos vinculados à dinâmica do projeto de cidade criativa de Porto Alegre.

Especificamente, segundo o procedimento teórico e empírico que será apresentado, os objetivos são:

- Indicar os principais empreendimentos e espaços dos agentes criativos no bairro Floresta de Porto Alegre impulsionados pela promoção da economia criativa e como se dá esse processo de legitimação;
- Apontar a heterogeneidade e diversidade de atores no bairro Floresta vinculados aos serviços, aos grupos, aos trabalhos, e às pretensões no território;

- Demonstrar as transformações socioeconômicas pela valorização imobiliária, geração de uma aglomeração do setor criativo, mudanças nos serviços comerciais do bairro e reconfiguração da função dos patrimônios edificados;
- Identificar o processo de participação dos atores envolvidos, seus interesses e os valores culturais globais da economia criativa, conforme a narrativa das entidades estabelecidas no bairro Floresta;
- Compreender a transformação de valores pela relação global-local de empreendedorismo urbano no projeto de reestruturação urbana do 4º distrito de Porto Alegre em que se estabelece o bairro Floresta.

2.4 Modelo Teórico

O dinamismo teórico da Sociologia e da reestruturação urbana relacionado às transformações simbólicas ocorridas a partir da operacionalização da estratégia político-econômica de cidade criativa estabelece uma conexão relacional com diferentes nuances conforme os interesses dos atores e estruturas determinadas no local. Nesse sentido, o trabalho adota um modelo de análise, conforme as correlações teóricas, em uma determinação dedutiva e sintética, caracterizado por conceitos sistêmicos. Este modelo gerará um trabalho lógico-racional no seu sentido científico, com hipóteses, conceitos e indicadores para os quais se terão de procurar correspondentes no real (QUIVY, 2008). A análise provém das mudanças de territorialidade do bairro Floresta ao ser incluído na estratégia de reestruturação urbana do 4º Distrito de Porto Alegre, numa relação global-local de construção de uma cidade criativa.

O trabalho requer um profundo conhecimento sobre o funcionamento e objetivos das ações dos atores sociais relacionados no local e daqueles que possuem influências e interesses, pois tem como enfoque a transformação da territorialidade. Coloca-se esse conceito, como, “[...] a multidimensionalidade do vivido territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral” (RAFFENSTIN, 1993, p 158). Desse modo:

[...] a territorialidade, além de incorporar uma dimensão mais estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar (HAESBAERT, 2004, p. 3).

Como abordado anteriormente, a dinâmica do fenômeno global urbano impõe suas particularidades culturais para a ressignificação da identidade territorial local em uma construção dialética. Os processos estratégicos de mudança da superestrutura da cidade

conforme o seu planejamento urbano e uma dada estrutura econômica é desenvolvido no espaço por uma dinâmica relacional. A exemplo do debate, a cidade criativa é uma estratégia que também traz suas características para a cultura local, conveniente à utilização de suas propriedades culturais como recurso socioeconômico. O dinamismo relacional trazido por esse projeto em que o bairro Floresta de Porto Alegre se encontra está entre a cidade, as redes internacionais de economia criativa, os agentes criativos e os atores locais.

Assim, o modelo de análise desta pesquisa qualitativa e dedutiva está na construção da instrumentalização da estratégia do projeto de cidade criativa como *modus operandi* de reestruturação urbana. O dinamismo da operacionalização do conceito nesse escopo global leva a transformações locais – no caso, no bairro Floresta de Porto Alegre – que, por sua vez, está concebido pela sistemática entre as dinâmicas dos agentes criativos, o planejamento municipal estratégico para o 4º distrito da cidade de Porto Alegre, os interesses dos agentes locais e das relações com as redes internacionais criativas urbanas que se correlacionam por influências, dinâmicas e interesses, conforme esquema a seguir.



Quadro 1: modelo teórico

Fonte: elaborado pelo autor

A compreensão de análise das transformações na territorialidade do bairro Floresta está determinada em uma dimensão micro, mas inserida numa relação causal macro de um projeto de desenvolvimento urbano estratégico de cidade criativa. A conexão com a variável independente da estratégia de reestruturação urbana está na

correlação de forças de interesses entre os diferentes atores sociais, que são: as dinâmicas dos agentes criativos de estratégias de economia criativa, os diferentes interesses dos agentes locais, as relações com as redes internacionais urbanas e os modos de implementação do planejamento municipal ao 4º Distrito.

Seria importante salientar que em cada quadrante do modelo de análise estão inseridas diferentes perspectivas e interesses de atores sociais, inclusive no que diz respeito a operacionalização do projeto de cidade criativa como causalidade de reestruturação urbana local. Nenhum desses elementos é fixo e unívoco no seu discurso, pelo contrário, são justamente as suas incertezas e formas como se relacionam pelos seus poderes de influência que levarão a diferentes transformações no espaço vivido do bairro e no seu valor de uso e de troca decorrido dos acordos político-econômico desses diferentes atores. As interações a nível micro dos agentes da economia criativa e dos interesses dos agentes locais desenvolvidas em suas participações em assembleias, coletivos, reuniões e ações são relacionadas a nível macro ao regime internacional de empreendedorismo urbano e ao modo de implementação de diferentes projetos de planejamento do 4º Distrito conforme a gestão dos governos municipais.

As perspectivas conflitantes e o regime estabelecido nas disputas dessas relações são objetificadas nas transformações de territorialidade apontadas no modelo de análise e no objetivo empírico de determinar qual tipo de reestruturação urbana que os atores mais influentes propõem na sua concepção de um projeto de cidade criativa. A cidade criativa e seu *modus operandi* de desenvolvimento urbano estão determinados como generalização empírica, capaz de variar de maneira independente. Além disso, dar sentido ao seu significado como forma de ação coletiva amplia o alcance do processo de transformação associado às suas dimensões e indicadores. Assim, essa estratégia está relacionada à variável dependente das transformações na territorialidade local analisadas segundo diferentes indicadores já explicitados que, por sua vez, serão considerados conforme os ângulos das dimensões escolhidas e operacionalizadas. Esses indicadores possuem as dimensões do contexto das mudanças locais em sua territorialidade, portanto, convém analisar os níveis sociais, econômicos, associativos/participativos, culturais e no âmbito de relações internacionais conforme tabela abaixo.

Variável Independente	Grau de análise	Dimensões	Indicadores
Projeto de reestruturação urbana de cidade criativa	Dinâmicas dos agentes criativos	Associativa/participativo e cultural	Principais atores em rede; Identificação e formas de atuação em rede; Valores culturais.
	Planejamentos de desenvolvimento urbano no 4º Distrito	Associativa/participativo e internacionalização	Níveis de relacionamento com os agentes interessados; Influência de valores globais.
	Interesses dos agentes locais	Associativa/participativo, social, cultural e econômico	Perfil do bairro e composição de agentes no bairro; Patrimônios históricos; Dados socioeconômicos; Vivências, impressões, costumes e narrativas.
	Redes Internacionais Criativas	Internacionalização	Identificação e relação paradiplomática e entre os agentes da economia criativa.

Quadro 2: modelo de análise

Fonte: elaborado pelo autor

Como os indicadores estão divididos para operacionalizar as implicações de desenvolver o projeto de cidade criativa no objeto do bairro Floresta em Porto Alegre, serão focados os atores que participam dessa estratégia. Além disso, parte-se do pressuposto de que a produção do espaço é consequência da ação de agentes sociais que podem ser aclarados pelas trajetórias históricas, dotados de interesses, estratégias e práticas espaciais próprias, portadores de contradições e geradores de conflitos entre quem eles próprios representam e com outros segmentos da sociedade (CORREA, 1993).

Dessa forma, o trabalho concentrará esforços em compreender a dinâmica dos agentes criativos a partir de suas entrevistas, conforme a sua perspectiva na atividade produtiva que condiciona diferenciações em suas interações no espaço urbano trabalhado. Isso leva a uma concepção de reestruturação urbana, que, mesmo atribuída a uma mesma expectativa econômica: a criativa, é construída a partir de diferentes formatos segundo o interesse dos atores locais, com o modo operante do projeto do 4º Distrito e com as redes internacionais criativas urbanas. Nesse sentido, o agente atribui valores em suas ações e discursos para mudanças no espaço, de estabelecimento de redes de interação entre o global e o local num contexto em que se relaciona com os atores locais e o planejamento

da administração pública que geram transformações na perspectiva que se atribui ao território.

As dinâmicas dos agentes de economia criativa e os planejamentos de desenvolvimento urbano do 4º distrito de Porto Alegre estão relacionados às dimensões da relação associativa/participativa, cujos indicativos são as criações e formas de atuação em redes, a valorização do intangível da cultura local, bem como a identificação, quantificação e as formas de atuação dos empreendimentos criativos que modificam o espaço. Essa interação está atrelada a diversos valores dos profissionais criativos, às novas dinâmicas de produção e comercialização dos produtos/serviços artísticos e à intenção da cidade em construir um polo de economia criativa no 4º distrito.

Diante dessa diversidade de atores a nível micro, faz parte do trabalho explicitar quais são os principais agentes participantes nas ações, reuniões, assembleias sobre o bairro e que debatem e contribuem nesse projeto de reestruturação urbana. Portanto, como forma de compreender as multidimensionalidades do poder no território, é importante que se aponte os diferentes agentes interessados no espaço e como eles constroem essa rede sob diferentes olhares. Assim, os agentes da economia criativa instalados na área, conforme a dissertação se propõe analisar, também são influentes nos processos de decisão das transformações de territorialidade do bairro Floresta. Além do mais, suas interações a nível local se relacionam a nível macro como a implantação do projeto de reestruturação do 4º Distrito de influências de cidades globais que dele foram resultado o seu *modus operandi* de desenvolvimento urbano, os quais são fatores essenciais para a compreensão de governança na perspectiva da utilização conveniente da cultural local como mercadoria.

Há pluralidade de atores sociais no bairro, tais como moradores, trabalhadores locais, donos de estabelecimentos como casas noturnas e comércio, prostitutas, papeleiros. Nesse âmbito, a transformação identitária do território está relacionada ao vínculo atrelado à inter-relação indivíduo e social, que constrói de maneira processual e inacabada uma infinita produção de culturas e que está diretamente atrelada à subjetividade, por isso, as vivências, impressões, costumes e narrativas dos agentes locais terão papel relevante nesse indicador quando da mistura com os agentes criativos. Além do mais, suas narrativas são corroboradas com os dados socioeconômicos como taxas de desemprego, taxa de homicídio, de renda per capita, ofertas de serviços, IDH, índice GINI, dentre outros relacionado às relevâncias socioeconômicas.

Por fim, as relações com as redes internacionais criativas urbanas estão ligadas à estratégia dinâmica de internacionalização cujos indicativos se concentram na influência dos valores globais de regimes de empreendedorismo urbano nesses espaços, a importância do setor para a internacionalização da cidade, assim como a relevância da projeção de Porto Alegre e dos agentes culturais nessas redes internacionais. Essas diferentes conexões de circuitos transnacionais, tais como paradiplomacia ou interações entre os próprios agentes geram uma multiplicidade de resultados que, segundo Robinson (2011), relacionam-se conforme os vínculos na espacialidade complexa do território, no tipo de concentração e assentamento, nas operações e práticas sociais e culturais sobre os processos e fenômenos compartilhados para formulação política que se constrói. Nesse sentido, compreender-se-á a estratégia da variável independente do projeto de cidade criativa como reestruturação urbana em um escopo global-local pelas dimensões e indicadores analisados. Pelas entrevistas, relatos de observação no campo e fatores de recolhimento de dados serão informativos construídos para tratar das mudanças socioeconômicas que auxiliam na construção de transformação territorial.

2.5 Hipótese

Os agentes da economia criativa em Porto Alegre se aglomeram no bairro Floresta articulando com atores externos e locais e ressignificam a identidade material e comportamental do espaço para criar uma imagem cultural de valor estratégico, cujos interesses na atração de financiamento externo para a reestruturação urbana do 4º Distrito estão vinculados aos parâmetros globais de empreendedorismo urbano. Essa relação entre o projeto estruturante e a rede criativa criada transformam o bairro em uma vitrine de Porto Alegre para se tornar uma cidade criativa.

2.6 Procedimentos metodológicos

O trabalho se concentrou no paradigma global-local da cidade criativa como estratégia de reestruturação urbana, ou seja, com implicações da globalização e ao direito à cidade. Tendo como escopo de objeto de estudo o bairro Floresta de Porto Alegre, inserido no 4º Distrito, fundamenta-se em uma nova dinâmica dos atores locais e na paradiplomacia de redes criativas, levando à transformação na sua territorialidade. Define-se territorialidade como o conjunto de relações complexas entre processos sociais e espaços materiais, ou seja, como as pessoas utilizam a terra e a construção cultural,

política, econômica adotada (HAESBAERT, 2004) em sua multidimensionalidade de poder imbrincado.

A fim de conhecer mais a dinâmica do espaço, o trabalho adota um procedimento metodológico qualitativo de estudo explanatório centrado em três técnicas para cada variável e conceitos relacionados aos seus devidos indicadores. São elas: primeiramente a análise documental de notícias e planejamentos para avaliar o contexto, legitimação e visibilidade desde 2012 quando o Distrito C e o Vila Flores iniciam seus trabalhos. Posteriormente, serão analisadas as entrevistas semiestruturadas dos agentes criativos com o intuito de relacionar as narrativas das interações no bairro e, por fim, observação participante de eventos dos agentes da economia criativa e outras que vivenciem e discutem o espaço urbana da área durante o período de maio a setembro de 2018.

Relacionam-se essas técnicas por partir de uma ciência da cidade em construção com a práxis (prática social) da sociedade urbana, dissociado do reducionismo determinista do planejamento urbano moderno (LEFEBVRE, 2001). Utiliza-se uma metodologia que coloca os indivíduos como sujeitos atuantes no espaço social e que se apropriam da cultura econômica do território numa relação de pertencimento, de vínculos sociais e de traços de sociabilidade. Além do mais, a crítica de Lefebvre também auxilia no conhecimento do alcance, limites e relações recíprocas do fenômeno urbano global-local na estratégia de desenvolvimento da economia criativa que transforma a identidade territorial local.

Assim, para a compreensão do objeto de estudo e as implicações de reestruturação urbana pelo fenômeno global e local de uma cidade criativa, é analisado um território como recurso e efeito, no conjunto de relações construídas e no que atravessa a sua dimensão simbólica e, nesse sentido, a transformação de sua territorialidade. Esta abordagem foi escolhida com o intuito de estudar com profundidade o contexto histórico-social do espaço e como esse novo paradigma está em mudança desde 2012, quando o plano de economia criativa entra em discussão e o Vila Flores se estabelece naquele espaço. Conforme Yin, (2010), esse método tenta explicar, sob diferentes teorias, variáveis e fontes de evidências, os vínculos causais decorrentes do fenômeno naquele contexto. Assim, os indicadores usados são levantamento e análise de dados históricos do bairro obtidos pelo Comitê Municipal de Economia Criativa e Observapoa, relacionando as implicações socioeconômicas variadas ocorridas no espaço do Floresta em Porto Alegre.

Utilizando o método de análise de Flick (2009) para compreender a nova dinâmica dos agentes criativos foi utilizada a técnica das entrevistas semiestruturadas com as diferentes variáveis como aproximação sociométrica, ou seja, uma compreensão das relações sociais (redes), socializações e vínculos existentes nos grupos. Foram correlacionados os valores de identidade e pertencimento, os marcos referenciais que determinam as construções subjetivas que os diferentes atores envolvidos na pesquisa estabelecem do bairro assim como as suas formas de interações seja como moradia, trabalho, convivência, entretenimento ou consumo. Essa foi a forma eleita para compreender a percepção sobre o local, sobretudo dos agentes de economia criativa e a consequente transformação na territorialidade ocorrida pela estratégia de reestruturação urbana na construção conjunta de cidade criativa e os novos laços sociais que estão dinamizados na região. Em todas as entrevistas, o foco foi dado no objeto do território, mas cada um terá sua peculiaridade pela diferença de abordagem, levando em conta a construção do seu discurso e as significações que eles davam ao espaço e aos agentes que o compõe.

Os indicadores subjetivos são bastante relevantes e, por isso, foram feitas perguntas abertas, conforme a entrevista se direcionará para peculiaridades de seus olhares² (QUIVY, 2008). Como o enfoque foi dado aos agentes da economia criativa, diversas questões estiveram relacionadas ao seu processo histórico de chegada ao bairro Floresta, suas redes de interação local e global, aos interesses relacionados a projetos de espaços urbanos bem como o seu envolvimento no bairro. O trabalho entrevistou vinte agentes de economia criativa do bairro, em diferentes idades, gêneros, tempo em que está no local e sobretudo de setores criativos distintos: atelier, estúdio, gravadora, jornal, escritório de arquitetura, café, brechó, galeria, espaço multicultural, agência de publicidade, dramaturgo, escritor, professor, *hostel* (tabela dos agentes criativos em anexo II), demonstrando as suas perspectivas, relacionamentos e narrativa de compreensão sobre o plano estratégico de cidade criativa e as transformações na territorialidade do Floresta.

Além do mais, a interconexão do processo global de urbanização está relacionada aos diferentes contextos que relacionam a multiplicidade de resultados associados aos vínculos e fluxos de indicadores entre as redes internacionais criativas urbanas que influenciam o planejamento municipal do 4º distrito de Porto Alegre e a atuação dos

² O roteiro das entrevistas encontra-se em anexo 1.

empreendedores criativos. Assim, a técnica de análise de documentos foi aliada também às narrativas dos atores privados para a compreensão do que é desenvolvido na prática, bem como suas influências de discursos e valores culturais globais. Os documentos analisados abrangem os planejamentos de desenvolvimento urbano do 4º Distrito de Porto Alegre, o plano municipal de economia criativa, artigos e notícias locais de atrações e futuros investimentos e discursos de eventos das redes criativas urbanas internacionais em que os representantes públicos da cidade e os agentes da classe criativa de Porto Alegre estiveram presentes. A coleta desses dados foi feita relacionando o projeto do 4º distrito com *cases* ou planejadores fora do país como principais influenciadores desse novo modelo, submetidos à paradiplomacia da cidade de Porto Alegre. Além disso, também foram avaliadas as conexões globais que os agentes da economia criativa estabelecem para as ações de seus trabalhos como influentes de um projeto urbano em que a cultura adquire valor de mercado.

Aliado a essas duas metodologias, ocorreram observações participantes no bairro Floresta em eventos e reuniões entre diversos agentes que sugerem modificações e transformações urbanas do bairro Floresta. As observações foram, sobretudo, em eventos culturais criados e divulgados pelos empreendedores criativos e reuniões em espaços do bairro também impulsionados por eles. Conforme Quivy (2008), a observação direta tem o intuito de captar o momento em que eles se produzem, sem a mediação de um documento ou testemunho, estando o autor com o olhar atento aos diferentes contextos que podem ser observados, como a ordenação do espaço, os atores que se encontram no evento, partindo da hipótese trabalhada. Nesse caso, a observação participante esteve sob o olhar crítico do fenômeno global-local do projeto de cidade criativa, sobretudo através dos códigos dos comportamentos sob a autenticidade dos acontecimentos. Assim, a avaliação desses valores culturais e da forma como ocorrem esses eventos organizados, sobretudo, pelos agentes de economia criativa, demonstram o posicionamento, o tipo de celebração e as conexões estabelecidas entre diferentes atores interessados no local.

Desta forma, o pesquisador teve uma participação intersubjetiva de dimensionar as relações que se estabeleciam e as práticas sociais vinculantes ao discurso da economia criativa unidos às modificações territoriais que propunham. Para auxiliar os documentos e a realidade dos entrevistados (QUIVY, 2008), bem como ter maior familiaridade com o espaço, fotografias de diferentes dias, horários e ruas foram anexadas para demonstrar a diversidade social, cultural e econômica do bairro Floresta.

Ao longo do ano de 2018, com o fim de conhecer o discurso de outros atores sociais atuantes na região (universidades, movimentos sociais e culturais, conselheiros e arquitetos representantes do poder público), o autor também esteve presente nas atividades do projeto de extensão da UFRGS, organizado pelo grupo de pesquisa de que faz parte, o GPSUIC, intitulado: 4º Distrito: Diálogo entre atores sociais e conhecimento sobre o território. Nele, pode ser compreendido as narrativas, as atuações de cada agente no espaço e os conflitos gerados pelas diferentes perspectivas atrelados aos seus projetos, bem como as influências dos seus posicionamentos. Assim se estabeleceu a abordagem geral metodológica para análise de transformação na territorialidade relacionado na nova dinâmica da rede de atores envolvidos na estratégia global-local do 4º distrito em reestruturação urbana de uma cidade criativa no bairro Floresta de Porto Alegre.

3 Fundamentação teórica

Neste capítulo se apresentará três pontos que constroem o olhar sociológico do autor diante de uma gama de escolhas teóricas. A abrangência que leva a posterior análise dos resultados do estudo de campo se estrutura em três partes, são elas: território em disputa de valores simbólicos, forças globais-locais e por fim o planejamento estratégico urbano de cidade criativa. A primeira parte trata de colocar os pontos da urbanização ligada ao processo capitalista industrial de construção e ocupação das cidades, tendo como primazia o espaço social de um produto das relações sociais e condicionante dos mesmos em uma intensidade de transformação maior diante da teia de interdependência e dos laços estabelecidos entre os diferentes atores que reestruturam o valor do território. A segunda parte aprofunda o debate sobre o fortalecimento da globalização relacionado ao fenômeno urbano de conexões múltiplas, gerando posições dominantes e consensuais de “pensamentos únicos” às cidades modernas e ressignificando seus espaços identitários a partir do processo de territorialização híbrida e *glocal*. Por fim, o terceiro subcapítulo trata de demonstrar as perspectivas de construção e desenvolvimento urbano de cidade criativa atrelada a uma transformação de territorialidade como estratégia política competitiva utilizando da cultura como mercadoria em um processo de espetacularização que atrelada a financeirização da cidade tem como consequências a gentrificação que modifica o espaço, diante de uma identificação territorial sob narrativa de uma classe profissional criativa.

3.1 Território em disputa de valores simbólicos

A teoria compõe a compreensão das formas de produção a partir da composição social formada em diferentes épocas de uma problemática sociológica que relaciona dialeticamente a organização social do espaço a estruturas de mercado enquanto desenvolvimento, e, por conseguinte, parte-se da relação entre forças produtivas, classes sociais e formas culturais. Esse formato específico urbano é, segundo Castells (1999), uma forma especial de ocupação do espaço por uma população, a saber o aglomerado resultante de uma forte concentração e de uma densidade relativamente alta tendo como correlato previsível uma diferenciação funcional e social maior. Evidentemente que esses valores variam conforme cada tipo de sociedade levando a diferentes combinações e ocupações segundo sua hierarquia funcional (gênero de atividades, situação no encadeamento de interdependências) e sua importância administrativa.

As cidades se tornaram um lugar geográfico onde está centralizada a superestrutura político-administrativa de uma sociedade que chegou a um ponto de desenvolvimento técnico e social de um sistema complexo de diferença de distribuição e de troca. Além do mais, o elemento dominante da indústria tem como fator de atração provocadora a urbanização, bem como a demanda de uma concentração de mão-de-obra e mercado. Ele organizou inteiramente a paisagem urbana no desenvolvimento da especialização funcional e na divisão social do trabalho no espaço, com uma hierarquia entre os diferentes aglomerados e um processo de crescimento cumulativo, derivado do jogo das economias externas.

As transformações das práticas urbanas, dos usos e desusos dos espaços públicos da cidade pela construção de diversos agentes desagregam funcional e socialmente os bairros, constroem novas centralidades, fundam novas sociabilidades, desenvolvem os transportes rápidos com a quase generalização do uso do automóvel, concedem mais numerosos postos de trabalho e de serviços públicos, etc. Tudo isso ocorre pois as áreas urbanas destinadas a superestrutura político-administrativa requerem tipos diferentes de ocupação de espaço e uma capacidade de produção técnica da cidade ligado ao excedente produzido pelo trabalho da terra e da indústria e diferenciado por um sistema de valores que se convencionou chamar de “moderno” (CASTELLS, 1983).

O fenômeno urbano quando analisado por Manuel Castells (1983) está articulado com a estrutura de uma sociedade que se supõe sistematizada em classes sociais e políticas que permitem o funcionamento do domínio de um conjunto social, institucional de investimento principalmente no que concerne à cultura e à técnica, além de uma troca com o exterior. A difusão dessa cultura urbana corrobora com as ideias de Friedrich Engels ([1845]2010) onde a organização espacial retrata a hierarquia das funções econômicas desempenhadas pelos diferentes estratos sociais configura uma situação de segregação que se concretiza no espaço. Desta forma, a cidade é a expressão da divisão da sociedade em classes, tendo a lógica capitalista como primazia da organização. E tem elemento dominante a indústria que demanda o desenvolvimento da especialização funcional de divisão social do trabalho no espaço, determinados por uma hierarquia, que tem como imposição a anulação de toda diferença essencial entre as cidades a partir da fusão dos tipos culturais das características globais de civilização industrial capitalista.

No decorrer da história de desenvolvimento do Brasil, o país passou de uma economia agroexportadora para urbano industrial entre 1930 e 1945 através do intervencionismo de Estado forte e autoritário para uma fase de industrialização com

capital estrangeiro de alianças estratégicas no período entre 1946-64, chamado por Cardoso et al (1972) de nacional-desenvolvimentismo. A industrialização por substituição de importação e seus posteriores avanços conforme se estruturava a base produtiva nacional foram as formas com que o Brasil teve os seus primeiros passos rumo a competitividade internacional de seus produtos, que, já em 1960, passou a ter a maior parte de sua população vivendo em áreas urbanas.

As ideias cepalinas de desenvolvimento por etapas com rompimento de teorias modernizantes em um posicionamento político centro-periferia na tentativa de autonomia nas relações com o exterior também tiveram suas divisões. A disputa de dois modelos, o desenvolvimento popular (distributivista alternativo) e o desenvolvimento associado (dependente) levou as pressões civil-militares à segunda opção marcando o golpe à democracia. A partir de 64, a estratégia de desenvolvimento adotada foi atrelada a burguesia nacional, subordinando a economia do país as formas mais modernas de dominação econômica, ou seja, endividamento externo, dependência tecnológica e intensificação do controle do setor industrial privado por empresas estrangeiras.

A urbanização na América Latina está compreendida nesse processo de dependência, primeiramente em fases colonial, depois capitalista-comercial e imperialista industrial-financeiro (QUIJANO, 2005). A industrialização sem redistribuição de renda do período militar e o consenso geral de agenda neoliberal posterior como estratégia de reestruturação produtiva por austeridade fiscal, desregulamentação burocrática e desmonte da industrialização por substituição de importação intensificou o controle do capital estrangeiro e aumentou o índice de desigualdade social, com as consequentes segregações nos espaços urbanos.

Ao retomar a democracia em 1985, o Brasil passou a ter grande dificuldade em estabilizar a sua moeda devido ao alto endividamento externo, o que levou às políticas austeras da década de 90 principalmente de privatizações. A partir do início do século XXI, um novo pacto com redução da exclusão social e aspirações de autonomia questionaram essas medidas inspiradas em ditames neoliberais e retomaram-se as ideias de Estado de bem-estar social, ao que Bresser-Pereira (2006) convencionou chamar de novo desenvolvimentismo. Nesse contexto, manteve-se a estabilidade macroeconômica, promoveram-se a poupança interna e inovação sem dependência externa, a taxa de juros moderada, a administração da taxa de câmbio e o alto índice de empregabilidade. Tudo isso através de uma aliança industrial-popular de proteção à indústria nacional, de distribuição de renda, com programas de benefícios e inclusão social como o Programa

Fome Zero, ProUni, FIES, Política de cotas, Bolsa-Família, Minha Casa Minha Vida. Após o ano de 2016, ocorrido o golpe à democracia no Brasil, esses programas passam por um risco constante de cortes e de descontinuidade, que levam as tendências de desenvolvimento sob uma inflexão ultraliberal, através de reformas trabalhistas e previdenciárias com a consequência da exclusão de direitos em benefício à lucratividade, desestruturando as políticas redistributivas em favor de políticas pró-crescimento.

A urbanização latino-americana (inclusive brasileira) tem um histórico de uma população urbana sem medida comum com o nível de produtividade do sistema pelo fator de crescimento massivo trazido da migração rural-urbana vulnerável às oscilações de preço, crédito e demanda internacional. Isso causa ausência de emprego industrial e serviço para as novas massas, grande desequilíbrio na rede urbana em benefício de conglomerados preponderantes, reforço da segregação ecológica das classes sociais, ampliação do processo de periferização e polarização do sistema de estratificação no que diz respeito ao consumo (CASTELLS, 1983).

Com efeito, a correlação entre urbanização e industrialização não é linear, já que os países do Sul Global têm por características o “subdesenvolvimento”, o que leva a dificuldade de direcionamento na coletividade, pois estão impostos em uma situação de dominação e de dependência. O significado de uma sociedade dependente está na sua articulação de estrutura social a nível econômico, político e ideológico e que exprime uma relação assimétrica com outra formação social, onde um é opressor e o outro é oprimido pela classe no poder (CARDOSO e FALETTO, 2000). E assim, com exceção do caso de regiões geográficas e culturalmente isoladas, o conjunto do sistema produtivo se organiza em função dos interesses da sociedade dominante, o Norte Global.

Marcelo Lopes de Souza (2013) em seu livro “Abc do desenvolvimento urbano” auxilia na compreensão teórica de formas de desenvolvimento da cidade conforme suas diferenças históricas e de processos de industrialização peculiares, levando em conta os países periféricos e suas relações de exploração e de desigualdade, e relaciona a importância não só econômica, mas, sobretudo sócio espacial no desenvolvimento das cidades. Dessa maneira, além da combinação de crescimento econômico e modernização tecnológica, é preciso reconhecer que o sistema político, os valores e padrões culturais devem ser adequadamente considerados.

Abrange-se a um debate sobre os limites fundamentais do modelo social capitalista com o seu caráter antiecológico e a exploração do trabalho assalariado que agrava os índices de bem-estar social. Seria importante levar em consideração diversos

fatores relacionado à teoria de dependência de Faletto e Cardoso (2000), como o hiato tecnológico, as pressões de barreiras protecionistas, a existência de fatores geopolíticos como intervenções militares e os limites de consumo mundial ao mensurar os índices de desenvolvimento entre os países. Assim, Souza (2013) considera o espaço social atrelado a transformação da natureza a partir das relações sociais um fator relevante ao mensurar e reconhecer o desenvolvimento.

Nesse sentido, a dissertação parte do espaço social como produto das relações sociais e um condicionador das mesmas, ou seja, é uma estrutura que atende determinadas demandas, atrelado às diferenças de poder projetadas no espaço (enquanto território) com diferentes valores e símbolos culturais. Essa concepção de Marcelo Lopes de Souza se aproxima da ideia do sociólogo Robert Park ao relacionar a cidade

como a tentativa mais bem-sucedida do homem de reconstruir o mundo em que vive o mais próximo do seu desejo. Mas, se a cidade é o mundo que o homem criou, doravante ela é o mundo onde ele está condenado a viver (PARK, 1967, p.3).

Ao atrelar essa ideia estrutural e estruturante das relações sociais na construção do território, o aumento da área urbanizada e sofisticação pela modernização tecnológica não são os elementos fundamentais atribuídos ao desenvolvimento urbano segregado que o capitalismo impõe. São formas homogeneizadoras, destrutivas e antissociais em projetos de renovação que reproduzem a lucratividade sem corresponder às necessidades sociais, ou seja, tendo o valor de troca acima do valor de uso no território. O projeto de espaço público é, portanto, uma obra produzida segundo determinados interesses que se transforma num produto territorial estruturado em seu contexto histórico e destinado ao consumo por aqueles que dele se vão apropriar.

Cunhado por Lefebvre (1973), o direito à cidade disputa de maneira combativa a relação do território como mercadoria, ou seja, a que satisfaz necessidades diversas e se desenvolve como um instrumento de apropriação mensuradas em valores monetários. Portanto, o conceito leva a construção empírica para uma forma de manifestação dos direitos de uso desse território, abrangendo o direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar. Assim, o direito à atividade participante e ao de apropriação (bem distinto do direito à propriedade) estão implicados no direito à cidade e são uma estratégia de planejamento urbano da classe operária que contrasta ao valor de troca efêmero.

O termo espaço urbano é complexo do ponto de vista sociológico e abrange diversas vertentes que se interligam. O trabalho analisa o conceito como elemento central

da estrutura que se constrói através da relação entre o lugar e as práticas cotidianas que nele se estabelecem. Essas transformações tendem a formar novas interações sociais, modificando o sentido dos lugares e desconectando os laços de identidade e solidariedade existentes, seja pela introdução de elementos físicos desarticuladores, seja pelos processos de expulsão e/ou substituição da população, o que leva os cidadãos na busca de maior reconhecimento e envolvimento de participação.

Essa concepção está atrelada a relação essencial dos valores vinculados à cidade, segundo Borja (2003), de liberdade e de coesão social, de proteção e desenvolvimento dos direitos individuais e de expressão e construção de identidades coletivas, de democracia participativa e de igualdade básica entre os seus habitantes. No entanto, esse reconhecimento mútuo entre os cidadãos é algo de extrema dificuldade na cidade contemporânea, pois atualmente, privilegiam-se valores de acumulação, alheios à vontade pública, como alienação do sujeito face à produção do espaço.

Uma das mudanças está na concepção de desenvolver o território como forma de recurso tanto na atuação do Estado quanto dos atores locais para políticas conjuntas *top down* (de cima para baixo) articuladas a projetos *botton up* (de baixo para cima), visando a um movimento de descentralização de decisões, de transversalidade de políticas e de contínua avaliação do direcionamento dos recursos (CORREA, 2009). Essas políticas têm como inspiração experiências com distritos industriais na Europa que geraram as políticas de desenvolvimento endógeno como forma de articulação ideal ao reconhecer a emergência de múltiplos poderes e novos usos políticos do território relacionados ao sentido que Milton Santos (1985) estabelece em sua função, processo e estrutura. Os novos usos políticos do território estão associados ao sentido de flexibilização do Estado, na transição do Estado Desenvolvimentista para um Estado de corte comercial, principalmente através da descentralização político-administrativa; da inserção da sociedade civil na reforma política do Estado e da relação Estado-mercado.

Nesse contexto marcado pela globalização, sobretudo da produção e do consumo, o espaço está em constante modificação sob diferentes escalas: planetário, nacional e regional/local. O período chamado pelo geógrafo Milton Santos (2008) de técnico-científico-informacional destaca-se pelos avanços dessas áreas e pelas mudanças substanciais na experiência coletiva e individual tanto do espaço quanto dos tempos urbanos. A rapidez e a recorrência desses processos podem contribuir para a fragmentação do espaço urbano em virtude da impossibilidade de uma reconstrução rápida de novos

significados para esses lugares a fim de preservar a estrutura básica cuja identidade se conforma dependendo das novas formas de interações sociais.

Segundo Milton Santos, “para que o território se torne uma categoria de análise dentro das ciências sociais e com vistas à produção de projetos, deve-se tomá-lo como território usado” (SANTOS, 1999, p 18), ou seja, numa perspectiva em que a dialética sociedade-natureza só ocorre quando tal natureza é valorada ao que ali está presente pela sociedade. Portanto, a noção de território usado no trabalho, pode ser mais adequada, segundo Santos (1999), à noção de um território em mudança, de um território em processo, fazendo de sua perspectiva o que traça a relação imediata entre o passado e o futuro. Ele deve ser verificado, conforme a expressão máxima de François Perroux, “como um campo de forças, como o lugar de exercício, de dialéticas e contradições entre o vertical e o horizontal, entre o Estado e o mercado, entre o uso econômicos e o uso social dos recursos” (apud SANTOS, 1999, p 19).

O dinamismo da sociedade a ser analisado é explicado pelo fato de, portanto, naquele momento, naquele período, se terá uma ideia de região, cidade ou bairro, dando valor específico ao seu cotidiano, munidos de saberes locais em contraposição ao saber externo (que não compreende o discurso do cotidiano local). Além do mais, Santos reconstitui a noção de território pelo acontecer solidário, mas compartilhado e se formando em um “mosaico” (SANTOS, 1999, p 17). Portanto, o lugar seria o espaço de uma escolha em atributos recolhidos do mundo e construídos historicamente e geograficamente.

Nesse contexto, é que a disputa se estabelece pela multidimensionalidade do poder (RAFFESTIN, 1993; BECKER, 1983, 1988) atrelada ao território que reestrutura o espaço em práticas estratégicas nos paradigmas da sua capacidade de alavancagem de desenvolvimento, inserção e competitividade internacional (FIORI, 2000). Assim, é no território que se dá o agrupamento das relações sociais, o lugar onde se encontram as forças endógenas e exógenas interessadas em estabelecer o seu valor simbólico, seja ele de uso ou de troca. Nesse sentido é que as forças da globalização, entendida como o estágio superior da escalaridade humana criada por poderosas corporações multifuncionais e multilocalizadas, alteram as práticas espaciais e as suas representações cartográficas (CORREA, 1993) e por isso tem influência para gerir o território.

Segundo Aldomar Ruckert (2004) ao se referir a polos de modernização tecnológicas em territórios municipais, estabelece a função do Estado em uma visão de desenvolvimento por uma ordem intermediária, ou seja, de forma a estimular a

acumulação endógena de capital físico e humano, a pesquisa, ao desenvolvimento e ao aumento da capacidade e da competitividade empresariais, inseridos num marco configurado por sistemas econômicos de mercado, ampliando a abertura externa e a descentralização dos sistemas de decisão. Apesar da impessoalidade que o mercado se propõe na condução de desenvolvimento, segundo Ricardo Abramovay (2003), são fundamentais as interações concretas e localizadas para suas dinâmicas. Por isso, no território também se estabelecem espaços de articulação para tomar valores simbólicos como objetivo comum. São formas de reciprocidade, de relações de proximidade, de laços sociais e de atmosfera cultural da sociedade que influenciam significativamente as relações econômicas ao personalizar o mercado e marcar uma perspectiva histórica relacional, onde são criados laços de solidariedade ou capital social (BRUNET, 1990; OSTROM, 1995).

Desta forma, a noção de rede se torna um importante referencial do trabalho e conhecer as pessoas faz parte das ações que se realizam sob diversos campos econômicos, desde mercados de trabalho a políticas urbanas. Além do mais, as experiências sociais na construção de desenvolvimento é base de uma teia de interdependência de um conjunto de relações em que as redes seriam a materialização das interações empreendidas coletivamente e passam a ser um recurso explicativo para esse conjunto específico numa determinada sociedade, inclusive para compreender os novos laços estabelecidos entre atores sociais heterogêneos.

As fronteiras que demarcam os limites entre o global e o local, o convencional e o alternativo, o Estado e a sociedade civil, o econômico e o social, deixam de se constituir como mapas seguros e concretos, tornando-se, elas próprias, instituições de desenvolvimento coeso (SCHMITT, 1992). Claramente, o campo do desenvolvimento é constituído por atores que representam vários segmentos de populações locais em diferentes escalas de poder relativas, mas que se agrupam com o fim de construir uma cooperação e um desenvolvimento mútuo articulado em diversos cenários (RIBEIRO, 2000).

Nesse sentido, recriam-se subespaços mediante divisões territoriais mais próximas, que tanto podem ser produções homogêneas com base em uma mesma atividade ou pode provir de relações necessárias entre um núcleo e o seu entorno imediato. Assim, há uma preocupação quanto à dinâmica global da cidade de exigências a um novo arranjo espacial conforme o seu valor de troca na competitividade internacional, em que “a região deixa de ser produto de solidariedade orgânica localmente tecida para tornar-se

resultado de solidariedade organizacional” (SANTOS, 2008, p 127). Ou seja, parte-se da ampliação do conceito de organização social de Durkheim que é produzido por Milton Santos na relação local/global sobre a noção de uma nova criação solidária racional e homogênea para a circulação do capital que se relaciona com a ordem local sob a forma de redes, agregando valor ao território, principalmente, por meio da circulação de informação.

Atualmente a questão urbana gira em torno da aceleração e da criação de grandes centros urbanos, principalmente em áreas subdesenvolvidas, sem correspondência com o crescimento econômico. Na ocorrência do processo de desindustrialização dos anos 80, o chamado paradigma da sociedade pós-moderna, leva a pauperização, exclusão e segregação desses espaços residenciais operários antes organizados pela produção fordista, cujos bairros são descaracterizados em territórios de anomia social (ZACHARIENSEN, 1996). Além do mais, a relação do fenômeno urbano com novas formas de articulação social provenientes do modo de produção capitalista tende a ultrapassá-lo, criando uma desorganização social por espoliação nos moldes urbanos capitalistas. Isso leva a um aumento das zonas deterioradas no perímetro urbano, ocupações irregulares, carências de equipamentos e a criação de favelas dos recém-chegados (SANTOS, 2008).

Além disso, criam-se fronteiras urbanas no sentido econômico, em cujas transformações sociais, políticas e culturais estão associadas de acordo com os interesses do capital. Essa fronteira urbana é, hoje, apenas uma dentre vários limites existentes, visto que a diferenciação interna do espaço geográfico ocorre em diferentes escalas. Nesse sentido, a territorialidade desse espaço em processo de reconstrução está relacionada com o controle do espaço para uma estratégia a fim de atingir, influenciar ou controlar recursos e pessoas, inteiramente ligada “ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar” (SACK, 1986 apud HAESBAERT, 2004, p 86).

Nesse mesmo contexto de inter-relação entre espaço e sociedade, Raffestin ainda traz uma visão mais ampla, ao considerar a territorialidade como o conjunto dessas relações de pertencimento, exterioridade, alteridade, com o auxílio de mediadores ou instrumentos (RAFFESTIN, 1993). E nesse sentido, o território resulta da interação diferenciada entre as múltiplas dimensões desse poder, desde sua natureza política ao caráter simbólico e as esferas jurídicas, importantes para sua legitimação de operações urbanas.

Essa dimensão é o que legitima o valor simbólico dos arranjos territoriais para examinar o impulso da reestruturação do espaço urbano e compreende a relação estabelecida nas diferentes configurações urbanas. Atualmente o que difere é a sua intensidade que se apresenta em um componente imediato de uma ampla reestruturação social e econômica das economias capitalistas avançadas que, ao determinar um ambiente construído, expressa uma organização específica da produção e reprodução, do consumo e da circulação, e conforme esta ocorre uma reorganização, também se modifica a configuração do ambiente construído (SMITH, 2007), como um processo de retroalimentação. Isso faz com que o território seja um vetor de valor de troca e é o produto e o condicionamento de laços estabelecidos entre diferentes atores que corroboram com a multidimensionalidade de poder para implantação de desenvolvimento de políticas urbanas.

3.2 Fenômeno Urbano Global-Local e territorialização

Os fatores que transformam as perspectivas do fenômeno urbano atualmente estão relacionados ao fortalecimento do processo da globalização sobre as relações de influência em redes cada vez mais complexas devido ao nível de escalonamento. Um termo ainda em construção e com várias definições, a globalização é definida por Albuquerque, em seu livro sobre as Relações Internacionais contemporâneas, resumida nas seguintes palavras:

A chamada globalização resulta da transnacionalização numa era de mobilidade. Instantânea, de conhecimentos, pessoas e capital e consiste na desterritorialização de processos que, desde sua formação, o Estado-nacional conseguia domar, submetendo-os à sua autoridade territorial. (ALBUQUERQUE, 2007, p. 107).

Albuquerque reitera a abrangência de atores que transpassam fronteiras nacionais no que o sociólogo Anthony Giddens (2003) refere-se à intensificação das relações sociais em escala mundial e as conexões entre as diferentes regiões do globo. Nesse sentido, os acontecimentos locais, como o território analisado no trabalho, sofrem a influência do que ocorrem em outras partes do mundo. A globalização é política, tecnológica e cultural, além de econômica e essas interconexões estão progredindo por um sistema de comunicação cada vez mais avançado. Entretanto esse progresso relacionado a globalização é desmistificado por autores como Swyngedouw (2004) que demonstra esse discurso como uma visão ortodoxa ocidental de ideologia que se tornou um “ato de fé” (2016, p. 27) ao mesmo tempo em que impõe os ditames das posições dominantes

econômicas, culturais e militares de ordem global para instaurar o sistema sob a cultura liberal, ou seja, com a menor presença do Estado no controle fiscal, diminuição de gastos sociais, flexibilização do trabalho, minimização de regulamentação social e ambiental.

A socióloga Saskia Sassen (1998), corroborando com essa ideia, auxilia na construção teórica ao salientar o impacto dos processos globais que transforma a estrutura social das cidades, alterando a organização do trabalho, a distribuição da relação de poder, os quais, por sua vez, criam novos padrões de desigualdade social urbana. Por isso, a globalização nesse aspecto transfronteiriço e interescalar é também um processo assimétrico ao conceber a nova geopolítica e a manutenção do domínio que leva à acumulação de poder, dado que o núcleo ocidental se assenta sobre bases materiais. Atualmente, esse poder é obtido por via da produção, do comércio e das finanças, ou de uma combinação de meios coercitivos e econômicos, o que tem sido mais comum ao longo da história. Nesse caso, a pressão competitiva está relacionada aos Estados centrais e a globalização é uma forma de manutenção de seu poder (FIORI, 2000). Além do mais, o território torna-se o recurso garantidor da realização das estratégias de atores hegemônicos que garantem o seu status quo e traçam uma rede de hierarquias conflitantes, resultado da funcionalização atribuída ao território, conforme os seus objetivos.

Essas relações serão abordadas sob a articulação de uma estrutura de sociedade que se supõe sistematizada em classes sociais, políticas e que permitem o funcionamento do domínio de um conjunto social, institucional de investimento principalmente no que concerne à cultura e à técnica, além de uma troca com o exterior (CASTELLS, 1983), tendo a lógica capitalista de acumulação como primazia da organização e a indústria como antigo elemento. É ela que demandava o desenvolvimento da especialização funcional da divisão social do trabalho no espaço, determinados por uma hierarquia, que tem como imposição a anulação de toda diferença essencial entre as cidades a partir da fusão dos tipos culturais das características globais de civilização industrial capitalista (ENGELS, [1845] 2010).

Atualmente, para além dessa característica, a relação entre a construção e memorização coletiva do espaço com influência de um “pensamento único” das cidades modernas são compreendidas se ressignificadas pela glocalização, termo cunhado por Swyngedouw (2004). O autor desenvolve a ideia dialética de territorialização e redes em uma perspectiva escalar nos processos socioeconômicos em diferentes espaços internacionais, e, portanto, em perspectivas distintas de poder conforme as alianças que leva ao controle e a dominação. A desordem *glocal*, segundo o autor, está ligada às

transformações constantes pela intensificação de redes de capital e extensão de seus fluxos, consumos e reproduções em diferentes escalas. E é dessa maneira que a globalização se insere pela expansão e aceleração de acumulação de capital assimétrica, fundamentados nas infraestruturas territoriais que permitem a circulação do capital ainda mais rápido, onde o urbano transformou-se no produto dessas redes interescares vinculadas ao sistema global cujas cidades são os locais estratégicos para a exploração.

Nesse contexto de rede global, estabelece-se uma relação mais abrangente nas ideias interescares, em que o poder do *softpower*³, diversificam os atores internacionais na capacidade de influência dos atores domésticos, como os governos subnacionais e os movimentos sociais, elevando o grau de interação entre os processos decisórios da política externa. Mesmo não possuindo os poderes dos Estados, a governança subnacional através da chamada diplomacia multilateral ou paradiplomacia expande as demandas de relações internacionais a novos temas como comércio, meio-ambiente, cooperação, intercâmbio cultural, dentre outras novas construções em rede. Nessa perspectiva, o urbano se encaixa em um nível supranacional de hierarquias político-econômicas, assim como é o produto de densas redes interescares vinculadas a lugares espalhados por todo o sistema global (BRENNER, 2018) em que a cidade se tornou experimentação regulatória de inovação institucional e de contestação sociopolítica (apud SCOTT, 1998).

As políticas diretamente dessas unidades subnacionais como as cidades como novos atores que se envolvem nas relações internacionais se propagam por meio da paradiplomacia, o que gera esse processo em rede interdependente da globalização econômica. Essas relações entre diversos atores sociais e a cidade representa um polo central na articulação entre a sociedade civil, a iniciativa privada e as diferentes instâncias do Estado. Essa tendência está acentuada pelas crescentes assimetrias na distribuição de recursos internos e nas oportunidades de negócios abertos e assim foi se caracterizando a interface global-local: competitividade global e atração de investimentos segundo capacidades à níveis locais (VIGEVANI, 2006).

Segundo Borja e Castells (1996), as cidades têm um protagonismo quando se refere a promoção de grandes transformações urbanísticas, criação de emprego, recuperação do patrimônio, promoção turística, atração de grandes eventos e criação e

³ *Soft power* é um termo cunhado por Joseph Nye em 1980 e usada na teoria das relações internacionais para descrever a habilidade de um ator internacional para influenciar indiretamente o comportamento ou interesses de outros corpos políticos por meios culturais ou ideológicos. Normalmente associando à ascensão da globalização e do neoliberalismo, a reputação desse ator está largamente influenciada pelo fluxo de informação e sua capacidade de relacionar-se em rede.

dinamização de bens simbólicos em campanhas baseadas na cooperação público-privadas e mobilização socio-política que encontra a sua base na afirmação de identidade coletiva ou na vontade de autonomia política. A inserção em redes de unidades transnacionais para revitalização econômica é estimulada em projetos urbanos de grandes escalas na década de 90 o que favoreceram as privatizações, dinamizam diversos setores, demandam diferentes soluções para problemas locais e cuja abertura econômica desde a década de 80 na América Latina mobilizaram agentes econômicos para uma necessidade de construir uma cidade competitiva.

Segundo analisa Neil Brenner, após a crise de 2008, a reestruturação global foi sendo induzida para transformações profundas nas organizações escalares na qual o projeto geoeconômico do neoliberalismo desenvolveu uma competição desenfreada e institucionalizada forjando novas hierarquias escalares mundiais. Essas mudanças, das quais a reestruturação sugere, concebem fluxos e transição de posições e relações políticas complexas do território em processos multiescalares maleáveis (BRENNER, 2018) e contrapõe o critério de especificidade funcional, estabelecido por Castells, para os padrões de análise das relações sociais conforme sua aglomeração e territorialização na escala urbana.

Assim, a globalização intensiva relacionada às assimetrias de poder e à participação dos novos atores internacionais, criou cidades globais (SASSEN, 1998) que demonstram que as escalas não têm mais hierarquias rígidas, pois elas oferecem condições locais para o funcionamento de instituições de atuação e alcance global, como os mercados de capitais, cujas exigências são incorporadas pela institucionalidade estatal. Nesse sentido, o pensamento estratégico da cidade e a questão da propriedade tem relação direta com o futuro das cidades brasileiras, inclusive na expansão da pobreza e na fabricação de um pensamento único de cidade global (ARANTES, MARICATO e VAINER, 2000). Esse pensamento é, segundo Maricato e Arantes (2010) um instrumento ideológico de dominação de reprodução e imposição reforçada pelo processo de globalização e baseado na ideia da cidade como máquina de crescimento, de competitividade e de empreendedorismo sem responsabilidade a práxis urbana além de gerar consensos não democráticos através do espetáculo cultural.

Nesse novo paradigma das relações internacionais e das tomadas de decisões, o tema do território tornou-se um dos elementos fundamentais (MARX, 2008). Ao mesmo tempo em que as tendências dos objetivos eram marcadas pela mobilidade do capital, relações de mercado sem restrição e mercantilização intensificada (BRENNER, 2018),

movimentos de oposição lutam para reverter ou obstruir essa investida neoliberal por redes de interconectividade horizontais criadas de maneira transnacionais que difundem uma democracia participativa de novos valores contra hegemônicos frente ao mercado, enfrentando os problemas globais com soluções locais.⁴ As estratégias são múltiplas, seja mobilizando apoio para projetos de socialização do capital em escalas particulares, seja, criando arranjos escalares radicalmente diferentes fundamentados em princípios de democracia radical, emancipação e justiça socioespacial (MAYER, 2007).

Essa complexidade leva a diferentes análises críticas para a concepção de identidades territoriais, principalmente porque as identidades do mundo moderno se redefinem ou perdem parte dos papéis que antes exerciam. A ideia de Estado-Nação é posta em questão tanto em termos já referenciados pelas teorias construtivistas quanto pela porosidade de suas fronteiras territoriais em fluxos econômicos e informacionais e em reconstruções das tradições étnicas, por vezes resistente, na tentativa de se ressignificar. O trabalho de Haesbaert (2007) intitulado “Identidades territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial” ressalta esse contexto pela mobilidade crescente e a complexidade das relações espaço-tempo contemporâneas que levam à constituição de territorialidades também móveis cujas características são múltiplas, o que ocasiona objetivamente em um verdadeiro hibridismo identitário na intensificação do fenômeno das identidades multiterritoriais.

Assim ao vincular o conceito de identidade territorial ao espaço urbano, o trabalho analisa esses elementos através de construção de relações entre o lugar e as práticas cotidianas que nele se estabelecem. Essas transformações tendem a formar novas interações sociais, modificando o sentido dos lugares e desconectando os laços de identidade e solidariedade existentes, seja pela introdução de elementos físicos desarticuladores, seja pelos processos de expulsão e/ou substituição da população, o que leva os cidadãos na busca de maior reconhecimento e envolvimento de participação pelo direito à cidade (LEFEBVRE, 1973), que está relacionado com a memória conjunta e a construção do espaço comum. E por essa ideia atribui-se a ocupação da cidade através do pertencimento e valoração identitária, apesar dos diversos câmbios modernos, na apropriação do planejamento urbano estratégico da classe operária.

4 Exemplo de papel ativo em rede de cidades e suas relações com atores locais e transfronteiriços é a elaboração do documento Agenda 21 da Cultura, que aposta em estabelecer bases de um compromisso das cidades e dos governos locais para o desenvolvimento cultural. Ver: www.agenda21culture.net.

Nessa conjuntura, a territorialização passa a ser compreendida como o processo pelo qual os agentes sociais interagem e constroem seus signos à luz do impacto da globalização. Ao relacionar o conceito de identidade às novas integrações de comunidades e combinações de espaço-tempo, o sociólogo Stuart Hall (2004b) auxilia na teoria sobre a construção do território com o conceito de hibridização que leva a uma transformação constante, um efeito pluralizante, em uma nova combinação simbólica de valores e normas de comportamento. Nesse sentido, ao interagir numa rede de conexões de diferentes culturas, as identidades locais são organizadas por valores globais, que se relaciona menos a solidariedade orgânica do território e mais a organização (SANTOS, 2008) do fluxo informacional que passa a ressignificar o espaço em um processo de reterritorialização de maneira diferenciada e experimentada para cada território.

É sob essa nova perspectiva que se coloca a acepção de território e identidade como simulacros discursivos dos planejamentos estratégicos em uma operação de síntese dialética conflitual entre os atores. Essa relação dá sentido por uma circunstância histórica definida à nossa memória e imaginação, que importa somente a necessidade estratégica de reconhecimento e legitimação social, ao fundamentar o seu poder simbólico. Nesse processo de se ressignificar, o diferencial é estabelecer uma identidade comum, sob a construção de um olhar ao território mesmo diante de uma composição múltipla e ambivalente. Além do mais, como se contém mergulhada em relações de poder, esse construto ora se torna mais impositivos, ora mais abertos estendido por todas as esferas/escalas da sociedade, permitindo reações de toda ordem.

Ao atrelar essa relação com a identidade construída, a chamada ‘revitalização’ pode transformar os lugares em não-lugares, conforme o significado dado por Augé (2012), para expressar a perda de laços históricos e relacionais dos espaços urbanos, que está cada vez mais atrelado a um estilo de vida consumista, individualista e sedutor cosmopolita de uma elite global. Ou seja, as concepções do planejamento moderno vão sendo dissolvidas na paisagem urbana pós anos 1990 no Brasil encobrendo hierarquias de estratificação social por uma rede caótica de relações na qual o “individualismo” e o “empreendedorismo” dão o tom (HARVEY, 1992).

Assim, o processo de globalização e a intensificação das redes de interação que formam novas significações de identidades, demonstradas no dinamismo urbano das cidades está relacionado a um novo paradigma produtivo que vem impondo novas formas de competição e uma nova divisão internacional da produção. A chamada sociedade da informação propõe-se a criação imaginária de cidades do conhecimento. Em vez das urbes

contaminadas pela concentração fabril, são construídas cidades impulsionadoras de inovação, baseado no conhecimento científico, nas tecnologias avançadas de informação e numa fluida interconectividade global (CANCLINI, 2008). E, por essas representações o trabalho visa compreender o processo de ressignificação da urbanização pela tradução e hibridização das identidades em uma síntese dialética global-local determinada por uma relação de poder assimétrica e plural.

3.3 Planejamento urbano de cidade criativa

A análise da urbanização está intimamente ligada à problemática do desenvolvimento, já apontadas anteriormente ao se remeterem ao mesmo tempo a um nível técnico-econômico e a um processo de transformação qualitativa das estruturas sociais, permitindo um aumento do potencial das forças produtivas. Além do mais, a noção ideológica de urbanização refere-se ao processo pelo qual uma proporção significativa da população se concentra sobre um certo espaço numa relação interdependente e de articulação hierarquizada conforme a produção social das formas espaciais. Dessa maneira, uma nova aglomeração econômica articulada em planejamentos estratégicos urbanos e influenciada por tendências globais gera uma nova dinâmica em um determinado espaço conforme as relações locais que se estabelecem.

Várias tendências de transformação no espaço ocorrem segundo uma condução simultânea e subsequente de decadência e redesenvolvimento, desvalorização e revalorização. Elas são a suburbanização e o surgimento de um diferencial de renda (*rent gap*), a desindustrialização das economias capitalistas avançadas e o crescimento do emprego no setor de serviços (economia terciária), a centralização espacial e simultânea descentralização do capital, a queda na taxa de lucro e os movimentos cíclicos do capital, as mudanças demográficas e nos padrões de consumo (SMITH, 2007). Uma das mudanças importantes é descrita pela direção e limites da reestruturação urbana em uma lógica de um centro urbano modificado conforme demandas de um tipo de consumo urbano e ofertas de políticas estratégicas para um determinado estilo de vida.

Nesse contexto de novos paradigmas da desindustrialização é que alguns espaços se tornaram suscetíveis ao planejamento da chamada cidade criativa a partir da ideia de desenvolvimento pela economia criativa, tomando-se por foco os produtos imateriais, o campo simbólico e a valorização territorial como diferencial e singularidade para atração de capital. O primeiro autor urbanista a trazer esse conceito foi Charles Landry a partir das perspectivas fundadas na utilização da cultura e da inovação como recurso para a

melhoria sociopolítica e econômica, levado a cabo a globalização acelerada (YUDICE, 2006).

O maior acesso à arte imperada pelas inovações técnicas e reprodutibilidade desenvolveu a indústria cultural de massa em uma fórmula que tomou lugar da obra de arte, padronizando as identidades, os espaços e instruindo um público de uma sociedade de consumidores com padrões socioculturais vigentes. Essa racionalização econômica da arte concentradas em interesses de oligopólios foi tratada com afincos por autores como Walter Benjamin (1978) e Theodore Adorno inspirados na alienação dos consumidores, bem como na racionalidade econômica weberiana ao analisar as sociedades moduladas pelo controle totalitário. Quando realocados para atualidade, desde os anos 70, as configurações de conexões pela tecnologia fez com que a indústria cultural desenvolvesse um novo pacote permeado por símbolos hegemônicos pela individualidade, modelos de negócios de iniciativas empreendedoras, de hiperconectividade em escala global, tornando viável as atuações sociopolíticas de determinados agentes sociais motivados no associativismo do setor de serviços, da informação e entretenimento, elevando cada vez mais o capital imaterial (GORZ, 2000), como o território que se torna um ativo importante de competição. Assim, a economia criativa aparece na

[...] produção de bens e serviços mediados pela tecnologia, cujas transformações têm sido assimiladas tanto pelo poder público quanto pelo domínio empreendedor privado, além de materializar novas formas de ocupação e convivência no tecido urbano (COMUNIAN, 2007; REIS, 2010 apud DILELIO, 2015, p 39).

De maneira mais contundente, as primeiras definições da economia criativa e indústrias criativas vieram de um agrupamento de atividades profissionais semelhantes vistas pelo partido trabalhista do Reino Unido em 1997 como uma forma de potencializar a riqueza e explorar o setor da propriedade intelectual do país. O relatório do seu Ministério de Cultura, Mídia e Esportes (UK DCMS) identificou a indústria criativa como um amplo e crescente componente da economia britânica que à época empregava 1,4 milhão de pessoas e uma estimativa de £60 bilhões de valor adicionado ao ano, ou 5% do PIB total da Grã-Bretanha (DCMS, 1998). Esse mapeamento teve um papel fundamental no estabelecimento do discurso político vinculado a indústria criativa como forma de responder a uma nova estratégia competitiva do país ao seu contexto pós-industrial e às áreas desindustrializadas. É uma resposta que vincula a economia e a cultura principalmente relacionada ao desenvolvimento econômico local que com a medida criam

um *cluster* de profissionais do setor criativo e uma receita econômica a partir de suas singularidades culturais, bem como reconhecem os bens culturais locais.

O mapeamento estratégico abrangia diversas atividades tais como a publicidade, arquitetura, artes e antiquário, artesanato, design, design de moda, cinema e vídeo, música, artes performáticas, edição, *softwares* e serviços de informática, televisão e rádio. Diversas críticas foram produzidas como forma de ampliar o debate desse novo conceito: se a arte como riqueza cultural deve ser associada ao valor econômico (O'CONNOR, 2015); se existe uma política urbana advogando a favor de um *cluster* de profissionais do setor criativo (FLORIDA, 2002); e em termos gerais se essa política pública do “novo trabalhismo” britânico estava associada a uma filosofia da 3ª via, fortalecendo a flexibilidade do trabalho, especialização produtiva em uma política neoliberal continuada de Margareth Thatcher (HALL, 2000).

É desse debate que a pesquisa constrói uma crítica ao conceito de economia criativa de Richard Florida (2002), que enfatiza a rede de interações entre os agentes produtivos que se relacionam, cooperam, e confiam uns nos outros como forma de promoção de desenvolvimento. Segundo o autor, a possibilidade de investimentos, as aglomerações e o potencial inovador local devem ser atrelados às alterações de um planejamento urbano relacionado à qualidade de vida local, à valorização de diversidade, tolerância e à inclusão nas cidades. Por essa lógica, o desenvolvimento territorial relacionando a cidade criativa descreve, segundo Throsby,

[...] um complexo urbano onde atividades culturais de vários tipos são componentes integrados da economia da cidade bem como o funcionamento social. Essas cidades tendem a ser construídas em uma forte estrutura social e cultural; para ter relativamente altas concentrações de empregos criativos; e para se tornar atrativo para receber investimentos por causa do seu bem-estar para infraestrutura em arte e cultura (THROSBY, 2010, p 139).

Nesse sentido, a teoria de Florida está relacionada a estratégia de crescimento da cidade podendo estar baseada na construção de uma comunidade que é atrativa a “pessoas criativas” (FLORIDA, 2002). O significado social de um lugar especificamente histórico acaba por ser remodelado diante de um segmento do mercado que é classificado por Florida (2002) como ‘classe criativa’ e que se agrupam principalmente nos bairros centrais das grandes metrópoles, determinando uma relação identitária de um estilo de vida consumista, boêmio, urbano, abertos à diversidade, inseridos nos fluxos de informação e inovação existentes. O seu argumento é o de que “lugares com um ambiente cultural artístico são os que geram resultados econômicos e sobretudo crescimento econômico” (FLORIDA, 2002, p 261), caso diferentes produtores complementares se

congreguem e desenvolvam um processo de construção conjunta, uma vez que as referidas aglomerações também fortalecem a base territorial (MEDEIROS, GRAND e FIGUEIREDO, 2011). Tal análise implicaria saber os meios pelos quais essa ‘classe criativa’ leva a realização de seu trabalho, o contexto do local que ela se insere, seus interesses caracterizados por recompensas ou benefícios e, sobretudo suas inter-relações e interferências, principalmente ao promover uma espécie de condensação de valores, conhecimentos e estilos de vida específicos.

A aglomeração desses artistas, celeiros de discussões radicais na década de 60 por movimentos contracultura, foram cooptados pela renda de monopólio capitalista que construiu desenvolvimento político-econômico local com significados culturais e valores estéticos a determinados territórios (HARVEY, 2014). Esses valores estão integrados internamente, estabelecidos numa subsequente profissionalização de classe criativa para se diferenciar e dissociar de outros grupos. Além do mais, eles se associam a características de segmentos de mercado como os *hipsters*, ou seja, jovens adultos (entre 25 e 35 anos), com alto poder aquisitivo, acesso ao lazer e bens culturais, por isso alto capital cultural, conformados por gostos de classe (BOURDIEU, 2009), demandantes de serviços urbanos especializados, com preferências residenciais que refletem estilos de vida de tendências globais de consumo, valorizam características da diversidade e infraestrutura da região central das cidades, dando maior importância à estética e ao individualismo (MARTÍNEZ-RIGOL, 2005, p. 104), de locais especializados e exclusivos, tais como artesanais, orgânicos, veganos, autorais, etc (FLORIDA, 2014; LLOYD, 2010; OCEJO, 2017 apud ALCANTARA, 2018). Apesar da diferença nas novas ideais de consumo *hipster*, ele é considerado um novo termo mercadológico para a classificação da classe média de vanguarda - fora dos padrões tradicionais – o que até os anos 80 eram os *yuppies*, atrelados a diferentes tendências de estilos, mas que refletem semelhanças na responsabilidade e consequências de reorganização de determinados espaços diante de suas demandas.

Adicionalmente, a sociedade está na era das redes (CASTELLS, 1999), conectando-se em estruturas sociais abertas que compartilham os mesmos códigos de comunicação e que são altamente dinâmicas, sendo essa classe profissional criativa um exemplo de segmentos que gera seus próprios recursos pela sua interação global e local. Por isso, todas essas denominações são atreladas a uma sensação de familiaridade e compartilhamento de ideias do que se remete a uma classe média de vanguarda e que leva

a esse sentimento de comunidade e de pertencimento, evidenciado pelos códigos de percepção estéticos e ideais de cultura globalizantes que se sobressaem às locais.

Esse grau de integração da classe profissional criativa também abre espaço para novos projetos que inspiram, estimulam e geram orgulho por uma diversidade entre diferentes segmentos culturais, muito atrelada a inovação e tendências de *design*, novas tecnologias e ao desenvolvimento de economias ‘verde’ e criativas, bem como a um novo cosmopolitismo: tolerante, descolado e casual (ZUKIN, 2016). Esse engajamento político desses profissionais quanto ao “pluralismo cultural” defendido pela teoria do multiculturalismo global, é orientado por uma postura de tolerância liberal, de reconhecimento e auto-afirmação identitária, porém não sustentado por uma prática de redistribuição, por isso, segundo análises de Bauman (2003) tem como efeito a beleza estética da diversidade cultural mas que mantém a desigualdade na divisão dos recursos, levando às minorias a continuarem aceitando as escolhas que lhes são impostas. Assim

o multiculturalismo é um brinquedo nas mãos da globalização não limitada politicamente; as forças globalizantes conseguem escapar com suas consequências devastadoras, a principal das quais sendo a impressionante desigualdade entre sociedades e dentro das sociedades (BAUMAN, 2003, p 98).

Esses predicados controlados por uma narrativa da classe média estão ligados a sociedade com o espaço numa relação de construção e de promoção de autodesenvolvimento de um lugar ‘criativo’, que no argumento de Landry, sempre existiu, a diferença está no seu planejamento ‘ideal’. Esses profissionais buscam um ambiente que conseguem relacionar uma oferta de tecnologias com a interação e sensação mais agradável para viver diante de uma concepção de consumo, educação, estilo de vida e que seja “tolerante para explorar os diversos talentos de cada um” (LANDRY, 2011, p 122). Essa é a concepção ideal da cidade criativa considera no trabalho que se aproximando à ideologia do dom de Pierre Bourdieu, na qual a capacidade criativa das pessoas é o resultado do atributo pessoal, e mascara as disposições sociais de exclusão e de aprendizagem estética, que tendem a criar mecanismos de ordem e imobilismo social (BOURDIEU, 2009).

Um autor relevante que auxilia para compreender os rumos e ditames da economia criativa é Stuart Cunningham. Sua perspectiva está relacionada a oferta de investimento para o desenvolvimento de uma cidade criativa como prática de conhecimento, compartilhada por esses profissionais, ordenada de uma forma em que a produção se estrutura numa relação híbrida e analítica de trabalho histórico (CUNNINGHAM, 2010) além de se relacionar com a competitividade do lugar (FLORIDA, 2002; LANDRY,

2000) tendo como fim a colocação da sua cidade no mapa mundial, em um envolvimento de estratégia de *marketing* urbano (ARANTES, 2000) . O poder dos agentes culturais que se aglomeram junto com as políticas públicas de um Estado daria oportunidades para a criação de valores econômicos para esse tipo de serviço gerando um novo produto social e um meio de controle materializado numa reorganização do espaço social e atrelada ao novo processo de produção de inovações em movimentos políticos para a promoção do crescimento local (SASSEN, 1998). Por isso a aglomeração desse setor em algumas áreas das cidades adota essa política estratégica de desenvolvimento conectando-se a outras partes do mundo por influências de que a globalização é um valor da economia criativa.

Esse processo produtivo próprio é cristalizado nas cidades por serem espaços urbanos que refletem fenômenos sociais, culturais e políticos conforme diferentes associações de complexos produtivos, influências de consumo e criação de uma cultura globalizada que interage com as forças independentes locais e regionais. Esses planejamentos estratégicos assumidamente empresariais arrumam respostas competitivas ao processo de globalização. São estratégias de dimensões culturais que calculam o espontâneo por uma escolha racional implicada por ponderações de custo/benefício, qualidade/preço, etc. Aqui encaramos as políticas de *image-making* em um âmbito de *business-oriented*, numa relação de barganha da cidade fazendo seu valor de uso ser transformado em valor de troca sob todos os âmbitos do espaço público, dando origem aos processos de gentrificação, nesse caso atrelado ao “reencontro glamoroso entre a Cultura e o Capital” (ARANTES, 2000, p 15).

A gentrificação torna-se um instrumento para avaliar as modificações de antigos bairros operários que são expulsos devido ao alto preço dos aluguéis da área que fora remodelada em elegantes residências (GLASS, 1964). A nova *gentry* urbana, isto é, as famílias de classe média, modificam o espaço não só em suas características econômicas, bem como sociais e foi se desenvolvendo de maneiras distintas conforme a penetração do capital financeiro e o novo papel do Estado. Atualmente esse processo está relacionado a parcerias entre o capital privado e os governos locais acolhidos pelo signo tangível de renovação econômica e cultural que se conectam de maneira muito complexa com as economias nacionais e globais. Isso ocorre pela rapidez da evolução do processo urbano de cujo caráter classista foi cuidadosamente ocultado, e substituído para dar lugar a aglomeração profissional de atividades econômicas em ascensão, transformando em paisagens urbanas de camadas médias e altas um espaço que seja consumível (SMITH, 2006).

Como a relação que se estabelece na economia criativa leva uma classe média a transformações de um território, a questão da gentrificação é colocada sob dois aspectos. Ocorre tanto numa explicação de consumo e estilo de vida (LEY, 1980) quanto de atividades econômicas e mudanças estruturais de produção do espaço urbano pela produção de mais-valia, através da valorização do mercado imobiliário com a estruturação econômica das grandes aglomerações desses profissionais (SMITH, 1986).

O trabalho se concentra em dar uma perspectiva integradora das duas abordagens estruturantes e de agenciamentos como interpretado pela socióloga urbana Sharon Zukin. Faz-se uma comparação teórico-analítica da sua observação da reconversão de armazéns e imóveis industriais do bairro denominado Soho em Nova York em *lofts* residenciais de artistas e intelectuais que resultou na preservação de características arquitetônicas numa mudança de atmosfera ligada aos novos usos e estilos de vida, sendo reconhecido, desde então como bairro dos artistas. Posteriormente, essa fama atraiu a atenção do grande mercado imobiliário, que passou a readaptar os imóveis para os interesses de novos moradores de alta renda, que já não eram os artistas (ZUKIN, 1989). Nesse sentido, além de destacar o processo inicial de demanda dos novos consumidores locais, Zukin (1989) coloca essa mudança cultural como proveito de vantagens que se convertem na valorização de mercado do espaço (MARTÍNEZ-RIGOL, 2005).

A apropriação do espaço legitimada pelo *upgrading* cultural é uma novidade de articulação na remodelagem da cidade realçada pelo estudo Zukin, cujo miolo reside na propagação da imagem de mudança para um centro de inovação. Os eufemismos: revitalização, reabilitação, revalorização, reciclagem, promoção, requalificação encobrem o sentido original de invasão e reconquista, inerente ao retorno das camadas mais abastadas aos centros das cidades. Termo com plasticidade no tempo, as narrativas urbanas e as políticas estratégicas vão se compondo e incorporando meios como o cultural para o capitalismo simbólico, que, segundo Harvey (1992) cria novas vontades e necessidades, explora a capacidade do labor e do desejo humano que transforma o espaço em um novo valor econômico. São prováveis consequências: comércio, turismo, especulação imobiliária, remoção de grupos sociais populares e atração de alto poder aquisitivo, facilitação de investimentos privados como estratégia competitiva entre as cidades.

A cidade criativa como planejamento ‘ideal’ de desenvolvimento local seria, portanto, transformada pela interação no espaço hierarquizado de poder, atrelado às suas mudanças com os processos de ressignificação gerados pelos atores sociais que nela tem

interesse pelos seus valores de uso e/ou de troca. A tentativa do consenso e legitimação para esse planejamento por inculcação dessa ideia de redesenvolvimento urbano *for business*, evidenciado por Molotch e Logan como um processo de construção da cidade que distribui esculturas, museus e edifícios de alto padrão, atraem aqueles que têm condições de escolher onde viver, trabalhar e gozar sua afluência, tais como a classe média. As zonas favorecidas incorporam, como lugares, o capital cultural que forja não somente seu futuro privilegiado, mas reduz o futuro das áreas menos favorecidas, demonstrando claramente quem ganha e quem perde com esses negócios. Ou seja, constituíram em uma máquina ideológica acionada pelos que administram essa construção física e impulsionam essa imaginação urbana gerenciadas por megaincorporadoras globalizadas que modificam ao seu modo a cidade, sem contestações devidas ao alegado civismo para a grife de valorização cultural.

Por fim, o autor urbanista David Ponzini (2011) auxilia na construção teórica por conceber essa relação criativa da cidade como forma de reconhecimento global pela espetacularização de seus lugares, criando eventos, museus, festivais, galerias, universidades, sobretudo novos ou com estruturas icônicas reformadas (apud URRY, 2007). Essas diferentes características para fazer do espaço um espetáculo vão ao encontro com o papel de arquitetos na estética de estruturas edificadas e na ‘revitalização’ urbana, projetadas em parcerias público-privadas numa relação próxima de governança de *city branding* e marketing urbano, ou seja, uma forma de vender a imagem da cidade ao mundo. Essas parcerias acabam tomando a reestruturação urbana atrelada a um tipo de desenvolvimento econômico liberal, dependente de um complexo de fatores para ser efetivado, tais como, acessibilidade, disponibilidade financeira, social e capital cultural para implantar essas novidades.

Portanto, a cidade, elas mesmas, passariam a ser consumidas e geridas como mercadorias. A cidade-negócio estaria ancorada numa pseudomercadoria, o solo, que coloca em questão uma explicitação recorrente entre o valor de uso que o lugar representa para os seus habitantes e o valor de troca com que ele se apresenta para aqueles interessados em extrair dele um benefício econômico, sobretudo na forma de uma renda exclusiva. Os planejadores urbanos e os promotores culturais (ARANTES, 2000) tornam-se os principais personagens de uma coalizão de atores interessados no território e incorporam o discurso de gestão, produtividade, competitividade, bens distintivos de classe, estetização, subordinação dos fins à lógica do mercado, parcerias público-privadas para a diversificação dos usos e dos espaços, e assim a governança empreendedora vende

o espaço por um planejamento 'ideal' de cidade criativa que traz essa perspectiva de espetacularização para o reconhecimento global competitivo.

Se a cidade industrial era concebida por parâmetros de produção, o contexto pós-industrial é teorizado no trabalho como um período em que se idealiza o consumo e o lazer, relacionados diretamente com o aglomerado urbano da classe profissional criativa e com o planejamento ideal de uma cidade criativa. O espaço tende a reconfigurar a partir de valores efêmeros da cultura como mercadoria e as novas categorias de serviços que se insere no espaço, comercializando novas formas de pensar e experimentar a cidade em parâmetros ímpares de diferenciação social, que se inserem nos projetos de operação urbana difundidos mundialmente.

4 Estudo de caso: Bairro Floresta como vitrine do projeto de cidade criativa de Porto Alegre

Neste capítulo, a dissertação analisará as transformações ocorridas no Bairro Floresta em Porto Alegre desde o plano municipal de economia criativa de Porto Alegre lançado em 2014. Ele consiste no uso das vertentes teóricas da sociologia e do planejamento urbano, estabelecida numa relação global-local, não desconsiderando as assimetrias entre as relações de poder do capital e as suas tentativas de padronizações da cultura urbana que afetam o modo de vida (SANTOS, 2008). Ao utilizar Castells (1983), compreende-se a cidade como a superestrutura de um sistema político de classe cuja urbanização local está desenvolvida em uma estrutura dependente do global (CARDOSO e FALETTO, 2000).

A paradiplomacia das cidades como estratégia de um novo ator internacional no sistema-mundo também concebe essa perspectiva construtivista de uma construção de rede global e local a partir das demandas e ofertas desse novo paradigma global econômico e experimentado no território da cidade. Além do mais, a economia criativa é desenvolvida como estratégica político-econômica para ressignificação territorial e internacionalização onde o espaço se transforma à luz das novas relações de trabalho em rede de valores ligados a apoios normativos de competências mobilizadoras (BOLTANSKI, 1999) ao indivíduo flexível, produtivo, competente, talentoso, com alta escolarização e mutável. São profissionais que constroem uma sociabilidade no território com caráter empreendedor, conectado com o globo, autonomia para a produção imaterial, desenvolvendo o espaço como recurso e estratégia socioeconômica (YUDICE, 2006) como diferencial e visibilidade de seu trabalho.

É nesse sentido, que os próximos itens se dividirão primeiramente em tratar da formação socioespacial do bairro e os atores que nela se inserem para a sua criação e contradições. Por conseguinte, faz-se referência ao projeto de cidade criativa de Porto Alegre, no interesse pelo bairro Floresta na mercadorização da cultura territorial, aliado ao próximo subcapítulo que consiste na análise dos principais interlocutores como um dos propulsores dessa mudança: os empreendimentos criativos locais como agentes globais de reestruturação urbana. Por fim, a dissertação tem o esforço de compreender as transformações que estão em disputa, devido às mudanças na territorialidade do Floresta na compreensão de desenvolvimento de um projeto de cidade criativa de Porto Alegre.

4.1 Formação socioespacial do Bairro Floresta

O 4º distrito é uma área em debate que passa pela transformação e interesses estratégicos. Para se compreender a sua construção territorial é necessário fazer um breve histórico de sua formação socioespacial. A área que compreende os bairros da Zona Norte de São Geraldo, Navegantes, Farrapos, Floresta, São João e Humaitá, localizados na entrada da cidade (conforme mapa abaixo, já antigo, modificado pela lei 12.112 de agosto de 2016), começou a ser ocupada em 1824 pelos alemães e outros imigrantes que chegaram à Porto Alegre a fim de se instalar na região de São Leopoldo. A área, portanto, servia como fluxo de mercadorias e pessoas em direção ao norte, o que propiciou a instalação de moradias e comércio na região.



Figura 2: Área 4º distrito
Fonte: PMPA

Essa antiga área portuária que estende seus braços até o centro da capital divide o seu espaço com estrangeiros de diversas etnias que ali aportavam atraídos pelo crescimento da cidade e pelas oportunidades que oferecia. Ela se modificou intensamente a partir do início do século XX com o processo de industrialização, quando as chaminés tomaram lugar das antigas chácaras principalmente nos ramos de alimentação, metalurgia e têxtil (TITTON, 2012). A Rua Voluntários da Pátria foi onde se iniciou os estabelecimentos comerciais e industriais desses imigrantes, o que elevou a confluência econômica e cultural da região. Ali se estabelece uma semântica do espaço em relações sociais que historicamente se desenvolve como área de progresso e uma carga afetiva dos recém-chegados pela sua proximidade cultural. São exemplos da constituição dessa sociabilidade as associações e templos religiosos que foram construídos na zona. É o caso da Sociedade Polonesa, da Sogipa, da Sociedade Gondoleiros; da Igreja de Nossa Senhora

dos Montes Claros, das igrejas ortodoxas russa e ucraniana; de vários templos católicos e protestantes (CONSTANTINO, 1998).

A construção de ferrovias e transporte fluvial intensificou ainda mais o comércio e a vinda de imigrantes à cidade que ocupavam moradias próximas ao local de trabalho em conjuntos construídos e explorados de aluguel pelos donos das fábricas, bem como através de linhas de crédito de financiamento do Estado ou pelo mercado imobiliário devido ao alto valor que já se destinava ao espaço. Assim, devido ao processo de industrialização da área, foram sendo construídas residências de operários com a tipologia de casas em fita, como se é preservado até hoje em partes do bairro, demonstrado na figura a seguir.



Figura 3: Casas em fita
Fonte: acervo do autor, 2018

Em busca de oportunidade, há uma proliferação de loteamentos irregulares e habitações precárias próximas às fábricas, ocasionadas pelo grande contingente populacional devido ao êxodo rural da década de 40 e 50 no estado do Rio Grande do Sul. Ao mesmo tempo em que impossibilitou número adequado de habitação para a área, a região estabeleceu uma grande miscigenação de culturas, experiências e adaptações desenvolvendo uma identidade própria de um “bairro-cidade” (MATTAR, 2010), já que o 4º Distrito dispunha, então, de todos os principais usos do solo urbano contidos em sua dinâmica interna.

As indústrias que se estabeleceram e se desenvolveram nessas décadas foram diversas, dentre elas estão a Fundação Berta de Alberto Bins, as Fábricas de Cerveja Cristoffel e Ritter, Cia Fiação e Tecidos Portoalegrense, FIATECI- Cia Fabril Portoalegrense, Fábrica de Pregos Pontas de Paris, Fábrica de Móveis Vergados João

&Walter Gerdau, Fábrica de Fogões Wallig, Moinhos: Riograndense, Moinho Chaves, Fábrica Renner, Fábrica de chocolates Neugebauer, além de diversos armazéns instalados, devido ao porto.

O traçado do antigo bairro Marcílio Dias, hoje inexistente, à época também não tinha a sua demarcação, nem as suas fronteiras urbanas como o trem e as avenidas Castelo Branco e Mauá. Por isso, a relação da população local com o Guaíba era intensa desde os banhistas e clube de remo, à construção do cais do porto, às inundações, aos diques e aterros, além ter sido uma região de grande fluxo comercial e populacional. A denominação "Quarto Distrito" permanece até os dias de hoje o que representa o senso de pertencimento desse espaço social particular que se constituiu ao longo da história recente da cidade e "indica o peso da base territorial e da inserção político-administrativa na constituição de uma identidade coletiva que se estendia para além dos limites familiares, étnicos, político-ideológicos ou profissionais" (FORTES, 2004 apud FERNANDES, 2014, p 46)."

Esse traçado posterior foi formado por visões estratégicas políticas à época, de quando a cidade era dividida por distritos em um Plano Diretor formal, consolidado em 1959 em Porto Alegre (aprovado pela Lei Complementar 43/1979), que recebeu muita influência das ideias modernistas da Carta de Atenas, em que o 4º Distrito foi destinado essencialmente para a função industrial, o que inibiu a construção de edificações residenciais e diminuiu a ocorrência de áreas de lazer e serviços. Uma série de atrativos para construção de indústrias estagnou a vida social no local com o fim das linhas de bonde que o ligavam ao centro.

Essa ideia de bairro-cidade, apesar das imposições políticas de reestruturação urbana, levou a um remodelamento conforme as demandas sociais e econômicas da cidade que ainda preservou a diversidade do setor de comércio em áreas menos complexas. Verifica-se até hoje no 4º Distrito, apesar desse valor ser pouco divulgado, transparecendo uma área inabitada. Isso é demonstrado nas interações com os locais dos novos empreendedores que se instalaram no bairro. O agente entrevistado H confirma a facilidade que encontra produtos diversos, afirmando:

[...] metade dos nossos produtos são do 4º Distrito, [...] até as coisas necessárias para o funcionamento da cozinha são também compradas na região. É uma região muito rica de serviços, por exemplo, se tu *precisar* de um cilindro de gás tem aqui na esquina, se tu *precisa* de material de limpeza tem do outro lado da quadra, se tu *precisa* de um torneiro tem na outra rua, se tu *precisa* de um cara pra fazer solda tem aqui do lado. Tudo que tu precisar tem aqui. É impressionante.

O interlocutor G complementa sobre a sua percepção de escolha do local, que tem a ver também com a readequação do espaço industrial, ainda que permanecesse nas proximidades fornecedores para o seu trabalho:

Aqui era um depósito, antes disso era uma gráfica. [...], já havíamos estabelecido essa rede e aqui no Floresta tem muitos prestadores de serviços, fornecedores para quem trabalha com marcenaria, serralheria, um tipo de trabalho que fazemos de produção. Tudo que construímos aqui, os fornecedores estão muito próximo, o que também ajuda em toda a escolha do local.

Essa é a principal visão dos serviços dos bairros que estão no 4º Distrito, conferindo algumas diferenças quanto ao tipo de economia do bairro Floresta, especificamente, apontado no quadro abaixo. Ela compõe setores principalmente estruturados em serviços (68,24%) e comércio (14,76%), conforme dados do UDH dos bairros que banham o Guaíba de 2010 – enfocando o bairro Floresta (PNUD, 2014). Os setores se compuseram com semelhança do ano de 2000 para 2010, apesar de algumas retrações que mantem o caráter de desindustrialização e mudanças quanto ao tipo de segmentação dado o enfoque para alguns escritórios específicos com fins de proporcionar maior visibilidade a projetos de reestruturação urbana.

	Indústria de Transformação (2000)	Indústria de Transformação (2010)	Construção (2000)	Construção (2010)	Comércio (2000)	Comércio (2010)	Serviços (2000)	Serviços (2010)
Floresta	7,5	5,91	3,87	3,12	14,76	14,76	72,19	68,24

Tabela 1: Ocupações das Unidades de Desenvolvimento Humano (UDH) da Orla do Guaíba (2000-2010).
Fonte: PNUD, 2014.

A sua localização sempre foi considerada estratégica devido às principais ligações rodoviárias e ferroviárias com o que viria a se tornar a região metropolitana de Porto Alegre e que propiciaram o desenvolvimento no início do século XX (MACEDO, 1999), em fatores que até hoje são elencados como vocação da área pelo poder público aos projetos de revitalização: "o terreno plano, a visão de facilidades de infraestrutura, as possibilidades de expansão, a proximidade do centro de consumo" (MÜLLER e CASTELO, 1969, p.19). E dessa forma são construídas mudanças pelas diferentes perspectivas que se gera nessa área espacial.

4.1.1 Características do território estratégico do 4º Distrito

A divisão municipal em distritos estava prevista na Constituição Política do Estado do Rio Grande do Sul de 1891, primeira Constituição Estadual do período republicano:

Art 68 - Será dividido em distritos o território do município, e para cada um deles o intendente nomeará um sub-intendente, que exercerá as funções de autoridade policial, bem como as que forem delegadas pelo primeiro. Na lei orgânica serão estabelecidas em detalhes as atribuições de um e de outro (Título III - Da Organização Municipal, 1891).

A partir do Primeiro Plano de Porto Alegre a denominação por distrito entra em desuso e acaba setorizando os bairros, apesar da denominação do 4º Distrito ainda permanecer como referência na atualidade espacial. Na década de 1970 inicia-se o processo de suburbanização e metropolização da atividade industrial, impulsionada pelo programa do estado do Rio Grande do Sul para desconcentração industrial da capital e a implantação de loteamentos industriais na região metropolitana em diferentes distritos industriais para cada cidade. Aliada a expansão da malha viária como a Trensurb e a rede interna da cidade que se desenvolve leva a valorização dos imóveis na capital, fez com que as indústrias e a classe trabalhadora se transferissem para áreas mais afastadas, de valores de solo mais baixos do que em Porto Alegre. Segundo levantamento da geógrafa Ana Clara Fernandes (2014), ela apontou em sua amostra de que permanência de indústrias com mais de 100 empregados entre 1971 e 2008 em Porto Alegre teve uma queda de um total de 60 empresas em 1971 na cidade para 32 entre 1991 e 1992 e somente 5 quando finalizada a análise, em 2008. Foi um processo que gerou o esvaziamento rápido da área, semelhante as tendências que ocorriam em outros cemitérios industriais de diversas cidades do mundo como em Detroit, nos Estados Unidos.

A noção de desenvolvimento que se opera nesse espaço está intimamente ligada a urbanização. Ela remete ao mesmo tempo a um nível técnico e econômico, tanto quanto a um processo de transformação qualitativa das estruturas sociais, permitindo um aumento ou diminuição do potencial das forças produtivas. Esse desenvolvimento se articula com as estruturas de uma dada formação social, e por isso está relacionada com um conjunto de formações sociais de escala internacional, sob uma hierarquia em que o Sul Global está imposto em uma situação de dominação e de dependência (CARDOSO e FALETTO, 2000) e o caso da cidade de Porto Alegre não é diferente. Isso tudo ocorre devido a uma relação assimétrica de dependência entre as sociedades, que leva a uma expressão de uma dependência na organização interna e na articulação do sistema de produção e das relações de classes.

Uma área que tinha uma função dependente industrial do sistema fordista rapidamente foi desconstituída reorganizando o espaço devido aos interesses da sociedade dominante que previu maiores vantagens em abandonar a cidade para outra região. Os

símbolos culturais criados de vilas operárias, comércio e vias urbanas construídas para o escoamento dos produtos permaneceram, mas os valores econômicos se tornaram incompatíveis, devido ao desinteresse do capital em investir na área. Assim, desde a consolidação desse panorama, a região do 4º Distrito subitamente ficou com aparência de abandono, elevando o grau de percepção marginal, ambiental e social no local.

O alto valor atribuído ao setor de serviços na capital juntou-se à degeneração das áreas industriais no 4º distrito tanto do ponto de vista econômico quanto social: desemprego crescente, com abandono de bairros inteiros por indústrias que fecham, quebram ou se transferem para outras regiões e/ou países. Ainda existe permanente atividade portuária, sobretudo vinculada a CESA, relacionado à Secretaria Estadual da Agricultura, Pecuária e Agronegócio, instituição de uso público que atende produtores de pequeno, médio e grande porte, cooperativas, governo, indústria e comércio (FERNANDES, 2014). Além do mais, continuam existindo comércio de matéria prima para fabricação de móveis-quadradas inteiras de lojas, distribuição de químicos, mecânica e autopeças, assim como centro de distribuidor de material elétrico da cidade, ferro velho, reciclagem de informática, complementando ao que um dos locais afirma: “O 4º Distrito cumpre uma função econômica importante na cidade, mas tem uma visão de ser degradado e, portanto, fica marginalizado pelo poder econômico imobiliário”.

Atualmente, a região apresenta baixa densidade populacional, baixa ocupação por residentes com renda acima de cinco salários mínimos e uma variada edificação tombada ou inventariada pelo setor de patrimônio histórico. O seu espaço é percebido e conduzido por uma falácia midiática de ‘vazios urbanos’ a fim de legitimar projetos de discursos para a conciliação de uma área homogênea. Entretanto, vale ressaltar que essa não é uma região sem vida, possui uma ocupação mais rarefeita, com concentrações distintas e bastante heterogêneas tanto pela arquitetura quanto pela diversidade social.

Esse discurso hegemônico de abandono e decadência nessas áreas é reforçado por diversos fatores, tais como o aparente descaso dos serviços públicos como coleta de lixo, iluminação, drenagem e segurança por parte das administrações municipais e órgãos competentes. Além do mais, há diversas edificações desocupadas que servem muitas vezes de abrigo para moradores de rua, depósitos irregulares de lixo. As casas noturnas com profissionais do sexo que se encontram nas esquinas entre a Avenida Farrapos e Voluntários da Pátria também trazem esse ar de abandono de regulação do poder público. Por fim, os depósitos de material reciclável localizados perto da área central no Bairro Floresta que propiciam a circulação de "papeleiros" da região são todas situações que

servem para legitimar nos últimos anos o discurso de se fazer revitalizar o 4º Distrito. E dessa forma, diversos foram os projetos que se estruturam na área (FERNANDES, 2014).

Como aponta Oliveira (2016), a região Norte do 4º Distrito dos bairros Humaitá e Navegantes são ocupados por condomínios de classe média, cercados e por vilas urbanizadas com ocupações informais. Até meados do século XX, essa área foi utilizada como aterro sanitário e era ocupado por população de baixa renda. Desde 1960, são redirecionados projetos que procuram atrair outros grupos sociais, com renda mensal acima de 10 salários mínimos pelos incentivos de investimentos industriais e comerciais, o que levou uma mistura de classes nesses bairros.

Junto do bairro Anchieta, são porta de entrada da cidade com diversos loteamentos vazios, têm grande potencial para ações de impacto de construção de projetos públicos de urbanização que se vinculam ao capital imobiliário. A construção do estádio multiuso (Arena) junto de torres residenciais, shopping e estacionamento pela OAS S.A. no Bairro Humaitá é um dos maiores exemplos de grande empreendimento ao lado de diversas áreas vulneráveis da cidade, que desconsiderou a altura máxima de 52m do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbana e Ambiental (PDDUA), flexibilizado pelas normas aos "Projetos Especiais" da cidade, em uma clara lei de exceção (FERNANDES, 2014). Outra construtora que explora o bairro Humaitá é a Rossi Residencial, com seus empreendimentos localizados no entorno do Parque Mascarenhas de Moraes, em condomínios diversos destinados as classes médias.

O antigo bairro Marcílio Dias foi onde as infraestruturas urbanas, os loteamentos regulares e as obras de saneamento não se completaram no período industrial. Seguindo a direção ao centro, nos bairros Farrapos e São Geraldo, o cenário modifica para áreas de edificações de patrimônio histórico, habitações de classe média, cortiços, praças, equipamentos públicos como escolas e abrigos da PMPA, galpões de indústria - alguns em operação e outros abandonados e reconduzidos para funções de bares/festas noturnas provindos das novas ideias recém-chegadas de refuncionalização econômica dos espaços privados. O caso da construção do condomínio Rossi Fiategi no bairro São Geraldo fica emblemática a vinculação de uma grande edificação de uma área inventariada da antiga indústria têxtil para um novo centro comercial residencial de classe média-alta.

Assim, o tecido urbano vai se consolidando conforme se aproxima das áreas centrais, com mais comércio e menos ocupações de vulnerabilidade. O bairro Floresta, ao final, ao lado do centro e do bairro Moinhos de Vento, de classe média-alta e é neste local onde se observa um convívio com bastante heterogeneidade entre moradores,

comerciantes, profissionais do sexo e, sobretudo onde estão sendo mais atraídos e aglomerados os jovens empreendedores da economia criativa, que trazem demandas diferenciadas (OLIVEIRA, 2016).

Essa diferença se verifica pelos índices de vulnerabilidade social compreendendo comparativamente as diferenças dos bairros, com relação a renda, índice de desemprego, Unidade de Desenvolvimento Humano (UDH), escolaridade, de longevidade e indicadores de habitação. A tabela na página seguinte, elaborada pelo autor, é a seleção de índices do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil de dados censitários do ano de 2010 e de realização do PNUD, Fundação João Pinheiro e IPEA.

Há mais composições administrativas devido às grandes diferenças existentes nos bairros, desde a existência de vilas com vulnerabilidades sociais mais acentuadas, bairros de classe média que estão em índice semelhante à cidade, bem como há segmentos mais próximos aos bairros mais nobres da cidade que detém os maiores índices de desenvolvimento humano em Porto Alegre, e seguramente na área que abrange o 4º Distrito.

Bairros 4º Distrito por Unidade do Atlas do Desenvolvimento no Brasil	Renda per capita	Índice de Desemprego (taxa de desocupação 18 anos ou mais)	Unidade de Desenvolvimento Humano	Escolaridade (% de 18 a 20 anos com médio completo)	Esperança de vida ao nascer	Indicadores de Habitação (% da população em domicílios com banheiro e água encanada)
Humaitá - Vila Santo André / Adubos Trevo	R\$385,91	7,84%	0,593	10,89%	70,75	86,11%
Humaitá - Vila Dona Teodora / Ferroviários	R\$489,26	5,01%	0,646	24,39%	71,39	95,43%
Humaitá : Jardim Tulipa	R\$2.371,03	5,82%	0,887	75,03%	80,09	94,65%
Humaitá: Parque Mascarenhas	R\$1.595,35	5,80%	0,862	63,36%	79,7	99,84%
Navagantes : DC Navegantes / Casa de Passagem	R\$400,10	6,74%	0,619	17,40%	70,91	93,63%
Navegantes	R\$1.220,08	6,37%	0,808	54,60%	78,64	97,76%
Farrapos : Vila Liberdade e Tio Zeca	R\$414,60	7,60%	0,61	15,49%	71,04	94,64%
Farrapos : Famello	R\$1.515,14	7,36%	0,846	56,31%	79,58	98,79%
Farrapos : SESI / Igreja Santíssima Trindade	R\$818,43	4,57%	0,736	34,23%	76,14	98,84%
São João : Vila Dique I	R\$385,91	7,84%	0,593	10,89%	70,75	86,11%
São João : Sogípa	R\$3.371,41	3,24%	0,925	76,39%	80,74	98,68%
São João	R\$828,63	1,54%	0,738	40,35%	77,27	99,74%
São Geraldo/Bonsucesso /Morada do Vale Gravataí	R\$732,19	6,30%	0,746	39,71%	75,73	98,05%
São Geraldo	R\$1.680,17	4,82%	0,851	63,32%	79,78	97,78%
Floresta : Loteamento Santa Terezinha / Vila Central	R\$385,91	7,84%	0,593	10,89%	70,75	86,11%
Floresta : Marques do Pombal	R\$3.417,25	3,48%	0,927	78,16%	80,84	99,48%
Floresta (Bairro)	R\$2.152,15	4,63%	0,878	69,54%	79,95	98,85%
Cidade de Porto Alegre	R\$1.758,27	5,12%	0,805	48,18%	76,42	97,39%

Tabela 2: Índices de desenvolvimento humano no 4º Distrito, ano 2010.

Fonte: Atlas do Desenvolvimento no Brasil, elaborado pelo autor.

Conforme índices do Observapoa, a região Humaitá/Navegantes (parte destacada pelos bairros do entorno) tem a taxa de analfabetismo de 2,56% e o rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de 3,22 salários mínimos (PMPA e IBGE, 2010). Tal índice é bastante baixo se compararmos com o restante de Porto Alegre que no mesmo período esteve em uma taxa de 5,29 salários mínimos (PMPA e IBGE, 2010), mesmo que tenha piorado 46,73% desde 2000. Além disso, em todos os bairros encontram-se vilas que evidenciam as vulnerabilidades e riscos da área cada qual com suas particularidades, quais sejam, Vila Central no antigo bairro Marcílio Dias; Vila João Inácio no bairro Navegantes; Vila dos Ferrovários, Vila Santo Antônio, Vila A.J. Renner (núcleo Avenida n 2705), Vila Santo André, Núcleo Adubos Trevo e Vila Dona Teodora no bairro Humaitá; Vila Operária (também conhecida como Vila Pirulito e Vila A.J. Renner), Vila Nossa Senhora Aparecida, Vila Nossa Senhora da Paz, Vila Tio Zeca, Vila Areia, Vila April do Sul (também conhecida como Beco da Xexeca), Vila IAP, Vila Esperança (também conhecida como V. Boa Esperança, Vila Sem Sossego, Vila Nenê), Vila A.J. Renner (ocupação Avenida n 1950), Vila Liberdade, Vila Humaitá III e Vila Saco do Cabral no bairro Farrapos e Vila Dique I no Bairro São João, conforme mapa abaixo selecionado dos índices de vulnerabilidade da cidade de Porto Alegre. O bairro Floresta também detém uma área com uma vila, a chamada Vila Santa Terezinha, todas destacadas abaixo cujos índices de desenvolvimento humano estão elencados na tabela acima.

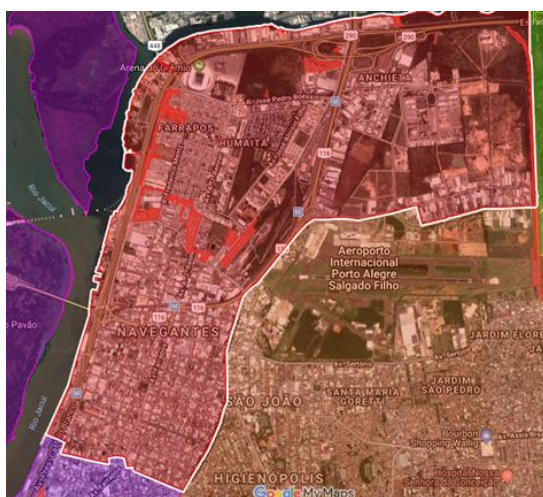


Figura 4: Vilas no 4º Distrito
Fonte: Orçamento Participativo - ObservaPoa

- I – a gestão democrática, participativa e descentralizada;
- II – a promoção da qualidade de vida e do ambiente, reduzindo as desigualdades e a exclusão social;
- III – a integração das ações públicas e privadas através de programas e projetos de atuação;
- IV – o enriquecimento cultural da cidade pela diversificação, atratividade e competitividade;
- V – o fortalecimento do papel do Poder Público na promoção de estratégias de financiamento que possibilitem o cumprimento dos planos, programas e projetos em condições de máxima eficiência;
- VI – a articulação das estratégias de desenvolvimento da cidade no contexto regional metropolitano de Porto Alegre;
- VII – o fortalecimento da regulação pública sobre o solo urbano mediante a utilização de instrumentos redistributivos da renda urbana e da terra e controle sobre o uso e ocupação do espaço da cidade;
- VIII – a integração horizontal entre os órgãos e Conselhos Municipais, promovendo a atuação coordenada no desenvolvimento e aplicação das estratégias e metas do Plano, programas e projetos. (PDDUA, 1999, p 16)

Dentre as discussões estabelecidas para o remodelamento da cidade, diversos atores participaram com avaliações críticas também no que se refere ao encaminhamento de iniciativas dos “Projetos Especiais de Realização Necessárias”, cada qual com seus requisitos, pressões com diferentes interesses e viabilidades. A área do 4º Distrito teve diversos projetos em sua história, o “Porto Alegre Tecnópole”, por exemplo, em 1995 tinha como estratégia de reconversão econômica a atração de empresas de pesquisas e desenvolvimento para trabalhar em parceria com as universidades da região (UFRGS, PUCRS, Unisinos, IPA); o “Projeto Integrado de Entrada da Cidade” de 2000 tinha diversos objetivos como habitação, desenvolvimento comunitário e educação sanitária e ambiental, geração de trabalho e renda, infraestrutura viária e valorização paisagística, financiado pelo Fundo Financeiro para o Desenvolvimento da Bacia do Prata (Fonplata) e o programa Habitar Brasil BID. Ele tinha como planos as carências do bairro para as demandas urbanas emanadas por diferentes estratos sociais. Havia projetos tais como a instalação de uma cooperativa de produção e serviços, intervenções na infraestrutura de saneamento, garantir a recuperação de 25 praças, arborização e do Parque Mascarenhas de Moraes, obras viárias em 10 avenidas, a interligação do bairro com a Freeway e a 3ª Perimetral, a construção do Viaduto Leonel Brizola sobre a avenida Farrapos e a recuperação do sistema de drenagem e proteção contra as cheias.

As mais recentemente mudanças foi na forma de construir a sua imagem à competitividade global, o qual fez Porto Alegre entrar no escopo da internacionalização da cidade com um diferente viés, relacionado a investimentos para abrigar a Copa do Mundo da FIFA 2014. A preocupação com a estética da entrada da cidade devido a envergadura do evento global levou a legitimidade para a reversão do abandono com fins

turísticos e o acesso à rodoviária e ao aeroporto nas extremidades do 4º Distrito (CONTASSOT, 2017). Desta forma, na região abarcaram-se diversas obras em caráter urgente como o prolongamento da Rua Voluntários da Pátria, a duplicação da Rua Dona Teodora, a Construção da BR-448 e a construção da Arena do Grêmio, que tiveram grande impacto urbanístico na área sem contrapartida para a população deslocada na região e com defasagens na construção do projeto. Além disso, ainda há a recuperação de acessos com a orla pelos eixos Cairú, São Pedro e Cânciao Gomes e a Nova Ponte do Guaíba que estão em construção. Como projetos mais recentes em discussão para a área pela criação de um grupo de trabalho sobre o 4º distrito estão o projeto de revitalização urbanística de 2013 como o Porto do Futuro, os aportes de benefícios fiscais para empresas de inovação e de economia criativa em 2015 e finalmente os projetos Masterplan e Porto Alegre Resiliente em 2016 que levam a maiores debates da atração de investimentos, financeirização, parcerias público-privadas e a reurbanização adequada para a população que vive na área.

Mais especificamente, desde 2012 iniciativas da sociedade civil e do poder público articulam caminhos de construção de um polo de economia criativa de fundamental presença no trabalho relacionado à inovação e a tecnologia em rede atrelada à cultura cujas transformações da estratégia são de diferentes ações e discussão. Exemplo dessa articulação é o Pacto Alegre, onde se discute e se faz parcerias com diversos profissionais de diferentes áreas da economia criativa, com aporte patrocinado por órgãos da prefeitura e universidades (UFRGS, PUCRS e UNISINOS) assim como a Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (FIERGS), para desenvolver uma aliança para renovação das bases produtivas da cidade e criar um novo *branding* a fim de atrair maiores investidores e transformar o espaço em uma aglomeração para novas empresas da área de tecnologia e inovação, baseando-se em casos e visitas a outras cidades, como Buenos Aires. Como existem diversos modelos e valorações relacionadas à economia criativa, existem adaptações econômicas e sociais ligadas às potencialidades da região, onde se tenta estruturar um planejamento integrado com a comunidade nos diferentes níveis jurisdicionais a fim de obter efetividade nas ações com os atores sociais envolvidos.

4.1.2 Características históricas territoriais do Bairro Floresta

Cada bairro do 4º Distrito tem territorialidades distintas e diante de particularidades do histórico de moradia, de sua localização, infraestrutura, concentração de renda e diversidade de serviços, o bairro Floresta tem contado com uma relação direta

a esses novos paradigmas urbanos. A sua área se constitui pelo processo da industrialização e urbanização devido a instalação de grandes indústrias, com seus operários em uma interação comunitária mais antiga e reiterada por atividades de lazer desde 1975, como festividades organizadas pela Associação Amigos da Cristóvão Colombo. Atualmente, mantendo características residenciais, o bairro conta com grande variedade comercial onde, inclusive, a Fábrica da Brahma cedeu espaço ao Shopping Total, preservando ainda características do prédio original (FRANCO, 1992), devido ao tombamento.



Figura 6: Shopping Total, antiga cervejaria Brahma
Fonte: Janina Stasiak, 2015

Em realidade, com a volta das discussões sobre a área do 4º Distrito é que o Floresta foi incorporado pela primeira vez como bairro pertencente à zona, já que historicamente e no orçamento participativo, ele não pertencia a essa região –devido a características mais próximas às áreas centrais. Conforme a última mudança no traçado dos bairros da lei 12.112/16, o bairro Floresta mudou a sua delimitação geográfica em uma nova configuração vinculado as demandas que o projeto Masterplan e as fronteiras urbanas reconhecem, anexando ruas que banham o Guaíba ao extinguir o bairro Marcílio Dias e sendo excluído das ruas acima da Avenida Cristóvão Colombo de moradores que se beneficiaram no valor imobiliário perceptível, sendo agora pertencentes ao bairro Moinhos de Vento. Abaixo podemos ver o traçado anterior (em vermelho) e atual (traçado em azul) do bairro.

Os dados socioeconômicos relacionados ao bairro baseados nos índices de 2000 e 2010 da PNUD e analisados pela Fundação de Economia e Estatística do Estado do Rio Grande do Sul demonstram que o bairro é considerado por ter um bom índice social, urbanização avançada e sua população está bem atendida pela infraestrutura. Quando comparado com os bairros banhados pelo Guaíba, o Floresta tem um desempenho superior a maioria que ainda possui diversas precariedades e vulnerabilidades sociais principalmente ao analisar as condições de habitação dos moradores do bairro. Entretanto, existem realidades distintas no bairro que estão divididas em três pelo Atlas do Desenvolvimento no Brasil (2010), demonstrando que o Floresta, em seu maior escopo tem uma renda per capita de R\$ 2512,15; Escolaridade de pessoas entre 18 e 20 anos com ensino médio de 69,54% e IDH de 0,878. Pelos mesmos critérios, a antiga região que agora está anexada ao bairro Moinhos de Vento possui uma renda superior de R\$ 3417,25; escolaridade de 78,16% e IDH de 0,927, enquanto à poucas quadras de distância, na Vila Santa Terezinha, a renda per capita abaixa ao nível de R\$ 385,91; escolaridade de 10,89% e IDH de 0,593 (PNUD e IPEA, 2010); ou seja, a desigualdade social na área é bastante latente e se divide pelos muros urbanos e privados nas diferentes classes sociais. Isso fica evidenciado em uma das falas do empreendedor criativo, aglomerados principalmente entre a Rua Voluntários da Pátria e Av. Cristóvão Colombo e que se percebem nessa confluência de camadas sociais:

Percebemos nosso lugar dentro do 4º Distrito, entre um bairro nobre e próximo a Vila Santa Teresinha, e da Voluntários, da Farrapos. Nós estamos plantados no meio dessas duas realidades e a gente não quer um ao outro para escolher nosso público. A gente tenta ser esse ponto de confluência, de reconhecimento, de integração, visão de possibilidades, um pouco de quebra desses parâmetros sociais estabelecidos. Acho que esse é o nosso grande desafio desde o início. (Entrevistado J)

Em sua maior parte, ao contrário dos bairros populares e operários do resto do 4º distrito, o bairro Floresta representava camadas sociais intermediárias, alimentadas pela carga afetiva entre os imigrantes alemães e suas propriedades residenciais e de pequenos comércios. A ideia de indivíduo pacífico, honesto, com capacidade de progredir pelo trabalho árduo reforçava a verbalização do bairro de que ali morava uma “boa classe média” (CONSTANTINO, 1998). A referência da rua Cristóvão Colombo ou antiga rua do Floresta era pela incidência de diversos sobrados, cerca de 5% dos imóveis, que eram propriedade de poucas famílias de imigrantes - em sua maioria alemães, tais como Wendesh, Becker, Bopp, Brockmann, Raupp, Mayer e Miraglia.

O Floresta possui diversos prédios antigos de alguns arquitetos renomados, em sua maioria das décadas de 1950, 1960 e 1970. Alguns locais no bairro são tombados, mas devido a essa mudança no território do bairro, nem a antiga fábrica da Brahma, nem as casas da Rua Félix da Cunha permaneceram no perímetro do Floresta. As únicas que ainda permanece são o antigo prédio à Rua Comendador Coruja (figura 6), representante das casas das vilas operárias, construídas pelos funcionários nos arredores das antigas fábricas e projetado pelo arquiteto teuto-brasileiro Theo Wiederspahn e o “Palacinho” (Palácio do Vice-Governador), construído pelo engenheiro italiano Armando Boni e tombado em 1996 pelo IPHAE (figura 7). Além do mais, conforme lista de bens tombados e inventariados de Porto Alegre de 2013 (antes da mudança do território), possuíam 1085 locais listados, dentre eles estão em estruturação e em compatibilização, ou seja, àqueles que estão ao lado e que compõem a forma arquitetônica.



Figura 8: Prédio à Rua Comendador Coruja
Fonte: Urbsnova



Figura 9: Palacinho
Fonte: Gaucha ZH, 2013.

Atualmente o bairro tem valor comercial (hotéis, supermercados, lojas, shopping), residencial, escolar, com algumas fábricas e está ampliado em ruas que possuem diferentes funções e ocupações, datadas de um período de grande industrialização. Algumas igrejas católicas e protestantes foram erguidas, que contrastam com as diferentes ruas do bairro, como a Avenida Farrapos, onde se localizam diversas boates e alto índice de prostituição na rua. Além do mais, a ocupação 20 de novembro, na Rua Dr Barros Cassol, também contrasta com as moradias e as estruturas mais valorosas ao subir às inclinações das ruas nas proximidades do bairro Moinhos de Vento. Ademais, no bairro está localizada a Secretaria de Segurança Pública e encontra-se em construção o Centro Regional de Excelência em Perícias Criminais do Sul, ao lado da Rodoviária. O mapa

abaixo demonstra a diversidade e quantidade de serviços de consumo (traço em laranja), convívio (escolas, abrigos, espaços de cultura, marcação em laranja, azul e verde), locais socioassistenciais (sobretudo representados pelos CRAS – guarda-chuvas no mapa), bem como espaços sociais memoráveis e de habitação social (pensões, edifícios desocupados e de interesse social – pontos em azul, amarelo, verde, laranja e vermelho no mapa).

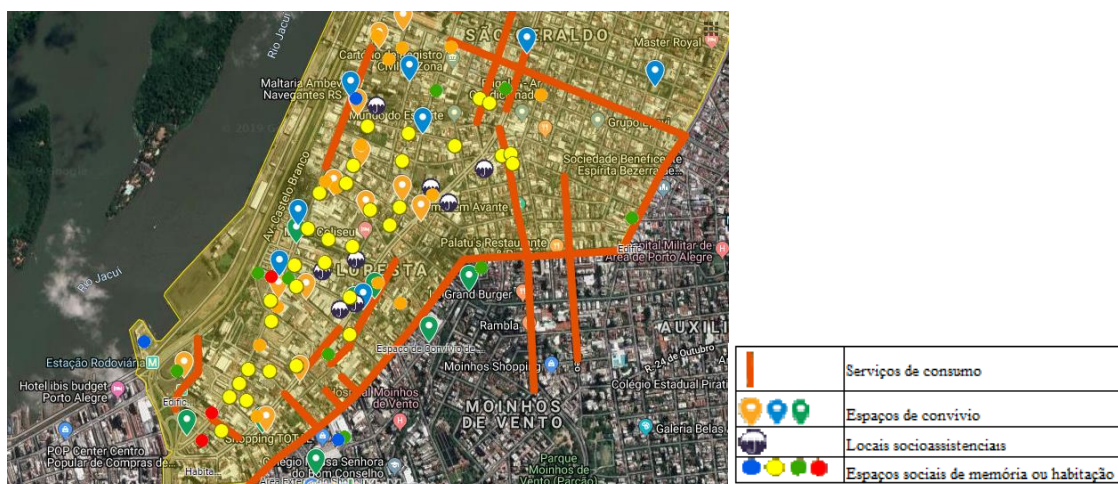


Figura 10: Serviços no Bairro Floresta
Fonte: 3º Ciclo Social Workshop 4º Distrito – mapa colaborativo, 2016

4.1.3 Atores sociais do Bairro Floresta

Com a saída das indústrias da região a partir da década de 1950, ocorre a marginalização social e a falta de qualidade do espaço público. A comunidade que organizava esportes, festas e confraternizações no principal marco do bairro - a Praça Florida - desaparece com o descaso do poder público. Atualmente a praça pouco diz da efervescente vida que em anos anteriores era encontrada no local. Entretanto, a Escola Municipal de Educação Infantil Meu Amiguinho, as feiras de vegetais e brechós organizados pelo Grupo de Apoio à Revitalização do Bairro Floresta, o Refloresta, promovem diversas ações com o intuito de trazer engajamento, uma vez presentes, no local.



Figura 11: Localização da Praça Florida
Fonte: Urbsnova, 2013.



Figura 12: Entrada da Praça Florida
Fonte: Acervo do autor, 2018

A questão do lixo no bairro é uma pauta de reivindicação entre os moradores, sobretudo, do principal representante do território onde a classe média se localiza – o Refloresta. Em uma entrevista, um deles afirma: “como a gente fica entre o Moinhos e a Vila dos Papeleiros, a gente encontra a rua às vezes com colchão, duas almofadas, uma cadeira, as pedras soltas na esquina, lixo, preservativos, mato tomando a rua”. Este mesmo morador foi um dos idealizadores dos mutirões em ruas do bairro, que em alguns sábados se encontram com o fim de limpar, capinar, pintar e deixar a rua mais limpa. Em um dos mutirões, através de observação participante (fotos abaixo), o autor esteve presente na rua Comendador Azevedo onde aproximadamente quinze pessoas auxiliavam na limpeza e demonstravam a sua indignação por três principais demandas ao poder público: limpeza, segurança e alagamentos esporádicos que ocorrem nas ruas do bairro. A identificação com o local, apesar da conflitualidade atual, remete-se ao antigo lazer e sociabilidade atrelada a Praça Florida – ponto final da rua, junto com a Av Farrapos, - narrado por uma das moradoras que estava limpando o espaço público:

os moradores interagiam ali, mas infelizmente hoje está em desuso, devido ao descaso do poder público e que são ocupados para drogadição e prostituição. Ao deixar a rua mais limpa, o espaço fica mais agradável e os guris ficam mais seguros para jogar bola.



Figuras 13 e 14: Mutirão na Comendador Azevedo
Fonte: acervo do autor, 2018

Essa referência a Praça Florida que representa os laços sociais de uma época fica evidenciado em histórias dos moradores antigos, identidade desse bairro e de suas práticas espaciais de uma relação simbólica e subjetiva (BRUNET e OSTROM, 1995) de solidariedade pouco encontrada pela rápida fluidez no processo de desindustrialização que acarretaria uma anomia social (BIDOU-ZACHARIENSEN, 1996) de desarticulação e maior individualismo dos antigos habitantes locais. A população idosa, que rememora esse passado, foi citada algumas vezes pelos interlocutores como bastante representativa em números e nessa percepção demonstram dificuldades e aversões a mudanças. Entretanto, conforme senso da PNUD, IPEA e FJP de 2010, eles constituem 16,62% do total do bairro (sem a Vila Santa Terezinha – excluída da sociabilidade urbana desses moradores); enquanto no mesmo período Porto Alegre verifica-se um total aproximado de 10,47% dos moradores idosos, o que significa uma proporção levemente mais presente, novamente mais semelhante aos bairros do centro do que do resto da região do 4º Distrito. Ainda assim, como proprietários de casas antigas do bairro, leva a consequência, como citado pela agente criativa I de que as mudanças ocorrerão, já que “vai haver o desaparecimento dessa população, porque tem pessoas que estão na idade de 80 anos. E aí antes que gentrifique, serão outras pessoas que vão estar aqui”.

A Praça Florida como marco dessa antiga sociabilidade, portanto, ainda numa

referência de principal área de lazer do território, é um espaço bastante debatido pela sua importância, pelas ações promovidas pelas iniciativas locais e pelos projetos referenciados pelo poder público. Por referência a esse olhar, o entrevistado K afirma as relações que existem ali e que são verificadas pelo caminhar próximo à praça:

A revitalização seria de qualidade de vida, voltarem a morar no bairro, da Praça Florida. Inclusive essa última questão, [...] mas tem um problema de cunho social, a questão dos moradores de rua que entram para dentro e acabam inviabilizando. Tem o albergue da Comendador com a Farrapos e por não aceitarem as regras do horário acabam dormindo no entorno da praça então eles habitaram a praça de tal maneira que se tornou inviável [ações] exceto nos dias de feira que daí todo o entorno da praça é habitado pelos caminhões e pelas tendas. No início demos prosseguimento dessas ações, mas o pessoal entrava para dentro, acabam fazendo atos de vandalismo dos próprios moradores da praça. A gente tinha a questão da iluminação dos refletores que foram roubados pelo pessoal da Vila dos Papeleiros.

Esse relato demonstra a percepção conflituosa de diversos atores sociais que circulam na praça, mesmo que não ocupem aquele espaço permanentemente. Além dos moradores de rua como atores itinerantes, as pessoas que habitam a Vila Santa Terezinha, conhecida como Vila dos Papeleiros, são presença constante no caminho do bairro, pois vêm das imediações mais ricas da cidade, passam pela faixa onde se encontram a maior parte dos moradores para chegar às suas casas onde depositam o material – lixo seco – recolhido para revender aos centros de reciclagem. Chama a atenção a dualidade de olhares sobre os catadores quando relatados pelos empreendedores: alguns comentam que há uma interação harmônica devido ao trabalho que eles fazem de recolhimento de papel, ao mesmo tempo em que outros dizem que eles deixam cair alguns dos seus materiais ao passar pelas ruas, o que entupiria buracos e potencializaria os problemas de alagamentos. Em uma das entrevistas, o entrevistado K faz referência a vila com questões de insegurança do bairro: “[...] de algumas *bikes* que foram roubadas, pois temos a questão da Vila dos Papeleiros então é complicado. Mesmo tendo monitoramento 24 horas ainda é algo complicado de lidar”, já o entrevista M demonstra essa desconfiança relacionando a vila ao tráfico e ao crime, mesmo que de forma não generalista:

[..] a proposta era que o pessoal da Vila dos Papeleiros queimou, não tinham onde morar, construíram um condomínio só que veio também a questão do tráfico então uma parte de quem está ali dentro tem envolvimento com o pessoal das drogas e tem tráfico lá dentro. Por exemplo, para eu fazer essa matéria, eu tive que pedir autorização. Eu não entrei lá dentro para fazer uma matéria, eu tive que passar por alguém para entrar fazer. Então as coisas têm que ser jogar conforme anda para não ter o risco de tomar um tiro então tu *tem* que tentar entender tudo que está acontecendo. As pessoas todas que estão naquela região ali sabem o que está acontecendo. Se tu *pega* uma estatística de assaltos e roubos na região, parte são presos do aberto então tem uma marginalização ao natural e a minha tentativa para fazer uma matéria sobre uma creche de uma escola que tem lá dentro é tentar humanizar: só um pouquinho, tem gente boa lá também, não é só violência,

criminalidade, de alguma forma eles conseguiram crescer, saindo de uma vila de papelão e hoje tem uma casa. Tem muita gente boa e conseguiu desenvolver, a partir de toda uma mobilização da região.

Essa questão “complicada de lidar” tem diferentes posturas conforme as aproximações e estranhamentos dessa classe profissional criativa recém-chegada com a Vila Santa Terezinha em um bairro cuja insegurança é pauta bastante presente entre os moradores, conforme relatos daqueles que estiveram presentes em reuniões do Coletivo Refloresta. A iniciativas de economia criativa (entrevistado J) adota uma relação, em suas palavras:

De transição na tentativa de romper essas barreiras e eles [moradores da vila Santa Terezinha] entenderem que no bairro deles tem um centro cultural, que eles frequentem e nós também, ou seja, que acontecem atividades lá que podemos frequentar quando somos convidados.

Os laços criados foram adotados por projetos de ações desde o final de 2016 de algumas oficinas de *graffiti*, oficina de dança afro que se juntou a banda de percussão da Vila Santa Terezinha e tocou no evento da cidade chamado Virada Sustentável em 2017. Além disso, esse mesmo projeto ajudou na construção de uma pista de skate no local junto com uma ação educativa de aulas para as crianças. Essa é uma forma, ainda que pontuais e em projetos, de relações que vão se criando pela cultura e por uma cadeia produtiva da cultura/economia criativa que tenta quebrar um pouco esse paradigma da marginalização tão presente na região de um local de vulnerabilidades sociais mais latentes, conforme tabela abaixo comparando com outras áreas limites do projeto 4º Distrito do Masterplan.

Lugar	IVS (2000)	IVS (2010)	Infraestrutura Urbana (2000)	Infraestrutura Urbana (2010)	IVS Capital Humano (2000)	IVS Capital Humano (2010)	IVS Renda e Trabalho (2000)	IVS Renda e Trabalho (2010)
Floresta (bairro)	0,254	0,223	0,314	0,316	0,265	0,224	0,182	0,129
Floresta: Loteamento Santa Terezinha/Vila Central	0,612	0,415	0,488	0,386	0,787	0,532	0,561	0,328
Floresta: Marques do Pombal	0,226	0,193	0,4	0,4	0,121	0,093	0,157	0,085
Navegantes (bairro)	0,296	0,21	0,251	0,251	0,366	0,205	0,271	0,174
Navegantes: DC Navegantes/Casa de	/	0,381	/	0,28	/	3,42	/	0,28
São Geraldo	0,183	0,096	0,019	0	0,307	0,143	0,224	0,146

Quadro 3: Índices de Vulnerabilidade Social

Fonte: Observapoa, 2016.

Essa percepção conflituosa de áreas tão próximas e com distinções sociais tão grandes, contém espaços com poucas pessoas circulando, quase vazios, de sucateamento e de lixos nas ruas, e avenidas que cortam essas camadas sociais para áreas mais preservadas e outras com aparente capital privado, mas que, sobretudo, convergem na questão da insegurança e no medo relatado pela classe profissional criativa para transitar

no bairro. Uma artista plástica, sobre os seus alunos, comenta, ao se referir a Voluntários da Pátria: “Existe um estranhamento como um pânico de um território de guerra em que eles não podem acessar porque não conhecem os códigos que daria segurança para eles transitarem ali e isso ficou muito evidente”.

Um ponto que demonstra a conflitualidade territorial na ocupação de ruas está relacionado a prostituição de travestis e mulheres cisgênero na Rua São Carlos. As trabalhadoras do sexo têm uma atuação histórica na região, principalmente na Avenida Farrapos, pela relação portuária e posteriormente da instalação de fábricas no local. As novas ações que são implantadas pelos moradores desde 2012, como brechós e feiras ao ar livre na Praça Florida ou pelas novas iniciativas que levam a maior circulação de pessoas no bairro, apesar de serem autênticas formas de engajamento e que fortalecem as relações de vizinhança, demarca uma fronteira pela inconveniência de horários e locais que uma determinada categoria de pessoas fica impossibilitada de fazer uso do seu trabalho.

A transferência das indústrias para outros locais, a falta de investimento público e a realização de obras viárias que impuseram fronteiras urbanas gerou um quadro de degradação do bairro, em contraponto ao saudosismo de uma socialização intensa entre os moradores com o Guaíba e nos eventos da Praça Florida e de um senso de pertencimento ao lugar. Além disso, associa-se a presença de pessoas marginalizadas do meio social, tais como as prostitutas, os papaleiros e os moradores de rua a essa degradação e, portanto, a um desconforto dos habitantes em lidar com essa classe. Essa relação dúbia com as prostitutas fica evidenciado na fala a seguir, que demonstra uma tratativa de tolerância, muito mais do que de aceitação:

A questão da prostituição tem o ônus e o bônus. Ter herdado essa herança cultural da Farrapos e zona de prostituição não se cria vagabundagem então o pessoal associa a prostituição com a periculosidade entretanto é o contrário. Aqui é muito seguro. É mais fácil ser assaltado na Cristóvão Colombo e imediações do que aqui. Mesmo assim tem as gurias que acabam fazendo sujeiras porque passam os ambulantes e elas comem. Já tentamos conversar mas é complicado porque é uma questão de educação, social e procuramos na maioria das vezes disponibilizar tempo para realizar a limpeza, em vez de esperar o DMLU, porque a limpeza às vezes demora. Fica feio e degrada (Entrevistado C).

Além da associação da limpeza das ruas com a prostituição, numa referência a higienização velada, o ônus trazido, apesar de não poder determinar de maneira geral, está relacionado a questão da insegurança no bairro, ponto muito presente na fala de todos os entrevistados, nas diversas demandas relatadas para policiamento na região, bem como nas narrativas das observações participantes. Essa sensação de medo, legitimado pela

violência urbana e pela confusão e mistura das cidades é reiterado por um grupo de *whatsapp* em que os moradores enviam mensagens notificando assaltos que ocorrem no bairro. Essa ação tem como principal relação à falta de contato e desconfiança daqueles que não pertencem a um grupo segregado da classe dos moradores da área, freia o movimento no bairro e aumenta a ideia da criação do que a David Harvey (2014) aponta de “fragmentos fortificados, de comunidades muradas e de espaços públicos mantidos sob vigilância constante” (HARVEY, 2014, p 48). Assim, a proteção neoliberal aos direitos de propriedade privada e seus valores torna-se uma forma hegemônica de política, mesmo para a classe média baixa.

Isso se verifica porque a maior parte dos casos de crime no bairro estão relacionados a roubos de veículos e assaltos, ou seja, de importância material e não atrelados a homicídios. Conforme tabela abaixo elaborada por REIS MARTINS (2018), baseada em dados do Observatório Estadual de Segurança Pública do Rio Grande do Sul, verifica-se essas estatísticas, tendo o bairro Floresta com o quarto maior índice de roubo de veículos e sexto de assaltos na cidade.

Proporção de roubos de veículos nos bairros de Porto Alegre 2016-2017				
Bairro	Bairro/POA (%) 2016	Bairro/POA (%) 2017	Bairro/POA (%) 2016-2017	Bairro/POA Acumulado (%) 2016-2017
Rubem Berta	8,76	9,05	8,91	8,91
Sarandi	5,2	5,28	5,24	14,15
Petrópolis	4,45	4,26	4,35	18,51
Floresta	2,99	3,13	3,06	21,57
Partenon	3,26	2,73	2,99	24,56
São João	2,84	2,81	2,83	27,38
Jardim Itú	2,55	2,72	2,63	30,02
Navegantes	2,6	2,35	2,47	32,49
Passo D'Areia	2,69	2,22	2,45	34,94
Vila Ipiranga	2,93	1,99	2,45	37,39
Rio Branco	2,3	2,06	2,18	39,57
Menino Deus	1,94	1,93	1,94	41,51
Ipanema	1,7	1,76	1,73	43,24
São Geraldo	1,33	1,97	1,65	44,89
Jardim Sabará	1,66	1,59	1,62	46,51
Tristeza	1,67	1,52	1,89	48,11
Cristo Redentor	1,64	1,48	1,56	49,66
Teresópolis	1,48	1,58	1,53	51,19

Quadros 4: Proporção de roubos de veículos nos bairros de Porto Alegre 2016-2017.

Fonte: Observatório Estadual de Segurança Pública do RS, 2018. Elaborado pelo autor.

Proporção dos roubos nos bairros de Porto Alegre 2016-2017				
Bairro	Bairro/POA (%) 2016	Bairro/POA (%) 2017	Bairro/POA (%) 2016-2017	Bairro/POA Acumulado (%) 2016-2017
Centro Histórico	13,47	13,07	13,27	12,27
Rubem Berta	4,64	5,44	5,04	18,31
Partenon	3,68	3,41	3,55	21,85
São João	3,4	2,76	3,08	24,94
Navegantes	3,25	2,45	2,85	27,79
Floresta	2,8	2,82	2,81	30,6
Sarandi	1,98	3,01	2,49	33,09
Rio Branco	2,68	2,23	2,45	35,54
Farroupilha	2,78	2,08	2,43	37,98
Cristal	2,66	2,06	2,36	40,34
Lomba do Pinheiro	2,11	2,17	2,14	42,48
Cidade Baixa	1,54	2,42	1,98	44,45
Praia de Belas	2,18	1,75	1,96	46,42
Restinga	1,86	1,97	1,92	48,34
Menino Deus	1,71	2,03	1,87	50,21

Quadro 5: Proporção de roubos nos bairros de Porto Alegre 2016-2017.

Fonte: Observatório Estadual de Segurança Pública do RS, 2018. Elaborado pelo autor.

Entre outras demandas recorrentes na área e característica por ter sido um bairro aterrado são os alagamentos constantes. São nessas demandas pontuais que se ligam ao resto da cidade que os interlocutores demonstram as suas vontades para mudanças:

A falta de segurança é uma das razões pelas quais há obstáculos para desenvolver a economia criativa, vários sofrem com alagamentos que não são resolvidos, que são problemas pontuais, o que leva a ser mais lento. Mesmo as questões das bicicletas. O fato de não ter ciclovias, leva a não ter as *bikes* do Itaú e a proximidade com a cidade. Já pensamos em se mobilizar pelo Distrito C. São coisas que provavelmente irão demorar muito tempo. Não vejo uma movimentação do setor público para melhoras (Entrevistado D).

O território onde se estrutura o bairro Floresta tem um vasto número de atores sociais e se encontra numa área de encontros nas passagens de imposições urbanísticas conforme as características econômicas de Porto Alegre vão se modificando no tempo. Atualmente, o processo de revalorização e reurbanização atrelado ao 4º Distrito incluem o bairro Floresta onde se estabelece um *locus* de novos sentidos políticos ao trazer diferentes perspectivas de reestruturação urbana vindas de iniciativas privadas e públicas. A refuncionalização econômica nessa territorialidade do 4º Distrito está relacionada a espaços das antigas fábricas, depósitos, ancoradouros e cortiços que estavam obsoletos e que foram percebidos como oportunidade de expansão (SMITH, 1986). O bairro Floresta, sobretudo, é visado pelos privilégios de sua localização, fácil acesso aos centros urbanos e infraestrutura regular cujos usos são transformados por esse novo paradigma de investimento econômico privado, ao da indústria criativa. A economia criativa é um dos polos em construção para geração de emprego de alta qualificação e sobretudo tem reconhecimento para uma cidade relacionada a uma política estratégica como forma de

competitividade de uma área desindustrializada para criar receitas econômicas a partir de singularidades locais.

Com um alinhamento às novas perspectivas de flexibilização do trabalho, criam-se nichos de profissionais criativos, inovadores e empreendedores com alta formação profissional para interação e compartilhamento de ideias de empreendimentos individuais, como as *startups*. A criação de valores simbólicos da economia criativa no bairro Floresta é demonstrada pelos diversos empreendimentos que se instalaram no local, as relações privadas que se organizaram, bem como os projetos públicos interligados à área na tentativa de colocá-los como alternativa econômica que revitalizará o espaço, no sentido, de novas ocupações de diferentes segmentos sociais.

Um dos principais articuladores dessa organização estratégica é o chamado Distrito C (Criativo) – concebido e organizado inicialmente em novembro de 2013 pela UrbsNova Porto Alegre, uma agência de design social, cujo trabalho é “propor formas inovadoras de organização às comunidades e que tenham impacto social” (URBSNOVA, 2013). A criação desse polo criativo, segundo os seus ideais, é um projeto de inovação social, um espaço de participação, experimentação, criação coletiva e inovação, desenvolvido em rede pelos próprios artistas e empreendedores. É um parque urbano aberto de uma marca privada que apropria o território para a visibilidade de um olhar de uma aglomeração de profissionais que se confunde e se espalha para além do delineamento do bairro pertencente a população.

O polo Distrito C compõe mais de 100 artistas e empreendedores como artistas plásticos, artesãos, poetas, músicos, atores, designers, fotógrafos, arquitetos, galerias de arte, lojas de antiguidades, brechós, jornais, editoras, agências de conteúdo, espaços multiculturais, cursos de artes, escolas, cinema, faculdades, gastronomia, turismo, esporte numa área de 100 ha e com extensão de 3 km, a maioria dentro do bairro Floresta. São alguns exemplos o centro de cultura e negócios do Vila Flores, a Casa Cultural Tony Petzhold, a Casa da Música, o CC100, o Espaço Ler, o esporo.cc, La Casa de Pandora, Marquise 51 e Studio Q. A seguir são demonstrados onde se localizam os respectivos empreendimentos (pontos em azul), locais à venda ligados a economia criativa (em amarelo), patrimônios histórico (pontos em vermelho), patrimônio ambiental (árvores verdes) e escolas (casas verdes) caracterizados pela agência UrbsNova pelos valores simbólicos à população.

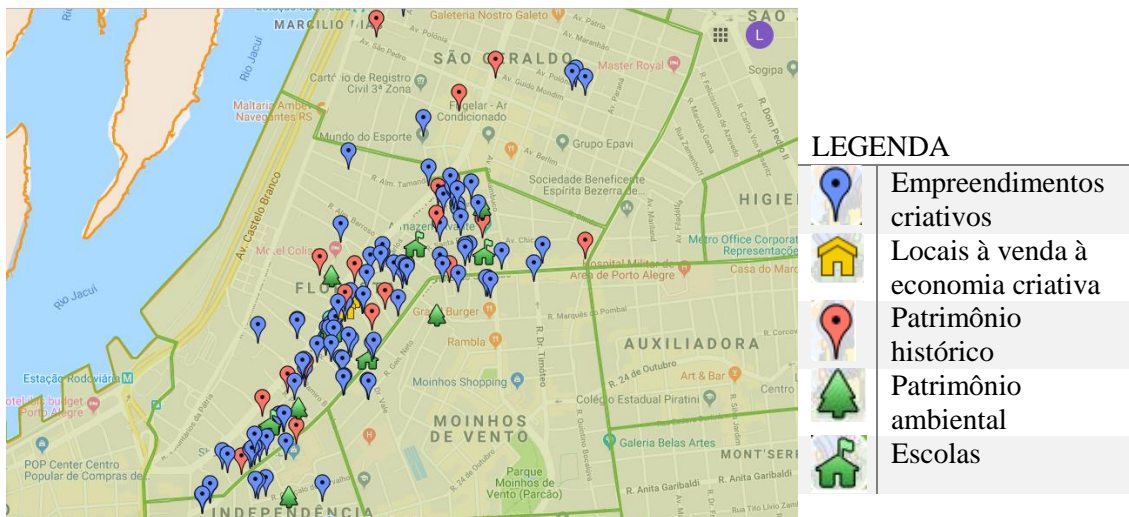


Figura 15: Ecossistema do Distrito Criativo
Fonte: UrbsNova-Porto Alegre, 2018

Além do Distrito C, o Hostel Boutique, a Bolsa de Artes, o CC100 e o Vila Flores tornam-se as principais iniciativas desse setor pelo seu envolvimento na transformação de um bairro “mais convidativo e socializador” com moradores apostando numa localização com melhorias sociais e fomentos aos seus negócios inovadores, ao perceber o potencial urbanístico e produtivo de uma região com valores históricos (LEWGOY, 2014). Além de dar valorização na pluralidade estética e histórica, esses empreendimentos, em especial o Vila Flores, consolidam um fenômeno de efervescência cultural e criativa que extrapola a esfera do consumo, atingindo a dimensão de espaço de sociabilidade e promovendo diálogo, articulação entre os moradores, cidadãos, a prefeitura, universidades e associações empresariais. A flexibilidade dos espaços que compõe o edifício do Vila Flores é uma representação da nova forma de conceber os espaços de trabalho, que exigem dinamismo e diálogo entre os diferentes residentes criativos. O número de empreendimentos do segmento vem crescendo a partir desses principais empreendimentos, que, pouco a pouco, vai inserindo novos olhares para a área entre as Avenidas Farrapos e Cristóvão Colombo, no coração do bairro Floresta (CONTASSOT, 2017).

O envolvimento desses empreendedores com o bairro articula-se por um nível multiescalar, em que se traz as ideias de economia criativa como forma de desenvolvimento e reestruturação da área legitimada por órgãos internacionais, como a UNCTAD e que se articulam com o nível local, como por exemplo, a elaboração em dezembro de 2014 de um plano municipal de economia criativa, feito a partir de reuniões com instituições que compõem o Comitê Municipal de Economia Criativa, o que

possibilitou a construção de uma rede de pessoas e entidades com diferentes interesses para o desenvolvimento urbano criativo (FLORES, 2014) que inclui soluções simples como ruas completas com pinturas das vias para maior interação social pela estética do espaço a projetos de construção em rede articulada de diversas atividades econômicas para maior atração do capital.

Nesse comitê é que se percebe a relação direta de diversas entidades para o ímpeto na elaboração de reestruturação da área com uma visão norteadora de desenvolvimento que se aproxima a uma nova perspectiva de valor de uso e de troca e que gera uma rede de relações entre os agentes, cujos comportamentos, interesses e ações modificam o espaço social. Os diferentes processos de apropriação estética e ética da economia criativa no território se dá também para outras bases de atuação dessa economia em larga escala. Além do mais, essa relação mais flexível do Estado se relacionando a multidimensionalidade do poder para reestruturar o território (RAFFESTIN, 1993) alavanca essa potencialidade econômica local de uma atuação do mercado global inserido nessa conjuntura de um fluxo que predomina sobre a história dos lugares que alteram as representações espaciais.

Dessa forma, segundo os próprios empreendedores criativos quando perguntados sobre as potencialidades da economia criativa no local e qual a compreensão que eles tinham do conceito, nota-se a diversidade de termos que aparecem para classificá-lo. Ainda assim, seu escopo é ampliado numa construção pela rede aglomerada de diversos tipos de empreendimentos, e que se juntam devido a visibilidade, reconhecimento, na tentativa de aumentar o público diferenciado aos seus negócios, recebimento de benefícios fiscais, engajamento na contribuição para a arte, bem como na questão de embelezamento urbano, relacionamento com a vizinhança, com fomento de pequenos empreendimentos provindos de fora do bairro, que trazem ideias artesanais de suas trajetórias históricas.

Assim como aponta Harvey (2014), a classe criativa é contrária a homogeneidade que acompanha a pura mercantilização, a centralização e o oligopólio e por isso tende a afirmar a sua tentativa de atração pelas afirmações de singularidade e autenticidade como reivindicações distintas e irreproduzíveis do local. Ainda assim, a financeirização da cidade para se inserir no fluxo informacional leva a perda da proteção local ao passo que esse capital simbólico que se constrói no território torna-se uma fachada potencial ao empreendedorismo urbano. Mesmo que pareça antagônico, essa dialética espaço-lugar da natureza local e global está estabelecida na coalizão de interesses entre o poder público,

sociedade civil e privados pelos projetos de se consolidar uma indústria rentável de atração de capital imaterial, elevar a renda da terra construído a partir da marca da cidade em se transformar em um grande negócio com diferencial estético, de memória, histórico e de tradição. E dessa forma que os próprios detentores desse capital cultural que constroem o território do Floresta percebem a dubiedade de sua atuação como pioneiros no território:

Vejo que isso é uma coisa cada vez mais construída, já que é muito mais fácil sermos incorporados pelo discurso de gentrificadores se formos somente economia criativa. E aí é que está a possível fraqueza e grandeza desse tipo de projeto numa região. A possível fraqueza está na ideia de sermos criativos, artistas e trazermos projetos legais para a região que qualquer um compra esse discurso muito fácil para qualquer um querer investir aqui. Enquanto que o discurso de real potência (que na verdade é uma prática), ou seja, de sermos uma comunidade de pessoas que moram em um bairro, que trabalha aqui, tem seus empreendimentos, posicionamos dessa forma, queremos esse tipo de economia, querendo beneficiar a todos: o cara do mercadinho, da sapataria, o estofador, os moradores, os frequentadores da praça, os que cruzam a Farrapos. Esta é a potência real da economia criativa e como que os criativos conseguem traduzir um conceito de cidade criativa para todos. É um trabalho difícil. E esta é a potência estratégica da arte relacional, da arte colaborativa, da estética do convívio, do pertencimento, da participação que entra de uma forma muito importante e relevante: tanto um *grafitti* na parede quanto um café da manhã com os moradores para pensarmos o que queremos na praça. Esse é o tipo de arte que eu acho que permite uma verdadeira resistência no sentido de pensar a cidade que queremos, como integramos toda essa diversidade social que existe no 4º Distrito (Entrevistado J).

Para que a iniciativa sociocultural esteja inserida na economia criativa, existe um processo de valoração simbólica dos atos criativos no desenvolvimento de renda da iniciativa sociocultural. Para isso, é necessário que haja adaptação ao campo em construção pela polissemia do conceito, bem como o reconhecimento dos atores hegemônicos que ali pertencem. Essa relação de campo está atrelada a lógica do processo de autonomização, estrutura, posições e funcionamento desse mercado de bens simbólicos, trabalhado por Bourdieu ao compreender o campo das artes (2009). A legitimidade é construída por projetos de ações públicas, eventos privados locais e auxílio das mídias trazidos sob a perspectiva de uma nova visibilidade para legitimar essa potencialidade estratégica da economia criativa ainda em construção para a área.

Ao estabelecer uma abordagem mais ampla e de diferentes perspectivas político-econômicas que está atrelado ao conceito de economia criativa, o processo de identificação com seus valores já explicitados (relação trabalho flexível, indústria criativa diversificada, inovação e espetacularização) se dá ao aliar-se em redes. A iniciativa de construir o Distrito C em um território específico da cidade de Porto Alegre é um exemplo do dinamismo e da lógica da construção desse campo ao verificar as relações existentes

entre os agentes da economia criativa pertencentes ao grupo, a parceria dada no âmbito municipal que auxilia na estratégia do 4º distrito de renovação urbana através do crescimento econômico da área pelo profissionais ali instalados, bem como de uma relação global com outros territórios que desenvolveram uma estratégia semelhante.

4.2 Projeto de cidade criativa de Porto Alegre: interesse pelo Floresta na mercadorização da cultura territorial

Com o objetivo de compreender a relação global-local que o projeto de reestruturação urbana do 4º distrito de Porto Alegre se insere, a dissertação enfoca em uma análise do interesse de legitimação e identificação da área pelas características já descritas e, sobretudo reconhecendo a potencialidade econômica do espaço. Para tanto, o bairro Floresta foi projetado na mídia local como exemplo dessa área, mesmo ela compreendendo um escopo e uma diversidade social muito maior. Os projetos e os interesses se relacionam por órgãos institucionais municipais, federais, com financiamento internacional bem como se envolve em redes empresariais e de representações de aglomerações dos agentes de economia criativa que elaboram uma construção de uma nova territorialidade para empreender.

Apesar de algumas demandas locais de moradores, movimentos sociais e de outras iniciativas trazerem uma perspectiva que toma o direito à cidade como a principal referência para buscar bem-estar no espaço, o planejamento estratégico que se coloca cria pelo *marketing* urbano consensos hegemônicos de mercadorização do território (ARANTES, MARICATO e VAINER, 2000), utilizando-se, sobretudo das novas inserções da economia criativa como forma de legitimação pela cultura para construir parcerias público-privadas. O conflito na área está se formando num conjunto de relações complexas entre criações de laços simbólicos e segregações materiais.

Apesar de não ter havido referência especificamente à ‘Cidade Criativa’ no último projeto de revitalização construído para a área esta foi a escolha do autor para demonstrar as influências globais e intuições na reestruturação urbana, já que o conceito compreende tanto as inferências de potencialidade da economia criativa como discurso, bem como abrange os diversos interesses simbólicos e materiais de um novo empreendedorismo urbano. Além do mais, esses planos consistem em uma construção ideológica de um pensamento único global para uma determinada urbanização que se obtém por consensos não-democráticos, ou seja, de pouco ou nenhum diálogo com a sociedade, para o planejamento da cidade e reconstrução do espaço (MARICATO e ARANTES, 2000).

4.2.1 Plano de Economia Criativa de Porto Alegre

No bairro Floresta, o projeto de refuncionalização da área foi se desenvolvendo pela legitimação midiática e o reconhecimento do potencial econômico de uma área considerada “ociosa e degradada”. Além do mais, as influências do empreendedorismo urbano atrelado a economia criativa e a articulação em rede perenes e maleáveis se deu por uma série de ações que levam ao envolvimento dos atores sociais da área e os interessados no seu valor de mercado relacionado as consequentes notícias sobre esse processo, numa interação que se retroalimenta. Para tanto os fluxos de informações construía uma reflexividade *glocal* (SWYNGEDOUW, 2004), ou seja, o território se adapta a uma dinâmica ordenada para uma estratégia de embelezamento sustentados por um projeto com diversos atrativos culturais, e que por meio de ações de políticas para competitividade global (em ações paradiplomáticas) movimentam a cidade para a atração de investimentos com essa imagem criativa.

Esse reconhecimento parte do plano de economia criativa de Porto Alegre formulado em 2014 por um Comitê público-privado e que teve como objetivo o fomento público de desenvolvimento desse potencial para a cidade. Ele abrangia a participação da sociedade, portanto, num discurso político de plano inclusivo. A ideia é uma tríplice hélice entre a sociedade, governo e entidades de ensino num esforço colaborativo para potencializar o discurso do empreendedorismo urbano de inovações e redefinições dos papéis dos atores desta nova economia para o desenvolvimento da cidade. No plano está especificado a composição do comitê e o papel de cada entidade, quais sejam,

as do governo como articulação de políticas públicas para estimular capacidades criativas que otimizem a relação entre criação, gestão e empreendedorismo; da sociedade civil como facilitador de alianças estratégicas e networking entre as partes interessadas e dos profissionais criativos a conhecer as práticas de gestão de empreendimentos criativos e reforçar habilidades vocacionais e conhecimentos de direitos (PLANO DE ECONOMIA CRIATIVA DE PORTO ALEGRE, p 9, 2013).

O comitê é um importante construtor de debates sobre o tema em eventos públicos. Criado em 2013, ele é formado por diversas entidades da sociedade civil com o fim de reunir todas as representatividades do setor da economia criativa de Porto Alegre e, a partir de uma dinâmica, estabelecer prioridades e identificar oportunidades para esse segmento, além de promover palestras e debates sobre a economia criativa e suas formas de negócio (PREFEITURA DE PORTO ALEGRE, 2016). Desde que a nova gestão da

prefeitura entrou em vigor em 2017, este comitê se encontra parado, por isso, a pesquisa não teve acesso às reuniões do grupo.

O conceito trazido no plano é baseado em discursos internacionais do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) e da UNCTAD (Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento) e suas ações são norteadas a seguir pelo programa transversal do estado, o RS Mais Criativo, num processo de tradução e adaptabilidade institucional. Além disso, ela é reiterada pelo processo estratégico desenvolvido pela Secretaria de Economia Criativa do governo federal que estabeleceu a sua própria conceituação, dando importância a

diversidade cultural do país, a percepção da sustentabilidade como fator de desenvolvimento local e regional, a inovação como vetor de desenvolvimento da cultura e das expressões de vanguarda e, por último, a inclusão produtiva como base de uma economia cooperativa e solidária (PLANO DE ECONOMIA CRIATIVA DE PORTO ALEGRE, p 18, 2013).

A importância da economia criativa na cidade quanto a sua produção estratégica de bens e serviços criativos é revelada no plano em bases de indicadores das cidades segundo o IBGE. E é assim corroborado desde que a mídia local configurou Porto Alegre como a segunda cidade mais criativa do Brasil, segundo dados da Federação do Comércio de Bens, Serviços de São Paulo (Fecomércio-SP), em relatos entusiasmados com a economia criativa (ZEROHORA, 2012), primeiramente apontados pela transformação de pequena produção em artigos de luxo, muito voltado a um público da cidade com maior renda. Essas atividades relacionavam as profissões criativas em estudos elaborados pela FIRJAN sobre a Cadeia da Indústria Criativa do Brasil e o desenvolvimento da cidade em movimentar empregos e gerar riquezas nessa área.

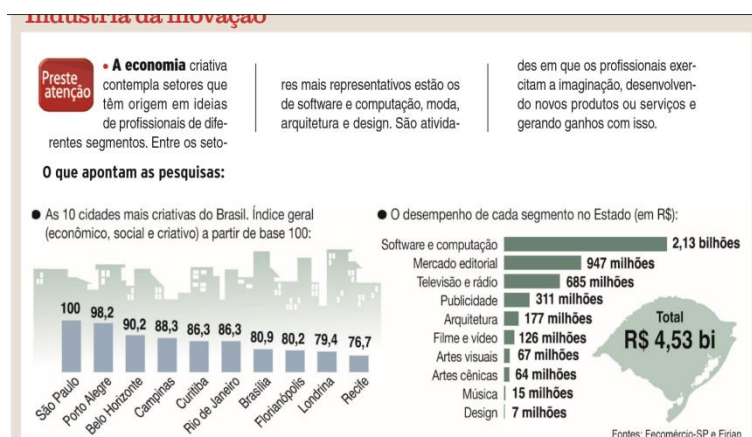


Figura 16: Indústria de inovação
Fonte: Fecomércio-SP e FIRJAN, 2012.

Em 2009 foi a primeira vez que a cidade começou a debater o conceito de cidade criativa por um Seminário Internacional que destinava a construir uma agenda de políticas

para inserir Porto Alegre no mapa mundial de cidades promovido pela UNESCO, Prefeitura e Santander Cultural. O encontro contou com palestras setoriais de diferentes áreas da economia criativa, tais como audiovisual, artes visuais e design urbano. A troca de experiências internacionais e de expertises locais foi o foco das palestras, sobretudo do então coordenador do setor de comunicações e Informação da UNESCO no Brasil, Guilherme Canela, para ter uma capacidade de transformar o espaço com base nas alianças entre “singularidades culturais e vocações econômicas” (UNESCO, 2009).

A crítica da UNESCO quanto ao uso indiscriminado de recursos naturais e de tecnologias poluentes, além de uma proliferação de cultura de consumo que oprime a diversidade e impossibilita o desenvolvimento endógeno revela um olhar de inclusão social na construção urbana. Mesmo que esteja inserido na perspectiva da sustentabilidade, o seu discurso é revelador nas tendências a se criar a ideia de “talento criativo” à uma cidade com o fim de obter vantagens comparativas (O’CONNOR, 2015). Essa foi a mesma base atrelada a Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais da Unesco pela qual o plano de economia criativa da cidade se baseou, constituindo-se na valorização da originalidade para potencialidade de crescimento que cria capital simbólico coletivo, marca de distinção para a cidade e rendas de monopólio, mercantilizando esses diferenciais locais.

Foi nesse mesmo embasamento que a Secretaria de Economia Criativa atrelada ao Ministério da Cultura determinou pontos de seu plano entre 2011 e 2014. Segundo esse planejamento que teve a articulação com diversos atores para conceituar e implantar por estímulos de políticas públicas a potencialidade desse novo campo. A ideia foi desenvolver de maneira transversal com diversos setores federais, agências de fomento, institutos internacionais, ministérios, experts, outros poderes e federações da União, universidades, Sistema S e institutos de pesquisa relacionados aos dados socioeconômicos do PNUD, UNESCO e especificações culturais brasileiras.

Segundo esse relatório,

os setores criativos são aqueles cujas atividades produtivas têm como processo principal um ato criativo gerador de um produto, bem ou serviço, cuja dimensão simbólica é determinante do seu valor, resultando em produção de riqueza cultural, econômica e social (PLANO DA SECRETARIA DE ECONOMIA CRIATIVA, 2012, p 22).

Desta forma, diversos segmentos abarcam o processo criativo são considerados nesse setor, seja logística, os produtos que se relacionam à capacidade humana de inventar, seja as produções artístico-culturais típicas (música, dança, teatro, ópera, circo,

pintura, fotografia, cinema) à outras atividades relacionadas às novas mídias, à indústria de conteúdo, ao design, arquitetura, dentre outros. Essas atividades culturais abarcam diversos elos que também envolvem dinâmicas de conteúdos sociais e econômicos construídos a partir de um ciclo que se auto relaciona entre a criação, produção, distribuição/circulação/difusão e consumo/fruição de bens e serviços oriundos dos setores criativos, caracterizados pela prevalência de sua dimensão simbólica como evidenciada na figura abaixo.

FIGURA 2: A Economia Criativa e a dinâmica de funcionamento dos seus elos



Figura 17: Dinâmica dos elos da economia criativa

Fonte: Plano da Secretaria de Economia Criativa, 2011.

Essas categorias são embasadas em órgãos internacionais, como a UNESCO, atrelado tanto ao núcleo que resulta da riqueza cultural e econômica e que gera valor simbólico, quanto ao patrimônio natural e cultural, espetáculos e celebrações, artes visuais e artesanato, livros e periódicos, design e serviços criativos e audiovisual e mídias interativas. Ao mesmo tempo, também corresponde aos setores criativos relacionados, isto é, serviços turísticos, esportivos, de lazer e de entretenimento. Em seguida, ainda pode-se verificar a existência dos setores denominados pela UNESCO como transversais aos anteriores: o setor do patrimônio imaterial, considerado tradicional, por ser transmitido por gerações, e vivo, por ser transformado, recriado e ampliado pelas comunidades e sociedades em suas interações e práticas sociais, culturais, com o meio ambiente e com a sua própria história. Por fim, ainda existem os setores da educação e capacitação; registro, memória e preservação; e, o de equipamentos e materiais de apoio aos setores criativos nucleares e relacionados (PLANO DA SECRETARIA DE ECONOMIA CRIATIVA, 2012).

Os desafios para implantar as políticas públicas de economia criativa para esses setores no Brasil estão inseridos nos objetivos da Secretaria de Economia Criativa alinhados às suas diretrizes, que são: a capacitação e assistência ao trabalhador da cultura, estímulo ao desenvolvimento de economia criativa, o turismo cultural e a regulação de marcos legais. Esses são os mesmos esforços relacionados ao plano municipal, sobretudo, em ações para capacitar profissionais em políticas públicas para gestão da economia criativa, fomentar ações colaborativas para criação de programas, intercâmbios, publicações, seminários e fóruns, além de incentivar a formação da cultura da inovação e empreendedorismo nas redes escolares. Além do mais, o Plano Municipal reconhece que precisa ir além para mobilizar a sociedade mostrando a importância desta cadeia produtiva e que os estudos de economia criativa estão em permanente construção com um prognóstico de reconhecimento em desenvolvimento social, econômico e inclusivo.

O plano de economia criativa acabou se transformando como a tentativa de aproximação do poder público a esse novo segmento, inclusive incluindo marcos legais, identificando formas de incentivo que dialogue com os empreendimentos, criando fóruns permanentes de discussão no âmbito do poder legislativo, mapeando as iniciativas, acompanhando a sua evolução, bem como as tendências, oportunidades e promoção de pesquisas continuadas sobre o assunto por meio de parcerias com Instituições de Ensino Superior. Além disso, implantar um banco de “Boas Práticas” para divulgação dos projetos exitosos são objetivos específicos e práticos do plano. Junto deles estão ações para criação e incentivo de ocupação em polos de territórios criativos articulado com as secretarias municipais para solução dos desafios de revitalização e uso dos espaços urbanos, sobretudo o 4º Distrito, criando alternativas de financiamento para o setor (PLANO DE ECONOMIA CRIATIVA DE PORTO ALEGRE, 2013).

As referências e diretrizes do plano trazidas à economia criativa são pensadas sobretudo a partir da perspectiva de uma aglomeração e rede de interação de uma classe profissional criativa (FLORIDA, 2002). É um tipo de desenvolvimento que traz a importância e a abrangência do setor tanto nas linguagens artísticas e as culturas populares, quanto em segmentos de mercado como as novas mídias, *games*, *softwares*, etc. e a agregação de valores econômicos às indústrias tradicionais (design, arquitetura, moda). O objetivo é institucionalizar proposições de gestão transdisciplinar dos setores criativos do poder público e privado, fomentando o desenvolvimento desses empreendimentos, diagnosticando esse contexto na cidade, aprofundando a difusão de conhecimento sobre a área, potencializando a cidade à competitividade global

relacionado a rede de desenvolvimento endógeno na crença do plano à vocação local incrementado por Arranjos Produtivos Local, regularizações e promoção de um arcabouço jurídico que beneficie esse setor.

Um exemplo jurídico foi a aprovação na Câmara da redução de impostos a empresas de tecnologias do 4º distrito no final do ano de 2015 pelo projeto de Lei Complementar do Executivo que concedeu isenção de IPTU aos imóveis utilizados e este tipo de empresa inovadora localizadas nos bairros Floresta, São Geraldo, Navegantes, Humaitá, Farrapos (4º Distrito) pelo período de cinco anos. A redução também foi requerida para o Imposto sobre Serviço (ISS) e a isenção do ITBI⁵.

Corroborado com esse cenário, a criação do Gabinete de Inovação e Tecnologia (Inovapoa) auxilia nesse processo para promoção de oportunidades de negócios, parcerias entre empresas nacionais e internacionais, universidades em projetos estratégicos no 4º Distrito. É este órgão que regulariza o cadastro para solicitar isenção do Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana (IPTU) por um período de cinco anos para os empreendimentos criativos na área.

Diversos documentos são requeridos para comprovar o serviço de natureza econômica a ser incentivado, sobretudo do imóvel, da matrícula de registro, do memorial descritivo. Poucas requisições chegaram ao Inovapoa, segundo as iniciativas de economia criativa, isso ocorreu, pois como seus imóveis são locados e os proprietários possuem dívidas não quitadas com a prefeitura, acaba que os locatários não conseguem o benefício. Conforme o diretor do Gabinete de Inovação, no ano de 2018 somente entre sete e oito empresas foram analisadas por ele. Apesar do plano da secretaria de economia criativa de Porto Alegre, baseado no relatório da FIRJAN, adotarem os critérios de atividades que se

⁵ A isenção do Imposto sobre a propriedade predial e territorial urbana para pessoas físicas e jurídicas se dá através do Art. 70, XXX e § 14 da Lei Complementar 07/73 da Cidade de Porto Alegre:

Art. 70 - Ficam isentos do pagamento do Imposto Sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana as seguintes pessoas físicas e jurídicas:

XXX – empresas de base tecnológica, empresas inovadoras e empresas de economia criativa, localizadas nos Bairros Floresta, São Geraldo, Navegantes, Humaitá e Farrapos, para os imóveis adquiridos ou locados nesses bairros e utilizados no desenvolvimento de suas atividades, pelo período de 5 (cinco) anos, contados do exercício seguinte ao da solicitação, que deverá ser feita até 31 de dezembro de 2020.

§ 14 - O benefício previsto no inc. XXX do caput deste artigo depende da certificação, nos termos previstos em decreto, de que a empresa é de base tecnológica, inovadora ou de economia criativa, da apresentação de alvará de localização, da comprovação da propriedade ou da locação do imóvel e da autorização do proprietário, no caso de locação.

Conforme § 14 do Art. 111, XXVI do Decreto nº 16.500/09 serão analisados os documentos preliminarmente pela Receita Municipal, encaminhado ao Gabinete de Inovação e Tecnologia – Inovapoa/GP para a expedição do certificado e devolvido à Receita Municipal.

encaixam no setor, a segmentação e aprovação do Gabinete ainda é subjetiva, ou seja, conforme critérios adotados pela estratégia política e econômica do gabinete de inovação, que, na gestão 2017-2020 está vinculada à Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico.

Com relação ao ISS trata-se de redução de alíquota para serviços de pesquisa e/ou desenvolvimento de tecnologia em saúde (aqui não restrito ao 4º distrito) com benefício vigente até dezembro/2020. Todos esses setores que são incentivados por esses benefícios se vinculam ao projeto de reestruturação do 4º Distrito da prefeitura resumido na versão do Masterplan e que está sendo vendido por parcerias público-privadas a nível internacional, que abrange os polos da tecnologia, saúde e economia criativa, todos vinculados a secretarias estratégicas de desenvolvimento econômico.

4.2.2 Confluência e divergências de tendência global de mercado no bairro Floresta

Os rumos da economia criativa em Porto Alegre se colocam como uma vitrine sustentável, sem revelar a estratégia retroalimentada pelas parcerias e institucionalizações desenvolvidas no escopo territorial do 4º Distrito que tem por características projetos estéticos e funcionais sob a égide do rentismo da cidade, ou seja, dentro de um processo de acumulação de capital financeiro, atrelada a inserção nos fluxos de informação e interesse global, encobrendo a hierarquização e estratificação social local (HARVEY, 1992). A concessão dessa redução de impostos às empresas de economia criativa, a pedido do Distrito C, por exemplo, ocorreu na Câmara de Vereadores de Porto Alegre, ao mesmo tempo em que foi rejeitada a mesma demanda às empresas que apresentassem projetos de moradia social (SUL21, 2015). Apesar de não ficar claro, esse é um dos indícios do tipo de desenvolvimento em que se dá valor ao empreendedorismo subtraído do direito à cidade. Apesar de alguns agentes da economia criativa criarem aberturas de diálogos, inserirem-se como mediadores e terem iniciativas de inclusão social, essa diferença de interesses gera desconfianças por parte dos movimentos, como afirma um dos interlocutores que mantém um projeto conjunto com o Movimento Nacional de Lutas por Moradia (MNLN).

O bairro Floresta é composto por duas ocupações de moradia social, que refuncionalizam edificações vazias em luta da habitação: a Ocupação 20 de novembro e a Ocupação Primavera. O assentamento 20 de novembro foi fundado por um grupo de famílias com o objetivo de garantir moradia e trabalho dignos. Depois de serem despejadas duas vezes, estão alocados atualmente num imóvel abandonado da união na

Rua Barros Cassal que foi cedido e está sendo reformado com recursos da CAIXA através do Programa Minha Casa, Minha Vida – Entidades. Segundo o próprio movimento, o projeto prevê espaços para geração de renda pelo trabalho solidário, espaço cultural, espaço de formação e 40 apartamentos para famílias de baixa renda que compõem o MNLM. A Ocupação Primavera tem diversas famílias e também se relaciona como um centro cultural em uma casa na Rua Comendador Azevedo, abandonada há 10 anos, que não cumpria a sua função social, cuja proprietária, a empresa Mottin Participações S.A., pede a reintegração de posse (WEISSHEIMER, 2017). Como não tem financiamento, as famílias ocupantes trabalham para manter e reformar a estrutura da casa.

Em contraste, empreendimentos para públicos de alta renda atrelados as novas tendências mundiais de moradia e trabalho em áreas urbanizadas são desenvolvidas nos bairros do 4º distrito. Com um alinhamento as novas perspectivas de flexibilização do trabalho, criam-se nichos para profissionais criativos, inovadores e empreendedores com alta formação profissional para interação e compartilhamento de ideias de empreendimentos individuais, como as *startups*. Nessa tendência de marketing urbano, a incorporadora de Porto Alegre wikihaus está construindo um prédio de *coliving*, com diversos espaços de convivência como lavanderias, escritório, horta urbana e salão de festas 24 horas aberto (EXAME, 2017). O prédio é constituído de pequenos apartamentos e *lofts* focados principalmente no público jovem de classe média alta que valorizam a estética urbana, ao que levou a wikihaus ter o interesse na restauração da antiga fachada histórica do Cine Teatro Presidente.

Outro exemplo de iniciativas privadas que estão remodelando o tipo de estabelecimento no bairro foi a instalação de um espaço com um aporte de mais R\$ 15 milhões em um antigo pavilhão das fábricas Hauck de 3 mil m² na Rua Cândio Gomes. Este espaço recém-inaugurado chama-se Fábrica do Futuro. É um local colaborativo de coworking equipado com salas de reuniões, cozinha, mesas, salas para palestra, bar interno, espaços de convivência cujo objetivo, conforme suas visões empreendedoras visibilizadas pela mídia local, é se tornar referência para maior atração de *startups* nas áreas de educação, sistemas audiovisuais, realidade virtual, Internet das Coisas e desenvolvimento de *games*, adentrado na concepção de trabalhos autônomos, flexíveis, em rede e de inovação. Conforme reportagem da Gáucha ZH (2018), seis empresas âncoras na área de Tecnologia da Informação, sendo uma vinda do exterior, além de um estúdio de música já estão estabelecidos nesse ambiente. Poderão se instalar até cem pessoas com um aluguel aproximado de R\$ 800,00 mensais e

possui equipamento de mesas coletivas, estações de *wifi*, palco para palestras, biblioteca, restaurante, salas de reuniões e cafeterias.

Como apontado na reportagem, a ideia de um intercâmbio cultural com a comunidade será feita pelo fornecimento dos valores culturais relacionados essencialmente aos próprios técnicos das empresas de *startups* instaladas. Os cursos são para aulas de inglês, desenvolvimento de aplicativos, tabelas de excel, power point, gestão de empresas e apresentação de projetos em público. A ideia, portanto, está alinhada com as novas concepções de terceirização de atividades criativas com riscos e custos ao trabalhador que busca nesse espaço de *coworking* a incubação para financiamento, mentoria e gestão de escopo inovador, integrador. Sua pretensão de influência e de atração desse público é “transformar a zona norte de Porto Alegre em um polo tecnológico de empreendedorismo cultural e de entretenimento” (GAUCHA ZH, 2008).

Dentre os investimentos já construídos e em fase de instalação próxima ao Floresta e no 4º Distrito está o espaço residencial e comercial Rossi Fiateci, que aproveita a desvalorização dos lotes onde haviam grandes indústrias, aposta e promove parcerias com a prefeitura para a construção de salas comerciais, lojas e apartamentos no mesmo complexo. A ideia do Rossi Fiateci é renovar essa área pela técnica *retrofit*, ou seja, dar um novo uso a um prédio antigo sem deixar de lado suas características marcantes, ao passo que já foram construídas três torres residenciais, uma torre comercial e um centro de compras. Ao mesmo tempo, consta nas notícias como forma de aceitação local desse empreendimento, uma contrapartida com a “construção de creche, escola, posto de saúde, ciclovia, parques e praças, além de adequações das ruas do entorno”, segundo o secretário de planejamento Márcio Bins Ely (PENSE IMOVEIS, 2011). Apesar dos prédios de moradia já estarem estabelecidos, ainda não existem dados em que há construção de áreas comerciais ou de outras contrapartidas à região.

As reivindicações das ocupações relacionadas a moradia social e esses novos empreendimentos urbanos trazem dois contrapontos à ressignificação do espaço, atrelado a valorização do território. Os movimentos sociais levam em sua base o valor de uso do território (LEFEBVRE, 1973) pela reivindicação ao direito à cidade, sobretudo na utilização dos espaços vazios para moradias às pessoas mais pobres em áreas próximas ao centro com infraestrutura urbana, ao mesmo tempo em que tem como propósito o combate a especulação imobiliária, a preservação de áreas ambientais frágeis e a melhora ao acesso dessa população, normalmente periférica, à cidade. As reivindicações de

movimentos sociais se relacionam pela base de parâmetro de David Harvey para garantir o direito à cidade,

buscando superar o isolamento e reconfigurar a cidade de modo que ela passe a apresentar uma imagem social diferente daquela que lhe foi dada pelos poderes dos empreiteiros apoiados pelas finanças, pelo capital empresarial e por um aparato estatal que só parece conceber o mundo em termos de negócios e empreendimentos (HARVEY, 2014, p 49).

Em contraponto, esses novos empreendimentos têm por influência global uma perspectiva de valor mercadológica da cidade que traz valores culturais globais com uma funcionalidade desconfigurada no espaço e que conseqüentemente leva a uma tradução territorial que se relaciona a uma rede de agentes locais, cujos comportamentos, interesses e ações modificam as relações sociais. Nesse contexto, como afirma Arantes (2000), os principais olhares se voltam a esses novos empreendimentos inovadores, cuja imagem publicitária e a criação de eventos contam como forma de legitimação e referência para a atração de determinada classe profissional criativa em um “novo urbanismo” que enaltece a venda da comunidade a um “estilo boutique” de um modo de vida como um produto criado para satisfazer os sonhos urbanos (HARVEY, 2014).

4.2.3 Projeto de reestruturação urbana por PPPs no 4º Distrito e as implicações no bairro Floresta

O recente projeto de revitalização do 4º Distrito que vislumbra o lugar mais inovador da América Latina começou a ser prospectado em meados de 2013, quando participantes do grupo CITE (Cidadãos, Inovação, Tecnologia e Empreendedorismo)⁶ organizaram uma viagem ao Vale do Silício. Essa ocasião teve uma comitiva de 30 pessoas incluindo o então prefeito de Porto Alegre, José Fortunati, os secretários de Governança Local e de Planejamento e os coordenadores do Gabinete de Inovação (Inovapoa) e de Gabinete Digital. E compondo essa parceria para o projeto de atrativos urbanos estão a UFRGS e a PUCRS que vislumbram a possibilidade de construir um parque tecnológico na área (OLIVEIRA, 2016).

A revitalização do 4º Distrito tem relação direta com planos de atração de investimento para a área, através da criação de uma empresa para gestão de ativos (o Engeapoa) em gestão 2014-2017. A PMPA coloca em garantia seu patrimônio, inclusive

⁶ Grupo de jovens empreendedores em tecnologia que tem a intenção de “romper com o marasmo de Porto Alegre”. Ver <https://www.baguete.com.br/noticias/13/05/2013/cite-quer-agitar-porto-alegre>. São empresários e acadêmicos, ligados a incubadoras e parques tecnológicas da PUCRS e UFRGS, redes hospitalares e representantes políticos que articulam operações de consultoria e parceria para investimento em Porto Alegre.

importantes equipamentos públicos e culturais da cidade. Apesar do aprimoramento financeiro, o setor privado de Porto Alegre não teve interesse em deslançar uma operação de riscos, pelo menos enquanto a área mantivesse características de degradação física e de vulnerabilidade social. Assim, começou a se construir junto da construção civil e de setores de tecnologia de informação a necessidade do redesenho dessa parte da cidade.

A secretaria da Fazenda passa a assumir o desenvolvimento do projeto para a ambiência de qualidade ao local e atração de investimento de empresas. Visitas técnicas ocorreram em 2015 em São Paulo e Rio de Janeiro para conhecer as experiências das Operações Urbanas Consolidadas do Porto Maravilha e da venda de Certificados de Potencial de Construção (CEPACs). Em São Paulo as visitas foram na SP Urbanismo e no Banco do Brasil Investimentos. Entretanto, a que teve como maior inspiração foi a visita no mesmo ano de uma comitiva liderada pelo então secretário municipal da Fazenda Jorge Tonetto à Barcelona que avaliou o modelo *smartcity* (Distrito 22@) e propôs um projeto que se constitui em uma operação urbana consorciada tendo o caso de Barcelona como norteador desse processo (JORNAL DO COMERCIO, 2015).

O Distrito 22@ é visto como um exemplo de sucesso ao desenvolvimento regional de uma área que se assemelha ao 4º Distrito, o que levou a inspiração e a aproximação da prefeitura a área. Em 2000 por iniciativa do *Ajuntament* da cidade de Barcelona, desenvolveu-se um projeto para a área de *Poblenou* - uma antiga zona industrial que ficou obsoleta e degradada - para ser transformada em um grande potencial para inovação e conhecimento, por um projeto urbanístico com aglomeração de incubação e escritórios na área de tecnologia construído ao longo de mais de dez anos pelas parcerias dos setores privados - empresariais, públicos, das universidades, bem como a construção de áreas de habitação e zonas verdes.

Atualmente, a cidade de Barcelona faz uma grande publicidade por seus megaeventos para a atração turística, de investidores de atrações culturais, desportivas e artísticas desde os Jogos Olímpicos de 1992, criou projetos maiores do futuro da cidade e um modelo que é exportado mundialmente, sobretudo na América Latina (MARX, 2008). O 22@ é um desses projetos que atraiu diversas empresas transnacionais e nacionais (MediaPro, Lavinia, Cromosoma, Yahoo R+D, Endesa, Ecotecnica, Agbar, Matachana, Gaes, Sanofi Aventis, Isdin, Telemedicine, G-Star Raw, ADD, Node, EstudiArola, ruiz+company, Morera Design) e que tinha a criação de empregos como principal benefício à cidade. A área também se relaciona com novos planos de

mobilidade, renovação do espaço público, melhorias nos sistemas de refrigeração e aquecimento, bem como fornecimento de energia para a área que precisava se remodelar a essas novas demandas tecnológicas desenvolvendo cluster específicos para a área: de energia, mídia, TI, design e biotecnologia.

Uma comitiva vinda de Porto Alegre de diferentes gestões da prefeitura, vereadores, secretários municipais e empresários dos setores de tecnologia da informação, saúde, ensino e pesquisa e da construção civil visitaram a cidade catalã para conhecer o Distrito 22@, atrelada a consultoria do presidente do Escritório de Crescimento Econômico da prefeitura de Barcelona, Josep Piqué em fazer o intercâmbio de projetos. A relação que se faz com o 4º Distrito está na semelhança do histórico do território, o que levou a intencionalidade de setores juntamente com o poder público em tornar essa área viável devido a “vocação para se tornar uma área de inteligência e inovação” (Página oficial 4º DISTRITO PORTO ALEGRE).

Esse interesse de atração global, influenciado por Barcelona e articulação dos setores público e privados da cidade levaram a contratação em 2016 pela Prefeitura Municipal de uma consultoria da UFRGS para a realização de um Masterplan para o 4º Distrito, ou seja, uma organização dessa ideia para um novo regime urbanístico em uma área de 594 hectares da região. De acordo com a página oficial da prefeitura que encomendou o projeto, ele tem como objetivo a atração de investimentos para o desenvolvimento econômico e social, facilitando os empreendimentos imobiliários, para avançar com estratégias de aproximação regional e municipal, enquanto as iniciativas públicas foquem em moradia e serviços, além da ampliação de opções em cultura e lazer, como forma de tornar a área mais convidativa. A estratégia proposta envolve uma atenção especial na transformação de ‘quadras rápidas’, pelo seu caráter mais industrial, pois tem pequeno número de proprietários e, portanto, é visto como uma área de negociação mais fácil em caso de desapropriação (NATUSCH, 2016). Para as quadras rápidas são previstos parque linear, shopping center, centro de cultura e centro administrativo.

Como forma de potencializar a região, seriam desenvolvidos *clusters* em atividades que se desenvolveriam simultaneamente, tais como áreas destinadas à saúde (prevendo um centro clínico e a construção de um hospital privado), um eixo cultural (em um espaço chamado Praça das Artes que abrigaria galerias de arte, brechós e oficinas) enfoque na tecnologia de informação, enquanto a área no entorno da avenida São Pedro seria um polo de gastronomia, mobiliário e design. Outro enfoque é na produção de conhecimento, com a possibilidade de centros de inovação e até do deslocamento de

alguns *campi* da Universidade Federal para a região, segundo entrevistado o coordenador do projeto encomendado ao Núcleo de Tecnologia Urbana da UFRGS.

A acepção de termos mercadológicos para a legitimação de reestruturação da área condiz com as articulações e parcerias público-privadas produzidas e levadas a ‘alavancar’ a transformação do território como uma marca. A nova territorialidade do bairro Floresta não está mais condicionada por termos técnicos de fronteiras funcionais, mas confunde-se propositalmente para a visibilidade *image-making* na criação de uma marca como o Distrito C, o 4D e a Zona de Inovação que avançam com esses valores de empreendedorismo de uma classe profissional criativa como uma fachada que não condiz com as diversidades socioeconômicas dos diferentes espaços da área entre a Arena do Grêmio e o centro de Porto Alegre.

A intenção desses objetivos está na política estratégica que se produz, atualmente, disposta a abrigar centros de pesquisa, empresas de tecnologia e indústria criativa com uma melhora na qualidade e nos serviços urbanos. E sob esses mesmos auspícios estão interesses diversos, como a valorização territorial promovida pelas construtoras, a legitimidade da paradiplomacia da cidade em negociar projetos urbanísticos impostos a uma região local, o embelezamento da entrada da cidade sob uma fachada tecnológica e inovadora, empregos para setores de classe profissional criativa. Apesar de ter um discurso inclusivo, o projeto 22@, pelo qual o Masterplan se inspira, está relacionado a um processo de transformação ampla, apoiado na ideia de cidade criativa (LANDRY, 2011) para a atração desses profissionais cuja remoção de famílias de ciganos que viviam em favelas na beira da praia de Barcelona foi uma das suas consequências. Além do mais, a área sofre com a diminuição de catalães vivendo na área pelo aumento generalizado dos preços dos alugueis dos imóveis focados ao turista, causados principalmente pela ascensão de aplicativos como o *Airbnb*.

Durante o processo de elaboração do *Masterplan* uma série de workshops e palestras foram organizadas com alguns setores da sociedade, como construção civil, empresas da área da saúde, as casas colaborativas associadas à economia criativa presentes na região, universidades, e workshops chamados de sociais, mas com uma presença inexpressiva da comunidade residente (OLIVEIRA, 2016). Em uma das apresentações no Vila Flores em setembro de 2016, o coordenador do projeto citou os principais objetivos do *Masterplan*, ainda que eles não tenham tido discussão prévia com a população local na sua elaboração. O acesso ao projeto ainda é limitado, pois não se encontra nas páginas oficiais. Segundo o Masterplan, os objetivos gerais consistem em:

Revitalizar econômica e socialmente o 4º distrito recuperando sua atratividade. A. Incorporar dinâmicas metropolitanas e municipais para potencializar, no 4º Distrito, atividades de âmbito regional. B. Tornar o território do 4º distrito um ecossistema de inovação tecnológica e social a céu aberto, um Living Lab. C. Incentivar Parcerias Público-Privadas (PPP) através de Operação Urbana Consorciada para financiar e gerenciar obras de infraestrutura e novos equipamentos de uso público. D. Garantir segurança jurídica aos investimentos, eficácia administrativa e a qualidade dos projetos de grande impacto e de habitação de interesse social. E. Promover a adaptação das atividades econômicas existentes no planejamento do 4º Distrito. F. Promover a gestão participativa baseada no conceito de Hélice Quádrupla no desenvolvimento do território tendo como princípios básicos a inovação, a sustentabilidade, a resiliência social e ambiental e a inteligência territorial.

Com uma roupagem sustentável no discurso, os rumos tomados por esse planejamento estratégico à cidade são, sobretudo, na garantia de segurança jurídica para investimentos, construídos para os interesses do capital financeiro e imobiliário junto a permissividade do poder público em estabelecer parcerias. O território é modelado a um parâmetro de negócio que se legitima pela construção de potencialidades de investimentos externos econômicos, na negligência histórica do poder público para a pauperização de uma área e na urbanização higienizadora proposital, em indícios de que o 4º Distrito e, sobretudo, o Floresta se remodela para uma determinada classe média.

A única estratégia do Masterplan que se destina a tratar da população de alta vulnerabilidade social é o estímulo à produção de Habitação de Interesse Social (HIS) pelos incentivos urbanos e fiscais. Essa não seria de responsabilidade do empreendedor, mas do Conselho Gestor atrelados a essa Hélice Quádrupla. Entretanto, este não é o foco do projeto, que está atribuído como uma representação estratégica de embelezamento, nos termos de Harvey (2014), que beneficia setores e grupos econômicos, baseado em atividades de consumo e acumulação capitalista, em uma referência a mercantilização do espaço e da vida urbana (BRENNER, 2012).

E assim, vão se atribuindo um novo espaço percebido, como exemplo da mais recente higienização foi o caso do fechamento do restaurante popular localizado na Rua Santo Antônio no Floresta que servia cerca de 500 refeições diárias pelo preço de R\$ 1,00 para moradores de rua e pessoas em demais situações de vulnerabilidade social. A prefeitura optou por não renovar o contrato do restaurante e focar essa assistência em outras regiões da cidade, com parcerias de donativos da Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos (Adra) (JORNAL DO COMÉRCIO, 2019). Além de facilmente retirar as pessoas que frequentavam o restaurante da área, essa é mais uma forma de o poder público se abster de sua responsabilidade ao bem-estar social e gerar benefícios aos empreendimentos sob a égide neoliberal que se impõe sobre as cidades.

Essa reestruturação encomendada e visada no projeto Masterplan é citada como “a menina dos olhos da prefeitura de Porto Alegre” (SANDER, 2016) da gestão 2013-2016 em um claro contexto de animação entre governantes, burocratas e urbanistas a um plano estratégico de requalificação da cidade. É um formato de retirar a racionalidade moderna dos antigos planos diretores, mas que ainda se alimenta do discurso tecnocrático para a ilusão dos fluxos de informação com vantagens comparativas pela potencialidade cultural, o qual, tem o intuito de criar uma imagem superficial da transformação dos territórios em valores de troca de negócios direcionados à homogeneização global (ARANTES, 2000). Como aponta Oliveria (2016), o Masterplan 4D traz tipos de investimentos que não se adequam a qualificação nem a capacitação profissional dos residentes. Ele está atribuído a cenários futuros idealizados por influências globais em uma estratégia paradiplomática de atração de investimentos para redesenhar de maneira artificial, homogênea e fraturada um novo lugar, sem analisar as suas características sócias espaciais e que tem a potência de fragmentar o pertencimento ao espaço, em uma forma velada de gentrificação.

Para que o projeto arquitetônico seja efetivado de maneira consensual, diversas articulações são realizadas para disseminar a ideia de que a área precisa ser revitalizada, reorganizando o espaço como mercadoria com objetivos político-econômicos que excluem os moradores da região. Para tanto, setores políticos, grupos específicos das universidades, mídia corporativa e setor financeiro e de tecnologia formam esta coalisão, enquanto a população residente é colocada à margem da participação e do processo. O InovaPoa é um dos principais órgãos que constrói essas articulações. Ele gera diversas atividades, tais como o 3º Encontro de Cidades e Universidades em abril de 2016 de uma parceria com a Rede Mercocidades pelo Fórum das Instituições de Ensino Superior de Porto Alegre, que aponta o envolvimento acadêmico, bem como as parcerias paradiplomáticas da cidade (PREFEITURA DE PORTO ALEGRE, 2016). O Inovapoa também em 2016 apoiou o Seminário *IOT/Smart City Innovation Center*, além do engajamento como parceiro no empreendimento do Centro que tem sede na Tecnopuc e que faz parcerias entre a PUCRS e a Huawei, grupo empresarial chinês que controla mais de 15 subsidiárias do setor de telecomunicações, atuando no reconhecimento de uma cidade “mais inteligente e humana”, segundo o site oficial da prefeitura (PREFEITURA DE PORTO ALEGRE, 2016).

O estímulo a cultura empreendedora e inovadores é um dos motes desse órgão, ao já estar na rede de parcerias com a universidade privada desde 2015, quando apoiou o

Torneio Empreendedor na PUCRS (PREFEITURA DE PORTO ALEGRE, 2015). Além da experiência tomada por Barcelona, outras redes foram articuladas pela experiência da cidade de Florianópolis ligada ao Laboratório de Cidades mais Humanas, Inteligentes e Sustentáveis (LabCHIS) da UFSC que adaptava as suas metas às tendências de uma presença mais sustentável à urbanização, por exemplo, tendo “os municípios pensados em como estes seriam agradáveis para as crianças deixando a cidade mais agradável para se viver” (JORNAL DO COMERCIO, 2016).

Esses eventos têm como objetivos estabelecer parcerias como o Projeto Join.Valle da cidade de Joiville que ao propor uma nova gestão de espaço urbano dentro do conceito de Cidades Inteligentes e Humanas buscou na cidade de Porto Alegre o conhecimento de serviços voltados à inovação, já que, segundo o Inovapoa, a capital gaúcha é considerada uma das dez cidades mais inteligentes no país. Um dos pontos debatidos em destaque foi a economia criativa, em que além de representantes públicos, também estiveram presentes alguns empreendedores integrantes do Distrito C, como o seu idealizador, Jorge Piqué e a Casa Colaborativa CC100 (PREFEITURA DE PORTO ALEGRE, 2016), demonstrando as conexões que se estabelecem das iniciativas privadas para a promoção pública da cidade dentro de concepções de *marketing* na construção de um *city branding* de Porto Alegre, ou seja, articulando em diferentes linhas sob auspício de construir uma imagem da cidade ao mundo (URRY, 2007 apud PONZINI, 2011).

Em diversos âmbitos empresariais e públicos estão se discutindo as viabilidades de investimentos e formas de implementá-los. O Sindicato da Indústria da Construção Civil no Estado do Rio Grande do Sul já percebe a potencialidade socioeconômica da região pela privilegiada localização e polo de atração para investimentos produtivos, e começa a estabelecer contatos com a secretaria municipal do Desenvolvimento Econômico de Porto Alegre, com representantes do Banco Mundial, com a consultoria Deloitte Brasil, e com dirigentes de outras Entidades para novos empreendimentos privados em diversos segmentos (SINDUSCON-RS, 2018).

Diversos outros atores locais interessados na área também são relatados nos periódicos, como a Associação das Empresas dos Bairros Humaitá e Navegantes (AENH). Há esforços para minimizar os problemas de segurança pública, o que levou a reunião com o 11º Batalhão de Polícia Militar (BPM), alegando que os moradores clamam com o fim de uma presença mais efetiva do policiamento (JORNAL DO COMÉRCIO, 2017). Além disso, devido ao evento Porto Alegre – Cidade Anfíbia, promovida em agosto de 2017 por um grupo de extensão do Centro Universitário Metodista IPA, o

AENH encomendou um diagnóstico social da área, promovido pela consultoria Gênese Social, que busca identificar as necessidades da região e coordenar as ações de responsabilidade social promovida pelo empresariado local (NATUSCH, 2018). Mesmo com essa vontade, o diagnóstico levantado, aponta que o empresariado dá sinais de desconhecer as questões sociais da região, e que apenas 29% dos que promovem doações fizeram uso de isenção fiscal para as ações sociais adotadas.

Segundo a Associação Brasileira das Secretarias de Finanças das Capitais (ABRASF, 2015), essas operações no mercado geridas pela empresa criada para gestão de ativos, a Engeapoa, concederia direitos fiduciários sobre os débitos tributários do município para maiores investimentos na área. Alguns interesses internacionais foram desenvolvidos. Concretamente, a francesa Airbus investiu US\$ 150 milhões em uma unidade para a produção de equipamentos de vídeo monitoramento, assim como, já há uma prospecção para a atração de um cluster voltado para tecnologia da saúde, junto às empresas que integram o Medical Valley, localizado na cidade de Erlangen, na Alemanha. Além do mais, interesses de empresários catalães na região foram apontados quando da visita do vice-prefeito de Porto Alegre à Barcelona (JORNAL DO COMÉRCIO, 2015).

Como demonstrado, há uma gama de envolvidos nessa reestruturação, e por isso as articulações daqueles que estão inseridos no local com diversidade de interesses, sobretudo para valorização em empreendimentos privados constroem ligações em redes abrangentes com o poder público auxiliando. A paradiplomacia da cidade de Porto Alegre com o foco na atração de investimentos do exterior, por exemplo, teve como resultado um aporte de US\$ 30 milhões do Banco Mundial destinado a obras no 4º Distrito. Estão em pauta o combate a alagamentos, saneamento e mobilidade, relacionada a diretoria de resiliência da instituição financeira internacional e inserido no projeto de Cidades Resilientes de Porto Alegre. Além do mais, a articulação entre as três principais universidades da região (UFRGS, UNISINOS e PUCRS) também conseguiu um financiamento para a construção de um espaço de coworking de *startups* de inovação no shopping DC Navegantes (ao lado do aeroporto). Para tanto, haverá assistência técnica do Bird para a estruturação de projetos e revisão do Plano Diretor (JORNAL DO COMÉRCIO, 2018), cujo interesse não é divulgado.

A comitiva que embarcou na missão a Washington e Nova Iorque foi integrada pelos principais representantes do poder público municipal que fazem essa assessoria ao 4º Distrito – prefeito, secretário da Fazenda, de Parcerias Estratégicas, Planejamento e Gestão e a chefe do escritório de resiliência da cidade, além de alguns vereadores

interessados. A chamada Aliança para a Inovação também teve seus representantes: diretor da Escola de Engenharia da UFRGS, presidente da AEROMOVEL Brasil S.A, presidente do Sindicato dos Hospitais e Clínicas de Porto Alegre e o presidente da *Global Urban Development*, relacionado com o ZISPOA (CORREIO DO POVO, 2018).

O caso do 4º Distrito já está sendo apontado nos meios de comunicação como um possível projeto de parceria público-privada, devido aos diversos interesses articulados em rede, em contratos administrativos como uma operação urbana consorciada, ainda que não conste oficialmente (até então) na carteira de projetos da Secretaria Municipal de Parcerias Estratégicas, o qual fora criada na gestão municipal 2017-2020 para efetivar projetos com interesses privados. Alegando condições financeiras precárias e que a solução estaria nos investimentos da iniciativa privada, o prefeito de Porto Alegre defende este modelo de gestão para a “revitalização” da área (CORREIO DO POVO, 2017). Além de todos esses atrativos de investimentos, a instalação de uma frente parlamentar em 2017 entre os vereadores, entidades privadas e universidades demonstra os interesses para potencializar e implantar esses projetos de reestruturação urbana e econômica colocando Porto Alegre, portanto, diante de um iminente cenário de financeirização, evidenciado pela sua legislação local que vem sendo modificada na intenção de destravar os caminhos para a mercantilização da cidade.

A revitalização do 4º Distrito é debatida entre os agentes locais, principalmente no que decorre da falta de diálogo do projeto com a população apesar da alegação contrária das entidades participantes na construção de um embelezamento estratégico de uma nova área cujo desenvolvimento urbano é visto como oportunidade deliberada de negócios e especulação imobiliária. Mesmo com experiências de economia criativa que propõe ações de pequenos produtores culturais locais em uma construção de um projeto coletivo na área, a forma de expansão principal é tomada por uma política estratégica que atrai empreendimentos e ideias de cidades globais pouco conectadas com o local. O Masterplan é o projeto que liga esses setores, traz uma perspectiva empreendedora sob a égide das PPPs e do financiamento internacional e que obscurantiza a forma pela qual será tratado alguns atores mais vulneráveis, como os catadores da Vila Santa Terezinha e as prostitutas da São Carlos. A paradiplomacia da cidade que desenvolveu essa parceria com o Banco Mundial acaba por fomentar ainda um projeto urbano de impactos sociais incertos, e que está sendo aceita e acatada por investidores de *clusters* específicos na área.

4.3 Empreendimentos criativos locais: agentes globais de legitimação da reestruturação urbana

A relação da reestruturação urbana de escopo global em um discurso de revitalização, que promove a homogeneização de uma área local, transforma o território de maneira estrutural sob diversas composições e contradições. Os planos que se estruturam pelo poder público são relacionados aos segmentos de mercado de maior prestígio econômico da cidade, pelos que promovem investimentos na área do 4º Distrito, tais como área médica privada hospitalar, imobiliária, construtoras e educacional. Essa relação está influenciada e retroalimentada por ideais globais de um tipo de cidade para o empreendedorismo e inovação de mercado, esteticamente favorável e destinado a um público específico que tem condições de se adequar aos novos valores financeiros e culturais trazidos por esse embelezamento.

Essas ‘requalificações’ urbanas conduzidas pela cultura e condicionadas à competitividade global, numa adequação aos projetos de cidade criativa, constroem uma visibilidade de potencial econômico pelos agentes empreendedores criativos locais. O trabalho aqui demonstrado tem eles como enfoque justamente por essa articulação estrutural e de agenciamento, cujas trajetórias trazem diferentes valores culturais e influências internacionais da condução do segmento da economia criativa. As vinte entrevistas referidas, juntamente com algumas observações participantes de eventos promovidos pelos empreendedores criativos, serão análise desse capítulo demonstrando as suas características, suas perspectivas desse segmento econômico no território, seus envolvimento com os diferentes atores, suas articulações sociopolíticas e sua compreensão de mudanças no bairro Floresta, conforme o roteiro de entrevistas encontrada no anexo 1.

4.3.1 *Inserção dos Agentes da Economia Criativa no bairro*

A chamada classe criativa por autores como Richard Florida (2002) tem a relevância de criar um espaço de acolhimento e de redes de articulação profissional responsáveis na transformação do espaço diante de seus novos valores culturais relacionados com o projeto de cidade criativa, com os moradores e com as suas trajetórias de influências globais desse tipo de serviços como catalizador do desenvolvimento de uma área. O caso do bairro Floresta se soma com a midiatização de sua histórico que se aplica a essas semelhanças e se relaciona a uma área operária ociosa e marginalizada para

um renascimento pela economia criativa, construindo projetos de modelos urbanos que se articulam com os agentes locais, alimentados sob uma visão de atração de um público e profissionais criativos, ao mesmo tempo em que acende o receio da gentrificação.

Essa classe profissional criativa gera a promoção desse espaço e mudanças pela sua inserção e interação com o bairro, levado a um papel de pioneirismo (SMITH, 1996) para a atração de investimentos. O receio a gentrificação ocorre paralelo ou em consonância com a entrada desses profissionais ao interesse do mercado pela área, que valoriza a região sob uma determinada função econômica que pouco a pouco ‘enobrece’ a área e expulsa inclusive os pioneiros dessa entrada, como o caso estudado e analisado por Zukin (1989) no bairro de Soho em Nova York.

São nessas áreas em que o capital se expande e acelera a sua acumulação fundamentada no processo financeiro-imobiliário e transformam essas locais urbanas com melhores estruturas de locais estratégicos para experimentações de transformações. Os agentes criativos, nesse caso, são considerados como parte integrante dessa influência global de paradigma pós-fordista, na construção de um *image-making* que promove o território pelas peculiaridades locais em articulação em rede com essa nova identidade. A dissertação, portanto, se concentra em agentes de economia criativa do bairro atentando-se às suas diferentes localizações, ao tempo em que está no Floresta, a atividade do segmento da economia criativa e sobretudo o seu envolvimento para a construção de uma nova dinâmica atrelada a subjetividade de suas relações intra e extraterritoriais.

A seguir, a análise da dissertação será o de demonstrar o perfil como amostra desses empreendimentos concentrados no Floresta em diferentes segmentos da economia criativa. Os vinte agentes entrevistados trazem informações para análise da dinâmica local de um construto social que tem eles como protagonistas e narradores de suas inserções, interações e envolvimento naquele espaço urbano. Mesmo que guiada por um roteiro, as entrevistas semiestruturadas seguiram diferentes rumos conforme a narrativa de cada agente empreendedor, com o fim de compreender as perspectivas desses novos atores, de suas interações e conflitos de interesse territorial, apontando suas semelhanças e diferenças.

Os empreendimentos criativos entrevistados abrangem diversos segmentos, quais sejam: *hostel*, teatro, *pub*, brechó, coletivo de moda, café e espaço colaborativo, escritório de arquitetura, estúdio de dança, atelier, grupo de pesquisa em artes, jornal, associação cultural, espaço *coworking*, galeria de arte, antiquário, construção e venda de bikes e coleta ambiental; além de trabalhadores autônomos sem sede: escritor/poeta e designer

social. O perfil dos entrevistados é de profissionais com ensino superior, formados nas seguintes áreas: arquitetura, moda, teatro, letras, história, filosofia, gastronomia, publicidade, jornalismo, psicologia, turismo, engenharia, artes visuais e políticas públicas. São diversificados no que se refere a gênero e idade. Em alguns empreendimentos mais de uma pessoa foi entrevistada, portanto, há 22 empreendedores em análise, sendo 13 mulheres e 9 homens com as médias de idades seguintes, conforme o gráfico de perfil abaixo:

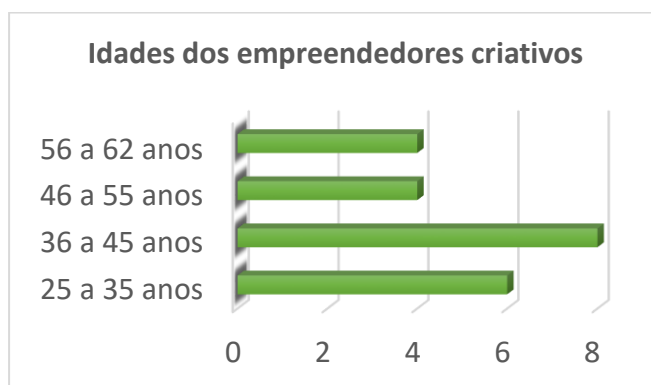


Tabela 3: Idades dos empreendedores criativos

Fonte: Elaborado pelo autor

Outra característica de relevância para compreender a inserção deles no bairro Floresta é pelo estado do imóvel: treze dos empreendimentos são locados, três são moradias residenciais, três deles são próprios e um não possui nenhum imóvel e trabalha em rede, fora do bairro. Além disso, à época das entrevistas realizadas entre junho e setembro de 2018, o tempo em que eles estão trabalhando no bairro se dividem em onze empreendimentos criativos que estão de 2 a 4 anos, cinco que estão de 5 a 9 anos e quatro que estão entre 10 anos ou mais. Em sua maioria, os que estão concentrados nesse último grupo são os que moram no Floresta. Ao todo, 6 são habitantes do bairro e 16 dos entrevistados não moram, em análises que constam na tabela em anexo II.

A seguir o trabalho tem o intuito de demonstrar as justificativas da instalação dos empreendedores criativos no local, que sobretudo tem a relevância de seus principais agentes como fator importante na aproximação ao bairro. Primeiramente, a importância quanto à localização do bairro Floresta na cidade de Porto Alegre está relacionado a sua infraestrutura urbana, proximidade ao centro, e sobretudo a mobilidade urbana, portanto, sendo os principais fatores de que os agentes criativos citam como escolha para a instalação de seus empreendimentos. Para dar exemplos, dois empreendedores, em entrevista, comentam:

Tudo que construímos aqui, os fornecedores estão muito próximo, o que também ajuda em toda a escolha do local. Além do mais, a localização para transporte público, quem anda de 99 [aplicativo: 99 táxi], carro, bicicleta, isso também facilita (Entrevistado G).

Assim, buscamos por novos endereços, principalmente nessa região em função do fácil acesso para nós - pelas rotas que tínhamos estabelecidos de carro e bicicletas a partir desse ponto. Procuramos manter nosso formato de logística para ter menos prejuízo e conversando com novas iniciativas, encontramos esse espaço [...]

O interessante de estarmos aqui no Floresta é primeiro pelas casas colaborativas que nos proporcionava trocas e não poder arcar com aluguel caro. A localização é um dos fatores mais importantes, pois daqui pode ir para o leste, norte, sul - tem bairros interessantes que a gente atende com nosso serviço. Facilita nossa logística. Portanto, não viemos para o Floresta pelo potencial de clientes ou de parcerias (Entrevistado O)

Apesar desse último trecho do entrevistado comentar que não está nas imediações do bairro pelo tipo de público, a maioria contradiz. Os seus públicos que são um segmento de mercado de jovens adultos com alto poder aquisitivo e que estão à procura do acesso ao lazer e bens culturais, de diversidade de serviços (ALCÂNTARA, 2018) são um fator de demanda que se verifica e que corrobora com as tendências nos processos da classe média em se reestabelecer novamente nas áreas centrais junto com uma oferta de incentivos ao embelezamento para o turismo nas grandes cidades. Isso se confirma, segundo cada segmento em que o empreendimento atua, e exemplos esclarecem esse intuito de se instalar naquela localização, tanto de maneira perceptiva ao lazer quanto na relação aos arredores de bairros mais enobrecidos:

[...] mas o que nos chamou mesmo para cá é essa coisa mais lúdica do bairro. Ele tem um aspecto de bairro, mas ao mesmo tempo a gente está no meio do centro da cidade (Entrevistado T).

[...] Se o Moinhos de Vento e o Independência não tivessem ali, não sei se aqueles que não conhecem o Distrito C viriam até o Floresta e proximidades (Entrevistado L).

Juntos de outros fatores, tais como o patrimônio arquitetônico e os requisitos imobiliários de espaço que comportasse diversos materiais e equipamentos, para esses profissionais, a possibilidade econômica de aluguel é um fator de importância central de instalação nesse bairro, por isso o seu aumento de preço pode ter a possibilidade de gradual expulsão. A verificação desses atributos para a escolha do bairro é trazida em diversas narrativas, tendo como exemplo dois trechos abaixo, a primeira de instalação mais recente e a segunda que além de ser mais antiga no bairro, também é moradora, que acrescenta o seu receio de passar por um processo de gentrificação:

Para quem *tá* iniciando a questão imobiliária ainda é boa, os aluguéis são bem menores do que outras áreas de Porto Alegre e o retorno, como estamos em áreas afins, é o mesmo, se colocar em lugares mais nobres como a Cidade Baixa, o Moinhos não chega perto, aqui é bem mais em conta (Entrevistada N).

Já que estou aqui há tanto tempo, o aluguel do imóvel continua sendo barato, mas no momento em que *viro as costas* eles irão aumentar em 4 ou 5 vezes o valor do que eu pago hoje. O amor que eu pego pelas coisas. Eu moro aqui, meus filhos nasceram aqui e, portanto, tenho amor pelo bairro, pelo casarão e tudo que tem dentro dele. Tenho toda uma relação com o bairro, mas não é fácil para se manter (Entrevistada I)

Além de uma condição de aluguel, há relação de pertencimento histórico dos moradores com o bairro, como apontado no último relato, ao passo que gera uma significação de identidade territorial do rumo em que ele foi se transformando e o impacto de valorização imobiliária é um risco de deslocamento e rompimento de laços do local. Construções que foram construídos por suas lutas políticas operárias, relações de vizinhança e de trocas econômicas, que ainda são presentes no espaço, como trouxeram a seguir diferentes entrevistados. Eles buscaram o bairro justamente pelo envolvimento e a necessidade de proximidade com os fornecedores, ainda que reiterem a necessidade de atração de um público mais jovem, como no segundo trecho para renovação dos moradores e construção de um público interessado nas *bikes*.

Estava procurando aqui por uma questão de preço, havia uma época em que os galpões grandes eram fáceis de encontrar aqui, além do aluguel barato nesse perímetro, e de não ser longe do centro, ter muita ferragem, muita loja para comprar material (Entrevistado C).

Tínhamos a fábrica de bicicletas na Zona Sul que era na garagem de um dos sócios (fabricação das bikes) e começou a ficar pequeno e desvantajoso para nós. Era muito longe e os ciclistas não passavam perto. Quando saímos de lá, fomos buscar um lugar que conversasse um pouco com as nossas propostas e aí levantamos alguns bairros como Cidade Baixa [bairro boêmio de Porto Alegre], mas o aluguel era muito caro. Queríamos um local grande e acabamos achando essa casa, foi uma das que nós nos apaixonamos (Entrevistado D).

Esse último relato traz muitos elementos, tais como o foco no consumidor de seu serviço, na localidade e proximidade com os bairros mais nobres da cidade, o fácil acesso, a necessidade de desenvolver uma atração de ‘cultura jovem’ que já é verificada quando da mesma atração por esses profissionais que demandam e criam essa oferta de uma área que tem “talento criativo” (LANDRY, 2011) cujos agentes de economia criativa criam laços e redes e são os catalizadores desses serviços de inovação. Esse número e diversificação de atração de empreendimentos e aglomeração criam um *cluster* criativo, percebido também entre os agentes entrevistados de diferentes perfis que são levados para

o bairro com esse propósito de envolvimento com o setor:

Ele é muito peculiar, tem toda essa efervescência criativa, muitos artistas, arquitetos, tem uma energia diferente. Não sei muito explicar, mas tem bastante gente vindo para cá. [...] A Economia criativa chama muita gente para o bairro, tanto como ponto turístico, há muitos estudantes que vem estudar o bairro. Tem gente que vem de fora, tem um pessoal da Espanha que já fez alguns estudos (Entrevistada T).

Temos muitos hóspedes que vem para cá desde Rio e São Paulo e que tem uma ligação direta com a economia criativa e vem para cá para fazer uma incursão no bairro. Como conversamos muito, temos essa ligação direta e procuramos apresentar pois temos um mapeamento dos pontos que fazem parte do Distrito C (Entrevistado K).

Aqui é muito diverso. Tem desde produção de cerveja, bicicletas e concertos, coisas muito diferentes, não só artistas visuais, escritórios de arquitetura, galerias de arte que tu *tem* aqui embaixo, como a bolsa de arte que é grande, saiu ali do Moinhos e veio para cá. Sabia de todos esses movimentos. Vem artistas renomadíssimos fazer exposições aqui, duas quadras abaixo. Então há essas duas coisas: tem um atelier de um artista novo e desconhecido como eu e ali duas quadras para baixo tinha a exposição do Carlos Vergara, um dos maiores artistas plásticos brasileiros. Então a pessoa que transita por aqui pode ver trabalhos iniciais, crus, comparado com o cara consolidado como o Vergara ali embaixo. Acho que essa fartura de opções é bacana por aqui no território (Entrevistado R).

Mudou muito o Bairro Floresta, aumentamos para mais de 100 empreendimentos, o que significa que houve um interesse muito grande por essa região. E foram pessoas que vieram aqui de alto nível, não somente pelo aluguel barato, mas chegaram artistas importantes, arquitetos, o que deu para nós hoje enquanto polo de economia criativa não somente um volume, mas uma qualidade de profissionais e com bom desempenho nas suas funções (Entrevistada B)

Além disso, os agentes criativos instalados no bairro são caracterizados como profissionais de alta qualidade, com uma identificação cultural empreendedora e de juventude, ao ponto que essa aglomeração é comunicada para o resto da cidade com o fim de atrair ainda mais esse público. Essa aglomeração de locais da economia criativa identificada pela sua qualificação profissional e objetivo do empreendimento começa a transbordar para fora dos perímetros do bairro, permanente no processo de reestruturação do 4º Distrito, como no bairro São Geraldo:

Muitas pessoas acabam percebendo e leva a outros bairros próximos, como no São Geraldo que também já inicia os seus empreendimentos criativos: Gravador Pub, 4Beer, Porto Cervejeiro, La Tasca ...ainda *tá* pouco denso, mas algo ocorre ali. Está atraindo gente (Entrevistado L).

Tem vários lugares bacanas como cervejarias, lugares lindíssimos que fazem parte. Lugares como o 4beer, o Gravador Pub que são pubs, ou seja, negócios que são voltados para a noite, para a bebida, mas que fazem parte pois se identificam com a cultura da arte, da juventude. E eu vejo essa transformação. O negócio dos caras foi atraído para cá, dentro dessas novas marcas, empreendedores e nova economia em geral, ou seja, caras que largaram tudo para fazer cerveja são os propulsores da economia criativa, caras que geram

emprego (Entrevistado R).

São exemplos desse reconhecimento de atração e interesse desses agentes, dentro dessa perspectiva de se criar um Distrito Criativo e que atrai olhares para a região com interesses e perspectivas diferentes, ressignificando o espaço para esse intuito econômico:

Acho que o Distrito Criativo trouxe muita visibilidade ao bairro. Acho que nós chegaríamos até aqui mesmo sem o Distrito [Criativo] mas ele é fundamental para atrair pessoas para cá e as pessoas ficarem sabendo, ouvirem e verem que há algo diferente acontecendo aqui (Entrevistada T).

E é sob essa condução de olhar que o território vai sendo visado e visibilizado, incluindo diferentes interessados para criar um novo dinamismo ao espaço. Seus projetos de reestruturação urbana constroem o discurso que é legitimado pela organicidade de atrações dos agentes criativos. É a sua presença que estabelece a aglomeração de um espaço refuncionalizado para uma economia imaterial que se insere nos fluxos informacionais e que é estilizada pela criatividade, ou seja, uma nova roupagem com influências e demandas de serviços globais, elevando a oportunidade de exploração imobiliária-financeira.

4.3.2 Visibilidade e principais agentes da economia criativa no território

Diante da necessidade comercial e de reconhecimento, a divulgação por mídias sociais é essencial para os trabalhos da economia criativa ficarem conhecidos no setor, legitimar as iniciativas que estão se promovendo no território e trazer um público-alvo específico e especializado para lá. O tipo de público requerido comparado ao já estabelecido no bairro fica evidenciado pela declaração do empreendedor P:

Há um grande esforço para incluir a comunidade mas acho que ainda falta participação dela. Talvez a galera que consome o nosso produto não seja daqui. Tem muitas pessoas mais velhas aqui e falta essa cultura jovem de estar participando dessa economia criativa. Aqui não é uma galera despojada, criativa, alternativa e jovem que ainda falta estar morando, o que com o tempo pode vir a acontecer pois é um bairro mais barato que o Moinhos e o Rio Branco e é do lado.

Essa ideia se articula com a vontade de um *upgrading cultural* analisado por Zukin (2000) como uma imagem de mudança gentrificadora com a fachada de termos como inovação que muito se legitima pela mídia local desde os primeiros debates sobre a economia criativa na cidade, principalmente ligando esse conceito a um determinado desenvolvimento urbanístico e de exemplos que acabaram sendo implementados em projetos da prefeitura e empreendimentos privados de aglomerações específicas, sobretudo no bairro Floresta. Em 2015, os relatos de periódicos já traziam essa pesquisa

atrelada ao conceito de economia criativa legitimada pela UNCTAD (2012) e aos exemplos de iniciativas em Porto Alegre, como o caso do centro de cultura, educação e negócios criativos do Vila Flores e a incubadora Tecendo Ideias, projeto de fomento à economia criativa idealizado pela prefeitura e executado pelo Centro Universitário Metodista IPA (ZEROHORA, 2012).

Ao relatar a região, os periódicos desenvolvem a retórica de visibilidade que uma cidade criativa precisa: os diversos festejos, restaurações e encontros de artistas do bairro Floresta e entorno, focado principalmente nessas iniciativas privadas conjuntamente aos planos de desenvolvimento econômico discutidos para a área. As articulações que ocorrem entre as iniciativas acontecem por meio desses canais tanto para se reconhecerem como profissionais criativos com interesses semelhantes, por serem referência em seus diversos ramos, quanto para a divulgação de eventos. O discurso das principais iniciativas criadas no bairro são citados pelo seu envolvimento na transformação de um bairro na reflexividade de uma relação de influência mútua entre a estrutura e o sujeito, desenvolvendo um tipo de identidade como caráter relacional (GIDDENS, 2003) em um produto de valores compartilhados, em que, como citado em notícia local sobre o bairro a “socialização dessas iniciativas de economia criativa com os moradores aposta numa localização com melhorias sociais e fomentos aos seus negócios inovadores, ao perceber o potencial urbanístico e produtivo de uma região com valores históricos” (LEWGOY, 2014).

Além disso, também é ressaltado nas notícias “um vilarejo criativo” (como um bairro artístico) que surge pelo polo de negócios nas áreas de inovação, cultura e educação que se forma em área degradada do bairro Floresta na região do 4º Distrito. Em reportagens como essa já se delineava o tipo de negócio que se ocupava como galerias de arte, produção de audiovisual e design, escritórios de arquitetura, brechós, escolas e espaços gastronômicos. O grupo mais perene que se apresenta na mídia foi o Distrito Criativo, visto como um ecossistema que recupera os valores históricos locais em movimentos de aglomeração e ações coletivas em ideais que unem revitalização urbana e reestruturação produtiva.

a) Distrito C

Como relatado no trecho anterior e constantemente demonstrado na sua importância pela visibilidade e atração desses empreendimentos criativos, o Distrito C é o primeiro a ser comentado como um dos principais articuladores para transformar o território em um espaço propício a economia criativa. Já citado como um importante

construtor de relações a nível institucional e estrutural pelos projetos urbanos de maior escopo, seu funcionamento de mapeamento, rede e criação para visibilizar o bairro com essa nova fachada é relatado pelo entrevistado Q:

[...] que tem uma empresa de inovação social que já fez esse movimento em Barcelona e aqui, começou a participar também e aí ele traçando o perfil dessas pessoas aqui, vendo que tinha galeria de arte, tem escritor, tem músico, tem produtora de audiovisual, tem escola de música, escola de teatro, então ele sugeriu nomear essa região como Distrito Criativo que nas palavras dele mesmo poderia ser outro distrito, poderia ser o das Casas Mecânicas se tu pegar pela Farrapos, por exemplo, porque tem outros perfis na região também, mas para chamar a atenção para um tipo de perfil que desse um valor novo na percepção da região, sugeriu-se um Distrito Criativo e aí foi mapeando todas as pessoas dessa economia criativa na região. Isso foi atraindo outras pessoas para a região aqui. Aos poucos outros empreendimentos da área criativa além do que já tinha, vieram.

As características atribuídas ao seu funcionamento e relevância são diversas e esse reconhecimento está entendido entre os empreendedores, na visibilidade midiática, pelo interesse do poder público e no envolvimento de suas ações criativas que geram uma rede de integração entre os partícipes locais, assim como faz um diálogo com o poder público, trazendo suas referências globais. Assim, alguns empreendimentos relatam que têm visibilidade e se instalaram no bairro por causa do Distrito C:

Há 4 anos atrás, quando imaginaram em ter uma galeria, acabaram encontrando o bairro Floresta por alguns motivos: Distrito Criativo (matérias na imprensa), aluguel mais barato do que CB, Bom Fim ou Centro, inclusive já ter alguns empreendimentos criativos aqui como a Bolsa de Arte que está na mesma rua - Visconde do Rio Branco (apesar dos diferentes perfis) e a antiga Sul Fotos - que era o que fazia eles conhecerem a região (Entrevistado F).

O emblema criado do Distrito Criativo, em imagem a seguir, está colada na frente dos diversos empreendimentos existentes como uma forma de reconhecimento e de pertencimento a essa rede, demonstrando o remodelamento do bairro para esse intuito econômico.



Figura 18: Emblema Distrito C
Fonte: acervo do autor, 2018

Essa aglomeração tem a marca como uma forma de atração em investimentos e também na escolha de novos empreendimentos criativos se instalarem no local, mais

recentemente. O seu reconhecimento é objeto notório de visibilidade no bairro e na mídia pelas suas ações que tomam esse envolvimento como principal catalizador de desenvolvimento de um 'espaço criativo'. Alguns empreendedores relatam essa representação, relacionada a integração tomada pela rede que se desenvolve, ao assumir essa marca:

A sociabilidade do bairro é positiva, as associações do Distrito C de aproximação das empresas facilita a discussão. Se um dia nos mobilizarmos para pedir algo é mais fácil tendo amigos juntos do que entrar com uma ação sozinha. O mailing de toda a comunidade pode ser usado para isso. Por exemplo, estávamos afim de fazer uma festa junina, então enviamos um e-mail para ver se não havia nenhuma festa que batesse no mesmo dia ou se houvesse, que pudéssemos nos juntar (Entrevistada N).

A gente se troca informações, consegue habitar os eventos uns dos outros, estabelecer parcerias nas ações uns dos outros, criamos eventos e ações conjuntas daquilo que permeia o Distrito.

Nós, como [...], estamos mais na ponta - para o lado do centro. Às vezes estamos mais atrelados às questões da Casa, mas desejamos ser mais atuantes em conjunto que já está sendo feito parte do projeto pelo Distrito Criativo: Reuniões de tópicos específicos, conhecer outro lugar, outras pessoas que fazem parte, e a medida que os anos vão se passando, a rede vai se fortificando (Entrevistada E).

A rede é parte fundamental para a criação e o funcionamento do Distrito C. Foi o mapeamento e as ligações desses pontos entre os empreendimentos criativos no espaço visado pela UrbsNova que gera essa representação desses profissionais emulando uma nova construção identitária territorial, ou seja, uma diferente visão que se observa do bairro Floresta diante do compartilhamento dos mesmos códigos de comunicação desse segmento de classe profissional. A criação dessa rede é o que desenvolve um grau de coesão desses agentes criativos para a construção de um campo com pretensões de legitimação cultural e econômica na cidade com o fim de maior visibilidade para investimentos. Essa aglomeração é percebida dessa forma, como o agente criativo R cita:

E brota artista quando começa uma iniciativa como essa de um Distrito Criativo. As pessoas começam a desabrochar todo o seu trabalho porque sabem que as pessoas estão prestando mais atenção nele. *Tá* dentro de um lance que tem esse engajamento de levar a arte para as pessoas e trabalhar com isso: ser uma economia criativa é isso. Tentar dentro de sua especialidade, do que gosta de fazer *pra* fazer disso um negócio que viabilize pelo menos, se não o seu sustento, o próprio negócio do empreendimento do cara.

E participar desse *cluster* criativo tem vantagens pela criação de laços de solidariedade (BRUNET, 1990; OSTROM, 1995), relacionado com o capital social consolidado na forma do Distrito Criativo. Além do mais, criam a autenticidade e a singularidade do território sob a forma desse capital imaterial, valorizando a originalidade e reconhecimento determinados valores estéticos que devem ser enaltecidos para

comércio (HARVEY, 2014). Um dos integrantes comenta sobre um trabalho que fez de arte urbana, como o da imagem abaixo, feito no Dia C:

os vizinhos passaram adorando, tomando chimarrão, elogiando os artistas, batiam um papo, foi muito legal a experiência. E eles vieram me procurar por causa do Distrito. Esse foi o meu bechmarketing, o meu grande trabalho como integrante e como colaborador [...] (Entrevistado R)



Figura 19: Arte urbana no Dia C
Fonte: acervo do autor, 2018

Esse mesmo agente criativo (entrevistado R) se relaciona com a economia criativa nessa participação de redes, que significa maior repercussão para seu trabalho e envolvimento nas novas mídias sociais, ao que ele comenta:

Eu trabalho primeiro com o reconhecimento e já repercutiu e o financeiro também pode ter tido. Uma coisa é ligada na outra. Os meus clientes são amigos, amigos de amigos e pessoas que me descobrem pela internet através dos meus posts, muito pela *hashtag*: *graffiti*, *street art* - coisas que as pessoas buscam fora e eu recebo muita mensagem de 'gringo' nos *posts* do *instagram*. Muitas mensagens dizendo que gostam do trabalho e que acabo fazendo contatos.

As ações, portanto, tem um propósito mercadológica no objetivo da criação do Distrito Criativo. Essa relação com marketing urbano das economias criativas é próxima aos ideários de O'Connor (2015) em que o seu desenvolvimento gera vantagens comparativas para a arte e se torna uma riqueza cultural associada ao valor econômico. Isso é corroborado pelo próprio comentário do idealizador do Distrito C:

O Distrito C é ver os problemas dos pequenos, alguns precisam de outras rendas para se manter e não conseguem viver somente de sua arte. Para mim, o que mais me interessa é justamente os menores, que estão mais ligados ao território e são as pessoas que conhecem as vizinhanças e que trazem os moradores em seus trabalhos. Chamamos a atenção, com oportunidades para divulgar.

O projeto, portanto, era dar apoio ao empreendedorismo, visibilidade, mas com compromissos com patrimônio histórico e ambiental (no território que tu estás, de maneira geral). Há que se estabelecer um compromisso com a ideia, com o conceito.

O Distrito Criativo, portanto, é uma ferramenta que cria outras ferramentas.

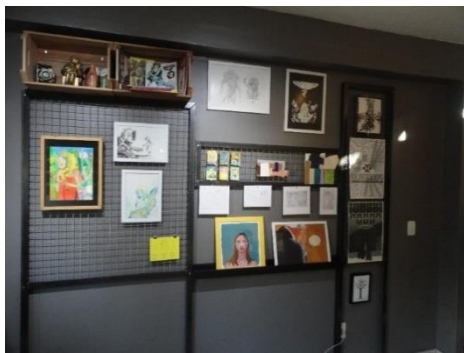
Ele, em si, não faz algo útil. Ele cria outra coisa e essa outra coisa que faz. Assim, criei passeios para que as pessoas entrem nos lugares, caminhando entre espaço público, privado, patrimônios, a igreja São Pedro que tem uma história bonita, tem ateliês, bares de convívio, *tu entra e apresenta* para as pessoas. Isso leva gradualmente o local e os empreendedores a serem mais conhecidos, beneficiando as pessoas, sem utilizá-las. O Distrito Criativo, portanto, é uma articulação que deve estar sempre conectado, como um projeto territorial e os eventos estão dentro dele: como os passeios dos antiquários, Dia C. Mesmo que todos não estejam mobilizados, parte dele e em segmento sim. Com o tempo vai se assentando, adensando, dando uma noção. E é muito difícil pois cada um tem seu negócio, por isso cada um participa muito conforme a época, por vezes, eles propõem, outras vezes alguém de fora em que eu articulo para todos e comunico (Entrevistado L).

Segundo o próprio idealizador, o Distrito C é um de seus maiores projetos e sua empresa de design social construída em 2012 tem como intuito “fazer ações que relacionem patrimônio histórico, turismo e construção de uma vida social mais solidária”. Os eventos que o Distrito Criativo promove são diversos e são eles que desenvolvem a promoção de visibilidade do bairro destinado à economia criativa. Além de ser uma das justificativas para escolha de instalação do bairro, a criação dessa rede também é uma forma de representação desses agentes locais ao desenvolver projetos de articulação com outros espaços criativos de cidades diferentes, em colaboração com universidades e centros de pesquisa, aproximações com os representantes públicos e o intercâmbio internacional, sobretudo tendo como base o caso do 22@ em Barcelona. A sua visão estratégica é inserir esses valores da economia criativa como tendência global e transformar esse espaço num construto social dessa relação híbrida das ideias dos agentes externos ao bairro a partir da realidade do território.

O Distrito C é midiaticado pela promoção territorial de seus eventos culturais, com destaque para o Dia C (apontado no relato anterior) – com mais de 90 participantes onde mostra os diversos participantes nas diferentes categorias de produção econômica criada pela marca: as economias criativa, do conhecimento e da experiência. O tour que é conduzido nesse dia pela narrativa de seu idealizador demonstra a preocupação com a história cultural e patrimonial local ao apresentar a igreja São Pedro na Av Cristóvão Colombo, a memória de um antigo açougue pertencente ao pai da cantora Elis Regina hoje estúdio de atelier e na apresentação do grande painel de aço atrás da sede da empresa GERDAU, emoldurado por artistas e arquitetos de renome internacional. Além do mais, as constantes visitas aos diversos empreendimentos criativos levavam essa sensação de acolhimento, laços solidários que se criaram numa relação de vizinhança, estabelecendo contatos internos com a moradia, lugar de trabalho, família e amigos dos empreendedores

nesse segmento entre a Cristóvão Colombo e a Avenida Farrapos, onde as árvores, as casas antigas e o menor movimento de veículos geram um contexto de coesão entre os profissionais.

As visitas que ocorreram para observação participante foram direcionadas para espaços privados que estavam abertos ao público naquele dia. Nesse evento tomou-se o conhecimento da amplitude e diversidade tanto de artistas pertencentes ao bairro com diversos anos de experiência quanto da profissionalização ligado aos novos empreendedores que se identificam com uma identidade de tendência mais global, *hipster*, de estilo de vida urbana, atrelados aos cafés e *bikes* (figuras a seguir). Esse tour levou o reconhecimento desses espaços, das suas atuações, demonstrando exposições, pinturas, quadros e construções de uma relação do criativo com o mais antigo e o mais novo, todos numa inspiração para a criação de redes entre eles e a ressignificação do espaço.



Figuras 20, 21, 22 e 23: DIA C
Fonte: acervo do autor, 2018

As articulações do Distrito C são bastante ampliadas promovendo tanto palestras, seminários de apresentação do projeto para possíveis investidores, quanto eventos culturais dos diversos setores participantes: brechós, antiquários, bicicletas e arte de rua nos muros do bairro, assim como apoiador de reivindicações políticas daqueles que ele representa. Um exemplo foi a demanda para fechar o corredor de ônibus da Farrapos aos domingos – conduta surgida após o atropelamento de um jovem ciclista que ressalta os altos índices de acidentes em uma das vias mais movimentadas da capital (SCHUCK, 2018). Seus eventos são constantemente noticiados pela própria revista do Distrito C, pelo Jornal Floresta e principalmente pelas redes sociais.

A Urbsnova como criadora do Distrito C e principal articuladora da rede de empreendimentos criativos se vale de aumentar essa visibilidade em palestras e visitas no escopo privado, do poder público municipal, bem como com as universidades interessadas. Um exemplo é a palestra ocorrido no evento do Ciclo de Debates de Administração do RS promovido pelo CRA-RS em março de 2019 (CRA-RS, 2019). Assim também ocorreram em outras cidades, como em agosto de 2018 em Santo Ângelo, com visitas, reuniões e workshops demonstrando o que é e quais foram as efetividades do Distrito C na sua visão com o intuito de estímulo à criatividade e empreendedorismo na cidade a fim de demonstrar “o seu diferencial para explorar a sua cultura e história missioneira pelo turismo” (PMSANTOANGELO, 2018), em um discurso nos moldes dos planos de desenvolvimento da economia criativa adaptado ao território. A promoção desse evento, além do governo municipal, teve a presença do secretário de planejamento Jorge Tonetto, antes secretário da fazenda da gestão 2013-2016 em Porto Alegre, junto com representantes privados como o Sindilojas, Associação Comercial, Industrial, de Serviços e Agronegócio (ACISA), a CDL, Faculdade CNES Santo Ângelo e Instituto Federal Farroupilha.

Em Florianópolis também ocorreram aproximações da Urbsnova com a VIA Estação do Conhecimento, grupo que suporta as atividades realizadas pela pesquisa Habitats de Inovação e Empreendedorismo registrado no CNPq em 2016, certificado pela UFSC e coordenado pela professora do departamento de engenharia do conhecimento Prof^a Clarissa Stefani Teixeira. Além disso, ocorreu uma visita ao projeto do Centro Sapiens, incubadora de empreendimentos em tecnologia, design, artes, turismo e gastronomia, localizado no centro da cidade em um prédio neoclássico de 1892 recentemente renovado e que tem o apoio do SEBRAE-SC e Sogeplan Consultoria (VIA, 2018).

b) **ZISPOA**

A Zona de Inovação Sustentável de Porto Alegre (ZISPOA), por sua vez, é uma iniciativa privada com aliança com o Estado do Rio Grande do Sul, com foco em empreendimentos e *start ups* sustentáveis e inovadores principalmente entre jovens empreendedores universitários, técnicos, estudantes e ativistas sociais. Ela é uma estratégia financiada pelo Banco Mundial a fim de atingirem os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU até 2030 e com articulações entre diversos espaços em Porto Alegre de casas colaborativas de ligações com essas novas iniciativas da cidade, bem como participações em eventos promovido por parques científicos suecos, em articulação com outro grande investidor da área, o Shopping Total, segundo seu site oficial (ZISPOA, 2019). Essa iniciativa de parceria entre os dois é visível no estacionamento do Shopping, como na figura abaixo de um compartilhamento de vagas para carros elétricos, para remeter a esse incentivo à zona para inovação.

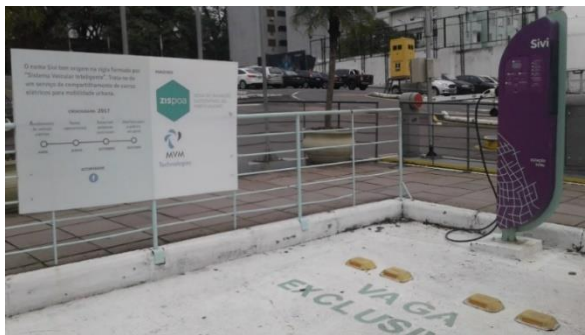


Figura 24: Shopping Total e ZISPOA

Fonte: acervo do autor, 2018

Em termos de território, a ZISPOA se encontra em um perímetro que se confunde (demonstrado na figura abaixo), ainda que essas economias de inovação e criativa estão em processos semelhantes de reestruturação urbana, entretanto com estratégias e agentes que articula de maneiras distintas. Nesse espaço, ocorre de se encontrar em uma área mais elitizada que é claramente encerrada em áreas de menor intenção para incentivo, após a Avenida Farrapos.



Figura 25: Mapa da Zona de Inovação
Fonte: ZISPOA, 2019.

Um dos seus pontos se encontrava no espaço de *coworking*, tendência desse trabalho flexível, que se localizava dentro do Shopping Total, o Paralelo Vivo. Atualmente esse espaço fechou suas portas, o que demonstra a instabilidade desse mercado cujos profissionais são volúveis para o deslocamento, não importando o território em que se instalam. Entretanto, outros escritórios abrem suas portas, refuncionalizam antigas fábricas no local e ganham grandes visibilidades midiáticas para atração desse tipo de profissional, como é o caso mais recente da Fábrica do Futuro. Herança da antiga fábrica de adornos Wanda Hauck, o atual proprietário reestruturou completamente o espaço para atender ao trabalho flexível, imaterial, de inovação, tecnologia, conhecimento e criatividade que se relaciona com esses profissionais de *start ups* e estrutura-se na ideia de empreendedorismo nas áreas de educação, sistemas audiovisuais, realidade virtual e desenvolvimento de games e gera um novo olhar de impacto econômico direto para a mudança do 4º Distrito, como aponta em seu site oficial (FÁBRICADOFUTURO, 2019).

c) *Galeria Bolsa de Arte*

Mais um agente importante relatado pelos entrevistados com relevância para a sua instalação é a galeria Bolsa de Arte (figura a seguir). Participante do Distrito Criativo, o seu idealizador sempre demonstra a sua inserção no bairro Floresta como exemplo dessa potencialidade econômica. Sua fachada e o valor de seus quadros destoam do resto do território, pois são de alto valor econômico. A sua saída do bairro mais nobre da cidade, Moinhos de Vento, para o Floresta, também conhecido como ‘baixo moinhos’ pelos agentes locais, é um marco de demonstração que ali constitui um lugar para instalação de

valores empreendedores condizentes com os seus consumidores. Um dos agentes que trabalha com reuso de móveis e que está na mesma rua da galeria comenta:

Nós estávamos buscando um lugar para se instalar e já conhecíamos a [proprietária] do Bolsa de Arte por visitarmos. E isso ela nos disse, ela estava instalada no Moinhos e o aluguel pesou demais e ela veio para esse lado, achou bem interessante e achou um espaço. Ela foi bem empreendedora porque montar uma galeria de arte no baixo Moinhos e foi bem sucedida. O espaço dela era uma oficina mecânica, arrumou todo o prédio e hoje funciona a Bolsa de Arte (Entrevistado N).



Figura 26: Galeria Bolsa de Arte

Fonte: acervo do autor, 2018

d) Hostel Boutique

Outro articulador importante no bairro numa atuação mais antiga e que promove com intuito turístico uma relação local com os moradores em novas inserções no território é o Hostel Boutique. Foi o seu antigo dono quem criou a associação Refloresta. Sua história é relatada por dois de seus vizinhos, também agente da economia criativa e que participam de diversas ações que movimentaram o bairro a partir dessas integrações:

Há uns 6 anos atrás foi feito o hostel na esquina e o [proprietário] que comprou e reformou a casa convidou as pessoas para se reunir e falar sobre a rua, sobre essa área que vivemos aqui e isso gerou uma associação de moradores chamada Refloresta - veio o nome atrelado a revitalização do Floresta (Entrevistado Q).

Foi criado o Refloresta pelo Carlos Augusto (hostel boutique) há 5/6 anos atrás por causa da insegurança e inibição das prostitutas da Rua São Carlos. Eram reuniões para revalorização do imóvel e dignidade, já que não conseguia nem receber amigos em casa. Assim eles criaram um brechó, passeios noturnos, uma feira, fazendo uma ocupação de alguma forma. Teve uma fase forte inclusive com 200 pessoas reunidas na Igreja Santa Teresinha com a ideia principal de segurança, depois foram trabalhando outras iniciativas, como revitalização, ocupação, comigo sempre presente para divulgação (Entrevistado M).

A preocupação do *hostel* com a revitalização do bairro instalado para a atração de um local convidativo aos seus hóspedes é notado nessas explicações junto da vontade de preservação do patrimônio histórico no território com o fim de mudar a visão que se tinha da rua São Carlos, relacionada à prostituição e ao descaso. Por ações criativas do Refloresta ocorreram aproximações às novidades da economia criativa aos moradores de eventos como brechós, poesias e músicas nas ruas. Além do mais, o Refloresta também serviu como principal associação do bairro para demandas a prefeitura de mudanças objetivas sobretudo nos quesitos de segurança e saneamento:

Aí então tiveram vários encontros, em vários locais como no salão da igreja e aí a preocupação dos moradores em geral era com a prostituição, com a segurança, mas principalmente com o problema da prostituição da rua São Carlos [...].

Então primeiro o espaço público é uma disputa de territorialidade. Quem que vai ocupar esse território? E o que se pode fazer é ocupar também. Se tu for ver na lei, a prostituição não é crime, salvo a infantil. E ninguém pode ser obrigado a sair da rua de qualquer lugar público da rua. Já sabia isso, desde o início. Mesmo assim, as pessoas insistiam nisso e chamavam a brigada militar e aí chamavam e ela dizia isso. Chamavam a polícia civil e diziam o mesmo. Até mesmo o policial saudoso na época de repressão ainda diz: 'é, não podemos prender mais por vadiagem'. Chamavam a EPTC para ver se invertiam a mão da rua e nada aconteceu, o pessoal da iluminação que teve alguma melhora.

E aí com o tempo foram sugerindo algumas coisas assim como os outros moradores. Sugeri, por exemplo que a gente fizesse uma feira livre na praça Florida e agora todas as terças-feiras temos essa feira até umas 20h-21h para marcar uma ocupação da população. Ou seja, nessa rua quando tem prostituição à noite, durante o dia moram diversas pessoas também. Se tu *pega* um taxi, o motorista fica: 'ah não é um terror morar aí?'. E eu sempre pergunto: 'e tu, mora onde?' para saber se ele mora em um lugar tão mais maravilhoso do que aqui. Obviamente ele não mora. Então existe o preconceito da prostituição e tudo isso.

Então quando fizemos a feira, já mudou toda essa lógica de que a rua de noite não é dos moradores, mas também o é.

Além disso, tivemos a iniciativa da [proprietária] do Balaio de Gato que é um brechó para nessa quadra ter brechó dos moradores. Durante vários sábados todos os moradores colocavam as suas coisas na calçada para vender, consegui uma autorização também para que nessa quadra pudesse ter esse tipo de feira de rua. Durou acho que dois anos em todos os sábados (Entrevistado Q).



Figura 27: Hostel Boutique
Fonte: acervo do autor, 2018

O antigo dono do *hostel* fazia parte do SEBRAE – o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, uma entidade brasileira de serviço social, cujo objetivo é capacitar e promover o desenvolvimento e competitividade de micro e pequenas empresas, estimulando o empreendedorismo no país (SEBRAE, 2019). Suas visões consideradas de vanguarda pelo proprietário atual era o que trazia as novidades de outros lugares do mundo ao bairro, mas que aos poucos, foi sendo vinculado e inserido no Distrito Criativo, por ser considerado um dos “embaixadores da economia criativa em Porto Alegre” e por atrair esse público para conhecer o bairro:

O Carlos, antigo dono do hostel, colocava luzinhas, mesas na frente e que agia de forma acolhedora mas não vingou. Ele queria atrair para as pessoas pudessem ocupar os espaços, para caminhar, circular, poder colocar a minha arara na rua, já que a iluminação sempre pedimos aos órgãos públicos da prefeitura e nunca foi atendido essa demanda (Entrevistada I).

A questão da qualidade de vida do bairro, todas as associações que há no bairro e o hostel participa, além de ser um embaixador da economia criativa. Procuramos sempre apresentar o que é o Distrito C inclusive para ver se existe algum vínculo da economia do conhecimento, da experiência, para apresentar para os integrantes do Distrito C e isso fortalece o hostel nesse sentido, nessa questão social. Hoje eu posso te dizer que a gente tem um público muito variado, específico e alternativo e que busca esse tipo de informação também (Entrevistado K).

e) *Refloresta*

A principal aglomeração desses agentes habitantes do bairro foi a criação do Refloresta dentro do qual grupos se articulavam para criar ações que aproximavam às novidades mercadológicas aos moradores mais antigos. São iniciativas pequenas e antigas que movimentam o bairro com a sua referência identitária comunitária, relacionada à princípios e práticas compartilhadas e que incorpora outros valores se adaptando às

mudanças, ainda que se conserve a sua essência (SANTOS, 2008). Um dos exemplos foi citado pela entrevista I que trabalha há 13 anos no Floresta e é moradora há 30:

Há uns 4 ou 5 anos atrás pensei em fazer uma feira, chamando pessoas aqui na rua, organizei e criei o "Solte suas roupas ao vento", imaginando um varal de roupa. As pessoas que iriam estar expondo suas roupas não pagariam nada, cada um somente se cadastraria e diria o que queria, sem o propósito de enriquecer uma indústria. Me surpreendeu muito pelas redes de contato que fizemos, foi bastante grande com 50 expositores em toda a rua.

A princípio a ideia era abrir para pessoas do bairro, mas aumentou porque a proposta era muito inovadora e não existia outras feiras. Durou uns 3 anos mais ou menos, só que se perdeu pois começou a se ter interesse nos brechós de rua mas as pessoas não tinham outro atrativo de permanecer no bairro como um café na esquina para além da feira. Mesmo assim, foi um tempo muito legal porque as pessoas abriram suas casas aqui. Era um palco bonito e alegre.

Assim, por essas perspectivas adotadas, concebe-se o território como um espaço de relações sociais, onde há o sentimento de pertencimento dos atores locais à identidade construída, associada a apropriação do espaço, onde são criados laços de solidariedade ou capital social (BRUNET, 1990; OSTROM, 1995). Esse capital é o que estabelece o potencial de desenvolvimento do território dentro de fronteiras simbólicas e subjetiva, baseadas nas relações histórico-culturais e, perante a conexão com o local e o global, em um espaço que valoriza os bens culturais, as memórias e identifica as singularidade das tradições do bairro. Nesse sentido, as interações culturais externas com as culturas locais promovem um reagrupamento social que se manifesta na memória coletiva e nas relações sociais formadas.

f) Shopping Total

Apesar de não haver um contato de muita proximidade do Distrito C e do Refloresta, o Shopping Total é um estabelecimento importante no bairro pelo seu tamanho, quantidade de comércio, atração de consumidores e a implantação pelo restauro e preservação da antiga fachada original da cervejaria Bopp, o que chama a atenção na sua inserção em 2003. Desde as mudanças do traçado do Floresta, o Shopping não faz mais parte do bairro, entretanto, ele se adaptou a essa nova economia ao abrigar o espaço do *coworking* CC100 e promover eventos que ocupam bastante o espaço aberto de seu estacionamento ao lado da movimentada Avenida Cristóvão Colombo.

A inserção do shopping a esse polo é simplesmente de adaptação às novidades mercadológicas e o laço institucional com o ZISPOA é onde estabelece uma relação com o poder público de maneira indireta. Aparentemente, pela visão do idealizador do Distrito C, o público do Shopping não possui um alto capital econômico, o que além de não se relacionar com o espaço, pode levar a destruição dos pequenos empreendimentos. Assim

relata, fazendo uma crítica tanto ao poder público quanto ao privado desses grandes complexos no meio do bairro:

A maioria dos projetos do 4º Distrito da prefeitura está em criar um negócio lá no meio, sozinho como o DC Navegantes e a partir disso vão surgir outros. Isso funciona lá em Berlim em que tu faz um negócio e a cidade se organiza, pois tem espontaneidade e tu vê que tem um apoio. Porto Alegre é muito devagar. Mesmo o Shopping Total que já tem uns 20 anos poderia ter um impacto maior no entorno e tu percebe que não há, nem mesmo uma gentrificação de projetos legais.

O problema do Shopping não está na restauração do patrimônio histórico, que é excelente; mas no seu conceito que fizeram lojas muito simples para uma vitrine da Antiga Cervejaria Bopp. Poderia ter mais qualidade, como uma livraria Cultura (Entrevistado L).

g) *Vila Flores*

Entre outros espaços multiuso existem o CC100, o Galpão Makers, ainda que o Vila Flores seja o de maior relevância no bairro pela visibilidade tomada nos seus eventos promocionais, pelo reconhecimento de um exemplo principal de economia criativa na cidade, pelo número de empreendimentos que abriga e pela forma com que se posiciona. Ele está caracterizado como um ponto de mediação que realiza com os diferentes atores locais, prefeitura e externos, assim, como pela ressignificação de um grande espaço histórico da cidade. O local é uma associação privada que adota colaboração em aluguéis para diversos setores da área: design, arquitetura, artistas, promove diversos eventos e articula com os moradores, cidadãos, prefeitura, universidades e associações empresariais. O Vila, segundo uma de suas idealizadoras é caracterizado por entregar à cidade como

[...] um espaço plural aonde pessoas com diferentes visões de mundo pudessem estar aqui presentes, sentirem-se bem e falar sobre isso. Então nós entendemos um espaço plural é também conviver com aquelas pessoas com quem você não concorda com o ponto de vista. Nesse aspecto, o Vila Flores também é interessante pois ele é contraditório e ele se faz dessa forma, onde é importante e inevitável em taxar as ideias das pessoas em determinados padrões e a gente sempre procurou um espaço plural também nesse sentido (Entrevistada J).

Em 2009, os proprietários do local herdaram o espaço que estava deteriorado e ocupado por outras pessoas. Aos poucos, eles foram descobrindo que havia uma importância histórica dessa edificação feito pelo arquiteto Joseph Lutzemberger, mostrado na figura a seguir. Os herdeiros que não moravam em Porto Alegre já imaginavam, segundo relata a idealizadora, em manter o prédio e não o vender. Aliaram a ideia de um plano de negócios ao recém lançado Plano de Economia Criativa da Secretaria de Economia Criativa do governo federal de 2011, um termo ainda incipiente. A relação que se tinha com Porto Alegre entre esses proprietários que retomaram esse

prédio era uma relação ambiental, com a causa indígena, arte e com a cultura, pois passeavam pela Casa de Cultura Mário Quintana. Assim, aliaram essa memória com um desejo de tornar ao que ela chamava de “predinhos do Lutz” em um centro cultural e um centro de economia criativa, o que poderia ser inovador e valorizaria o patrimônio histórico de maneira diferenciada.



Figura 28 e 29: Associação Cultural Vila Flores
Fonte: acervo do autor, 2018

Foram feitas reformas emergenciais, trocada toda a parte elétrica e hidráulica, e foram sendo retiradas as pessoas que moravam naquele espaço à época bastante insalubre, segundo a proprietária. Após os consertos prioritários, as ideias sobre a implantação desse espaço multiuso foram sendo remodeladas por visitas a lugares, como à fábrica Bering no Rio de Janeiro, a uma rede de Economia Criativa da cidade do Porto e também à LX Factor, que eram varios armazéns de uma antiga fábrica locados para artistas, cafés, e transformados em um espaço comercial de passeio. Juntou-se os conhecimentos de arquitetura do irmão com a sua pesquisa de mestrado em arte pública e participativa com as ideias de negócio do pai e começaram a desenvolver um projeto com pesquisa de campo para entender a realidade do bairro, ao mesmo tempo e qual, de que forma e qual o interesse em desenvolver esse tipo de espaço na região.

Desde o início foram propostos eventos abertos, chamados "visitas aos predinhos de Lutzemberger" - no final de 2012, com a construção de hortas em pneus pegos na borracharia ao lado, foram chamadas pessoas da arte urbana e *grafitti* e expuseram a maquete da proposta de restauração. A proposta de negócio criativo foi posicionada e avaliada desde os primeiros momentos com conversas com alguns vizinhos, além de relações com a classe artística, algumas já instaladas no bairro. Entorno de 50 pessoas visitaram o espaço, os primeiros que vieram foram arquitetos, pesquisadores de

universidades, relações pessoais com a Casa Digital de Porto Alegre. A história de um novo centro cultural da cidade começou a se espalhar, justamente em um momento em que muitas casas históricas estavam sendo destruídas. Tinham vários movimentos em favor do patrimônio cultural da cidade e por isso diversas pessoas foram solidárias a restauração do prédio.

Uma reunião semanal era realizada à época e trouxeram diversas pessoas com interesse para formar uma linha de ação e foi se configurando o primeiro projeto Simultaneidades, proposta de integração de várias artes, arquitetura, da saúde, com uma ideia justamente em uma junção de saberes para a ativação de um espaço. Além desse, o projeto Vizinhança de uma das participantes, de ativação de espaços ociosos na cidade a partir do encontro dos vizinhos, como trocas de receitas, café da manhã e desenvolvimento de oficinas foram os projetos âncoras do Vila Flores com o intuito de ser um espaço de convívio através de várias iniciativas, e foi esse envolvimento que ocorreu com mais de 60 ideias das artes, turismo cultural com o hostel, salinha de heike, mapa do 4º Distrito com grupo de pesquisa da PUCRS, diversas oficinas, shows em dois dias de atividades abertas e gratuitas e a primeira oportunidade de ver esse espaço vivo para a cidade.

A partir disso, as pessoas que participaram desses encontros começaram a procurar o espaço querendo locar pois estavam dispostos a reformar junto para reconstruir o local, assim como o conceito. Diversos trouxeram outros interessados e o Vila Flores começou a ser reformado com os seus primeiros locadores: Geração Urbana (arquitetura), Mathacker, Fábio - Galpão Makers, Estúdio Hybrido, o Projeto Casa Grande (com fundo da FUNARTE de 10 meses) e o Caixa do Elefante (que adiantou o pagamento pelo financiamento da Petrobrás). Assim, o Vila Flores começa a ser reconhecido como chamarisco desses novos empreendedores, relatado por um dos agentes:

Então nós resolvemos investir num negócio próprio e eu acho que o Bairro Floresta, já tinha o Vila Flores, um ou dois anos antes de nós virmos para cá, o Vila Flores já estava bem em pauta e nós escutávamos muitos burburinhos do Floresta como um bairro em ascensão (Entrevistada T).

Esse relato da história de implantação do Vila Flores demonstra as estratégias de negócio de herança familiar, assim como o intuito em restaurar o espaço para virar um centro cultural, apesar da contradição em ter que deslocar as pessoas que ocupavam os prédios. A articulação desde o início com os artistas a partir de eventos, a mediação com a vizinhança e a intenção de ser um ponto cultural reconhecido na cidade, diante de suas

influências foram o que marcaram a atuação desde o princípio do Vila Flores. E dessa forma ampliou, inseriu-se no espaço e aperfeiçoou o seu envolvimento com seus diversos projetos articulados com pessoas interessadas nessa articulação.

O centro cultural promove mediações, cursos, palestras, eventos, exposições, feiras, participando de editais cria redes de contatos relacionados aos negócios criativos da cidade, destaca a história arquitetônica de seu espaço contatada pelos empreendedores devido a herança familiar de Lutzemberger – famoso ambientalista do século XX. O Vila Flores participa como ponto de cultura, inclusive apontado como turismo da cidade (FRAGA, 2017), sendo palco de diversas atrações de Porto Alegre, como o Palco Giratório, Projeto Simultaneidades, Virada Sustentável (CORREIO DO POVO, 2017), cuja visibilidade aparece inclusive como vencedora no ano de 2019 ao Prêmio Açorianos na categoria de “Destaque em ações de difusão e inovação” (GAUCHA ZH, 2019). Além do mais, também promove os próprios eventos que são pauta nos jornais como o Rendez-vous Vila Flores, os festivais Deslocamentos 4D (JORNAL DO COMERCIO, 2018), TransverCidade e Conexões Globais ocorridos e que teve participação da comunidade e de membros que discutiram em evento cultural as transformações territoriais em rede, como representantes da prefeitura, universidades e entidades interessadas.

O Vila é palco de diversas atrações de Porto Alegre, dentre elas o Deslocamentos 4D ocorrido em abril de 2018 onde o autor também esteve, relatado em observação e demonstrado em imagens a seguir:

A programação era bastante variada e acontecia nos arredores da Rua Hoffmann, ao lado do Vila Flores, organizado pela associação além de performances, bazares e danças no Espaço 373, Casa Cultural Tony Petzhold, Galpão Makers, Porto Alegre Hostel Boutique, Vila Santa Terezinha e Via Velô. A concentração da Rua Hoffmann trouxe shows, teatro, circo, feiras de bazares, papos de conversa, amostras de projetos e diversas oficinas dos residentes do Vila – que acabam não tendo muito contato com o público do entorno do bairro – demonstrar o seu trabalho com interação.

Aqui estão alguns participantes como feirantes: Marcenaria para mulheres; Galpão Makers; Roupas Mestizo; indígenas; Poesia, Música (Vinslava Tilarka da Polônia) e Teatro de Bonecos nos espetáculos do vila; Mundareu e suas antiguidades; Mig Art; Hesique; Santo Rei Arte em Velas; Plaquinhas ‘o amor mora aqui’; Libretos Editora; Humanus; Flor de oliveira; 3 Food Trucks; Carol Arts; Mostra Matehackers; Madeira Santa; Kstudio; Barbearia Cabelereiro na rua. Tanto lojas de roupa, quadros, livros, cervejas quanto mostras de trabalho como as marcenarias, as antiguidades e serviços que se colocam a serviço dos moradores, mesmo que tenham mais pessoas correlatas aos setores de economia criativa, sem muita participação local. As fotos encontram-se em anexo.

Havia uma grande diversidade de público, principalmente com relação a diferentes idades. Além do mais, diversidade nos feirantes, demonstrando os setores criativos que estão instalados nos arredores. Percebe-se que para muitos o local ainda é novidade e é visto de maneira atrativa para o turismo. A rua é fechada, com seguranças privados para que não haja problema de conflitos

nem violência urbana já corrente na área, o que afastou as prostitutas que trabalham à noite no local.



Figura 30: Deslocamentos 4D 2018

Fonte: acervo do autor, 2018

O evento do Projeto Simultaneidade 3ª Edição – TransVerCidade em 2017 (imagens abaixo) também demonstra essa referência na economia criativa, assim como um local de mediação entre os diferentes atores. Lá ocorreram encontros como a reunião em que estiveram presentes no local, o MNLM, o Escritório Arquitetura Humana, o grupo Geração Urbana da PUCRS, alguns representantes de grupos de pesquisa da UFRGS e UNIRITTER, a ZISPOA e alguns moradores. A importância da reunião se deu principalmente para observar a postura do Vila Flores como mediador, observador e propositor de ações conjuntas, das universidades trazendo os pontos de crítica a algumas ações criadas pelas casas colaborativas, ao contraponto de direito à cidade dos movimentos sociais populares para habitação e como se articulam com a área, as opiniões de atores interessados num desenvolvimento econômico sustentável, mas que ficou evidenciado que os próprios atores locais, como os moradores ainda não estão presentes nessas discussões, pois não tiveram participação de fala.



Figuras 31 e 32: Simultaneidades 2017

Fonte: acervo do autor, 2017

O Vila Flores estabelece uma relação para fazer um debate de mediação e com interesse de participar desse envolvimento entre economia criativa, pesquisadores das universidades, moradores e entidades da região, sobretudo em reuniões entre diversos representantes para propor diferentes alternativas ao bairro, como o “Socializando o 4º Distrito”. Essa ideia levantada pelo Vila Flores foi de criar mais ações e envolvimento de pessoas para o território, por áreas que não sejam somente técnicas arquitetônicas (pesquisa sociologia/antropologia, economia, geografia, artes, comunicação). Além do mais, ainda são colocadas a relação que se pode criar com a Frente Parlamentar que trabalha sobre a área, tentando abarcar outras vozes da região. Ao trazer esses diversos atores, o seu envolvimento acaba interferindo e compreendendo as relações e reações no bairro, assim como a idealizadora relata e complementa pelo seu interesse:

É complexo explicar que a revitalização de uma área pode ser um problema se ela envolve higienização, não construção de outras bases sociais em que ela está se realizando, ao mesmo tempo que ela pode ser boa caso ela acompanhe melhorias para todas essas comunidades, mas para isso demanda tempo e uma construção complexa inclusive de diversas áreas do conhecimento: geografia, sociologia, arquitetura e urbanismo, assistência social em conjunto. É nesse sentido que precisamos criar esse convênio com a UFRGS para poder trazer pessoas de diversas áreas a ajudar a pensar sobre isso porque estamos num ponto complexo de todas essas redes de acontecimentos urbanos e sociais,

tentando pensar e atuar para se posicionar diante disso na forma como conseguimos ou não (Entrevistada J).

Essa postura do Vila Flores tem divergências quanto ao seu envolvimento no bairro e junto dos agentes de economia criativa que foram entrevistados. Uma das agentes entrevistadas, moradora e empreendedora há mais tempo no bairro relata a sua aproximação com o Vila Flores ao que demonstra que os seus eventos não lhes foram de interesse, pois a sua chegada teve grande impacto:

Logo em seguida abriu o Vila Flores que tem outra proposta dos quais me aproximei. Atualmente não temos mais nenhuma relação. Achei que, devido ao seu discurso de espaço coletivo e pelo fato de termos uma rede de contatos de diversos brechós, imaginei que teríamos alguma relação mais próxima. Assim no início me aproximei com a [idealizadora] convidando-a para também se abrirem para os nossos eventos. Não aconteceu nada, mas depois eles que nos convidaram para irmos até lá, mas já estávamos todos bem ocupados aqui, eu com a minha loja, o [vizinho] fazendo movimentos muito interessantes cantando nas janelas, declamando com outros músicos. Nós é que queríamos que eles entrassem na história, mas eles não aceitaram. Percebemos que eles tinham o seu movimento fechado entre eles. Esse coletivo em que somos todos abertos, na verdade é outra coisa, ou tu *entra* ali ou então não fazemos parceria por isso não fizemos aliança (Entrevistada I).

A crítica da entrevistada I abrange essa separação dos criativos recém-chegados com aqueles que já estavam no bairro, estabelecendo redes internas e segregadoras pelos distintos interesses nas ações propostas. Ela é enfática na forma como eles atraem um público específico, sem interesse em aproximações aos eventos culturais já existentes:

O Vila Flores traz gente de fora e se fecha dentro de seu espaço. Isso não é interessante. Acho interessante quando tu *traz* pessoas de fora e abre para os moradores e conseguir fazer esse movimento com o bairro, que sirva para todos, chamando todo o mundo. Atraem também um público bem definido: universitários da PUCRS, UFRGS, que fazem sociologia e arquitetura que são tatuados, inteligentes e ficam ali dentro sua cerveja artesanal

Um exemplo bem claro: a festa que eu fui ali no Vila Flores se pareciam diversos *guetos*, com jovens fechados não me sentindo que realmente parecia algo de integração e que a gente consiga ficar todos num mesmo espaço fazendo um trabalho legal. Não voltei mais e acho que poderiam ser melhor, pois tem competência para isso e poderia ter ido por fora.

Outro relato mesmo da perspectiva de dentro corrobora com esse fechamento, separação e isolamento do bairro, apesar do discurso de inclusão do Vila Flores. Apesar das diversas ações de aproximações, a interação com a rua permanece sendo de distanciamento:

E o Vila Flores, a gente estando lá e ter aquele local, é como um oásis que se sente protegido dentro. Não é um lugar que está exposto direto para a rua. Por exemplo, o Lucas tem o atelier ali bem do lado do Vila Flores, mas a porta do atelier dá na rua então as prostitutas que param ali, entram, conversam com ele, tem toda uma relação com o pessoal da rua, os catadores vão lá e fornecem coisas para ele. Ele está integrado muito mais ao bairro do que o Vila Flores e que tem o miolo e entendo muito mais fechado, porque as pessoas que estão lá fora tem medo de entrar no Vila, não sabem muito bem por onde entrar, os

portões estão fechados, entra no pátio e não sabe muito bem o que está acontecendo ali. Eu mesmo estando lá tenho minhas dúvidas se posso mesmo bater na porta do cara para entrar. Não acho convidativo, a porta não está aberta, não tem alguém para me receber, sempre tenho a sensação de que vou atrapalhar.

Às vezes eu levo alguém para conhecer o Vila, e mostro apresentando as iniciativas e a pessoa não é receptiva. É e não é aberto (Entrevistada S).

Em contraponto, existem entendimentos positivos de sua atuação sobre os eventos, bem como sobre o envolvimento em locais de maior vulnerabilidade social. O primeiro relata uma agente vizinha ao local e o próximo da própria idealizadora que demonstra essa preocupação inclusiva, parte integrante da postura adquirida pela economia criativa, no seu entender.

Hoje tem vários muros com *grafitti* e diversas artes. Quando teve o Virada Sustentável, pintaram umas partes do bairro. Também vejo que aqui é feito um trabalho com a prostituição, com conscientização de cartazes e quem contribui principalmente nas ruas aqui é o Vila Flores - toda a circulação de pessoas, os eventos que eles promovem. Semana que vem terá a festa junina, como exemplo. Assim, eles promovem muitos eventos que acabam integrando a comunidade (Entrevistada O).

[...] Como melhoramos o nosso atendimento físico e estrutural como uma associação cultural 'do c***' para a cidade e que possa receber os moradores da Vila Santa Teresinha, por exemplo? Eles merecem um investimento cultural, mas como fazemos acontecer para essa galera. Aqueles que estão acostumados com centros culturais virão, ainda mais quando eu estiver com espaço lindo e reformado, mas o nosso interesse é que essas pessoas também possam vir, tenham acesso, venham em atividades, possam caminhar da vila até aqui e ficam felizes de ter um lugar desses no seu bairro. A ideia é pensar como criamos uma arquitetura de qualidade que também seja inclusiva porque não queremos deixar por menos para ninguém (Entrevistado J).

Alguns deles que são locadores do espaço relatam esse posicionamento do Vila Flores, assim como demonstram que eles também se tornam representantes de diferentes posicionamentos que o próprio conceito da economia criativa traz, ou seja, daqueles que “incorporam comunidades dentro de um empoderamento econômico e cultural incrível, diferente de outros escopos mais exploratórios que não estão na mesma ideia de ação”, nas palavras da sua idealizadora. E isso faz desse espaço construir múltiplos olhares e diversidade dentro de uma relação de mediador:

Muitas vezes acontece que o pessoal dos movimentos sociais terem um preconceito com a economia criativa. Por exemplo, uma vez teve uma atividade de planejamento do assentamento 20 de novembro. O Vila Flores cedeu o lugar para nós fazermos uma atividade com eles, pois também havia uma proximidade territorial e o Vila tinha um interesse de defender a bandeira do direito à moradia e as resistências no entorno.

O Vila Flores sempre teve esse movimento de diálogo com os moradores, com o entorno, como com a Ocupação Primavera e com as meninas que trabalham na volta. Antes tínhamos e ainda se tem nos movimentos sociais uma visão de que o Vila Flores é o super vilão da história e na verdade com o tempo percebemos o seu papel importante no entorno e sua tentativa de criar um

diálogo com o entorno e com os moradores.

Por outro lado, muito das iniciativas às vezes pensam na inclusão, mas o público que frequenta não consegue conviver com o que já existia no local. Por exemplo, diversas iniciativas do Vila Flores são com a comunidade em trabalhos próximos ao que a gente faz. Aqui dentro do Vila, portanto, existem iniciativas que são bastante inclusivas - aulas de francês pelos senegaleses, trabalham com acessibilidades - e outras exatamente o oposto e que se utilizam da ideia de economia criativa para se vender - marketing para mediador de conflitos de representante empresarial (Entrevistada A).

A ideia de gentrificador é trazida nesse ponto, ao mesmo tempo em que se aproxima a movimentos sociais. Assim como outros que já saíram do espaço trazem diferentes perspectivas de estratégias de ação do Vila Flores, dentro dessa relação de mercado da economia criativa que sobressai à inclusão e à arte:

[...] Acho que o troca-troca que rola no Vila Flores é isso. Ele se apresenta como um condomínio de economia criativa, mas o [proprietário] está muito atento ao valor de mercado. Se ele subir, ele vai subir. Então a tendência daquele espaço é virar um shopping mesmo. Acho que o [proprietário] tem uma coisa dupla e a própria associação do Vila Flores não tem um compromisso social quando ela se apresenta. Tanto que quando rolou o negócio do Museu Queer, a associação que era, inicialmente dos moradores do Vila Flores, tiraram uma carta em repúdio ao Santander e a Família Wallig que não quis assinar a carta. E como eles são presidentes e vices da associação aí eles mudaram no final e acabou que vários saíram e a associação caiu em descrédito, porque se tu estás em uma associação e ela não tem uma postura política, se ela tem um discurso e na hora de assumir o discurso, ela não assume, ela cai em descrédito.

[...] Na verdade não é uma ocupação, aquilo lá é um condomínio de uma família privada e que não tem dinheiro para restaurar o prédio então criou uma associação em cima dos projetos sociais que ela faz, ela pega dinheiro para restaurar o prédio porque como o prédio é listado e privado, não tem como fazer projeto pela Lei Ruanet. Qual é o retorno social? Só se fizessemos os eventos de graça e não é a intenção deles. A intenção é recuperar o prédio com a 'grana' dos eventos que eles fizerem e esse é o grande impasse deles. A associação virou o parceiro inconveniente do Vila Flores. Eles tinham que criar uma associação e acabou que os associados começaram a querer ter voz no voto e 'dar pitaco' mas o espaço/a casa é nosso (Entrevistado C).

Assim são constituídos os principais representantes da economia criativa no bairro (apontados dentro do quadrante laranja na figura a seguir), segundo as entrevistas foram conduzindo, em cujos posicionamentos, interesses, articulações, aproximações e estratégias tem suas diferenças. O reconhecimento que levaram a aglomeração no local foi presenciado com uma visibilidade midiática em eventos promocionais constantes. O Distrito C como articulador dos profissionais criativos adota uma relação múltipla, internacional, com agentes públicos e associações privadas. O Vila Flores, entretanto, posiciona-se como mediador com os diversos atores interessados de fora e locais daquele espaço e ambos constroem as diferentes estratégias da economia criativa, reiterado ainda pela presença do ZISPOA e dos espaços de *coworking* que atraem ainda mais profissionais para a área.



Quadro 6: Principais agentes no Bairro Floresta

Fonte: elaborado pelo autor

A elaboração desses principais agentes está no escopo de quem se relaciona em diferentes interesses no bairro. Os principais projetos que serão articulados pela prefeitura de Porto Alegre, por apoio e encomenda são respectivamente, o Projeto Cidades Resilientes e o Masterplan. Pelo projeto Cidades Resilientes, com parceria do ZISPOA é o que ocorreu o financiamento do Banco Mundial, no aporte de US\$ 30 milhões (JORNAL DO COMÉRCIO, 2018). Além do mais, a principal articulação dos agentes da economia criativa naquele território, o Distrito C, relaciona-se com a prefeitura e com planejadores globais como o 22@ e se insere em seu arcabouço as novidades de *coworking* (CC100, NAU e Fábrica do Futuro), turismo, arte, lojas de *bike*, brechós, gravadoras, *pubs*, cafés, escolas de música, de dança, de escrita dentre outras no bairro. A prefeitura, por sua vez, tem as suas secretarias como representações para tratar dos assuntos do 4º Distrito, sobretudo a Secretaria de Desenvolvimento Estratégico, dentro da qual se encontra o Inovapoa.

O Vila Flores encontra-se nesse espaço de mediação com as reivindicações de ocupações locais – sobretudo ancorado pelo MNLM, fazendo um intercâmbio e se relacionando com os representantes e agentes menores da economia criativa (fora de seu espaço multicultural e dentro, como o caso do Ah! Arquitetura Humana) e estabelece um diálogo com a prefeitura pelo projeto do Masterplan. O Hostel Boutique acaba tendo uma relação próxima com o Refloresta por ter sido um dos primeiros fundadores e que estabelece uma relação direta com os moradores dessas novidades da economia criativa,

apesar de que atualmente, o Distrito C se consolidou de maneira mais relevante no espaço, tomando lugar muitas vezes em suas pautas e trazendo os novos valores culturais imbrincados pela economia criativa.

E nessa conexão é que se estabelece um hibridismo cultural, com interesses diversos, mas que se complementam diante de novas construções e ideias para conceber um território. A interlocutora E nasceu e mora no Floresta e trabalha com atividades culturais. Ela relata a sua percepção dessas novas redes de reconhecimento, atrelando agora a caracterização histórica do local às novas concepções que se constroem no e para o bairro entre os agentes empreendedores, sobretudo, relacionados ao Distrito C:

Nessa trajetória da minha casa até o espaço em que trabalho, eu percebo que tenho vizinhos. Antigamente era quase como uma ilha, vínhamos de carro e já estacionávamos e entrávamos direto na antiga Escola de bailados clássicos. Era um entremeio e tinha um ponto de prostituição na frente da fábrica da Brahma: ‘lembro do cheiro que a gente sentia durante o dia’.

Assim que a fábrica foi fechada, ficou um lugar um pouco ermo demais para se afastar de casa. O que sinto hoje é um trânsito mais fluido como pedestre: há mais segurança na rua, maior convívio com vizinhos, pessoas com quem eu possa trocar ideias de ações artísticas, pois tem mais atores e com pontes, em vez de sentirmos isolados. Agora é uma ilha do lado da outra que facilita [...] Não temos o mesmo credo, não praticamos as mesmas verdades, mas nos identificamos e fazemos cada um através do seu movimento dando valor aquilo que se faz do lado. É isso que as pessoas que se aproximam percebem: uma identidade que não é imposta, mas inata. E ao se reconhecer se dá maior força para novos virem, para querer ser mais um.

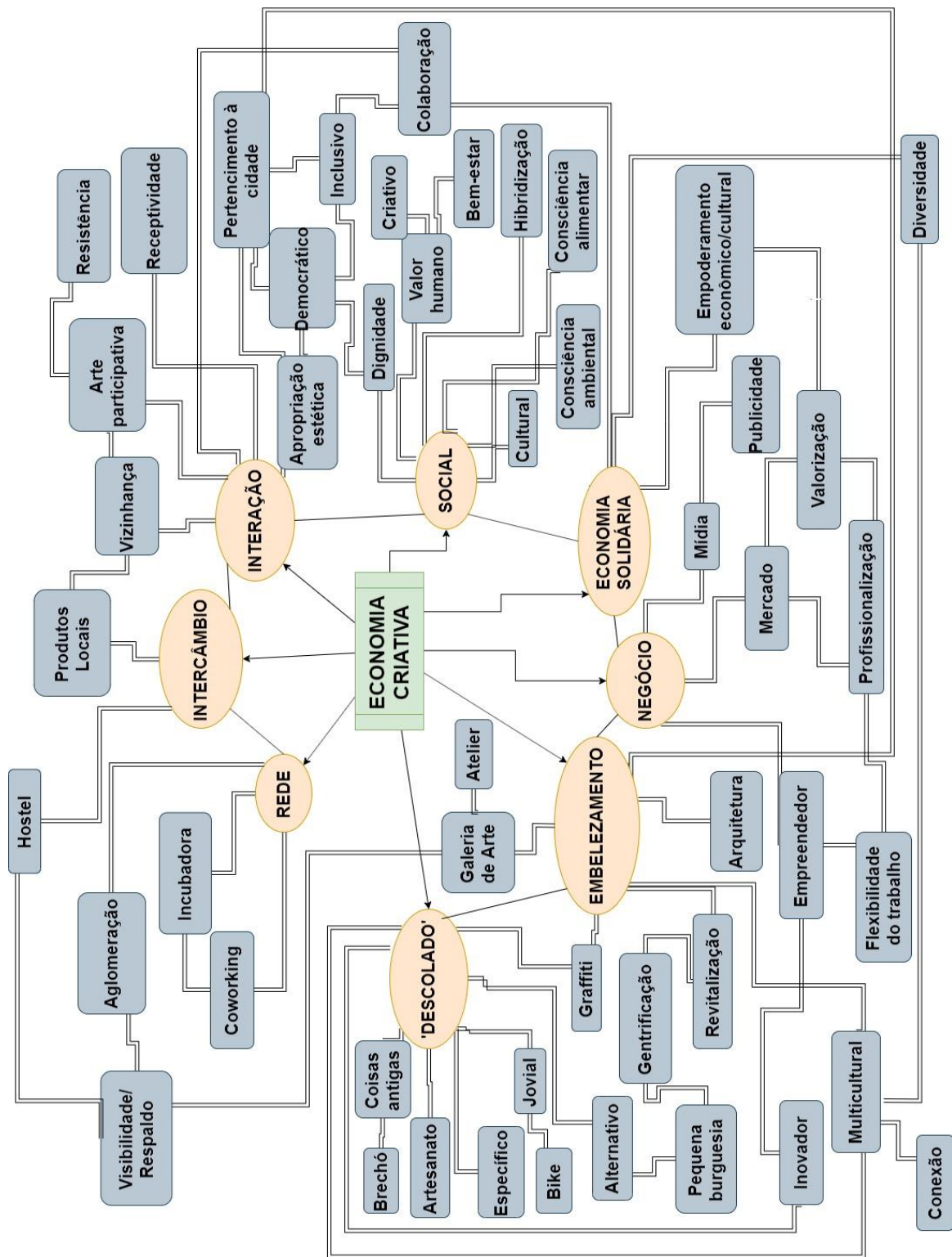
Essas diversas iniciativas formadas promovem eventos culturais que, de maneira efêmera, atraem um público consumidor da economia criativa, ou seja, de um segmento de mercado (*hipster*, por exemplo) que demandam as novas tendências globais de consumo e valorizam esteticamente as características da diversidade de áreas centrais urbanizadas. Com esse tipo de visibilidade midiática ao bairro, essa área toma esse caráter inovador que é retroalimentado pelos agentes que se articulam na área e tomam valores culturais da economia criativa que gera esse reconhecimento por um público de classe média ao território e, portanto, atraindo e sendo visado por investimentos em projetos estratégicos de transformações urbanas.

4.3.3 Valores culturais da economia criativa

Ao tratar do tema sobre qual o significado de economia criativa para esses agentes criativos entrevistados, a pesquisa obteve grande diversidade que se relaciona ao conceito e as ações tomadas. À medida que se constitui um campo, há pretensões em legislar na esfera cultural em nome de um poder ou de uma autoridade, em função da posição que se quer ocupar no sistema de relações do espaço e que atende a unificar ou gerar diferentes

padrões culturais (BOURDIEU, 2009). Assim, como já demonstrado, a multiplicação desse campo estratégico da economia criativa é legitimada pela visibilidade midiática e por planos políticos de ações em órgãos internacionais, nacionais, regionais e locais, os quais são fundamentais para sua inserção, ao que também é importante compreender o reconhecimento desses agentes e quais são os valores que eles internalizam a fim de conectar esses discursos às ações e articulações tomadas.

Adicionalmente a sociedade em rede se conecta em estruturas sociais abertas que compartilham os mesmos códigos de comunicação de forma dinâmica, a qual a classe profissional criativa interage de maneira global e local. Constatou-se que as principais denominações de familiaridade e compartilhamento de ideias desses profissionais são os que estão na imagem a seguir e que se interligam pela forma como percebem a economia criativa em seus valores culturais, retratando as suas próprias visões e promoções. As palavras retratadas em laranja são aquelas em que existem maiores interligações, todas misturadas nessa corrente de conceitos trazidos pelos interlocutores.



Quadro 7: Conceitos para denominar economia criativa
Fonte: elaborado pelo autor

A concepção social tomada pela economia criativa na narrativa desses empreendedores é recorrente sob diversos conceitos e em diferentes posicionamentos na contribuição com a sociedade, dependendo da área em que seu empreendimento atua e das influências relacionadas com o meio onde estruturou sua ideia. A ideia do bem-estar

como consequência de propulsão da economia criativa no mundo, conforme a análise teórica de Throsby (2010), é trazido no discurso de alguns dos agentes:

E isso acontece de todas as formas, por exemplo, as calçadas aqui do bairro são um lixo então reformamos a nossa, fez uma calçada acessível, tem banheiro para cadeirante, tem rampa de acesso no palco para músico com deficiência, pois temos que pensar em todas as faces do bem-estar das pessoas tanto dos músicos quanto da plateia (dos clientes que frequentam). A gente tenta participar dos eventos do Distrito Criativo embora seja complicado em função do horário que as coisas acontecem, mas estamos sempre acompanhando, estamos sempre presentes.

Então não é só a questão da música e da comida, ou seja, é um espaço onde tu podes te expressar, tu podes perceber que é feito com amor e carinho e não tem só a questão financeira como uma empresa que seria o lucro. Aqui não é, o nosso principal foco é o *bem-estar* (Entrevistado J).

A gente enxerga a bicicleta como solução para inúmeras coisas, uma solução pública, privada, para saúde, *bem-estar*, para cabeça, para a vida pública de modo geral. Então muito parte dessa energia. Bicicleta é uma coisa muito boa e lidar com pessoas que pedalam é ótimo. Até a gente brinca que o nosso slogan é lidar com gente feliz. E quem vem aqui geralmente está bastante alegre. A bicicleta provoca uma alegria [...] (grifo do autor) (Entrevistado T).

Esse bem-estar está concebido na construção de um negócio com seus objetivos, *slogans* e valores cuja preocupação tem o fim de atrair maior número de pessoas para uma área que é considerada ‘degradada’. A solidariedade e a colaboração são percebidas nas ações entre os empreendedores criativos para se instalar e estabelecer redes no local e no que tange a se relacionar com a vizinhança onde estão se instalando. Assim, comentam:

Quando eles faziam parte do distrito ‘rola’ também nos fóruns facilidades como comunicar para ver algum lugar para alugar, rola essas colaborações. E isso é o que move o distrito, já que não tem verba nenhuma, o custo é zero e cada um move a sua parte e acaba acontecendo. O lance do engajamento é legal e todo mundo se informou e se envolveu pelo digital, online, cada um colocou o seu tempo no Dia C e devo ter gasto ‘uma grana’ nesse dia, consumindo cerveja nos lugares, participei. Então essa parte é transformadora e os eventos acontecem nas pessoas *compartilhando*, se ajudando e botando seu trabalho para fora pelo puro engajamento e amor pela arte, de amor a sua convicção (Entrevistado R).

Eu vejo bastante complementariedade e acho que precisamos ser complementares. O meu trabalho parou e do vizinho começa e assim a gente vai adiante. Mas acredito assim, sinceramente, não existem meios, não há financiamento algum, as plantas que foram plantadas aí foram doadas pela vizinhança, a gente conseguiu com o SMAM mudas de plantas ornamentais, se eu der um grito para minha vizinhança no outro dia tem um monte de gente aqui me trazendo. Eu acho legal porque isso acaba mobilizando essas energias vivas, essas forças vivas. Por exemplo, ninguém fala em dinheiro e que coisa boa fazer sem precisa passar pela casa do dinheiro. E isso é uma prova que existe uma vontade das pessoas contribuírem, *colaborarem* e participarem de uma coisa maior. Aí tu ‘vê’ que todos estão dispostos a fazer alguma coisa. Seria muito triste que se na situação em que estamos todo mundo estivesse dando um chute no pau da barraca. E a gente da economia criativa acaba contribuindo para ter uma visão do outro com mais *dignidade*, com mais

respeito e a gente faz esse trabalho de formiga (grifo do autor) (Entrevistado B).

E essa concepção de colaboração que, nos seus relatos, estão relacionados a contribuição da economia criativa atribuído à consciência de patrimônio histórico, ambiental, colocado nos valores territoriais, pautada na educação que a criatividade desse tipo econômico pode trazer para a área. Além do mais a concepção de arte participativa, de pertencimento à cidade estão nessa relação que a economia criativa pode levar para um empoderamento econômico e cultural para a região, segundo o discurso, ideias e contribuições de alguns desses negócios criativos, que tem os direitos humanos como valor fundamental:

A gente atua também na área de *educação ambiental*, oferecendo cursos, palestras sobre o ciclo do alimento, desde o resíduo que vai virar adubo, da agricultura para utilizar esse adubo e produzir alimento local e de como aproveitar melhor esses alimentos então com aproveitamento integral de alimentos que vai gerar algum resíduo e assim fechamos o ciclo do alimento (Entrevistada O).

Com o [idealizador do Distrito C] visitamos as igrejas, as fábricas da região, depois pegou a lista de casas que estão listadas na prefeitura da nossa rua aqui e percorreu toda a rua para ver se ficou algo faltando, conseguiu a planta de casa que é de 1930 construída pelo Comendador Azevedo e essas coisas todas são legais porque tu 'vai' vendo o valor do patrimônio histórico mesmo. Então esse envolvimento trouxe para as pessoas uma consciência a mais para um grupo deles e outros empreendimentos da economia criativa também porque esse perfil gosta do patrimônio histórico. Então é legal atrair essas pessoas para ocupar as casas antigas e fazer alguma coisa para essas casas não serem vistas só como um terreno para botar um prédio comercial horroroso. Esse movimento tem um limite e é para as pessoas que tem uma afinidade com esse discurso e com essa visão de mundo. Tem uma classe média que ocupa os edifícios da rua e que não pensa dessa forma e que só comenta os efeitos. Então não é uma coisa de todo mundo. Mas é uma iniciativa que gerou uma repercussão para as pessoas um pouco nova para essa região aqui e que não é um verniz em cima do que é, mas revela o que é de fato. [...] (Entrevistado Q).

[...] fui me engajando em *arte participativa*, entendendo arte como dispositivos relacionais, com o *pertencimento à cidade*. Fui gostando dessas possibilidades. Não sabíamos o que fazer e ele também se engajou, levando um grupo de pesquisas para o Vila e conversamos com o outro de Pelotas aqui. Literalmente acampamos aqui e começamos a fazer pesquisas de campo, conversando com a vizinhança, entendendo qual a realidade do bairro. Aí juntamos forças: nós pelo lado da arte, meu irmão pela arquitetura, meu pai pelo lado dos empreendimentos que haviam.

Acho que o Vila Flores é visto com diferentes perspectivas, pois evitamos de certa maneira tomar algumas posições, salvo princípios básicos de valores nossos: *direitos humanos*, por exemplo, que não podemos deixar passar. Se quisermos ser um espaço de cultura, não podemos deixar passar nenhum direito humano e isso é uma exigência nossa, por isso entramos no projeto do Masterplan no âmbito de pensar as diretrizes sociais porque a economia não pode ferir os direitos humanos.

Economia criativa também tem diversas interpretações e se serve para muitas coisas, para alguns e explorando outros, numa contradição. Existe aquela que incorpora comunidades dentro de um *empoderamento econômico e cultural* incrível, diferente de outros escopos mais exploratórios que não estão na

mesma ideia de ação, então é uma constante revisão do que está se fazendo. Então é exatamente isso que nos propomos a fazer aqui: experimentar e ver por quais caminhos que podemos andar, já que não fizemos no começo um plano de trabalho, pelo contrário, as coisas foram se formando, o Vila Flores foi tendo aceitação pelas pessoas que se identificaram com isso. E realmente aquelas que se identificaram são muito diversas e isso que foi muito legal. Acho que o desafio é justamente manter essa diversidade. [...] A ideia é pensar como criamos uma arquitetura de qualidade que também seja *inclusiva* porque não queremos deixar por menos para ninguém (grifo do autor) (Entrevistada J).

A concepção empreendedora e educacional se relaciona também com a consciência alimentar trazida para o espaço como marketing e aprendizado, além de conceber a potencialidade de contribuição da economia criativa com outras novidades de conceber trocas comerciais, como a economia solidária:

Demonstrar alternativas para produtos que são mais caros buscando um equilíbrio e um sabor para uma reeducação alimentar. E isso fideliza e as pessoas começam a te procurar por isso. De repente encontrei um nicho da alimentação diversificada, mais saudável, que está se fortalecendo. Na Europa já é um setor econômico importante e já uma coisa que está bem inserida na maneira do europeu consumir. Aqui ainda não porque é caro, porque é algo elitizado, mas eu estou vendo que as pessoas estão se ligando e estão querendo conhecer, experimentar, procurando alternativas e proponho por degustação, ensino de receitas, mostro, planto, eu dou muda porque acho que é a maneira de criar consciência e deixar as pessoas escolherem e experimentar em suas casas, agregando algo na sua semana. O retorno é sempre positivo. As pessoas experimentam realmente. É um marketing (Entrevistada S).

E como vim de uma área de educação na França, trabalhamos muito com o conceito de *Economia Solidária*. Tanto que as associações que recebem financiamento do governo para receber políticas públicas na área da educação, elas estão catalogadas como Economia Social e Solidária. Então a economia criativa está dentro das economias sociais e solidárias. Ela faz parte dessa movida. Todos eram denominações que eu já tinha me relacionado, mas nunca havia me imaginado na frente de alguma coisa, tendo um *negócio*. Não era um objetivo. Eu sempre quis desenvolver produtos, trabalhar com alimentação, mas nunca e não necessariamente com o restaurante (grifo do autor) (Entrevistada B).

A denominação desse conceito foi contribuída pelos valores culturais de quando esse agente criativo morava na França, cuja influência se relaciona as ideias de economia solidária e os laços criados em políticas públicas, e que se adaptam em um negócio quando realocado localmente na cidade de Porto Alegre. Trazendo essa concepção que se mistura com influências de suas redes e trajetórias no exterior, a um ambiente para gerar lucro com impacto social mais positivo também é concebido no discurso de outro empreendedor que relaciona o ambiente de seu negócio, os seus clientes e colaboração com o que ele designou de ‘valor humano’:

Então propomos identificar, até mesmo por a gente ter a questão de *receptividade, o valor humano, por ser um ambiente multicultural, um espaço democrático*, um ponto de encontro entre amigos, nós sempre procuramos identificar uma certa potencialidade do nosso negócio com alguma relação

com a economia criativa. A gente procura apresentar o Distrito C, o que é o projeto e isso valoriza muito o hostel também. Então, por exemplo, há pouco tempo atrás tivemos uma palestra aqui no hostel que a gente costuma fazer por ter um público específico mais *alternativo* de como se viajar pelo mundo bem barato. Isso não deixa de ser economia criativa. Essa troca de informações, tu poder compartilhar cada coisa.

Então eu sempre costumo dizer, assim como o [antigo proprietário], tu ‘vai’ ver que dentro do hostel tu vais promover um *intercâmbio* cultural muito grande porque a gente tem a questão da interatividade social, sociocultural, tu ‘acaba’ aproximando culturas, partilhando muitas experiências, a gente tem um público muito específico, como viajantes, expedicionários, mochilheiros, aventureiros, ou seja, um perfil de público que tu não vais encontrar em hotel. (grifo do autor) (Entrevistado K).

Esse discurso corrobora com o mesmo olhar de inclusão para o desenvolvimento endógeno que vem a partir das perspectivas da UNESCO ao tratar de economia criativa, relacionando o seu envolvimento à sustentabilidade a partir do ‘talento criativo’ de cada cidade. Além do mais, essa ênfase no desenvolvimento cultural e nas expressões de vanguarda para uma economia cooperativa e solidária tem como vetor a inovação que se complementam ao processo estratégico do plano de implementação da antiga Secretaria de Economia Criativa do governo federal ligado ao MinC.

A atração de profissionais e clientes específicos que prezam por um novo cosmopolitismo: tolerante, descolado e casual (ZUKIN, 2016) está nas narrativas desses agentes que corroboram com o tipo de público que acaba sendo levado para essa área, embelezam suas fachadas e contribuem para uma forma de se conectar com a cidade:

Temos muitas iniciativas na internet para os públicos. Colocamos que o principal objetivo da empresa é ter mais bicicletas na rua. Então o café e a casa existem para ver mais *bikes* nas ruas e achamos um passo inevitável diante de tantos carros nas ruas. Quando olhamos para outros países que julgamos ter melhor desenvolvimento que o nosso, a ‘galera’ anda de bike, de bus e aqui parece que nos prendemos nessa mobilidade do automóvel, mas é mentira, pois aqui em Porto Alegre temos uma cidade boa para pedalar. Só precisamos nos entender, pois somos desrespeitados na rua. Isso é uma cultura que deve ser trabalhada.

Já fizemos ações junto com a pedalada da diversidade e participamos. Participamos de um encontro de design que também teve pedaladas, outras para iniciantes que saíam daqui aos sábados até o gasômetro. Outras na quarta à noite do pessoal mais experiente com o fim de atrair confiança dessa cultura. Tentamos trabalhar como um point das saídas de bicicletas pois é próximo das saídas de Porto Alegre (Entrevistado D).

Eu acho que as pessoas da economia criativa se importam mais. Porque as pessoas não querem ter uma loja na frente de um monte de lixo. Se se instalou ali um antiquário, o cara colocou vários vasos *bonitos* e trabalhou toda a fachada. E quer fazer com que a frente do seu negócio seja o mais bonito possível. Instalaram um café, acontece a mesma coisa (Entrevistado C).

É uma ideia de valorizar a área e o local, elevando o preço de mercado, dos imóveis, mudando toda a característica desse bairro a partir desse desenvolvimento de economia criativa. Entre outras empresas que se utilizam desse discurso, sendo *descolado*, *jovem* e artista e na verdade para atuar da

forma bem capitalista e do mercado, mas aí dá nova cara.

A gente vê várias frentes de economia criativa, como pessoas que trabalham com o *social*, mas também tem outras que vão trabalhar para o mercado com uma fachada de economia criativa (grifo do autor) (Entrevistado J).

A visão de seus negócios no conceito da economia criativa se relaciona com ideais dos trabalhos flexíveis e imateriais, sobretudo no incentivo aos empreendedores individuais para a inovação e atividades em fluxos de rede, mesmo que se estruture na metanarrativa do ‘self-made men’, ou seja, da autonomia do trabalho, sem proteções sociais, mas com a liberdade de criar. Essa informalidade se estrutura na concepção de ações do novo “espírito do capitalismo”, ao que é caracterizado por Boltanski (1999) na produção pós-fordista de adaptação do trabalhador cuja moral continua orientando a sua conduta humana com o acréscimo de estar vinculado a uma cultura autônoma e informacional, cuja força de trabalho é ainda mais complexa, multifuncional e é explorada de maneira intensa e sofisticada, típico das novas tendências globais de empresariado autogestionado e contratualista:

O [empreendimento] se insere numa nova forma de produção. As pessoas que procuram o galpão ou já tem o seu negócio/atividade, para alguns é um hobby então esse potencial de *incubadora* é pertinente. São pessoas que dão um próximo passo para além do trabalho de casa, pois está ficando pequeno e como não tem condições de pagar, junto-me a outros aqui. Em geral são pessoas de classe média, outras que já vem trabalhando a tempos nesse negócio e são frustradas na sua vida anterior, que precisam reduzir custos e buscam alternativas e não querem mais ser empregados, querem fazer seus próprios horários, querem ter a sua *liberdade de criar* e produzir então essas pessoas são nosso público (Entrevistado G).

É muito maior de ser uma questão comercial, é um estilo de vida porque nós duas, nas nossas histórias privadas e pessoais, a gente abandonou as nossas profissões e carreiras e resolvemos investir em um negócio que tenha mais a nossa cara, mais qualidade de vida e que a gente tenha mais essa coisa ‘*maker*’ (grifo do autor) (Entrevistada T).

Essa referência “maker” à inovação, ao empreendedorismo e ao ‘self-made men’ foi como capacitação de valor cultural atrelado a redes globais de interações nas trajetórias e nas concepções de ideais notado em observação de eventos, como o ocorrido nos dias 01, 02 e 03 de julho de 2018 no Vila Flores, intitulado *Hack a Town* e organizado pela Point-Facilitação Criativa. A iniciativa teve como objetivo a integração de inovação social para o bairro Floresta em um sistema em grupos para pensar a área. Em um formato imersivo, com grande divulgação, ao redor de 30 pessoas, em sua maioria jovens universitários participaram desse espaço de cocriação de soluções para a comunidade para gerar mudanças e quatro temas: mobilidade urbana, sustentabilidade, inovação social e segurança.

Com diversas palestras para entender o local com diferentes coletivos, empresas e grupos de pesquisa que estudam e/ou trabalham, foram desenvolvidas tarefas para escutar os moradores sobre demandas para formular um problema, baseado em modelos de negócios, o que levou a constantes *brainstorms*. Participaram das palestras e trouxeram ideias para refletir o bairro, os seguintes integrantes: Geração Urbana, Minha Porto Alegre, Re-ciclo, Prefeito de Pittsburgh (em vídeo conferência com ideias de cidades resilientes), Shoot the Shit, Instituto Fidedigna, Miseg, Produtos digitais da empresa Google, Smile Flame, Loop.

É interessante nesse evento notar que a ideia de empreendedorismo urbano, marketing urbano, economia colaborativa, cidades resilientes, networking e publicidade estavam imbrincadas no eixo central de seu discurso e ações, sob influências tomadas para um processo de transformação urbana. Além do mais, a hegemonia de acreditar em solucionar problemas complexos com propostas simples de inovação era motivada por valores de mudança pelas próprias mãos (“faça por vocês mesmo”). Mesmo que moradores tivessem prioridade para as inscrições, a maior parte dos integrantes eram de fora da área, ainda que fossem muito instigados em um espírito competitivo de equipe para encontrar soluções práticas não estruturantes e sem depender do poder público para transformar a rotina do bairro. As frases de impacto do evento, com bastante dinamismo para criação de ideias, inclusive teve patrocínio do Consulado Americano para trazer um dos representantes do Shift Collaborative e imbuir os participantes para ‘change the world’ (mudar o mundo) em diversos ritos de positividade, o que deixava o clima animado para engajamento e para mudanças.

A economia criativa tem essa potencialidade em que os artistas são os pioneiros para inserção nesse espaço que leva a sua valoração territorial (de uso), perspectivas de mudanças e transformação provindas desses valores culturais externos, podendo acarretar na sua valorização imobiliária (de troca). Apesar do posicionamento de alguns desses agentes empreendedores estarem vinculados a inclusão, a consequência dessa aglomeração pode ser o processo oposto, o de gentrificação, como apontado pelos próprios criativos:

É assunto bem difícil a relação com a Economia criativa. Primeiro acreditávamos mas depois que começamos a trabalhar com os movimentos sociais víamos os processos que a economia criativa gerava na cidade e a entendia como uma vilã camuflado, mas sem entender muito bem como ela ocorria. Depois começamos a entender mais, em um sentido de que a economia criativa tem um potencial de *conexão* das pessoas e de juntar diferentes iniciativas multidisciplinares, mas por trás disso o *mercado* acaba se utilizando

desse discurso.

Caiu a ficha de que todo esse processo de *gentrificação* não é de fato da economia criativa, mas do mercado que se utiliza dela porque é algo em que as pessoas tem interesse. Aí então acabamos vendo que esse problema não era da economia criativa e sim como o mercado usa para outros interesses maiores em que a comunidade acaba não ganhando (Entrevistada A).

Aqui vemos muito mais pequenos empreendedores no sentido de construir um Distrito Criativo no bairro e isso sempre tem 'pipocado' mas não como uma intensidade grande, somente tem se configurado e numa velocidade de forma saudável para que as pessoas consigam criar relacionamento. Eu vejo que estamos trabalhando nas duas instâncias e temos a oportunidade de agora criar o engajamento mútuo, pois em algum momento esse processo de economia de construção de apropriação de espaço em grande escala, ele vai vir e eu vejo que a única possibilidade remota que temos de criar algum tipo de diretriz para isso é se essas iniciativas novas que estão vindo para a região se atinarem e entenderem os processos urbanos com mais profundidade e agirem criativamente sobre isso, promovendo relações, integrações, entendimentos, imagino que é a única possibilidade que temos de criar resistência, diretriz ou legislação ou exigência diante do poder público para que isso seja minimamente o processo que beneficie em escala social mais pessoas, pois é uma grande luta para conseguir pequenas coisas. E tem que estar muito firme para engajar, entender, estudar esse contexto de *gentrificação* de outros espaços e entender esse processo de apropriação estética e ética da economia criativa para outras bases de atuação dessa economia em larga escala (Entrevistado J).

A rede construída tem grande fator de relevância para a aglomeração desses agentes da economia criativa pela forma com que trabalham, articulam-se e desenvolvem uma força produtiva capaz de gerar visibilidade ao espaço onde estão inseridos, é formado por ambientes que converge diferentes trabalhadores e onde se constrói níveis de contatos sociais e de negócios entre eles. Essa ideia se assemelha ao próprio plano de Economia Criativa da cidade de Porto Alegre criado que abrangia uma rede de setores e cuja relação entre criação, gestão e empreendedorismo era o norteador para facilitar alianças estratégicas entre as partes interessadas e potencializar o caminho para a criação desse polo. Os diversos espaços de *coworking* são os exemplos dados pelos próprios empreendedores que trazem maiores vantagens em seus negócios pelo valor reduzido de aluguel compartilhado, pelas trocas estabelecidas e por um ambiente que incentiva inovação. Assim são alguns relatos:

Então se tu 'tem' um espaço na mão com preço razoável, tem que se manter para outras coisas além de uma função. E o que me manteve foi exatamente a possibilidade de fazer outras coisas, por isso aqui pode ser um espaço de *coworking*, um lugar que se venda conhecimentos, experiências, onde se tem uma horta, onde você planta, onde se dá cursos de artes com trocas que não são só através do dinheiro, mas monetizar de outra forma (Entrevistada B).

[...] Acaba acontecendo alguma colaboração, mesmo assim, devido ao potencial que temos aqui no galpão - acaba servindo de forma informal, uma incubadora, um espaço que conhecerás pessoas possivelmente complementares ao que tu fazes e daí tu irás te envolver com eles conforme tu estiver afim. Nesse sentido, a ideia é sermos um espaço que auxilia no local/físico e mental/psicológico, pois existem possibilidades e é com cada um aproveitá-las ou não (Entrevistado G).

A diversidade de empreendimentos nesses espaços de *coworking* e as redes construídas estão em conexão e em interação no objetivo de desenvolvimento produtivo econômico e, sobretudo, para o estabelecimento de contatos em um constante processo que se retroalimenta de profissionalização e reconhecimento. Ao aumentar a rede de contatos da economia criativa, a inserção social e econômica local desses diversos empreendimentos é reconhecida, fazendo com que cada um construa amplas relações, sejam notados e produzam uma visibilidade para estratégias de potencializar os seus diferentes negócios, ou seja, cada qual é reconhecido em seus diferentes campos de atuação, mas a sua interação ao se vincular as redes de economia criativa construída sob essas visões e objetivos são o que leva a sua inserção a ter maiores respaldos sociais em estratégias construídas em seus discursos e ações criativas. E dessa forma é relatado pelos entrevistados:

No momento em que as pessoas conversam e trocam experiências, conciliam um trabalho criativo com a sua vida e talvez ter um retorno financeiro. O espaço da galeria, portanto, tem essa vocação e essa vontade: as pessoas se estimulem e vejam que é possível que há um retorno para esse tipo de trabalho, que às vezes falta incentivo e *profissionalização* (Entrevistado F).

A economia criativa gera maior movimento de *interação*, ainda não suficiente para se reconhecer uma comunidade diversificada. Além disso, vem pessoas de fora, até mesmo tu que tem interesse para ver o que está acontecendo [...] (grifo do autor) (Entrevista E).

E assim, ao vincular-se a essas redes, mesmo sem compreender, encontram vantagens para se inserir, sobretudo no que tange a valores de aluguéis e para serem notados, com respaldos midiáticos:

Nunca nos preocupamos como economia criativa, queríamos ser *notados*, mas no momento que soubemos do desconto de IPTU, relacionados ao Distrito C, aí fomos atrás e tentamos nos enquadrar ao que eles chamam de economia criativa. Temos todo o processo artesanal, manual, como moer café na mão, assim como as bicicletas e acho que isso se encaixa no processo criativa. Tudo é sensibilidade de estar fazendo uma coisa para saber quantas gramas de cafés vai, o quanto está reto guidão da bicicleta (Entrevistado D).

Além do mais, ao considerar os principais trabalhadores representantes da área da economia criativa, quando questionados, tomam os exemplos que estão mais próximos e que tendem a funcionar como os principais catalizadores para instalação e aglomeração no bairro: os antiquários, os brechós, os publicitários, as galerias de arte, artesanato,

ateliers, *grafitti* e os escritórios de arquitetura. Cada um com sua particularidade, de acordo com a narração do agente. Os antiquários são importantes pelo seu envolvimento de grupo no bairro, os brechós por já terem instalação antiga e promoverem eventos de rua, os publicitários devido à repercussão midiática e novidades de divulgação aproveitadas em redes sociais, as galerias pelo reconhecimento do profissional no espaço com os ateliers que dão essa proximidade com o mercado da arte, o *grafitti* pelo embelezamento em muros que transformam a interação pela imagem ao caminhar nas ruas e a arquitetura pela articulação de um novo planejamento urbano de apropriação estética do patrimônio histórico da região. Assim, eles compreendem diferentes ideias da economia criativa, de acordo com seu objetivo empreendedor, atrelado a visão de potencialidade do bairro Floresta:

A economia criativa tem muito potencial, mas não é nada aproveitado. Um exemplo: na rua Câncio Gomes tem um leiloeiro, [...], e lá tem *antiquários* que estão muito próximos (Entrevistado I).

[...] a minha veia é da parte mesmo cultural. Estou entrando agora na economia criativa, tomara que isso seja o meio dia a dia de poder interagir mais com o bairro. Hoje em dia aqui é somente meu *atelier*, mas é um ponto (Entrevistada R).

[...] eu não vou transformar um grupo de pesquisa num comércio que é uma outra coisa, seria alguma coisa mais orgânica dentro do cooperativismo. Dentro do grupo de arte da universidade, nós da UFRGS não preparamos o nosso aluno para o *mercado de arte* e uma das tentativas quando levei meu grupo de pesquisa para lá era esse. A minha intenção era essa que aí talvez o pessoal possa vender (Entrevistada S).

[...] E está a potência estratégica da arte relacional, da arte colaborativa, da estética do convívio, do pertencimento, da participação entra de uma forma muito importante e relevante: tanto um *grafitti* na parede quanto um café da manhã com os moradores para pensarmos o que queremos na praça (Entrevistada J).

Dificuldade de fazer as pessoas serem clientes fiéis, focamos mais nas empresas por volta. Fizemos levantamento de empresas criativas, como arquitetos, *publicitários*, lojas que tem a ver conosco. Nunca nos preocupamos como economia criativa, queríamos ser notados [...]. Temos todo o processo *artesanal*, manual, como moer café na mão, assim como as bicicletas e acho que isso se encaixa no processo criativa (Entrevistado D).

Para nós como eu te disse é a parte da revitalização das fachadas, pinturas e qualidade do bairro, fortalecimento do comércio local que impactaria mais positivamente. O lado bom que não se pode ter especulação imobiliária pois as casas são listadas, e de certa forma está protegido e por uma característica do bairro ser voltada por uma questão arquitetônica a gente vê muitos prédios comerciais, com *escritórios de arquitetura*, galerias de arte, todos eles relacionados com economia criativa, pequenos empreendedores, microempreendedores, estúdios de fotografia, o hostel, ou seja, pequenos empreendedores que buscam esse espaço por ter essa identificação com a economia criativa (Entrevistado K).

No momento em que as pessoas conversam e trocam experiências, conciliam um trabalho criativo com a sua vida e talvez ter um retorno financeiro. O espaço da *galeria*, portanto, tem essa vocação e essa vontade: as pessoas se estimulem e vejam que é possível que há um retorno para esse tipo de trabalho [...] (Entrevista F).

A importância na promoção e geração de emprego e renda para abertura de novos mercados é o foco da prefeitura ao desenvolver o plano municipal de economia criativa e que estimula através do InovaPoa nessas novas potencialidades econômicas, dando ênfase nas áreas das artes e cultura, nas mídias digitais e TI, nas atividades relacionadas ao design (arquitetura, modelagem, moda) e turismo, gastronomia e entretenimento. Assim, tenta aglomerar os diferentes interessados nesse ímpeto de negócios relacionado a diversidade cultural, inclusão social e desenvolvimento humano, conforme o plano (PLANO MUNICIPAL DE ECONOMIA CRIATIVA, 2014). Todos esses setores que ainda podem ser ampliados, leva a construção de uma cadeia produtiva de valor que pode ser desenvolvido conforme o *networking* estabelecidos com as particularidades territoriais visadas. Além do mais, profissionais da área de economia criativa são chamados a eventos patrocinados por esses órgãos públicas e privados para refletir e criar uma marca atrativa para a cidade, a fim de atração de investimentos e gerar um turismo que no discurso seja inclusivo e que promova essa nova visão.

Com o fim de encaixar diferentes perfis profissionais, os valores culturais atrelados à economia criativa têm uma conceptualização ampla. Ele é estabelecido por um verniz de impacto social mais responsável no discurso e concomitantemente é excludente por estar condicionado aos novos estilos de profissionalização de trabalho atrelados à flexibilização, especialização, cujo empreendedorismo e a inovação se sobressaem aos direitos sociais. Dessa forma, estabelecer essa rede é uma construção de reconhecimento, de novidades de mercado e visibilidade para uma aglomeração em um determinado território cuja economia defasada embasada na indústria é remodelada com uma expectativa de retomada do crescimento por esses empreendimentos externos que chegam ao bairro. Esses agentes da economia criativa trazem uma nova roupagem ao território, ao mesmo tempo em que se aproveitam da estrutura que o Floresta já oferece – aluguel barato, proximidade ao centro, patrimônio históricos e incentivos fiscais.

Além do mais, por ser um conceito amplo e difuso, o posicionamento e discurso dos próprios agentes de economia criativa sobre a revitalização do bairro e sua rede de contato não são coesas, mas diversificadas. Dessa forma, os projetos que são visados para essa área estratégica utilizam desses profissionais para justificar o tipo de

empreendimento, que prioriza o embelezamento e os negócios externos, ao mesmo tempo em que negligencia demandas daqueles que já habitavam ou trabalhavam nesse espaço territorial. O direito à cidade, por vezes, conscientes na crítica dos profissionais criativos ao fazer alusão às reestruturações urbanas que se propõe, acabam tendo pouca efetividade em suas ações de resistência na prática. Além do mais, as redes estabelecidas no decorrer da trajetória desses agentes criativos demonstram o objetivo pelo qual eles estabelecem suas ações que podem acarretar em transformações no território.

4.3.4 Relações dos empreendedores criativos

Esses valores culturais atribuídos aos agentes criativos criam uma nova configuração ao espaço conforme as suas trajetórias e conexões estabelecidas entre interações globais e locais. Partindo da relação dos empreendedores criativos, atribui-se a unidade de análise metodológica de Robinson (2011) de uma abordagem com ênfase nas conexões históricas de diferentes contextos:

As circulações se criam e podem se fazer por meio da proliferação de colaborações, enlaces, pistas, instituições internacionais ou interurbanas, um investimento no campo da política, a aprendizagem de diferentes cidades [...] (ROBINSON, 2011, p 15).

A forma de diálogo imaginada mapeia novas relações no espaço físico, conforme o fluxo, a dispersão e as experiências desses agentes criativos, ainda que colocados numa dinâmica dialética de glocalização (SWYNGEDOUW, 2004) em que o processo urbano em redes interescares se vincula ao sistema global e as cidades são os locais estratégicos de experimentações regulatórias para esses investimentos do capital financeiro (SCOTT, 1998 apud BRENNER, 2018). Ou seja, atribui-se uma relação estrutural neoliberal como uma tendência de competição baseado em ideias mercadológicas de domínio da vida política e econômica, esforçando-se “para intensificar a comodificação em todos os domínios da vida social; e, frequentemente, mobiliza instrumentos financeiros especulativos para abrir novas arenas para a realização capitalista de lucros” (BRENNER, PECK e THEODORE, 2012, p.18).

Nesse sentido, o projeto de reestruturação urbana do 4º Distrito, o Masterplan, vincula-se às tendências globais para acumulação financeira das cidades, sob discursos inovadores e empreendedores e ajusta as relações de poderes no bairro Floresta, conforme as intersecções sistêmicas e das relações dos diferentes agentes que configuram esse espaço. As perspectivas no bairro são relacionadas com a paradiplomacia dos órgãos

institucionais da prefeitura, que articularam projetos antigos e que vinculam diferentes interessados na área. O entrevistado M relata algumas áreas visadas:

Isso da economia criativa é uma questão de política pública também. Tem todo um incentivo na época do Fortunati tinha uma ideia de trazer na região uma empresa da China onde ficava a região do Clube dos Gondoleiros. Tu *anda* para o lado de lá e tu *vê* que é uma coisa diferente, que tem muita coisa abandonada e isso é política pública consorciada com essas iniciativas de economia criativa que vai mudando a cara. [...] Isso está dentro de uma proposta de mudança de cenário de cidade.

[...] pela questão do consulado americano que viria pro Moinho que tem ali na Sete de Abril então teve todo um processo que movimentaria a região. Imagina um consulado americano em cima de um prédio histórico no meio do Floresta.

Além da paradiplomacia estabelecida institucionalmente pelos órgãos representantes da prefeitura, que desenvolveu contatos para a busca de investimentos e financiamento de US\$ 30 milhões provindos do Banco Mundial, a legitimidade dessa aplicação estrutura-se na configuração de um polo econômico, em que os agentes de economia criativa também mantêm conexões globais e locais, pluralizando os contatos com maiores relações, influências e gerando competitividade por vantagens comparativas culturais.

Diversas trajetórias internacionais dos agentes criativos são relatadas, por diferentes propósitos, tais como moradia, estudo, turismo, contatos com o mercado externo e que se ligam às ideias e comparações com outras cidades no mundo. Como os seus empreendimentos relacionam-se à sua história, os seus negócios se atrelam a valores internacionais dessa produção flexível e inovadora da economia criativa, de acordo com suas trajetórias, conexões e reconhecimento em redes na cidade e internacionalmente. Alguns dos agentes criativos relatam suas moradias na Arábia Saudita (entrevistado D), Paris (entrevistado B), Inglaterra, Espanha (entrevistado C), Califórnia, Alemanha, Uruguai (entrevistado E), Nova Zelândia (entrevistado K), Barcelona (entrevistado L), onde puderam conviver com diversidades de culturas e onde se inspiraram com os cursos que tiveram a oportunidade de fazer. O mercado internacional e contatos com artistas, investidores e editoriais de outros países envolvem essas redes de que esses agentes se articulam e tem como referência para seus projetos, como cita o entrevistado H:

Sei que a gente já fez 42 shows internacionais aqui no bar, cerca de 10%, de tudo quanto é canto, gente da Holanda, da França, da Inglaterra, da Alemanha, dos EUA (Chicago, Mississipi, Texas, Los Angeles), Chile, da Bolívia, do Uruguai, da Argentina, da Finlândia.

Três dos agentes criativos que tem os maiores engajamentos e impactos no bairro são os que demonstram exemplos de que suas trajetórias tiveram presença marcante no estabelecimento dessas conexões para trazer ideias a Porto Alegre adaptando ao local.

Todos relacionados a inspirações e uma tentativa de fazer dessas cidades como referências para suas ações:

O [idealizador do Hostel Boutique], por exemplo, conhece 116 países, é um mochileiro nato, foi presidente da International Hostel e a rede HI aqui no Brasil. Aí surgiu uma ideia de abrir um albergue e ele gostou da ideia, tanto que presta consultoria nessa área, é consultor do SEBRAE. Aí ele me contou que se baseou num conceito de um hostel de um amigo de Miami Beach de uma área degradada, com um casão centenário, que pertenceu ao Al Capone ele pegou esse exemplo que tinha toda aquela coisa lúdica e intangível por trás e aí ele procurou usar mais ou menos um espaço "degradado", com preço convidativo para conseguir idealizar o projeto do hostel e foi quando ele achou essa casa que ele subiu mais um andar (Entrevistado K).

Teve um momento claro dessa relação, quando em 2015 veio o Projeto da Prefeitura do 4º Distrito feito pelo Jorge Tonedo (secretário da fazenda), atrelado a projetos de Barcelona (com influências de um texto que eu [idealizador do Distrito C] tinha feito em 2013 que relacionava o 4º D com Poble Nou e o projeto 22@ de Barcelona que circulou por muita gente, inclusive na prefeitura). De repente surge esse secretário com essa ideia e foi tão desconexo que mesmo os secretários que estavam participando das reuniões não sabiam desse projeto, já que não é próprio da fazenda fazer esse tipo de projeto urbano.

Por causa desse projeto, foi uma comitiva da prefeitura de Porto Alegre a Barcelona em 2015, com repercussão dos jornais [...]

Quando estava em Barcelona também auxiliei as funcionárias arquitetas enviadas para a missão e demonstrei as fábricas criativas do Poble Nou, a arquitetos importantes de Barcelona que trabalharam para desenvolver o 22@, apesar do problema de habitação, em diferentes leis com associativismo lutando. Auxiliei essas arquitetas que fizeram o primeiro Masterplan no final da gestão Fortunati, apesar das dificuldades e complexidades do projeto (Entrevistado L).

A partir da resolução dos problemas é que pudemos começar a pensar a conceituar e fomos visitar alguns lugares, como no Rio de Janeiro - visitamos a fábrica Bering que estava começando também, fomos para Portugal e conversamos com uma rede de Economia Criativa da cidade do Porto e fomos visitar também a LX Factor, que eram vários armazéns de uma antiga fábrica que também locaram para artistas, cafés, que ficou como um passeio, mas com uma proposta mais comercial onde as pessoas iam consumindo no local, ao contrário da proposta de relação de trabalho como é aqui no Vila Flores. Lá é um lugar de passagem, fica perto do rio e é uma cidade bastante turística. É uma relação diferentes com o público (Entrevistado J).

Este último agente criativo além de referência também teve visibilidade internacional quando do recebimento do prêmio na 15ª Bienal Internacional de Arquitetura em Veneza de 2016, direcionada à defesa de projetos mais humanos e às questões das cidades, como moradia, mobilidade e sustentabilidade, como aponta figura de divulgação do Vila Flores no evento.

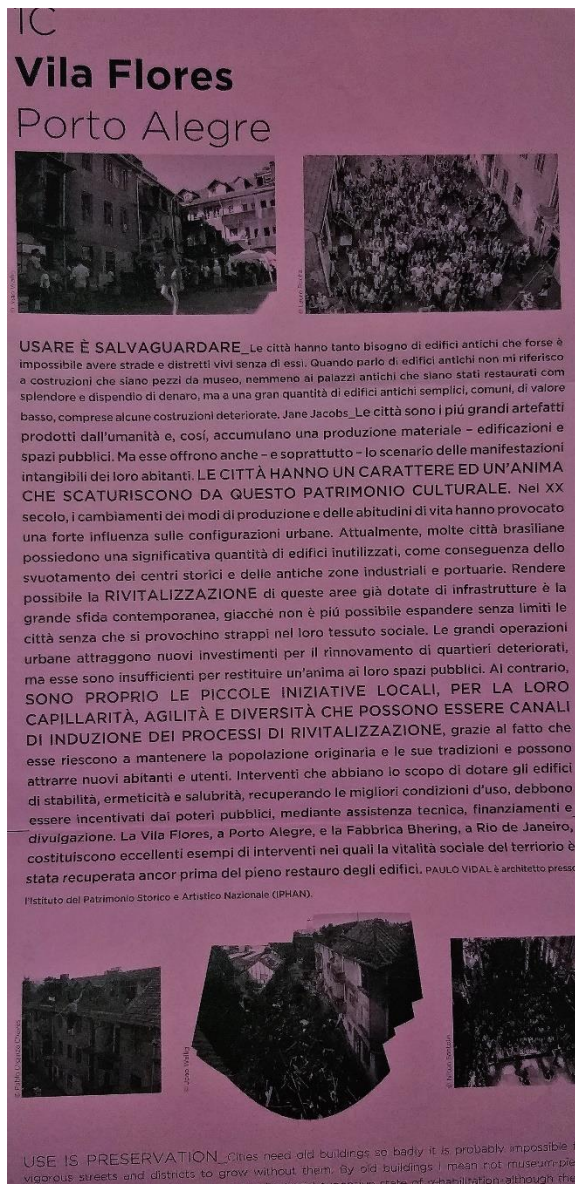


Figura 33: Vila Flores na Bienal de Arquitetura em Veneza
Fonte: acervo do autor, 2018

Segundo a própria associação cultural Vila Flores, ela imbuí esse reconhecimento diante dos valores culturais em rede atribuídos a uma arquitetura mais humana, ou seja, compreensão das necessidades do local, adaptação, na requalificação, um espaço de práticas colaborativas e culturais, de integração com a região na requalificação do prédio na cidade e assim relata, sobre esse prêmio:

O Vila Flores, para muito além de ser um prédio que é bonito e que tem relevância arquitetônica para a cidade, mas por ser um espaço de convívio e de experimentação das relações, por estar colocado no meio de realidades distintas da cidade, por conseguir estar aberto para determinadas coisas e por não conseguir fazer algumas coisas que gostaria, por enxergar algumas outras importantes e não conseguir enxergar outras: é um organismo vivo. Não é e não vai ser um projeto pronto, dado e resolvido nunca porque é muito cheio de possibilidades e a forma como as pessoas chegam até a gente é sempre por ideias novas para parcerias conjuntas. Nesse sentido não é uma ideia concreta

que as pessoas vêm por isso, ao contrário, as pessoas trazem suas ideias que eram inimagináveis, até então, serem feitas aqui. É isso que o Vila Flores acaba sendo e sempre se reconstruindo nessas propostas que as pessoas acabam trazendo e nos mostram outras maneiras de olhar para as coisas (Entrevistado J).

a) Relação entre os Agentes Criativos

A utilização do território como recurso de valor simbólico, mais especificamente, econômico, e a sua ressignificação à nova identidade recria o passado de bairro-cidade do Floresta para uma nova apresentação em que a economia criativa é a base desse enfoque, sobretudo atrelada ao que os agentes criativos caracterizam como tal. E assim, o Distrito Criativo representa o bairro sob esse discurso que relaciona à memória e à imaginação para uma estratégia de reconhecimento com essa finalidade de polo econômico. O seu realizador dos diversos eventos, passeios e visitas que mostra todas as potencialidades do bairro, comenta:

O Distrito C é uma coisa real e virtual, já que as pessoas estão ali e também porque é uma maneira de olhar o território. Se eu quiser olhar para aquela região, eu vejo o Distrito C e a partir disso eu mostro com um mapa com fruto do trabalho de articulação com as pessoas o que está na região - mais de 100 hoje em dia.

Eu enxerguei, fui falar com as pessoas, criei relações reais e a partir dessa aceitação em participar para mostrar para outras pessoas em mapa para surpreender (Entrevistado L).

Esses valores de que o Distrito C amplifica e agrega aos agentes criativos são os que leva a coesão, o compartilhamento de objetivos comuns sobre o mesmo território e que traz a perspectiva do desenvolvimento econômico e das melhorias da transformação urbana a partir de suas ideias de economia criativa. Nelas estão atribuídas as questões de empreendedorismo, de promoção de contato, de atividades de integração, de preservação de patrimônio histórico, de contribuição para melhorias nos patrimônios ambientais, de internacionalização. Assim, esse projeto de integração em rede traz uma visão e uma perspectiva nova ao território de construção de um aglomerado de diversas atividades para atribuir valor simbólico e midiaticizá-lo como uma promoção coletiva inovadora de um parque urbano aberto cujo epicentro estão os trabalhadores polivalentes qualificados que utilizam de seu capital cultural, criativo e de conhecimento para se inserir na economia urbana da cidade e refuncionalizar a área, as edificações e as interações do bairro Floresta agora atribuídas a esse setor diversificado.

A materialização dessa rede de interações passa a ser a explicação por estar nesse conjunto de relações em um novo ideário do bairro, num processo de tradução global-local na tentativa de mudança socioeconômica atrelada a potencialidade da economia

criativa ao bairro. E assim é notado pelos seus partícipes, como o relatado pelo entrevistado N:

Todo esse envolvimento que a gente teve com o Distrito C criaram coisas positivas, uma delas é o ideário do bairro. O bairro ficou mais ou menos dentro dessa questão cultural, de mexer com a economia criativa e essa trazer pessoas afins para o bairro. Ele se caracterizou nesse sentido e por isso é um marco positivo para nós que trabalhamos no bairro e a gente tem sentido que o pessoal está cada vez mais entrando nessa nossa história: o bairro estar voltado nesse tipo de economia. Tem vindo pessoas empreendedoras para essa área também, além de consumidor pois na sua cabeça já se entende que aqui tem coisas diferentes como galerias de arte, uma turma mais envolvida com natureza, toda essa área aí [...].

Alguns empreendedores acabaram conhecendo esse projeto depois de já estarem estabelecidos no bairro e começaram a participar ou não de alguns de seus eventos, bem como se remodelaram a esse valor cultural como especialização de atividades, para se sentir pertencente a essa comunidade numa relação intersubjetiva dos diversos significados que carrega com o território. Os entrevistados demonstram essa adaptabilidade e reconhecimento:

A gente não é exatamente da economia criativa. Apesar de fazermos parte do Distrito Criativo, a gente tem um perfil bem careta de comércio apesar de fazer essas ações mais voltadas à sustentabilidade (Entrevistada T).

E quanto as ações das iniciativas socioculturais de estar presente no bairro estamos querendo estar mais envolvidos pois percebemos que para nós é vantagem lucrativa. Não só por causa do lucro, mas também de estar juntos nas ações traz a legitimidade nas ações para nossa marca aqui no bairro. Mesmo o [idealizador do Distrito C] nos comenta que somos "muito a cara do bairro". E ficamos muito felizes (Entrevistado D).

Algumas críticas estiveram presentes na concepção dessa rede de integração na reconstrução desse imaginário do bairro Floresta, que se confunde com o projeto do 4º Distrito, mas entra no escopo de cidade criativa por vincular-se a uma relação privada do espaço para transformação urbana com propostas de melhorias específicas com essa estratégia de mercado. Ou seja, nesse ímpeto ideal criativo, os agenciamentos e as transformações estruturais tendem a estarem articuladas em redes orgânicas, sem uma divisão clara dos interesses globais ou locais. Além do mais, cria-se um *cluster*, onde a participação e o envolvimento acaba se tornando necessária para se sentir pertencente ao bairro o qual não está mais condicionado às fronteiras da prefeitura, mas a influência fluida dessa rede. Assim, alguns participantes não veem somente de maneira positiva, mas também trazem outros pontos de vistas:

Quanto ao Distrito C, temos uma crítica, pois só quem participa é quem conhece, o que leva a criação de uma seita. Assim, estamos abertos, mas não nos envolvemos diretamente, pois já acabamos fazendo isso com os serviços comunitários (Entrevistado G).

Além disso, as fronteiras urbanas são consideradas como obstáculos para essa integração, devido a própria constituição do bairro. Além do mais, há falta de engajamento por alguns empreendedores, deixando a cargo do Distrito C a sua representação como empresa e isso é relatado também por um dos agentes entrevistados:

Faço parte do Distrito C, mas mesmo assim estou um pouco afastada mesmo dos eventos promovidos. Fiquei sabendo de eventos que não chegam até mim. Não sei se há ainda as caminhadas, o reconhecimento do local. O [idealizador] veio com muitos sonhos e se frustrou bastante e acho que o seu trabalho é bem interessante e dedicado, e mesmo ele fazendo todo esse processo de rede se sentiu solitário (Entrevistada I).

Ainda é muito difícil estabelecer a rede com outros empreendimentos criativos porque a gente tem uma demanda gigantesca de trabalho. Então qualquer foco para se articular com outro ainda é bem difícil [...] (Entrevistada T).

Alguns agentes ainda complementam demonstrando o caráter de criar não somente uma rede de profissionais criativos, assim como são envolvidos dentro de uma classe média de demandas culturais específicas e de vanguarda no mercado, estabelecendo-se nesses novos trabalhos flexíveis e relacionados com as tendências globais. Mesmo não tendo o propósito de expulsão, a rede de integração potencializa o bairro para esse intuito econômico e o mercado consolida com novos negócios, como o caso do prédio que está sendo construído na Avenida Cristóvão Colombo, com as tendências de *coliving*, de design inovador, preservando a fachada histórica destinado a jovens empreendedores de maior poder aquisitivo. Assim, essas aglomerações criativas (FLORIDA, 2002) geram novos consumos (SMITH, 2006), criando um espaço propício aos seus objetivos e valores culturais, onde os habitantes do bairro não são pensados:

E nós não fazemos parte do Distrito C porque a gente não é regularizada. O Distrito Criativo nesse sentido ainda tem um certo tipo de elitismo (Entrevistada P).

O [idealizador] tem relação comigo, com um projeto junto com um pessoal da Espanha que ele trabalha. [...] O [idealizador] vendeu uma ideia que é essa história do Distrito Criativo e que muita gente acha que é uma grande invenção. Esses dias eu estava conversando com um pessoal sobre o Distrito Criativo, com o mapeamento, pensei: onde estão os maquiadores dos meninos do sexo, cadê quem faz as roupas dessa galera que se veste maravilhosamente e que é criativo mesmo? Onde que está essa galera? Essa galera trabalha ali, tem esse pessoal que costura para essa galera e não está mapeado e não sei onde eles estão. Eu gostaria muito de localizá-los e esses não estão.

O que está mapeado ali? O cara que faz a moldura, o artista tal e na realidade é uma ideia pequena burguesa e que tu estás levando um lugar para esse outro lugar e que apesar da prostituição, pobreza, muros invisíveis que a gente tem urbanamente.

[...]

O [idealizador do Distrito C] fez uma coisa bacana, que ele teve um trabalho muito grande que foi fazer um levantamento dos artistas efetivamente e de algumas iniciativas que ajudaram os artistas como coisas de molduras, soldas e ele fez esse levantamento. Para nós que somos artistas está ótimo. Vou lá e localizo pelo mapa que ele elaborou. Deu visibilidade para umas pessoas nesse sentido, mas isso não torna um Distrito Criativo (Entrevistada S).

b) Relação com os comerciantes

As relações dos agentes de economia criativa que se estabelecem com os locais são múltiplas e aqui se apontam alguns exemplos com agentes já citados no bairro, tais como: Associação Cristóvão Colombo, moradores, movimentos sociais, prostitutas e vila dos papeleiros. Quando relatam a Associação Cristóvão Colombo, há um afastamento na relação, demonstrando que as ideias dos agentes de economia criativa não estão ligadas com as ações desses antigos comerciantes do bairro. Apesar da tentativa, não houve vontade por parte da associação de se juntar aos eventos desses novos empreendimentos, que dão uma nova visibilidade de serviço ao Floresta. A desconfiança permanece sobretudo na construção baseada em uma relação competitiva com diferentes visões e interesses, o que dificultou o contato entre os recém-chegados ao bairro Floresta ou mesmo com os moradores que articulam o Refloresta. Essa visão é retratada pelo agente I, ao dar o exemplo do principal evento que os comerciantes organizam:

Em outubro acontece o Criança na Avenida, organizado pela Associação Cristóvão Colombo que é uma festa que tem todo o aparato de ajudas da prefeitura. Ali eu sempre achei que ali era um lugar legal, que era um ponto que podíamos pegar juntos com eles, mas acabou sendo 'politicagem'. Seria interessante fechar com a gente os dois eventos, fomos lá convidamos, mas sentimos que ele pensava como uma competição. É um bairro de muitas dificuldades de gueto, como o homem que tem '300 anos de idade' e que sempre foi o presidente da associação e não quer perder o espaço.

A utilização do comércio local dos agentes recém-chegados é mínima. Uma das entrevistadas comenta: “A gente acaba não circulando muito por aí. Não utilizo muito das praças e dos serviços locais, somente cafés, banco, lotérica”. Ao trazer essas novidades de serviços, poucos são os que se estabelecem uma rede com os fornecedores locais, salvo pequenas peças de pouco valor que lhes faltam no estoque. A maioria dos entrevistados não são moradores, o que diminui ainda mais o contato com esse ambiente que se torna um local essencialmente de trabalho. Assim são apontados alguns exemplos:

Os nossos fornecimentos são trazidos de Minas Gerais e quem torra o café para nós é a Baden (Porto Alegre). O aço das bicicletas é nacional, comprado aqui e a parte de componentes a maioria é importada da China e os distribuidores são daqui. Coisas pequenas como ferragens, tintas, cimentos todos são clientes próximos. "Quando preciso de prego, eu vou na esquina, sem dinheiro, pego quanto eu quiser e no final do mês o cara me avisa: tu estás devendo 15 reais" (Entrevistado D).

Às vezes eu vou numa lojinha aqui do lado de elásticos mas é no desespero, porque é caro - loja de bairro sempre é muito caro, porque são muitos idosos que vão ali. Se é pouca quantidade eu compro ali. E agulhas eu às vezes vou num senhor que tem uma loja de agulhas e concerto de máquinas de costura (Entrevistada P).

Entretanto, outros agentes já estão mais em contato com os comerciantes locais, com pedidos de apoio e gerando uma rede que gera uma troca entre material e cultura, trazendo perspectivas diferentes para a economia do bairro. Esse é o caso do entrevistado C que tem a particularidade de ser morador, como aponta nesse relato:

Quando eu fiz a última edição do Rendez-vue foi muito legal os apoios que eu tive do comércio, como o ‘autopeças farrapos’ que nem logotipo tinham. Criamos um e eles nos patrocinaram com 500 reais em duas vezes. Foi o máximo porque o cara ofereceu o estacionamento da frente da loja para o evento e a família toda foi. A ‘Ferragem Floresta’ ajudou com 250 reais em material então cordão, barbante, arame, cola, durepox, tudo tínhamos. Isso achei uma coisa muito legal com os moradores, eu estava super empolgado [...] Eu uso costureira, serralheiro, ferragens, supermercado, porque também moro aqui. Acho que elas estão inteiradas na economia criativa. Ela fez o figurino do St Patrick uma vez que tinha uma festa grande na Padre Chagas. aí o boneco saiu na Zero Hora do figurino que ela fez. O pessoal da ferragem floresta eu dei para eles o catálogo da cia. Eles sabem e eu deixo em cima do palco e mostram pro pessoal que a gente é o grupo de teatro do bairro.

Mesmo com essas trocas, essa rede de agentes criativos que se insere no bairro traz novos usuários consumidores com demandas, serviços diferenciados, e acabam determinando uma nova definição de classe de serviços, de uma produção pós-fordista, bastante diferenciada dos comerciantes locais ou daqueles que se estabelecem na Associação Cristóvão Colombo. A nova perspectiva está relacionada aos que se auto-intitulam como empresários, proprietários, independentes ou profissionais, diferenciando-se da classe trabalhadora clássica, já que o seu “relacionamento de serviços” fora substituído pelo “contrato de trabalho” (ERICKSON E GOLDTHORPE, 1992). Alinham-se por experiências homogêneas relacionados a um comportamento de classe média empreendedora, numa nova tendência organizacional mais flexível de relações na indústria, e que admite essas similitudes relacionadas a padrões sociais de mobilidade de elementos complementares que levam a maior fusão cultural entre os profissionais da classe de serviços (ERICKSON e GOLDTHORPE, 1992). Economicamente há uma mudança de padrão com essa tendência vinda de fora do ambiente que se torna mais visível ao território, uma vez que substitui as demandas dos locais, ao que aponta uma das entrevistadas:

Eu percebo que mais 'makers' estão vindo para cá. Tem muita criação de espaços colaborativos, essas casas que estão surgindo [...] Os comércios mais antigo que não se adaptaram. São eles que estão fechando. Aqui na esquina fechou uma loja que acho que tinha há mais de dez anos, uma loja de imóveis. Na outra esquina fechou uma loja de sapatos. Acho que desde que a gente veio para cá pelo menos dez lojas fecharam no entorno, num perímetro de quatro quadras (Entrevistada T).

Essa substituição também é relatada pela entrevistada A quando relaciona as demandas específicas dos próprios locatários que se aliam a essa tendência e modificam o espaço urbano pela seleção de público:

Existem grupos do bairro Floresta do whatsapp e um dos moradores aqui do bairro estava colocando: 'Casa para locar em rua tal, temos preferência para alguém da economia criativa'. Ou seja, até os próprios moradores estão buscando preferência para as pessoas da economia criativa, como escritórios de arquitetura e todo o resto. Os próprios locatários começam a decidir como que querem que a cidade fique.

c) Relação com os moradores:

Os valores culturais atribuídos à economia criativa não estabelecem uma ponte de contato direta com os moradores do bairro. Como relatados por alguns dos entrevistados, poucos sabem que essa nova aglomeração no território está vindo e o público direcionado desses agentes criativos não atribuem os moradores como principais consumidores. Ainda assim, a percepção de alguns moradores quando reconhecem esses novos empreendedores é positiva por preservarem o patrimônio histórico do espaço, diferentemente de grandes construtoras que desconfiguram a arquitetura do bairro. Além disso, alguns entendem a vinda desses agentes de economia criativa como a solução para higienização do espaço, sobretudo, quanto à incômodos por parte de alguns moradores. Assim relatam:

Acho que tem um público direcionado para o evento específico. E nem sempre os moradores desse bairro se identificam com os eventos culturais que estão acontecendo. Às vezes há moradores muito tradicionais, que não querem que algumas coisas aconteçam, são avessos às mudanças por já estar acostumados com o tipo de pertencimento ao bairro, por isso é difícil aceitar algo diferente. Aqui na [Casa Cultural] não direcionamos nem para moradores ou não moradores, buscamos um público que se identifica e que muitas vezes acaba não sendo daqui do bairro (Entrevistada E).

O perfil dos moradores do Floresta não é tão próximo a esse lado das artes mais jovem. É um bairro antigo, há moradores antigos, que preservam cultura, mas falta uma mistura mais nova. Dependendo muito pelas pessoas que vem de outros lugares, por isso divulgamos bastante por via virtual (Entrevistada F).

Mesmo assim, temos moradores que frequentam, eventualmente e muito por um acaso, passam aqui, vem caminhando, vindo do mercado e resolvem entrar e se surpreendem, pois não sabiam da existência do local e as pessoas vem e adoram (Entrevistado H).

A economia criativa está vindo de diferentes maneiras. Para aqueles que pensam superficialmente parece que a economia criativa realmente vai mudar no sentido de que não haverá mais prostitutas, que não terão mais problemas sociais e que ficará tudo lindo. De maneira geral, os moradores do entorno de classe média que acha que é rico querem tirar sem pensar em suas vidas, um pensamento bastante individualista (Entrevistada A).

Houveram algumas tentativas de contatos por parte dos agentes de economia criativa com a vizinhança do Floresta, na tentativa de estabelecer pontos de convergência entre o público-alvo, as novidades do empreendimento que traziam ao bairro e adaptabilidade à cultura local dos moradores a fim de ter maior aceitabilidade na sua instalação. Além do mais, querem o reconhecimento do seu empreendimento, demonstrando o seu diferencial aos locais que têm a importância de lhes assegurar como ponto de referência. As visitas para trazê-los e conhecer os seus espaços são ações de aproximações verificadas em diversos relatos e demonstradas como um ímpeto de construir um laço por essa cultura econômica. Assim relatam:

O meu público tem um pouco de tudo. Eu sou seguida pelos meus clientes desde 2014. A proximidade, o fato de acontecerem coisas aqui que respondem as demandas e a curiosidade da vizinhança, atrai a vizinhança, e por isso procuro sondar o interesse dos vizinhos porque acho que temos esse papel social, não somente como um espaço de alimentação, como sou mais diversificada, de trazer algo mais cultural, de oferecer coisas legais (Entrevistada B).

No fim dessa semana decidimos fazer um evento aberto, chamando "visitas aos predinhos de Lutemberger" - no final de 2012 e aí propomos a construção de hortas, pneus que pegamos na borracharia do lado, chamou o pessoal da arte urbana e grafitti que fez os primeiros grafittis daqui, expomos a maquete do prédio. Ali foi justamente o momento de conversa com alguns vizinhos que contaram que já tinham morado ali, outros que já tinham tido negócios aqui e começamos uma relação com a região e com a classe artística da cidade (Entrevistada J).

A gente convida os vizinhos, eles vêm *pras* festa de rua. É bem legal. Há uns dois ou três anos atrás tinha na rua Comendador Azevedo o festival da boa vizinhança. [...] Utilizamos ela como inspiração (Entrevistada T).

No entendimento de novos comportamentos desses principais representantes da economia criativa local trazem (ou impõe) a sua visão, modificam o cotidiano do Floresta que agora passa ser confundido com um *branding* e é colocado nessa imagem diante de exemplos visibilizados pela mídia e por estratégias de reestruturações urbanas, que concebem uma territorialidade distinta, sobretudo pelas ações nos espaços públicos ou em visitas nos seus ambientes privados. Elas são diversas, dentre as que concebem laços entre a vizinhança e a economia criativa podemos estabelecer como exemplo as trazidas pelos próprios agentes entrevistados:

Eu percebi mudanças muito grandes quando a gente fez a calçada, porque além da calçada com acessibilidade a gente tentou fazer uma horta urbana e junto a

gente criou um projeto chamada 'Calçada Viva' que a gente bota um artista para tocar na calçada todas as sextas feiras. E isso atraiu muito atenção do bairro e isso fez com que as pessoas viessem elogiar: 'olha que legal, como ficou bonito!'. A própria empresa aqui ao lado veio nos elogiar e a gente percebe que o pessoal prestou atenção de alguma maneira. No começo eles roubavam todos os temperos que eu plantava, eles sumiam, aí eu comecei a produzir mudas *pras* pessoas levarem, então tudo é uma mudança de percepção do quanto tu não precisa tirar dali. Então acho que de alguma maneira estamos fazendo uma intervenção positiva na forma de pensar *pras* pessoas perceberem que as coisas podem ser diferentes (Entrevistado H).

A Aline e a Márcia tinham um projeto intitulado Vizinhança, de ativação de espaços ociosos na cidade a partir do encontro dos vizinhos, como trocas de receitas, café da manhã, saber para dar alguma oficina e elas facilitam para que esse espaço aconteça. O projeto vizinhança também foi um ponto âncora para entender que o Vila Flores se prestava para ser um espaço de convívio através de várias iniciativas [...] (Entrevistada J).

Além disso, tivemos a iniciativa da [...] Balaio de Gato que é um brechó para nessa quadra ter brechó dos moradores. Durante vários sábados todos os moradores colocavam as suas coisas na calçada para vender, consegui uma autorização também para que nessa quadra pudesse ter esse tipo de feira de rua. Durou acho que dois anos em todos os sábados. [...] Junto com o Vila Flores, aqui na janela eu fiz o Sarau da Janela quando a gente tinha feira. Eu olhando da minha casa parceria aqueles cenários de ópera como cantando na janela. Eu fiz três edições (Entrevistado Q).

Um dos eventos, já citados como observação participante do autor, tem iniciativas para acolhimento da comunidade local:

Temos eventos que são pagos e gratuitos. Buscamos valores acessíveis, meia entrada para os moradores do bairro. O Simultaneidades se formou no evento Bienal que fazemos de dois em dois anos em que são dois dias de casa aberta para as pessoas mandarem suas propostas, organizamos e recursos para esse evento acontecer de forma mais aberta possível (Entrevistada J).

Apesar de alguns eventos conjuntos, a desconfiança é permanente e reitera essa distância entre a economia criativa e os locais, diante de valores dissociados da prática da sociabilidade comum aos moradores. Toma-se como exemplo o que é reiterado por uma das entrevistadas:

Quem prestigiava essa relação eram poucos como [agentes criativos que são moradores do bairro], nós sentávamos, tomávamos uma cerveja, fazíamos um desfile de moda, tirávamos fotos e queríamos ver isso crescer, mas não deu. Evidentemente que sempre havia um olhar muito crítico das pessoas desconfiando desses eventos: quem sabe não é bem um hostel, pois não conhece nada de fora de Porto Alegre nem do país. Houve uma melhora ao menos dessa imagem, tentando desconstruir entre os moradores, mas numa escala muito pequena dentro desse contexto. O brechó ao menos está tendo mais aceitação (Entrevistada I).

d) Relação com o Refloresta

O Refloresta, nessa perspectiva, torna-se uma das associações onde mais se promove contatos dos moradores com essas novas iniciativas. Atividades culturais criadas pelos moradores de ocupação de rua se vinculam a outras demandas. O Refloresta,

portanto, é um dos espaços onde se pode construir eventos, debater ideias de revitalização entre os locais e onde se pode pensar ações políticas para soluções específicas. Assim comenta um entrevistado:

O patrimônio público histórico não era muito a pauta do Refloresta, embora eu, a [...] do Balaio de Gato também trazíamos a questão da feira, do brechó de rua e em edições do brechó de rua que fiz o Sarau na Janela, dentro dessa visão que outras pessoas adotaram de que a gente tinha que ocupar a rua com atividades nossas para mostrar que a rua também é nossa. E que, de preferência, fosse uma atividade cultural ou de feira, coisas que mostram que a rua também é nossa. Então o Sarau na Janela era uma atividade cultural dentro dessas atividades do Refloresta (Entrevistado Q).

e) *Relação com as trabalhadoras do sexo*

As prostitutas que trabalham no bairro, sobretudo na Rua São Carlos é uma pauta bastante recorrente entre os moradores e os agentes criativos que se posicionam de maneira distintas. Ainda que os agentes tentem fazer contatos, a sua presença é incômoda aos clientes e ao trabalho do sexo, pois seus eventos inibe a prostituição. Assim, um dos entrevistados relata esses embates:

Tem o pessoal que defende o trabalho das prostitutas e que é possível conviver juntos e tem aqueles que gostariam que aquilo fosse limpadado dali e que fosse expulso para outro ponto da cidade. Eu já vi em reuniões com a prefeitura e com secretaria do meio ambiente e vi essa questão para higienizar as travestis. E as travestis e prostitutas não tem mobilização política a ponto de ir numa reunião. A primeira vez que eu vi conflito foi uma vez que teve um evento e bloqueou a mobilização do drive que fica na Rua Hoffmann do lado do Vila Flores e que aí elas perderam clientes. Aí elas pegaram e imprimiram cartazes dizendo prostituição também é profissão com uns desenhos e gravuras. Colaram em toda a São Carlos em vários postes. E foi uma posição que elas tomaram politicamente. Achei ótimo ao ver pela primeira vez uma postura delas. O que acontece é que toda a vez que tem evento no Vila Flores o movimento delas é menor, porque elas precisam de um lugar com menos pessoas circulando para ter caras que não querem ser expostos. O movimento normalmente é nas quintas feiras e em dias que tem jogo daí eles dão as desculpas para as esposas que estão com os amigos e na verdade eles estão andando com os carros ali (Entrevistado C).

Uma área ‘revitalizada’ tem a dimensão de criar um espaço de estética agradável e constituído de bem-estar social e onde se desenvolva economicamente. Para tanto, a economia criativa torna-se a principal fachada de redes que se criam organicamente e que tem interesse em reconfigurar esse espaço. Em projetos de reestruturação urbana, como no Masterplan, as prostitutas não estão mapeadas. São casos de silenciar e apagar a sua consolidação histórica no território de antiga zona portuária para ser substituído a um olhar inovador e empreendedor. Na avenida Farrapos, por exemplo, algumas boates que tinham esse trabalho fecharam e estão à venda com preços mais acessíveis justamente para investidores da economia criativa, como demonstra na figura abaixo, anunciado no blog da principal rede de articulação desses agentes no local, o Distrito C.

PEC – Antiga Boate Madrigal (à venda) | UrbsNova

PLANO DE ECONOMIA CRIATIVA
venda de imóveis gerando preservação e empreendedorismo

1. O vendedor vende mais rápido;
2. Imóveis antigos ganham nova função econômica e são preservados;
3. O empreendedor de economia criativa ganha um desconto;
4. O território e os empreendedores criativos locais são beneficiados.

SAIBA MAIS

Antiga boate Madrigal (frente Av. Farrapos, fundos R. São Carlos)
 Valor: R\$ 6.500.000,00. Desconto para economia criativa: R\$ 110.000,00
http://urbsnova.wordpress.com/boate_madrigal



PEC- Plano de Economia Criativa | UrbsNova | Agência de Inovação Social
urbsnova.wordpress.com/pec-plano-economia-criativa | Foto: Vick Fichtner - www.veckphoto.com

Agora por apenas R\$ 4.500.000,00. Grande oportunidade!

A antiga boate Madrigal, tradicional local da noite porto-alegrense desde os anos 70, está a venda. Procuramos negócios de economia criativa para se instalar neste local especial e com isso trazer mais qualidade a essa região.

[\[em espanhol\]](#)

Figura 34: Boate Madrigal para negócios de economia criativa
Fonte: Urbsnova, 2019

O projeto também tem o intuito de substituir antigas áreas de prostituição por empreendimentos que se identificam como economia criativa a fim de conseguir esse benefício, movimentar o espaço com diferentes públicos e transformar o bairro em uma nova vitrine, deslocando para outras áreas esses que não são pensados na proposta de revitalizar. Apesar dessa tendência de expulsão, algumas ações são tomadas por agentes criativos que tentam uma aproximação, demonstrando os diferentes posicionamentos, mesmo que as políticas estratégicas dos projetos estruturantes contrariem a permanência das prostitutas naquele espaço:

Com relação às meninas [trabalhadoras do sexo], quando chegamos aqui, tínhamos uma relação super fluida, pela proximidade com a [dona pensão da] vizinha onde todas elas se arrumavam e dormiam. Por conta de brigas e facções de tráfico, a [Dona J] teve que sair e as meninas mudaram, o que fez perdermos um ponto de conexão com elas. Mesmo assim, sempre respeitamos, tentamos avisar quando teria algum evento e procurou sempre fazer pequenas ações como estacionar os carros do outro lado da rua para elas terem seu espaço para trabalhar, continuamos convidando elas para virem, mas criou um afastamento pelo desconhecimento e mais pessoas circulando no Vila Flores (Entrevistada J).

Criamos um evento [rendez-vue] que lidasse com essa temática [erótica] e tinha foodtruck, gastronomia, tinha exposição fotográfica, assuntos eróticos, tinha livros, tinha projeção de filmes super 8 de pornôs da década de 60, tinha projeção de postais, tinha strippers trabalhando, tinha pessoal do circo, cinema, teatro, era tudo (Entrevistado C).

f) *Relação com a Vila Santa Terezinha (Vila dos Papeleiros)*

Normalmente vista com desconfiança pelos moradores e por um incômodo estético, ao associarem a sujeira do bairro com a sua presença, alguns projetos já foram estabelecidos com a comunidade como os projetos da rede de educação Marista na área de maior vulnerabilidade do bairro. Quanto aos novos agentes criativos, há alguns projetos, sobretudo do Vila Flores com a Vila dos Papeleiros que acabam compondo uma aproximação. São exemplos as atividades culturais, como o de Vila a Vila, a construção e aulas de pista de skate, as oficinas diversas, e apresentação na Virada Sustentável e que colocaram principalmente os jovens que vivem nesse espaço em maior contato com esses espaços culturais. Um relato da entrevistada J especifica esses diversos contatos, o seu posicionamento crítico, a tentativa de criação de redes que articula esses diversos atores da área ou interessados:

O Vila Flores, nesse meio, foi o ponto de encontro e confluência entre as diversas visões e nos posicionamos muito como um lugar para se discutir isso tudo. Procuramos trazer mais para perto essa discussão e criar ela de uma forma mais múltipla e transversal possível. Então sempre quando tivemos a oportunidade tanto para chamar técnicos da prefeitura ou o próprio arquiteto que desenvolveu o Masterplan, bem como a sua equipe e juntar esses da ponta com os movimentos sociais, artistas, moradores do bairro, estudantes universitários, redes de assistência social da região.

Portanto tivemos esse posicionamento de articulação - praticamente todos os eventos que fizemos tinha uma conversa sobre o Masterplan como oportunidade para dizer os que as universidades e a prefeitura estavam pensando para a região e receber críticas, querer escutar as pessoas. Dificilmente consigo medir o real engajamento para falarem sobre a cidade, pois ainda são muito experimentais, lentas pois demandam relacionamento. [...] Moradores do bairro é uma construção diária nessa tentativa.

E dentro do projeto entendemos que onde existia uma lacuna era na questão social, então nos articulamos com outros setores, inclusive na prefeitura que tinham essa visão (redes de assistência social - redes de sustentabilidade e cidadania da Santa Teresinha, 4º Distrito e entorno) - antiga secretaria de governança e que trouxe o Vila Flores para essa rede entendendo que arte e cultura era fundamental para uma articulação social acontecesse. Isso nos colocou em contato com ocupações como a 20 de novembro e com todos os agentes que trabalham dentro dessa rede de suporte de diretrizes sociais na prefeitura e para além: os CRAS, Movimentos Maristas, ONGs, catadores, a fim de pensar a região sob o ponto de vista do que queremos aqui.

Mesmo que haja aproximação de agentes criativos mediadores, a maioria dos agentes criativos não se envolvem. O território onde a Vila Santa Terezinha não está acessível ao público pela desconfiança e controle estabelecido por eles. Ela está separada

pela Avenida Voluntários da Pátria e tem como característica presente os lixos – inclusive como fonte de renda – que demonstram a diferença com o outro lado estabelecido por indústrias antigas, postos de gasolina, muros, grades, com grandes portões de separação. As novas especulações que se estruturam no território do bairro não contam com a sua presença, em uma falta de interesse na sua condição material e de vivência dessa rede de trabalhadores e de famílias de catadores para a reciclagem de materiais que existem naquele espaço. O projeto Masterplan, por exemplo, em diversos pontos, ignora esse território como se ele não existisse, com pontos em branco ou construções de grandes prédios ao lado dessas diversas casas que o Estado não auxilia e nem controla. Isso pode ser constatado desde a duplicação da avenida Voluntários que não gerou modificações para a área, além do calçamento e do fluxo de veículos. Constata-se essa conduta de ignorar essa área da mesma forma, como na página do projeto em imagem a seguir, com a Vila dos Papeleiros marcada pelo autor em vermelho e onde é pensado uma grande renovação para a Avenida Voluntários Pátria sem a reflexão de expulsão ou de um projeto diferencial para a área, completamente ignorada às novas reestruturações urbanas.



Figura 35: Parque linear Voluntários da Pátria
Fonte: Masterplan, 2013.

g) Relações com os órgãos municipais

O posicionamento tomado perante os órgãos institucionais está aberto a diferentes abordagens, sobretudo no que tange a um descrédito na política da cidade – como a prefeitura sendo promotora de mudanças, relacionado a sua ideia de “self made-men” ou faça por você mesmo. Caracterizando as ações da prefeitura como burocráticas, desinteressadas, incompetentes e inoperantes diante dos problemas que o bairro enfrenta (lixos, buracos nas ruas, alagamentos, exigências de regulamentações, falta de incentivos

na prática), os agentes da economia criativa têm relutância em fazer parcerias com os governos, apesar de estarem adotados como frente de acordos e de visibilidades no desenvolvimento econômico para essa área na cidade. Exemplo é dado por um dos relatos dos entrevistados:

Nós nunca encontramos da prefeitura nenhum tipo de apoio, seja da SMIC, seja da SMURB. É bem complicado porque a gente nem gosta de tocar muito nesse assunto. A questão de que quem se instalasse no 4º Distrito teria uma isenção de IPTU, dos centos e poucos participantes do Distrito Criativo só 1 conseguiu até hoje parcialmente um desconto.

Aqui é uma casa de 5m por 20m e o IPTU é quase 4 mil reais. Esse incentivo na verdade está só no papel e concretamente não existe. E a gente faz, por exemplo, no ano passado tinha mato nas calçadas por mais de metro e aí chamamos um jardineiro nosso lá da Zona Sul para ele vir com a roçadeira encher 15 sacos de 100l de capim que estava enorme, porque fica perigosos, sujo, feio e as pessoas quem vem conhecer e olha um entorno desses com alagamento e outra coisa, acaba depreciando (Entrevistado H).

A visão sobre esses últimos governos da prefeitura de Porto Alegre é estar avessos à cultura, exemplo dado por um dos agentes criativos, mais ligado à economia da cultura, propriamente dita, que necessita de incentivos público para sobreviver:

A gente assume uma identidade em um período que a economia vai completamente contra toda essa onda porque no período que a esquerda assume o poder cria o território fértil para a criação de grupos de teatro. Tanto é que os grupos que estão com mais de 30 anos todos surgiram nesse período, na primeira administração popular porque a prefeitura contratava grupos pra se apresentar nos bairros e davam oficinas nos bairros para a formação de grupos de teatro. Os primeiros oito anos foram muito impactantes porque tinha uma geração que queria fazer muita coisa. Tu chegavas com uma proposta na secretaria da saúde e eles abraçavam porque havia uma vontade de termos que dar certo e temos que fazer alguma coisa que dê certo. Hoje não. Temos o estado quebrado com uma governança avessa a cultura e uma prefeitura também quebrada e com ponto de vista bem avesso à cultura a ponto de cobrararem o aluguel da Praça da Alfândega para fazer a feira do livro que é uma coisa absurda que em vez de incentivar o turismo, tu deixas mais decadente porque Porto Alegre é uma cidade de costas para o turista.

A questão do FUNPROARTE que era o fomento que a gente tinha, como verba municipal, é lei que desde 2015 não abre edital e não pagou os últimos projetos da última edição. O FUNPROARTE era um 'baita' de um fundo de apoio à cultura que o prefeito quer excluir (Entrevistado C).

As redes de inovação e de articulação entre os próprios agentes são tratadas de maneira mais positiva para implantar melhorias, frente a projetos urbanos da prefeitura 'que não saem do papel'. A questão da isenção do IPTU é reclamação permanente no diálogo com esses atores. A maioria não conseguiu esse benefício fiscal, devido a diferentes razões, barrando na 'burocracia' e retomando uma ideia de que pouco se faz para auxiliar na potencialidade econômica da cidade:

A lei foi aprovada na prefeitura e diz que tu *tem* uma isenção de 5 anos se tu te estabelecer aqui no Distrito C e trabalhar na economia criativa e está no site da prefeitura e diz lá na parte da secretaria das finanças e ali tem um link - Distrito C e isenção - e está lá todos os documentos que precisavam. Todos aqui

próximos tentaram, aí quando tu *vai* apresentar lá, sempre há algum problema. Na última vez foi que o proprietário do imóvel que estamos locando estava quite somente com o nosso imóvel e ele deveria estar quitado com todos os imóveis dele. O problema é que ele tem mais de 40 imóveis e daí eles não dão a isenção do IPTU. Cada um tem um problema diferente e a vontade política não há. Ou seja, trocou o prefeito, mas está empacado há 2 anos em análise. Se tu *depende* do poder público para fazer qualquer coisa não sai (Entrevistada N).

Apesar desse descrédito, a ligação entre os articuladores e mediadores são constantes, tanto que ainda desenvolvem parcerias pelos projetos de reestruturação urbana que são efetivados e a economia criativa se torna o principal eixo de novas produções econômicas nesse espaço. Além do mais, posições políticas são também tomadas para processos de mudanças na área com demandas feitas a prefeitura. Uma delas foi o abaixo-assinado para solicitação de que a Avenida Farrapos seja fechada aos domingos após a morte de um garoto de 13 anos, ciclista, atropelado e morto em junho de 2018. Esse pedido foi a consequência de um ato político em memória ao menino ocorrido em 19 de agosto de 2018 organizado e divulgado pelo Distrito C, que reuniu em torno de 100 pessoas, com vários agentes criativos do bairro. O evento intitulado Farrapos Florida tinha como intuito a conscientização para as mortes de trânsito aos ciclistas. O ato reuniu pessoas vestindo branco, com faixas no meio da Avenida e com a escolta da EPTC, como mostra na figura abaixo.



Figuras 36 e 37: Farrapos Florida
Fonte: acervo do autor, 2018

A articulação dos agentes criativos é ampla e não só é estabelecido em rede entre os agentes empreendedores do bairro. Sua atuação concebe essa nova marca privada, o Distrito C, que se apropria com seus valores do território e que passam a ter uma

visibilidade desses agentes, ao mesmo tempo em que sua aparência tem como consequência a invisibilidade daqueles que não estão concebidos na economia criativa, pois o bairro passa a ser visto somente com esse novo propósito. A narrativa abaixo explica essa dicotomia, ao mesmo tempo, em que reconhece a importância dessa integração:

O trabalho do Distrito C é muito importante como articulador, em uma das instâncias de atividade econômica e criativa geradora de cultura da região, apesar de ser muito nova também. Eu enxergo que a instância do Distrito C chega um pouco impositora - como o Vila Flores - de uma nova realidade sobre quem está no bairro, mas ela ainda é uma iniciativa da sociedade civil-organizada, algo realmente *botton-up*, perto de um Masterplan, ou de uma especulação imobiliária. E inegavelmente ela é algo que pousa sobre uma realidade que já existe, pois, a realidade do bairro antes de ele ser um Distrito Criativo é de moradores, de pequenos mercadinhos, de oficinas mecânicas, muitas lojas de equipamentos. O desafio de integração entre artistas, Distrito Criativo e realidade cotidiana do bairro está dado. Os criativos se relacionam entre si e realizam atividades e ações também procurando se integrar com os moradores do bairro, mas é inegável que são realidades diferentes. Já começa pela diferença da realidade de quem mora (dorme, acorda, compra pão) no bairro e de quem vem, trabalha e vai embora. É diferente a realidade de quem tem o mercadinho e de quem tem a realidade econômica que é fazer arte, então nesse sentido já é um desafio de integração e não gentrificação e aí vem essa outra instância: um plano maior, institucional, privado para uma região onde já existe esse ajuste.

Eu me pergunto como essas pessoas que chegaram depois - como nós - se comportam nesse sentido da integração, do que queremos para o bairro, que é diferente entre os moradores. É lógico que não é unânime de eles gostarem dessas novidades e tem moradores que nem sabem que isso é o 4º Distrito, o que é o Masterplan, o Distrito C (Entrevistada J).

Ao que está sendo colocado e criticado pelos próprios agentes criativos que se movimentam no bairro são faltas de interações com a realidade dos diferentes comércios, habitantes e trabalhadores que não estão relacionados diretamente a essa tendência global de economia criativa, e se conectam em rede de “ilhas privadas” entre esses espaços culturais. As conexões diante das trajetórias globais dos principais articuladores e mediadores da economia criativa no bairro constroem essa nova fachada socioeconômica do espaço, promovida e propagada por órgãos institucionais com aval de organismos internacionais. São agentes empreendedores que materializam a ideia *glocal* com esses conceitos de produção criativa numa aglomeração dentro do bairro Floresta, relacionado às tendências de regimes urbanas de empreendedorismo em iniciativas público-privadas que reconstróem o espaço e cujas adaptabilidades em redes de interação local promovem, sobretudo, os novos projetos que transformam o imaginário territorial do lugar.

4.4 Transformações na territorialidade do bairro Floresta

Todo esse imaginário criado pelos projetos de reestruturação urbana relaciona-se com o aglomerado desses agentes de economia criativa que se instalam no bairro e assim se retroalimentam em discursos e narrativas de valores culturais da economia criativa de maneira ampliada. A visão dos novos empreendimentos é configurada a partir da relação dialética global-local de uma política urbana associada a dinâmica do regime urbano do fluxo de capital transnacional que se relaciona com as cidades de maneira estratégica e onde as soluções para os problemas analisados são modeladas por uma tendência imagética do território e de um desenvolvimento segregado, apesar da fachada de inclusão que a economia criativa se propõe.

Portanto, as mudanças que são percebidas no território são narradas pelos agentes criativos, demonstradas em seus eventos que, pela efemeridade da socialização ocorrida nesses momentos, transmitem a esperança de desenvolvimento que se corrobora com algumas transformações socioeconômicas. Uma entrevistada comenta esse ímpeto do empreendedorismo urbano trazido pela economia criativa como novo vigor para o bairro:

Naquele momento eu não tinha muita noção de aluguel. Eu estava prospectando e através do hostel e nessa coisa que queria descobrir fui reconhecendo o bairro Floresta a partir de andanças. Aqui foi um bairro que frequentei quando eu era adolescente. E aí eu vi o quanto estava abandonado, muito triste, imaginei que aqui iria "para as cucuias". E quando vim pro Vila Flores já era outra coisa, pois o vila dava outra visibilidade para tudo isso de maneira radical. A limpeza da rua, as fachadas das casas são mais bem cuidadas na medida em que muitas delas hoje são empresas, a circulação de pessoas nas calçadas são exemplos. Mais mudanças econômicas como aqui na São Carlos que começaram a vir mais restaurantes, o comércio na volta reconhece esse espaço e não exclui a possibilidade de que ao redor de 4 a 5 anos aqui seja uma alternativa para a Cidade Baixa e se desenvolva tanto quanto cresceu aquele bairro. A Cidade Baixa também teve um momento muito triste, de descaso (Entrevistada B).

Esse abandono do poder público citado pela entrevistada é verificado nas notícias de jornal e mesmo no processo de desindustrialização que a cidade sofreu, que teve consequências principalmente nas antigas áreas fabris, sobretudo, no 4º Distrito – dentre eles o bairro Floresta. Desde então, essa percepção ficou acentuada e o descaso dos órgãos públicos são verificados nos problemas urbanos apontados: segurança, alagamento e iluminação. A forma de frequentar o bairro e a sociabilidade que se criou da comunidade dos moradores também é percebida pelos agentes criativos como retrógrado e conservador, com desconfianças às novidades, em uma relação bastante individual:

O próprio bairro tem preconceito. Aqui é um lugar que ficou abandonado por 50 anos, é industrial, comercial e residencial e nunca mais teve outras coisas. Aqui só tem a Sociedade dos Gondoleiros, Sociedade Polônia, umas bodegas de coroas que são super antigas e tradicionais, mas que não é um negócio

popular, não é um negócio que a comunidade vai frequentar. E sim um negócio que vem gente de outras cidades para curtir, vem com os amigos, fazem grandes reuniões inclusive. Pelo fato do bairro ter ficado tanto tempo abandonado, tu *cria* um hábito comunitário de ir pra casa depois do trabalho, tu não ter nada em volta e tu não sai dali ou tu sai para outros lugares, frequentando outro bairro, porque tu não oferece nada (Entrevistado H).

E os processos de mudanças nesse pertencimento territorial confere a presença da economia criativa como um novo fortalecimento, ressignificando o espaço (HAESBAERT, 2004), ao uso do território pela diversidade de negócios, pelo embelezamento e processo de revitalização em que esse setor insere para a comunidade. Assim, a memória operária, de laços comunitários de clubes são trazidas como forma turística para preservação de edifícios históricos dando lugar a esses novos empreendimentos criativos. O entrevistado K comenta essas mudanças culturais pelas novas ocupações que se inserem no bairro:

Quando chegamos aqui já existia um processo de ocupação, mas hoje é um bairro que passa por um processo de revitalização e o Distrito C tem uma relevância muito grande, tem a instalação de muitos escritórios de arquitetura aqui dentro, estúdios de fotografias, de galerias de arte, o próprio Vila Flores. As questões coletivas e sociais *melhorou* muito as questões de segurança, de iluminação, de habitação, então existe hoje uma comunidade fortalecida nesse sentido, procurando buscar uma reestruturação ordenada. Muitas melhorias foram feitas nesse sentido então as pessoas voltaram a habitar o bairro. O Bairro volta a estar nessa crescente, prospectando novos empreendimentos, em que algumas galerias de arte que migraram do bairro Moinhos de Vento justamente por essa concepção de arquitetura, de morfologia dos prédios, de um resgate dos primórdios de 1920 por todo o contexto que existia no bairro, por ter sido um bairro nobre à época e ainda é hoje pelos urbanistas e arquitetos. Esse é o viés de estarem reabitando e isso fortalece o comércio local com relação a essas ações coletivas que são realizadas. As pessoas estão se inserindo no bairro, fortalecendo seus empreendimentos e economia local do bairro.

As mudanças econômicas são visíveis ao trazer os dados dos alvarás que foram expedidos a partir do ano de 2008 e atualizados no ano de 2018, o bairro compreende principalmente escritórios administrativos, de assessoria de vendas, de promoção e de serviços jurídicos. Serviços de cafés e restaurantes, bem como lojas de vestuários são presença marcante no Floresta. Além do mais, há um polo da saúde fundamental nos serviços do bairro e também os espaços que abrangem a economia criativa, quantitativamente verifica-se na presença de agências de publicidade e propaganda e estúdios de fotografia/pintura/escultura/música/edição/paisagismo. Abaixo estão os principais serviços do bairro, assinalando principalmente aqueles que possuem mais de 3% dos 585 alvarás verificados.

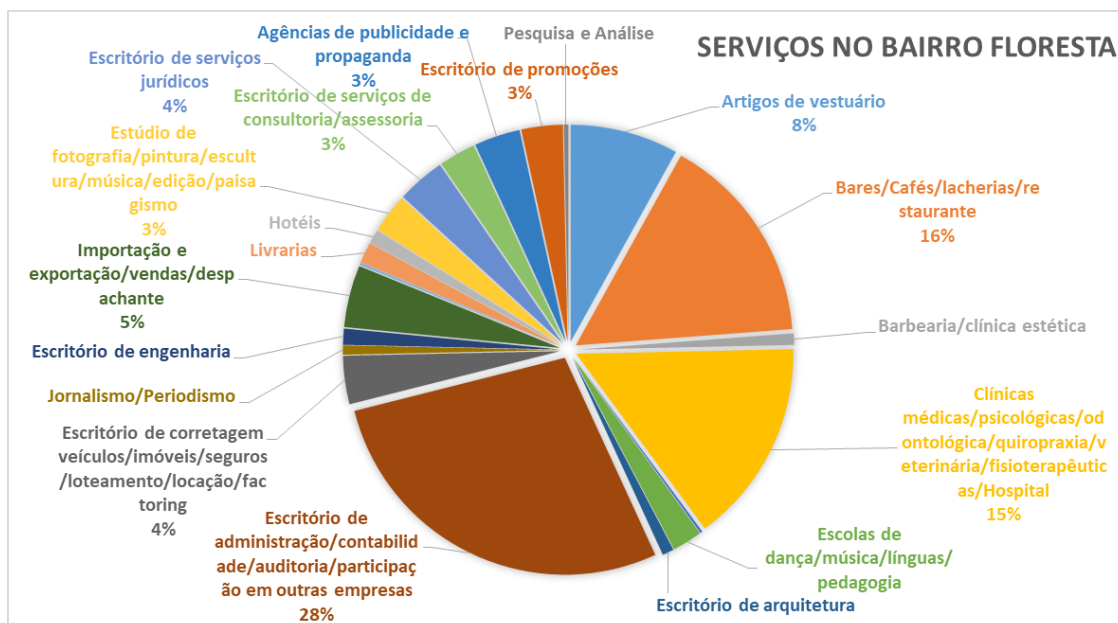


Tabela 4: Serviços no Bairro Floresta

Fonte: Secretaria Municipal de Indústria e Comércio, 2018. Elaborado pelo autor

Assim como as cidades globais analisadas por Sassen (1998), a maioria dos serviços desses aglomerados concentram-se nas áreas administrativas, além de alimentação que serve esses trabalhadores no local e de vestuário pelo movimento comércio. Como particularidade está o polo de concentração na área da saúde privada, foco no projeto de desenvolvimento urbano do Masterplan e a economia criativa verificase na diversidade dos serviços na área de arquitetura, escolas de danças/música/língua, hotéis, publicidade e propaganda, pesquisa e análise. É dessa forma, como pioneiros (SMITH, 1986 e ZUKIN, 1989) de abertura para uma nova visibilidade ao bairro, essas tendências dos serviços atrelados às cidades globais também se convergem no projeto de cidade criativa, numa apropriação territorial de *image-making* para um determinado público de uma visão empreendedora de mudanças.

E com essa força motriz de transformação econômica é que os agentes da economia criativa constroem o espaço de aglomeração, com a diversidade atrelada ao setor, prospectam a vinda de mais empreendimentos devido a tendência do tipo de inserção no bairro e como ele está sendo visado. Além do mais, trabalhos como o Distrito Criativo e o Vila Flores pela sua repercussão a nível da cidade e internacional são os que dão maior visibilidade e que tentam modificar o imaginário do bairro abandonado e de marginalização, relacionada com a prostituição, pela ocupação de feiras, serviços e ações e empreendimentos criativos:

Por exemplo, a Bolsa de Arte está aqui, o Garimpo está lá, a Escola de Música está, a produtora, a capoeira, tudo isso existe aqui então o legal disso é demonstrar para as pessoas que tem tudo isso aqui na região e que se soma a própria iniciativa inicial do Refloresta que demonstrava que tem moradores aqui. Não é uma região de prostituição e que à noite está tudo abandonado. Então essas coisas funcionaram para dar uma percepção que há uma região aqui e que isso fez com que diminuísse bastante o preconceito com a prostituição. Quando a gente começa a ocupar, fazer a feira, ir para a rua. A rua não é um terror, as pessoas estão aqui, trabalhando à noite normal (Entrevistado Q).

As ruas, portanto, têm essas novas caras de feiras e movimentos culturais divulgados em redes sociais para atração de pessoas vindas de outras partes da cidade. Essas ações, nesse sentido, configuram pelas redes e aglomerações criadas num novo construto social que é legitimado pela mídia e pela aprovação dos moradores a essa imagem positiva em substituição a marginalidade antes atribuída ao local. Abaixo encontra-se uma imagem do evento Deslocamentos 4D de 2018, em frente ao Vila Flores como exemplo dessas feiras que fecham as ruas em dias de lazer, fazem do espaço um evento público a céu aberto comercializando diversas mercadorias artesanais, trazem um público que aprecia esses eventos criativos, levando a ocupação e a segurança aos moradores da Rua Hoffmann durante o período do evento. Ou seja, constroem laços sociais que relacionam lazer, cultura e uma nova perspectiva de progresso econômico local e de ordem social, por uma horda securitária que desloca as conflitualidades que resultam na violência urbana. Entretanto, assim que a ação é desmontada, aquele construto social demonstra a sua efemeridade, ao voltar à normalidade da rua, de pouca circulação e com percepções inseguras.



Figuras 38 e 39: Feira no Deslocamentos 4D
Fonte: acervo do autor, 2018

Algumas ações criativas também movimentaram os moradores com o fim de gerar uma visibilidade mais positiva permanente ao bairro Floresta. Os mutirões que ocorreram no bairro organizados pelo Refloresta demonstram a preocupação dos moradores em deixar limpo o espaço em que eles moram e circulam, assim posicionaram-se em tratar aquele lugar ‘com as próprias mãos’, já que segundo os participantes, não há apoio do poder público. Sob o auspício de valorização e identificação simbólica, o embelezamento e o cuidado com o bem público também é relatado por uma das ações de agente da economia criativa:

E a gente faz, por exemplo, no ano passado tinha mato nas calçadas por mais de metro e aí chamamos um jardineiro nosso lá da Zona Sul para ele vir com a roçadeira encher 15 sacos de 100l de capim que estava enorme, porque fica perigosos, sujo, feio e as pessoas quem vem conhecer e olha um entorno desses com alagamento e outra coisa, acaba depreciando (Entrevistado H).

O processo de territorialização está contido na interação desse planejamento urbano construído à luz do impacto da globalização em que a identidade se relaciona em uma síntese dialética com novos valores de comportamento em uma complexidade de relações de forma múltipla (HAESBAERT, 2004). Assim, a economia criativa acaba transformando o espaço do bairro pela aglomeração em redes que leva uma nova visão ao lugar ao se vincular às perspectivas de valores inovadoras, conectadas, descoladas, empreendedoras, solidárias, conscientes e multiculturais. Os agentes criativos também se adequam ao local, conforme a demanda e o público que tem por volta, numa mistura de antigo bairro operário com áreas degradadas e placas de “aluga-se e vende-se” junto das novidades do lazer cosmopolita, como aponta o entrevistado a seguir:

Então 90% do povo que tem aqui e volta são *peão* de empresas, pessoas mais populares. Então o cara não vai tomar uma ceva de 27 pila aqui e o cara vai na bodega do lado tomar um [cachaça] por 5 reais e tu já encheu a cara com 10 reais, o que não paga nem um Paint de Cerveja. A vontade era fazer um happy hour mais popular das 18h às 22h para que a gente possa trazer as pessoas curtirem. Não é um bar elitista, nem exclusivista. Tínhamos no início *ceva* de 6 reais num bar que custa 30 mil reais por mês, mas a gente pensando nessa função da comunidade, ou seja, para que o cara saia daqui da empresa do lado e tomar uma meia dúzia de cervejas, comer uma batata que é baratinha (Entrevistado H).

Na prática, esse hibridismo identitário traz uma circulação de pessoas que provêm de outros lugares através de eventos que reconstroem uma identificação específica ao local ordenada por um estilo de vida e se inter-relaciona com o espaço numa relação dialógica com os parâmetros ideais de cidades criativas globais. Os discursos vinculados aos valores culturais atribuídos a esses trabalhos criativos visibilizam uma nova forma de olhar o espaço, incluído nas diversas fachadas e muros pintados que se adaptam aos usos

do bairro, como as figuras a seguir de caminhos por entre as ruas marcando esse território como uma referência à criatividade pelo embelezamento.





Figuras 40, 41, 42, 43 e 44: Caminhos pela rua
Fonte: acervo do autor, 2018

O patrimônio de edificações históricas do bairro também é uma referência para os agentes da economia criativa que percebem a sua arquitetura diferenciada e sentem a necessidade de mantê-la e ressignificá-la. Essa cultura materializada é transmitida pelo turismo organizado pelo Distrito Criativo e utilizado de forma estratégica, como aponta Arantes (2002), tornando essas representações dos pontos com valores históricos, seja pela arquitetura, pela natureza ou pelo lazer de uma autoidentificação daqueles que ocupam o bairro e de outro lado, tornando esse território um produto intangível para visar a lucratividade de valores imobiliários.

A figura a seguir demonstra essa transformação de embelezamento conduzida pela economia criativa. A pintura no muro convive no contraste do capital imobiliário ainda vigente ou sendo promovido como visto pelo edifício ao fundo, os muros fortificados que representam o medo e a falta de sociabilidade dos antigos moradores e o carrinho dos papeleiros que representam os moradores da vila Santa Terezinha, transeuntes dessa área e também moradores do bairro. Ela demonstra o contraste dos espaços, nas pinturas que o deixam mais agradável para se conviver, ainda que as desigualdades e a violência estivessem presentes.



Figura 45: Estética da economia criativa em detrimento aos vulneráveis
Fonte: acervo do autor, 2018

Assim, o espaço se legitima e se revaloriza por um *upgrading* cultural em que alguns patrimônios edificados, como o caso do Vila Flores e da Casa Cultural Tony Petzhold foram reconvertidos em espaços multiculturais entre outras casas que viraram lojas de *bikes* e espaços de *coworking*, semelhante a casos como o analisado por Zukin (1989) em Nova York. Como apontado por Raffestin (1993), o espaço é apropriado por uma ação social, no caso eventos de diversos agentes criativos e uma rede privada que prioriza os empreendedores – o Distrito C –, que cria uma ideia de pertencimento a partir dessas relações sociais formadas, potencializando o território com essa ênfase pós-industrial e idealizando o consumo e o lazer em contraponto aos parâmetros de produção industrial do antigo bairro.

Essa construção identitária é tratada por um olhar globalizante que se reterritorializa em um processo de adaptação ao local e os conflitos iminentes do território (VAINER, 2016) – vistos nas margens do bairro – são reconvertidos por códigos comuns de uma narrativa consensual de inclusão atribuída a economia criativa. As mudanças são graduais, ainda sem grandes desapropriações e verificadas nos movimentos culturais que remodelam o bairro para ser reconhecido como uma vitrine à cidade de uma aglomeração criativa, na interação entre o patrimônio natural e histórico-cultural de particularidade dos atributos locais (LANDRY, 2011 e THROSBY, 2010).

A valorização econômica sob essa aposta de trabalho criativo é privilegiada sobre o valor cultural, a ponto de que os órgãos públicos e os planejamentos urbanos para a área beneficiam esses empreendimentos para ocupar espaços de edificações históricas. São antigas moradias operárias, com chaminés em suas fábricas, casarões, arquiteturas art-

deco, igrejas (demonstradas nas figuras a seguir) que guardam a memória de um espaço de moradia e de trabalho de imigrantes vindos da Europa e cujos espaços públicos serviram para a organização de lutas políticas e greves no início do século XX (TITTON, 2012). Um dos agentes criativos comenta as ações criativas para a preservação desses patrimônios e a sua repercussão:

Com o [idealizador do Distrito C] visitamos as igrejas, as fábricas da região, depois pegou a lista de casas que estão listadas na prefeitura da nossa rua aqui e percorreu toda a rua para ver se ficou algo faltando, conseguiu a planta de casa que é de 1930 construída pelo Comendador Azevedo e essas coisas todas são legais porque tu vai vendo o valor do patrimônio histórico mesmo. Então esse envolvimento trouxe para as pessoas uma consciência a mais para um grupo deles e outros empreendimentos da economia criativa também porque esse perfil gosta do patrimônio histórico. Então é legal atrair essas pessoas para ocupar as casas antigas e fazer alguma coisa para essas casas não serem vistas só como um terreno para botar um prédio comercial horroroso. Esse movimento tem um limite e é para as pessoas que tem uma afinidade com esse discurso e com essa visão de mundo. Tem uma classe média que ocupa os edifícios da rua e que não pensa dessa forma e que só comenta os efeitos. Então não é uma coisa de todo mundo. Mas é uma iniciativa que gerou uma repercussão para as pessoas um pouco nova para essa região aqui e que não é um verniz em cima do que é, mas revela o que é de fato. São prédios antigos, listados, com valores históricos. Essas seis casas aqui, essa empresa Azevedo Moura e Guerto é a mesma que fez o Casario no Moinhos de Vento. Tem o mesmo valor arquitetônico que isso aqui, mas lá está numa rua muito mais valorizada que essa daqui, mas é a mesma construtora que fez o Cine Imperial (Entrevistado Q).



Figuras 46 e 47: casas antiga e Igreja no Bairro Floresta
Fonte: acervo do autor, 2018

A valorização da área ao utilizar a cultura como estratégia é parte estrutural da condução política da cidade multifacetada por poderes de novos usos do território (ARANTES et al, 2000). E nessa condição é que o bairro Floresta tem um risco de especulação financeira, já que a aglomeração dos criativos nesse espaço valoriza o local,

pela nova intencionalidade econômica e de moradia com bem-estar, ao mesmo tempo em que esses agentes recém-chegados também aproveitam o refúgio de um aluguel razoável próximo ao centro. O espaço é vendido como uma fetichização da economia criativa, atrelando essa aglomeração a uma visibilidade para o mercado imobiliário, como foi o caso de um encarte de projetos de reestruturação urbana para o 4º Distrito em que mostra uma foto do Vila Flores, sem a autorização prévia do espaço cultural.

Assim como ocorreu em outros bairros nas grandes cidades do mundo, a gentrificação relacionada a especulação imobiliária é um fato que pode ocorrer, iniciando pela atração de investimentos culturais, valorização dos imóveis, higienização da população indesejada e a perda daquele espaço que desconstrói a identificação cultural para dar lugar a grandes empreendimentos imobiliários (ZUKIN, 2016) sem se preocupar com o pertencimento no espaço e recriando um não-lugar (AUGÉ, 2005) para um estilo de vida cosmopolita. Mesmo que haja uma vontade de transformação, a visão de revitalizar o espaço é também criticada por alguns agentes criativos, que elencam algumas edificações já modificadas para propósitos de negócios:

Essa coisa de revitalizar é sempre o meu sonho, como em situações bem complicadas, como aconteceu em outros bairros em Paris. A única preocupação que tenho é com a destruição do patrimônio histórico e levantar um prédio modernoso. Na Ramiro com a Cristóvão abriu um grande prédio espelhado do Moinhos e retiraram um casarão, parte que é muito bonita do bairro e isso me entristece. O que seria lindo se fosse para manter tudo isso, se restaurasse e fazer a vida acontecer dentro dessas coisas que já estavam, mas pelo jeito é mais fácil demolir para ganhar grana para eles. Lugares como centros culturais, exposições, salões imensos, teatro mas tem lugares todos depredados e colocam como justificativa a cercania da Vila dos Papeleiros - mais um gueto e que eles tentam esconder em vez de achar uma solução para eles (Entrevistada I).

Ao que se está configurando, a gentrificação aparece nos discursos dos agentes criativos como algo inerente ao que eles estão propondo, como uma questão de economia urbana, em que o mercado se utiliza da fachada “cool” da economia criativa e legitima discursos de renovação pela sua inserção e aprovação, cuja tendência de higienização, a começar pela remoção da Vila dos Papeleiros e da prostituição, é vista como algo inevitável. Diversos agentes percebem esse tipo de transformação no bairro Floresta relacionada ao crescimento econômico com uma velocidade menor, apesar de ser mais violento quando comparado com outras cidades – todas europeias – em que já ocorreram esse processo, pelo contexto brasileiro ser mais desigual, com menor preocupação do poder público e da população.

Apesar dos conflitos demonstrados pelos riscos, os posicionamentos críticos e

consensuais dos agentes criativos a esse tipo de transformação levam aos debates com os moradores em eventos como os de aproximação que ocorrem no Vila Flores entre os movimentos sociais, órgãos da prefeitura e representantes de universidades, numa tentativa de potencializar a participação de todos e pensar numa cidade integrada. Criar um engajamento mútuo, promovendo uma possibilidade criativa de resistência está em uma das pautas da narrativa de agentes criativos para gerar diretrizes em pressionar o poder público e entender o processo de economia criativa de maneira estética como também ética.

Entretanto, os moradores não se envolvem de maneira presente nos debates. Suas pautas permanecem no caráter da violência urbana, na falta de higiene e nos alagamentos. A segregação dos diferentes segmentos de classe é permanente, sobretudo no que tange às avenidas que dividem o espaço do bairro entre estratificações sociais. Assim, os agentes criativos agem como seus substitutos interessados para atrair capital na legitimação dos projetos de reestruturação urbana quanto para apontar os problemas sociais sob críticas e sugestões. Quando se faz referência a economia urbana em larga escala, como o projeto de reestruturação do Masterplan, compreende-se que ele viabiliza a especulação imobiliária com uma fachada de cidade criativa e atrativa a investimentos inovadores e a gentrificação está condicionada pelos artistas sendo inerente à sua expulsão ou ao menos a uma determinação de um tipo de profissional criativo para o local, como relata a entrevistada S:

[...] em aquele projeto em que a UFRGS está envolvida, junto com arquiteto daqui que é a Rua das Artes fazendo uma coisa *a la* Espanha, colocando vários ateliers, artistas com toda 'uma pegada' para fazer uma valorização, em que historicamente no planeta os artistas vão, usam o lugar a baixo custo e daí valoriza. O artista aguenta porque a gente consegue trabalhar junto com o pessoal do sexo, dos catadores, os moradores de rua, a gente não tem problemas com isso, a gente senta e conversa, troca uma ideia para ver se tem alguma coisa para tirar dali e ter alguma sacada. A gente vai atrás da beleza em que no primeiro olhar parece não estar. E é muito do olhar e procurar a beleza lá e daí quando você dá a vista nisso e mostra como é bonito. Então tem uma questão bacana e vão lá ver e aí que a gente ajuda na gentrificação. A gente faz a *mea culpa* dessa história.

Dessa forma, a preservação de algumas edificações ainda é conservada e as características do bairro se mantêm: é calmo, arborizado, com feiras na praça Florida e eventos criativos esporádicos com ampla ocupação nas casas, apesar dos eminentes riscos à gentrificação e à especulação imobiliária. Esses riscos são percebidos pelo entorno e em alguns pontos no bairro que ainda estão abandonados, por hotéis construídos mais próximos à rodoviária (figuras a seguir), locais em construção como no caso do espaço

de *coliving* da empreiteira wikihaus ou ainda em grandes galpões fechados por construtoras, sem prognóstico de execução de uma obra, como na figura como no antigo Moinho Germani , na esquina da Rua Sete de Abril com a Rua Emancipação.

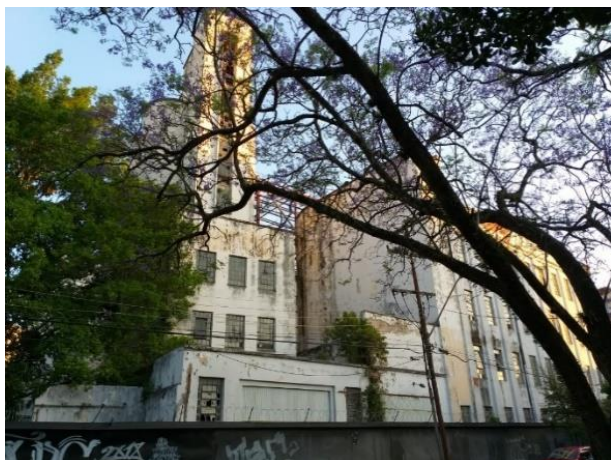


Figura 48: Moinho Germani - prédio à Rua Sete de Abril esq com Rua Emancipação
Fonte: acervo do autor, 2018



Figura 49: Hotel Ibis com pintura criativa em contraste.
Fonte: acervo do autor, 2018

As diversas placas de ‘Vende-se’ e ‘Aluga-se’ estão presentes de forma massiva no bairro onde ainda não existem intuitos de construções de grandes e novos empreendimentos. A configuração de gentrificação como expulsão de moradores antigos não acontece, mesmo com a inserção consistente desses agentes criativos que modificam o olhar ao espaço. Eles acabam construindo e legitimando discursos de projetos público-privados que produzem efeito para uma nova densificação para se criar condições a

empreendimentos, aliado aos projetos urbanos de reestruturação. A especulação imobiliária vem observando pontos catalizadores com o mercado da indústria cultural - como a Fábrica do Futuro - e com o novo urbanismo de *co-living* - como a Wikihaus - misturadas às áreas degradadas, os quais impulsionam às novas construções e valorizações de troca territorial.

O debate sobre essas transformações que, beneficiam, sobretudo, o mercado imobiliário, desconstituem a identificação do bairro Floresta e o fechamento de diversos comércios, bem como tendem a aumentar os preços dos alugueis e do solo. Essas críticas são trazidas pelos agentes da economia criativa que ora auxiliam nesse processo pela visibilidade e publicidade de inovação empreendedora ora trazem perspectivas alternativas contrárias à mercadorização do território, como os projetos do Grupo de Pesquisa Geração Urbana da PUCRS ou mesmo dos debates produzidos pelo MNLM para a convivência no espaço, como apontado no relato abaixo de crítica da entrevistada A ao Masterplan:

Mesmo que uma das pautas fosse a habitação social, mas é contraditório pelo projeto, pois as quadras rápidas (pequenos pontos de intervenção que efetivam uma obra para modificar o bairro rapidamente) acabam elevando o preço do solo. Sinceramente só teria uma solução efetiva se a população participasse e o [empreendimento criativo] se posicionou indo nos workshops, mas não conseguimos ir muito além.

A principal pauta das discussões que os movimentos sociais se posicionavam era o que fazer com os móveis ociosos e principalmente uma demanda para trabalhar toda a quadra, em vez de verticalizar.

Essa dubiedade da inserção dos agentes criativos também é demonstrada pelas diferentes posições quanto ao risco de especulação imobiliária e isso ocorre dependendo da forma de sua inserção. Primeiramente, estão os que possuem imóveis próprios como o Hostel Boutique ou de herança familiar como o Vila Flores e a Casa Tony Petzhold, que construíram um valor simbólico criativo, de repercussão e chamarisco e tem maior reconhecimento, sendo os principais estabelecimentos que praticam essa relação híbrida na legitimação de permanecer na vizinhança. Como segundo grupo estão os artistas ou estabelecimentos que já estavam no bairro há mais tempo e que são alvos de elevação dos preços pelo alto valor de troca do território, e que agora atribuem-se aos novos conceitos de economia criativa para se remodelar aos novos parâmetros dos trabalhos em rede e no local. E como terceiros interessados estão os recém-chegados com suas ideias inovadoras, mais conectadas ao mercado empreendedor cuja instabilidade e volatilidade de seus trabalhos são altas e por isso tendem a ser volúveis com relação a fixar-se em um território específico.

Diversas áreas do bairro são alegadas pelos agentes criativos como já destinadas a um pequeno número de investidores que aguardam a intenção do projeto atual de reestruturação urbana do 4º Distrito sair do papel e elevar os preços do solo para vender o espaço a determinados tipos de negócio. Isso se estrutura como uma clara financeirização e especulação imobiliária, no aguardo para modificações estruturais com auxílio da prefeitura, beneficiando as grandes construtoras. O próprio projeto do Masterplan é uma operação urbana consorciada que facilita os empreendimentos imobiliários e cujas moradias ou outros focos do direito à cidade não estão em pauta.

Até então, o principal empreendimento imobiliário no 4º Distrito que está sendo construído – o Rossi Fiateci – não se localiza no bairro Floresta, mas ao lado, no bairro São Geraldo. Além do mais, o principal risco de expulsão por sua vulnerabilidade social e invisibilidade no projeto é a Vila dos Papeleiros, ponta mais afastada do aglomerado da economia criativa. O bairro Moinhos de Vento continua sendo um dos mais visados pelo mercado imobiliário enquanto o centro também é valorizado por uma renovação urbana em projetos como o Viva o Centro. Ou seja, o Floresta é transformado de maneira mais veloz em suas fronteiras delimitadas por suas avenidas onde os espaços são vistos ora de maneira ociosa, marginalizada ou com alto valor comercial. Ao passo que o bairro se vê cercado por uma ebulição de contradições que mexem com a cidade no sentido conflitual (VAINER, 2016) e com o viés voltado ao investimento de mercado.

5 Considerações Finais

A dissertação apresentou a construção de mecanismos de política urbana que articula uma requalificação a partir da abordagem de atores com interesses heterogêneos na área do 4º Distrito e do qual os agentes criativos inseridos no Bairro Floresta têm papel fundamental pela modificação da sua organização espacial. Eles estão configurados em uma nova dinâmica em rede global e de competitividade que aproveitam dos discursos atrelados aos valores de desenvolvimento da economia criativa para a exploração de vantagens comparativas no local. Esse contexto do processo de urbanização está estruturado em uma tendência da acumulação dos fluxos internacionais de capital com as relações dos trabalhos do novo paradigma pós-industrial em áreas que foram abandonadas pela desindustrialização cujo solo é revalorizado conduzindo a uma reorganização do espaço social.

Pelo que o trabalho constatou, os planos de reestruturação na antiga área industrial do 4º Distrito em Porto Alegre estão conduzidos na perspectiva de aglomeração dos profissionais criativos (FLORIDA, 2002) que institucionaliza essa proposta econômica e de gestão da cidade empreendedora a partir do fomento de redes para competitividade global da cidade na crença da vocação de um plano de arranjo produtivo de desenvolvimento endógeno ligado aos fluxos informacionais globais. Isso ocorre, sobretudo no bairro Floresta que se adapta a uma dinâmica ordenada por um embelezamento estratégico sustentado por projetos de atração cultural e que, por meio paradiplomático, atraem investimentos à cidade com esse novo *branding* criativo. Os projetos e interesses se relacionam aos órgãos municipais, federais, com financiamento internacional, bem como redes empresariais e de aglomeração dos agentes da economia criativa para construir uma nova territorialidade para empreender e criam consensos hegemônicos de mercadorização da área através de *marketing* urbano.

A construção metodológica do trabalho a partir de análise documental de notícias e planejamentos, das entrevistas com os agentes criativos e das observações participantes em eventos de economia criativa no bairro tratou de compreender essa construção de novo valor simbólico do território antes como bairro operário funcional para uma dinâmica relacional criativa vinculada às redes de um planejamento urbano ideal e que reconfiguram os laços identitários do Floresta a partir do seu valor de troca (LEFEBVRE, 2000): inovador e empreendedor. O principal objetivo trabalhado foi demonstrar a partir da referência ideal de cidade criativa (LANDRY, 2000; PONZINI, 2011) as influências

globais nesses projetos como discurso, interesses simbólicos e materiais de um novo empreendedorismo urbano para reconstrução do espaço.

A cidade criativa, portanto, acaba se legitimando como formato ideal de desenvolvimento vocacionado ao território que se estrutura pelas ações de territorialidades de atores com interesses estratégicos e que se relacionam entre si com a roupagem das novas atividades econômicas criativas que mexem com a dinâmica da área. O território de uso (SANTOS, 2008), portanto, é modificado para um novo pertencimento funcional no bairro Floresta e organizado sobre a noção de racionalidade global vinculado ao local, como oportunidade de troca de capital financeiro-imobiliário. Assim, a construção de projetos de influência global de empreendedorismo urbano e de inovação fortalece a formação de redes que ressignificam os valores culturais e identitários daquele espaço pelas ações e discursos que simbolizam as mudanças de rumo econômico.

Os empreendedores criativos que se instalam no local têm papéis distintos no bairro, pois essa categoria representa múltiplos posicionamentos segundo suas articulações. São representadas, portanto, pelas redes de atração de profissionais criativos e desenvolvimento com laços de solidariedade pelos movimentos do Distrito C; pela criação da visibilidade de uma Zona de Inovação mais ampla - ZISPOA; pela impulsão turística, de atrações e de mediação do centro de cultura do Vila Flores; pelo interesse por espaço na área para pesquisas universitárias (IPA, PUCRS, UFRGS, UNISINOS) de *start ups* e incubadoras; pelas referências identitárias em perspectiva de mudança do Refloresta e pelos espaços de *coworkings* e *coliving* como a Fábrica do Futuro, o NAU e o CC100 e a incorporadora wikihaus que constroem esse desenvolvimento empreendedor múltiplo.

Ao avaliar o interesse de inserção dos empreendedores criativos, conforme as suas narrativas, eles relataram o valor do aluguel, a localização estratégica, a proximidade com os fornecedores, com um patrimônio arquitetônico ainda preservado e pontos criativos como o Vila Flores e a Bolsa de Arte. Estas são consideradas atrações para um tipo de público que procura bens culturais e demanda tendências globais de serviços localizados em áreas centralizadas. Ou seja, há valorização do território a partir do público alvo consumidor que é atraído por esses agentes de culturas "despojados, criativos, alternativos e jovens", gerando prioridade dos locatários de edificações no bairro para esse setor, numa ideia que se articula com o *upgrading* cultural no território em processo de conhecimento por esse novo público.

O Distrito C, como principal atração de rede empreendedora e de visibilidade, que associa a arte como recurso econômico também é uma das principais justificativas à

inserção no bairro. Este cluster criativo de estratégica oportunidade de inovação e empreendedorismo demonstra as centenas de profissionais criativos que estão aglomerados, sobretudo no território do Floresta entre as avenidas Cristóvão Colombo e Farrapos. Eles são poetas, artistas plásticos, artesãos, músicos, atores, designers, arquitetos, galerias de arte, lojas de antiguidades, brechós, jornais, editoras, agências de conteúdo, pubs, cursos de artes, escolas, faculdades, gastronomia, turismo.

Além disso, os ciclos de palestras, visitas e reuniões promovidas pelo Distrito C criam diversos contatos, a ponto de estimular a presença de diferentes interessados na área, tanto do meio privado como público, para pensar o potencial de desenvolvimento na área comparado com outras cidades. Foi o caso de Florianópolis com grupos de profissionais de interesse à inovação e tecnologia e planejamentos estratégicos com bases em vínculos com outras cidades mundiais, como Barcelona e a proximidade com a criação do polo de tecnologia e inovação do 22@.

Atualmente o bairro Floresta já obtém diversos de seus serviços vinculados a economia criativa, como os verificados pelos alvarás mais recentes. Assim, diversas casas no bairro estão sendo exploradas para bares como o Gravador pub, cafés como o Café Mineraux, espaços de *coworkings*, como o Galpão Makers, *hostel* como o Hostel Boutique, escolas de arte como o CRIART, lojas de bikes, como a Casa Spinno ou galerias, como o caso da Bolsa de Arte. No dia 17 de julho de 2019 foi anunciado que a sede do Museu Contemporâneo do Rio Grande do Sul será transferida para uma área própria em um galpão na Rua Comendador Azevedo, no bairro Floresta (G1, 2019). Este é mais um exemplo das configurações potenciais que vão sendo colocadas entre agentes público e privados no bairro em edificações fabris antigas com o intuito estratégico dessa transformação da área para um propósito cultural e artístico colaborando com a valorização do solo urbano e com a ressignificação identitária do espaço destinado a economia criativa.

Foi o entusiasmo midiático que demonstrou as principais características da novidade da economia criativa, reiterando a sua importância em produção de renda, empregabilidade, e colocando Porto Alegre como a segunda cidade mais criativa do país (ZEROHORA, 2012). Além do mais, o hibridismo global-local se estabelece nesses diálogos a partir de debates na cidade desde 2009 com seminários internacionais, a fim de inserir Porto Alegre no mapa mundial das cidades criativas, implementadas por ações da UNESCO. As notícias coletadas reiteram a capacidade de transformação a partir da construção dessas redes pela "singularidades culturais e vocações econômicas"

(UNESCO, 2009), na ideia de se criar uma imagem de talento criativo à cidade com o fim de obter vantagens comparativas (O'CONNOR, 2015). O desenvolvimento de riqueza, portanto, sempre foi a principal categoria trabalhada para apresentar o desenvolvimento e o progresso que, ao tratar da economia criativa, vinculam-se ao valor simbólico singular e autêntico atribuído pelos espetáculos, celebrações, artes visuais, artesanatos, edições de livros, design, serviços criativos, audiovisual e mídias interativas, bem como serviços de turismo, esportivos, de lazer e de entretenimento, preservação, educação e capacitação.

Nessa condição, os periódicos desenvolveram a retórica de visibilidade e de promoção que uma cidade criativa necessita. Demonstrar os festejos, restaurações, encontros de artistas e planos de desenvolvimento econômicos incutidos na área é a principal forma adotada para a legitimação de sua inserção no bairro. Além do mais, os agentes criativos desenvolvem uma identidade de caráter relacional (GIDDENS, 2003) pela reflexividade de valores compartilhados na socialização com o território para construir uma retórica de potencial urbanístico e uma marca criativa do Distrito C que atribui uma estética turística a identidade histórica operária.

Para além das notícias, a abrangência para indicar a legitimação e o reconhecimento de inserção de agentes da economia criativa, bem como de projetos de reestruturação urbana à região, foi a inserção, sobretudo, do plano de economia criativa de Porto Alegre. A ênfase dada a esse plano foi da sua produção que ampliou uma gama de atores por um comitê público-privado em um discurso inclusivo na construção urbana, partindo de uma tríplice hélice entre a sociedade, governo e entidades de ensino para potencializar e promover o empreendedorismo, inovação e o desenvolvimento da cidade. Além do mais, ele está baseado em discursos de modelos globais de órgãos internacionais do PNUD e da UNCTAD num programa que dialoga e traduz a adaptabilidade institucional à realidade local. Suas linhas norteadoras estão estruturadas pelo RS Mais Criativo e ao processo estratégico desenvolvido pela antiga Secretaria de Economia Criativa do governo federal, ou seja, atrelado a uma rede institucional que dialoga com a legitimação dos agentes criativos no local.

Os eventos são demonstrados como destaque para a atração de novos investimentos, consumidores e profissionais criativos, relacionando o pertencimento histórico, de novos laços sociais para uma estratégia turística – sobretudo do espaço multicultural Vila Flores. Essas atrações são mediadoras e instrumentos (RAFFESTIN, 1993) que trazem um conjunto de valores materiais e simbólicos para o campo de ações sociais para auxiliar na ressignificação dessa identificação territorial, numa interação de

diferentes vínculos globais-locais (ROBINSON, 2011; SWINGEDOW, 2004). Esses agentes constroem códigos ressignificados ao lugar de forma híbrida numa síntese dialética no território relacionada aos valores simbólicos estéticos, comportamentais e de ações dos agentes da economia criativa no bairro.

Portanto, o enfoque dado no trabalho aos agentes criativos que consubstancialmente se inserem no bairro Floresta nos últimos anos está relacionado ao fato de eles conduzirem essa nova visibilidade de perspectiva econômica e de investimento ao local, sobretudo atrelada a rede Distrito C. Eles produzem uma dinâmica com valores simbólicos e narrativas sobre o espaço que foram apresentadas no decorrer da dissertação para determiná-lo como mediadores e pioneiros da retórica de globalização do empreendedorismo urbano com as articulações e adaptações ao local, conforme as suas trajetórias históricas. As suas dinâmicas, ações e narrativas, observadas nas notícias, eventos e entrevistas, respectivamente, explicam a dicotomia entre a cidade-mercadoria com a multidimensionalidade de discurso, poder e posicionamento que perpassa uma relação global-local, devido às influências, respaldos e conexões que são geradas.

A dissertação tem limites para avaliar a compreensão de posicionamentos da heterogeneidade de atores que estão inseridos no bairro, tais como os papaleiros, as igrejas, as prostitutas, os agentes públicos, os comerciantes e alguns moradores do Refloresta, que demonstram a maneira conflitual pela qual a requalificação do espaço pode atingir. Além do mais, deve-se atentar a futuras pesquisas no bairro quanto aos interesses de investimentos públicos, bem como aos investimentos de atores privados locais – sobretudo as construtoras, que são as maiores promotoras de aumento do valor do solo urbano, já que a partir de 2020, Porto Alegre passará por um momento político de redefinição e redirecionamento de papéis na cidade pela revisão de seu Plano Diretor. As evidências globais tomadas estão nas análises de documentos dos planejamentos de reestruturação urbana e planos da economia criativa que estão em consonância a partir de políticas estratégicas de competitividade e dinamismos das aglomerações dos agentes criativos locais sob a égide do regime de empreendedorismo urbano. Esses são os caminhos delineados ainda não efetivados, pois, apesar dos financiamentos internacionais, o destino da área está incerto e, como avaliado pelos agentes, é transformado vagarosamente.

Os agentes entrevistados de diferentes setores da economia criativa trouxeram olhares e atores múltiplos, o que levou a dobrar o número de entrevistas desejadas e realizadas. Isso enriqueceu o trabalho, mas tornou-o ainda mais complexo pela

necessidade de analisar as semelhanças e diferenças das narrativas dos vinte entrevistados, bem como das observações participantes em eventos promovidos. Para avaliar todo esse processo e quebrar essa dicotomia estrutura e agente, as informações tomadas nas análises documentais aumentaram a amplitude de compreensão dos atores que se inserem no espaço, pelas suas trajetórias dinâmicas nesse processo e o seu envolvimento e posicionamento que resultaram em mapas de agentes que se ligam no espaço em inter-relações para além dos perímetros do bairro.

A identificação de valores culturais é apontada nas entrevistas e observações de diferentes empreendimentos e estão relacionadas e compartilhadas em redes, tais como relação com valores sociais, de economia solidária, com diversidade, atrelada a uma visão multicultural e de embelezamento. Além do mais, esta percepção se encontra tanto na relação com negócios e valorização de mercado e de empreendedorismo quanto em arte, arquitetura e revitalização. A inovação *maker* se liga a perspectiva de negócios e a um ambiente descolado que implica em diversos tipos de empreendimentos, como *bikes*, *grafittis*, brechós, artesanatos. Além do mais a conexão está presente em um ambiente de colaboração, de interação, de pertencimento, de intercâmbio e espaços em rede de aglomeração e de visibilidade.

As perspectivas críticas de gentrificação, resistência, empoderamentos cultural e econômico também estão em suas narrativas, apesar da cooptação ao modelo em uma rede que faz parte para empreender e valorizar o seu negócio e a sua profissão, bem como desenvolve uma ideia de reestruturação por embelezamento e aglomeração desses trabalhos criativos. As aproximações e mediações em eventos com o Refloresta de eventos como brechós, poesias, feiras e músicas nas ruas, em conversas com as prostitutas, em debates com o MNLM e projetos com a Vila dos Papeleiros demonstram essa tentativa de criar um espaço de convívio e consenso. Este encontro, portanto, apresenta-se com uma relação dúbia de mercadorização do espaço e atração de investimentos, ainda que tenham diversas aproximações com a comunidade a partir das propostas do centro de inclusão e reconhecimento internacional quanto a uma arquitetura que compreende espaços colaborativos e culturais de integração, como o prêmio recebido pelo Vila Flores na 15ª Bienal de Arquitetura de Veneza.

Visões mercadológicas do SEBRAE para competitividade de micro e pequenas empresas, alianças com empreendimentos e *start ups* sustentáveis, com articulações em projetos em redes globais, de parques científicos e de instabilidade de mercado se vinculam as aproximações com os vizinhos pelas ideias de arte relacional, restauração

dos prédios, colaboração criativa, interesse dos artistas e relações embasadas em outros centros culturais destinados à economia criativa pelo mundo. Assim, cada qual tem seus valores atribuídos conforme sua trajetória histórica que interage num agenciamento global e local, integrando e tentando estabelecer referências externas (ROBINSON, 2011) ao mesmo tempo que são valores, por vezes, conflituais ao território.

Esses discursos na criação de rede entre os agentes, estruturam-se numa múltipla dimensão do poder, onde o pertencimento, exterioridade e alteridade (RAFFESTIN, 1993) do território da cidade criam desejos para um negócio de consumo e lazer (HARVEY, 1994), que se sobressai ao direito à cidade, quando vinculado ao projeto de reestruturação urbana do 4º Distrito de interesses do mercado para gentrificação. Este risco é tomado de forma pontual e gradual, sobretudo no entorno como a construção da Arena do Grêmio, o espaço residencial Rossi Fiateci, alguns pontos de construção de hotéis e de prédio de *coliving*, sob a égide da financeirização que a cidade de Porto Alegre é conduzida.

Como um caráter de excepcionalidade, há poucos materiais disponíveis para a consulta da reestruturação urbana do principal projeto, o Masterplan, não tendo a real dimensão da sua implantação. No entanto, a forma como é conduzido demonstra a permissividade do poder público com o capital financeiro e imobiliário, de interesses do SINDUSCON-RS pela atração de recursos do Banco Mundial num contexto de homogeneização global das cidades para transformar o 4º Distrito em territórios com valores de trocas flexíveis para negócios. Os investimentos internacionais como os franceses em logística, alemães em saúde e projetos chineses e concretamente o aporte dos US\$ 30 milhões inseridos pelo projeto cidades resilientes, ainda com destino incerto, demonstraram a articulação público-privada de aliança para a inovação estratégica para a área.

A criação do gabinete de inovação e tecnologia (Inovapoa) para a promoção de negócios em inovação e o Engeapoa são iniciativas das gestões da prefeitura que indicam os esforços para a condução da revitalização do 4º Distrito por parcerias público-privadas, incluindo uma relação direta de investimentos em uma empresa de gestão de ativos. Isso demonstra o processo de financeirização da área legitimada inculcado nos projetos de operação urbana consorciada, tendo o caso de Barcelona como um modelo de *smart city* e de aproximação rentável com o fluxo informacional do capital pela indústria criativa, promovida por paradiplomacia em visitas de comitivas a essa área, sob condução de consultoria urbana internacional da cidade catalã.

A economia criativa acaba se formando como pretexto para um potencial de desenvolvimento, criando uma cidade atrativa para investimentos ao lazer, ao turismo e ao consumo por parcerias público-privadas. Esse valor global mercadológico de uma imagem publicitária enaltece o urbanismo empreendedor, sem apontar as reivindicações e críticas para o direito à cidade concebido na relação do capital financeiro. Assim, a legitimação é determinada por uma recriação de laços simbólicos com consensos globais e locais e que invisibiliza os conflitos entre os habitantes de maior vulnerabilidade social e com riscos de expulsão nas áreas cujos solos são visados pelo capital.

Nesse sentido, colocar essa atribuição de função de economia criativa ao bairro Floresta como respaldo da construção de cidade criativa acaba por se articular como uma metáfora que inclui os que estão relacionados aos valores simbólicos e econômicos atrativos, mas que também excluem outros criativos, ou seja, aqueles que não fazem parte do processo e não participam do interesse em permanecer no território, tais como a Vila Santa Terezinha, as ocupações, os moradores mais antigos e as prostitutas, apontadas na dissertação. O conceito de cidade criativa parte de uma série de vínculos com as tendências globais de cidades modernas que pressupõe uma qualificação profissional, ou seja, destinados a um núcleo específico da cidade que é foco central de interesse em legitimar o seu pertencimento ao espaço. O discurso ambíguo desses diversos agentes ora de exclusão ora de inclusão do que é criativo ou não, terá ações distintas a depender dos rumos e escolhas dos projetos que se inserem na cidade. Ainda assim, sua territorialidade que modifica esse espaço se estrutura como uma forma ditada de uma determinada criatividade que é funcional nesse momento para os investimentos e atratividades no âmbito de Porto Alegre, e por isso, sua inserção é valorizada e legitimada midiaticamente enquanto outras criatividades já atribuídas ao território, são segregadas e invisibilizadas.

A dissertação mostra, portanto, a inserção desses agentes criativos no bairro Floresta como motriz para abrigar os projetos de reestruturação urbana na condução de uma fachada criativa e inovadora à cidade. A sociedade civil, por sua vez, somente participa dos debates enquanto conduzidas a um alinhamento na mesma perspectiva das iniciativas privadas que compõe esse fluxo de capital inovador, em contraste a movimentos de moradia social como os reivindicados pelo MNLM da ocupação 20 de novembro ou da invisibilidade que se dá às prostitutas e à Vila Santa Terezinha. Exemplo jurídico dessas práticas apresentado na dissertação foi o benefício de redução do IPTU para imóveis localizados no 4º Distrito destinados a empresas de tecnologia e economia criativa em 2015, apesar de não ter havido o mesmo benefício para a habitação social, o

que demonstra o viés de segregação, deixando algumas demandas da sociedade local à margem.

Dessa forma, essas áreas estão sendo embelezadas em uma ressignificação a partir da aglomeração desses agentes que chegam ao local baseados nesses valores conectados em rede, produzindo laços sociais distintos a partir de seus valores compartilhados e quando visibilizados realçam ainda mais a falta de pertencimento dos moradores. Nesse sentido, a hipótese do trabalho é corroborada, sobretudo no que tange às articulações e a aglomeração desses trabalhadores de valores globais da economia criativa que modificam o bairro pelas atrações e eventos promovidos, substituindo e ressignificando a identidade de antigo bairro operário em decadência para a construção de uma imagem criativa ao espaço. Esses agentes criativos que se inserem em uma fachada reestruturada para esse fim, principalmente entre a Avenida Cristóvão Colombo e a Avenida Voluntários da Pátria, com representantes, valores e posicionamentos compartilhados, tornam-se a vitrine de uma cidade criativa para o interesse em valorização do solo e atração de financiamento externo a fim de reestruturar a estratégica área do 4º Distrito em uma política público-privada voltado ao empreendedorismo urbano.

Esses agentes criativos transformam o bairro Floresta sob uma influência fluida dessa rede criativa que substituem o comércio mais antigo por esses trabalhos mais flexíveis e os projetos de reestruturação se convergem a essa nova dinâmica legitimada de maneira positiva para a atração de investimentos. Os diversos eventos e ações que os agentes criativos desenvolvem no bairro atraem uma circulação de pessoas de outros locais da cidade que fortalece a sua presença sobretudo de profissionais que se apropriam com seus valores do território e passam a ter uma visibilidade, concebidos com esse propósito econômico e cultural. O mercado através dos projetos urbanos aproveita dessa potencialidade e fachada “cool” como elemento de marketing para revalorização estratégica propiciando ao 4º Distrito um espaço para negócios e de articulações aos parâmetros globais de empreendedorismo urbano pela mediação de uma narrativa consensual propositiva da economia criativa.

Essas redes criadas pelo interesse público-privada em reestruturações urbanas do 4º Distrito se relacionam com uma gama de atores que desenvolvem uma retórica global de transformação simbólica na área com o fim de se tornar atrativas e competitivas sob a base de um modelo ideal de cidade criativa. A nível local, os novos laços identitários do território são estabelecidos como domínios de valores culturais, criando uma fragmentação ilhada e externa a diversidade de habitantes que participam de maneira

ínfima nos processos decisórios da construção de uma nova dinâmica ao bairro. Os atores públicos e privados interessados e envolvidos são diversos e os agentes da economia criativa são parte fundamental e pioneira para promover essas conexões globais e locais em trajetórias complexas que entrelaçam os participantes e visibilizam o bairro Floresta com uma ressignificação identitária material e comportamental para essa nova atividade cuja cultura se torna elemento estratégico de valorização.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, Ricardo. **O futuro das regiões rurais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

ADORNO, Theodor. **Indústria Cultural e Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ALBANO, Maria Tereza Fortini. Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental de Porto Alegre: entre as intenções e os resultados. In: PANIZZI, Wrana (Org) **Outra Vez Porto Alegre: A cidade e seu planejamento**. 1 ed. Porto Alegre: Cirkula, 2016.

ALBUQUERQUE, José Augusto Guilhon. **Relações internacionais contemporâneas: a ordem mundial depois da guerra fria**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ALCÂNTARA, Maurício Fernandes. Gentrificação e hipsterização: um estudo sobre a Vila Buarque (São Paulo, Brasil). **Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia**, v2, n6, p. 31-48, novembro de 2018.

ARANTES, Otilia Beatriz Fiori; MARICATO, Ermínia e VAINER, Carlos. **A cidade do pensamento único: Desmanchando consensos**. 1ª edição. Coleção Zero à esquerda. Petrópolis: Vozes, 2000.

AUGÉ, M. **Não-lugares**. Introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Lisboa: 90 Graus Editora, 2005.

AUSTRALIA. **Creative nation: commonwealth cultural policy**. Outubro de 1994.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Tradução: Plínio Dretzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BECKER, Bertha K.. O uso político do território: questões a partir de uma visão do terceiro mundo. In: BECKER, Bertha K.; COSTA, Rogério H. da.; SILVEIRA, Carmen B. (Orgs). **Abordagens políticas da espacialidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1983.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In.: **Teoria da Cultura de Massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

BESSA, A.S.M; Alvares, L.C.; Teixeira, L.A.A.T. & Souza, L.N. Planejamento e Gestão para a internacionalização de cidades: um modelo de análise aplicado ao caso de Belo Horizonte (MG). In: **XVII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional**. Belém, 2007.

BETTIN, Gianfranco. **Los sociólogos de la ciudad**. Barcelona: Gustavo Gilli, 1982.

BIDOU-ZACHARIASEN, C. (org.). **De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos**. São Paulo: Annablume, 2006.

_____. **Les classes moyennes**: définitions et controverses depuis les années 1970 dans la littérature sociologique de langue française et anglaise. Education et Sociétés, 2005.

_____. **Les rigidités de la ville fordiste, réflexions sur la genèse des dysfonctionnements dans les banlieues françaises**. Espace et société, n° 82-83, p.149 – 166, 1996.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **El nuevo espíritu del capitalismo**. Madrid: Editora Gallimard, 1999.

BORJA, J. **La ciudad conquistada**. Madrid: Alianza Editorial, 2003.

_____. As cidades e o planejamento estratégico: uma reflexão europeia e latino-americana. In: FISCHER, Tânia (Org.). **Gestão contemporânea, cidades estratégicas e organizações locais**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BORJA, Jordi; CASTELLS, Manuel. **As cidades como atores políticos**. Novos Estudos Cebrap, n. 45, p. 152-166, jul. 1996.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BRENNER J; PECK J e THEODORE N. **Após a neoliberalização?** São Paulo: Cad. Metrop., v. 14, n. 27, pp. 15-39, jan/jun 2012.

BRENNER, Neil. **Espaços da urbanização**: o urbano a partir da teoria crítica. 1ª edição. Rio de Janeiro: Letra Capital; Observatório das Metrópoles, 2018. Cap 4 e 5, pp 63-136.

BRESSER PEREIRA, L.C. **O novo desenvolvimentismo e a ortodoxia convencional**. São Paulo em Perspectiva, v. 20, n. 3, p.5-24, Jul-Set, 2006.

BRUNET, R. **Le territoire dans les turbulences**. Paris: Reclus, 1990.

CANCLINI, Néstor García. Imaginários Culturais da cidade: Conhecimento/espetáculo/desconhecimento. In: COELHO, Teixeira (org.) **A Cultura pela cidade**. São Paulo: Iluminarus, 2008.

CARDOSO, F. H. Alternativas políticas na América Latina. In:_____. **O modelo político brasileiro e outros ensaios**. São Paulo: DIFEL, 1972.

CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo. **Dependência e desenvolvimento na América Latina**: ensaio de interpretação sociológica. 7. edição. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

CARVALHO, Marcus Vinícius; GUSMÃO, Rita & TEIXEIRA, João Gabriel (orgs). **Patrimônio imaterial, performance cultural e (re)tradicionalização**. Brasília (DF): TRANSE/UnB, 2004.

CASTELLS, M. O fenômeno urbano: delimitações conceituais e realidades históricas. In: **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **O Poder da Identidade**. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 4ª Ed, 1983.

CASTELLS, Manuel; GERHARDT, Klauss Brandini. **A Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CONSTANTINO, Nuncia Santoro de. Espaço Urbano e Imigrantes: Porto Alegre na virada do século. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XXIV, n. 1, p. 149-164, junho 1998.

CONTASSOT, Pedro Toscan Pittwilkow. **A refuncionalização do espaço urbano na cidade criativa**: reflexões a partir do 4º Distrito em Porto Alegre – RS. 2017. 143 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Geociências, Ufrgs, Porto Alegre, 2017.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática. 1993.

CORREA, Vanessa Petrelli. **Desenvolvimento Territorial e a Implantação de Políticas Públicas Brasileiras vinculadas a esta perspectiva**. Acesso em: <http://ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/boletim_regional/091220_boletimregional3_cap3.pdf>. Ipea regional, urbano e ambiental. 03 dez. 2009.

CORREIO DO POVO. **Festival Deslocamentos4D dá visibilidade ao 4º Distrito de Porto Alegre**. 11 dezembro 2016. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/Geral/2016/12/605165/Festival-Deslocamentos4D-da-visibilidade-ao-4-Distrito-de-Porto-Alegre>>. Acesso em 05 agosto 2018.

_____. **Porto Alegre terá investimento de US\$ 30 milhões do Banco Mundial**. 26 nov 2018. Disponível em: <<https://correiodopovo.com.br/Noticias/Economia/2018/11/667145/Porto-Alegre-tera-investimento-de-US-30-milhoes-do-Banco-Mundial>>. Acesso em 13 mar 2019.

_____. **Virada Sustentável começa nesta quinta com programação ampla e gratuita**. 29 março 2017. Disponível em: <<https://www.correiodopovo.com.br/ArteAgenda/Variadas/2017/3/613770/Virada-Sustentavel-comeca-nesta-quinta-com-programacao-ampla-e-gratuita>>. Acesso em 23 agosto 2018.

CRA-RS. **CRA-RS lança XVII CIDEAD com o tema economia criativa**. 11 mar 2019. Disponível em: <<http://crars.org.br/noticias/crars-lanca-xvii-cidead-com-o-tema-economia-criativa-3327.html>>. Acesso em 12 março de 2019.

CUNNINGHAM, Stuart. **From cultural to creative industries**: theory, industry and policy implications. Creative industries research and applications centre. Queensland: University of Technology. [s.d.]. 2010.

DCMS. **Creative Industries Mapping Document**. London: Department for Culture, Media and Sport, 1998.

DILELIO, Rodrigo Campos. **A Economia Criativa e sua novidade**: estudo de caso múltiplo em empresas de base tecnológica em Porto Alegre e arredores. Dissertação (Mestrado) - UFRGS: Porto Alegre, 2015.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Tradução B. A. Schumann; supervisão, apresentação e notas José Paulo Netto. São Paulo: Boitempo, 2010.

ERIKSON, Robert; GOLDTHORPE, John H. **The constant flux**: a study of class mobility in industrial societies. Oxford; New York: Oxford University Press; Clarendon Press, 1992.

FÁBRICADOFUTURO. **Fábrica do Futuro** – quem somos? Disponível em: <<https://fabricadofuturo.com.br/>>. Acesso em 10 mai 2019.

FERNANDES, Ana Clara. **Cemitérios Industriais**: contribuição para a análise espacial da metrópole de Porto Alegre/RS Brasil. 2014. 207 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Geociências, UFRGS, Porto Alegre, 2014.

FIORI, José Luis. A Acumulação Global e Ingovernabilidade Local. In: RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. **O Futuro das Metrôpoles**: desigualdades e governabilidade. Rio de Janeiro: Revan, 2000.

FIRJAN. **Mapeamento da indústria criativa no Brasil**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.firjan.org.br/economicriativa/pages/release.aspx>>. Acesso em: 04 ago 2017.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLORES, Paulo Cesar. **Prefeitura apresenta Plano Municipal de Economia Criativa**. 2014 Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/portal_pmpa_novo/default.php?p_noticia=174713&PREFEITURA+APRESENTA+PLANO+MUNICIPAL+DE+ECONOMIA+CRIATIVA>. Acesso em 20 nov 2018.

FLORIDA, Richard. **The rise of the creative class**: and how it's transforming work, leisure, community and everyday life. New York: Basic Books, 2002.

FONSECA, Ana Carla e URANI, André. **Cidades Criativas**: perspectivas brasileiras. São Paulo: Garimpo de Produções, 2011.

FRAGA, Rafaella. **O 'lado B' de Porto Alegre**: G1 lista cinco roteiros alternativos na cidade. G1. 23 março 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2017/03/o-lado-b-de-porto-alegre-g1-lista-cinco-roteiros-alternativos-na-cidade.html>>. Acesso em 10 agosto 2018.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: Guia Histórico**. 2ª edição. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1992. p. 163-167.

G1. **Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul terá sede própria a partir do ano que vem**. 17 jul 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2019/07/17/museu-de-arte-contemporanea-do-rio-grande-do-sul-tera-sede-propria-a-partir-do-ano-que-vem.ghtml>>. Acesso em 24 de julho de 2019.

GAÚCHA ZH. **Conheça os indicados ao Prêmio Açorianos de Artes Plásticas**. 01 março 2019. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/artes/noticia/2019/03/conheca-os-indicados-ao-premio-acorianos-de-artes-plasticas-cjsqdmvg503wl01p8qq0c1cbo.html>>. Acesso em 12 mar 2019.

_____. **Fábrica do Futuro quer transformar zona Norte em polo tecnológico**. 29 jun 2018. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2018/06/fabrica-do-futuro-quer-transformar-zona-norte-da-capital-em-polo-tecnologico-cjj0aw35c0kqw01qoortholz.html>>. Acesso em 09 mar 2019.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrolado**: o que a globalização está fazendo de nós. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GLASS, R. **London: aspects of change**. London: MacGibbon & Kee, 1964.

GOLDENSTEIN, Lidia. **Cultura como instrumento de regeneração das cidades**. Regeneração urbana através da cultura funciona? Unidade de Economia Criativa, British Council, 2014.

GOLDTHORPE, J. The service class revisited. In: T. Butler, M. Savage (ed.). **Social change and middle classes**. London: UCL Press, 1995.

GOMES, Luís Eduardo. **Porto Alegre busca em Barcelona inspiração para revitalizar o 4º Distrito**. Sul21. 12 outubro 2015. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/cidades/2015/10/porto-alegre-busca-em-barcelona-inspiracao-para-revitalizar-o-4-distrito/>>. Acesso em 08 agosto 2018.

GORZ, Andre. **O imaterial: conhecimento, valor e capital**. Tradução de Celso Azzan Júnior. São Paulo: Annablume, 2005.

GRAND Jr, João; FIGUEIREDO, João Luiz e MEDEIROS Jr, Helcio. **A importância da economia criativa no desenvolvimento econômico da cidade do Rio de Janeiro**. Coleção Estudos Cariocas. Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos, Jun 2011.

GRANOVETTER, Mark. **The strength of weak ties**. American Journal of Sociology, v. 78, n. 6, p. 1360-1380, 1973.

HAESBAERT, Rogério *et al.* **Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro: Access, 2007.

HAESBAERT, Rogério H. da. **O mito da desterritorialização: “do fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, Peter. **Creative Cities and Economic Development**. Urban Studies, 37. 4 ed, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2004.

HAMNETT, C. **Les aveugles et l'éléphant: l'explication de la gentrification**. Strates, 1996.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

_____. **Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HOCKING, Brian. Regionalismo: uma perspectiva das relações internacionais. In: WANDERLEY, Luiz Eduardo *et al.* (org). **A dimensão subnacional e as relações internacionais**. São Paulo: Educ, 2004.

HUTTER, Michael. **A theory of contested modes of valuation, applied to markets for singularities**. London: Routledge, 2016.

INOVAPOA – Prefeitura Municipal de Porto Alegre. **Porto Alegre Criativa: Plano Municipal de Economia Criativa**, 2013. Disponível em: <http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/inovapoa/usu_doc/poa_criativa_vweb.pdf>. Acesso em março de 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010: Sinopse por setores**. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopseporsetores/>> Acesso em: 16 de outubro de 2019.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de grandes cidades**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

JORNAL DO COMERCIO. **Distrito C em Porto Alegre tem maratona de eventos neste sábado**. 16 mar 2018. Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/2018/03/economia/616985-distrito-c-em-porto-alegre-tem-maratona-de-eventos-neste-sabado.html>. Acesso em 09 agosto 2018.

_____. **Diversas – 4º Distrito**. 21 junho 2017. Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/2017/06/agenda_profissional/569109-diversas.html>. Acesso em 05 agosto 2018.

_____. **Empresas e BM debatem ações conjuntas no 4º Distrito**. 25 outubro 2017. Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/2017/10/geral/592857-empresas-e-bm-debatem-acoes-conjuntas-no-4-distrito.html>. Acesso em 18 agosto 2018.

_____. **Festival de cultura e inovação agita o 4º Distrito na Capital.** 30 abril 2018. Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/conteudo/2018/04/galeria_de_imagens/624827-festival-deslocamentos4d-agita-o-4-distrito-na-capital.html>. Acesso em 04 agosto 2018.

_____. **Porto Alegre consegue US\$ 30 milhões do Bird para obras no 4º Distrito - Jornal do Comércio.** 26 nov 2018. Disponível em: <<https://www.jornaldocomercio.com/conteudo/politica/2018/11/658636-porto-alegre-consegue-us-30-milhoes-do-bird-para-obras-no-4-distrito.html>>. Acesso em 13 mar 2019.

_____. **Prefeitura de Porto Alegre notifica DNIT e CEEE sobre alagamentos no 4º Distrito.** 07 agosto 2017. Disponível em: <<https://www.jornaldocomercio.com/conteudo/2017/08/geral/578230-prefeitura-de-porto-alegre-notifica-dnit-e-ceee-sobre-alagamentos-no-4-distrito.html>>. Acesso em 01 agosto 2018.

_____. **Restaurante Popular de Porto Alegre fecha as portas.** 09 mai 2019. Disponível em: <<https://www.jornaldocomercio.com/conteudo/geral/2019/05/683281-restaurante-popular-de-porto-alegre-fecha-as-portas.html>>. Acesso em 11 de maio 2019.

KEATING, Michael. Regiones y asuntos internacionales: motivos, oportunidades y estrategias. In: WANDERLEY, Luiz Eduardo *et al.* (org). **A dimensão subnacional e as relações internacionais.** São Paulo: Educ, 2004.

LANDRY. C.. Prefácio. In: A.C.F. Reis & P. Kageyama (eds). **Cidades criativas: perspectivas.** São Paulo: Garimpo de Soluções, 2011.

LANDRY. C.. **The Creative City: A toolkit for Urban innovators.** Londres: Earthscan, 2000.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade.** 5ª Ed. São Paulo: Centauro, 2001.

LEFEBVRE, Henri. **Espacio y política.** Barcelona: Ediciones Península, 1973.

LEITE, A. F. O Lugar: Duas Acepções Geográficas. **Anuário do Instituto de Geociências** – UFRJ, 21, p. 9-20, 1998.

LEITE, Rogério Proença. Margens do dissenso: espaço, poder e enobrecimento urbano. 2006. In: GASPAR, Samantha dos Santos. **Gentrification: processo global, especificidades locais?** São Paulo: Ponto Urbe 6, 2010.

LEWGOY, Júlia. **Nasce um vilarejo criativo em Porto Alegre.** Jornal do Comércio. 27 outubro 2014. Disponível em: <<https://www.jornaldocomercio.com/site/noticia.php?codn=177334>>. Acesso em 08 agosto 2018.

LEY, D. Liberal ideology and pest industrial city. New Orleans: Annals of the Association of American Geographer, 1980. In: HAMNET, Chris. **Les Aveugles et l'Elephant: l'explication de la gentrification.** Strates 9, 1996 – 97.

LOGAN e MOLOTCH, Harvey. The City as a Growth Machine: Toward a Political Economy of Place. **American Journal of Sociology**, vol. 82, n. 2 p. 309-332, 1976.

LOPES DE SOUZA, Marcelo. **ABC do Desenvolvimento Urbano**. 7 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

MACEDO, F. R. de. **Porto Alegre, origem e crescimento**. 2 ed. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1999.

MARTINEZ-RIGOL, S. A gentrification, conceito e método. In: CARLOS, A. F. A.; CARRERAS, C. (Org.) **Urbanização e mundialização, estudos sobre a metrópole**. São Paulo: Contexto, 2005. p.98-121.

MARX, Vanessa. **Las ciudades como actores políticos em las relaciones internacionales**. Tese (doutorado). Universidad Autónoma de Barcelona. Facultad de Ciencias Políticas y Sociología. Departamento de Ciencias Políticas y Derecho Público. Barcelona, España, 2008.

MASTERPLAN. **Masterplan 4o Distrito: Revitalização Urbana e Reconversão Econômica**, 2016. Disponível em: http://4distrito.portoalegre.rs.gov.br/sites/default/files/Masterplan_4Distrito.pdf. Acesso em maio de 2019.

MATTAR, Leila Nesralla. **A modernidade em Porto Alegre: arquitetura e espaços urbanos plurifuncionais em área do 4º distrito**. 2010. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2010.

MELLO, J. B. F. A Geografia Humanista: a Perspectiva da Experiência vivida e uma Crítica radical ao Positivismo. **Revista Brasileira de Geografia**, 52(4), pp. 91 – 115, 1990.

MENDES, L. **Cidade pós-moderna, gentrificação e a produção social do espaço fragmentado**. São Paulo: Cadernos Metrópole, v. 13, n. 26, pp. 473-495, 2011.

MIGUEZ, Paulo. Economia criativa: uma discussão preliminar. In: NUSSBAUMER, Gisele Marchiori (Org.). **Teorias e políticas da cultura: visões multidisciplinares**. Salvador: EDUFBA, 2007a. Coleção CULT, 1. p. 96-97.

MÜLLER, D. M., CASTELLO, L. S. (Orgs.). **Anatomia de Bairro: Navegantes**. Porto Alegre: UFRGS, 1969.

NARCISO, Carla Alexandra Filipe. **Espaço público: ação política e práticas de apropriação. Conceito e procedências**. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de Geografia: Lisboa, 2009.

NATUSCH, Igor. **Banco Mundial é esperança para revitalizar o 4º Distrito**. Jornal do Comércio. 20 dezembro 2017. Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/ conteudo/2017/12/geral/602647-banco-mundial-e-esperanca-para-revitalizar-o-4-distrito.html>. Acesso em 08 agosto 2017.

_____. **Empresários do 4º Distrito querem ampliar ações.** 27 abril 2018. Jornal do Comércio. Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/2018/04/economia/624443-empresarios-do-4-distrito-querem-ampliar-acoes.html>. Acesso em 14 agosto 2018.

_____. **Prefeitura recebe bases para revitalizar 4º Distrito.** Jornal do Comércio. 22 dezembro 2016. Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/2016/12/geral/538130-prefeitura-recebe-bases-para-revitalizar-4-distrito.html>. Acesso em 24 agosto 2016.

NÚÑEZ, Tarson. **A polêmica sobre a revitalização do 4º Distrito.** Sul 21. 22 dezembro 2017. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/opiniaopublica/2017/12/polemica-sobre-revitalizacao-do-4-distrito-por-tarson-nunez/>>. Acesso em 09 agosto 2018.

O'CONNOR, J. and K. Oakley, Eds. **The Routledge Companion to the Cultural Industries.** London: Routledge., 2015.

OLIVEIRA, Clarice Misoczky de. Cidade Artificiais: um estudo exploratório do projeto urbano Porto Alegre 4D. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais:** Sociedade Brasileira de Estudos Organizacionais, [?], v. 3, n. 1, p.77-99, jun. 2016. Semestral.

OSTROM, E. Constituing social capital and collective action. In: KEOHANE, R.O. e OSTROM, E (eds). **Local commons and global interdependence.** London: Sage Publications, 1995.

PARK, Robert E. **On Social Control and Collective Behavior.** Chicago: University of Chicago Press, 1967.

PLANO DA SECRETARIA DE ECONOMIA CRIATIVA. **Políticas, diretrizes e ações, 2011 – 2014.** Brasília: Ministério da Cultura, 2011.

PM SANTO ÂNGELO. **Piqué destacou Santo Ângelo como potencial de Economia Criativa.** 24 set 2018. Disponível em: <<https://pmsantoangelo.abase.com.br/site/noticias/empreendedorismo/34536-pique-destacou-santo-angelo-como-potencial-de-economia-criativa>>. Acesso em 12 março de 2019.

PNUD. **Ocupações das Unidades de Desenvolvimento Humano (UDH) da Orla do Guaíba (2000-2010), 2014.** Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_udh/22221>. Acesso em abril de 2019.

PONZINI, David. Competing cities and spectacularizing urban. Publicado em 2011. In: HELMUT, Anheier e YUDHISHHIR, Raj Isar. **The Cultures and globalization series: cities, cultural policy and governance.** Londres, California, Nova Delhi, Singapura: SAGE Publications, 2011.

PORTO ALEGRE RESILIENTE. **Desafio de Resiliência de Porto Alegre**, 2016. Disponível em: <https://www.100resilientcities.org/wp-content/uploads/2016/01/Estrategia20de20Alegre20Resiliente_digital.pdf>. Acesso em 04 maio de 2019.

PORTO ALEGRE. **Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental de Porto Alegre PDDUA**. (Lei Complementar nº 434/99). Porto Alegre: PMPA/SPM, 2000. Porto Alegre: UFRGS, 1969.

PREFEITURA DE PORTO ALEGRE – INOVAPOA. **Plano Municipal de Economia Criativa de Porto Alegre**, 2013. Disponível em: <http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/inovapoa/usu_doc/poa_criativa_vweb.pdf>. Acesso em 05 mai 2018.

PREFEITURA DE PORTO ALEGRE. **Comitê de Economia Criativa promove encontro**. 29 junho 2016. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/inovapoa/default.php?p_noticia=187586&COMITE+DE+ECONOMIA+CRIATIVA+PROMOVE+ENCONTRO>. Acesso em 17 agosto 2018.

_____. **Fórum das IES apresentado em evento da Rede Mercocidades**. 11 abril 2015. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/inovapoa/default.php?reg=18&p_secao=31>. Acesso em 16 agosto 2018.

_____. **Inovapoa apoia o IOT/Smart Cities Summit 2016**. 31 março 2016. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/inovapoa/default.php?reg=16&p_secao=31>. Acesso em 27 agosto 2018.

_____. **Missão de Joinville conhece projetos inovadores de Porto Alegre**. 04 março 2016. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/inovapoa/default.php?p_noticia=184896&MISSAO+DE+JOINVILLE+CONHECE+PROJETOS+INOVADORES+DE+PORTO+ALEGRE>. Acesso em 20 agosto 2018.

_____. **Consulta de Alvarás Secretaria Municipal de Industria e Comércio**. Disponível em: <<https://alvaraweb.procempa.com.br/alvara/home.seam>>. Acesso em outubro 2018.

PULICE, Carolina. **Imóveis: a onda do coliving veio para ficar?** Exame. 20 set 2017. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/seu-dinheiro/imoveis-a-onda-do-coliving-veio-para-ficar/>>. Acesso em 09 set 2018.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: Perspectivas latino-americanas, 2005.

QUIVY, Raymond & CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 2008.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAUNIG, Gerald. **La industria creativa como engaño de masa**. Proyecto Transform. Producción cultural y prácticas instituyentes: líneas de ruptura en la crisis institucional. Madrid: Traficantes de Sueños, 2008.

REIS MARTINS, Cristina Maria dos. **Análise da distribuição espacial dos crimes violentos na Região Metropolitana de Porto Alegre**. Observatório Estadual de Segurança Pública do RS, 2018.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Economia Criativa como Estratégia de Desenvolvimento**. São Paulo: Garimpo de Soluções e Itaú Cultural, 2008.

REVISTA PENSEIMÓVEIS. **4º Distrito: Área histórica da cidade retoma vocação de ser um “Caminho Novo”**. Disponível em: <<http://revista.penseimoveis.com.br/noticia/2011/04/4-distrito-area-historica-da-cidade-retoma-vocacao-de-ser-um-caminho-novo-3276322.html>> Acesso em: 15 de Junho de 2014.

ROBINSON, Jennifer. Cities in a World of Cities: The Comparative Gesture. **International Journal of Urban and Regional Research**, vol. 35.1, jan-2011, p. 1-24.

ROLNIK, R. **A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo**. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

RUCKERT, Aldomar Arnaldo. Políticas territoriais, ciência & tecnologia e a ação de atores locais e regionais. O Polo de Modernização Tecnológica da Serra – Rio Grande do Sul – Brasil. **Sociologias**, n11 Porto Alegre Jan./Jun 2004.

SANDER, Isabella. **Plano do 4º Distrito prevê autonomia energética**. 13 setembro 2016. Jornal do Comércio. Disponível em: <<https://www.jornaldocomercio.com/ conteudo/2016/09/geral/520860-plano-do-4-distrito-preve-autonomia-energetica.html>>. Acesso em 10 agosto 2018.

SANDERCOCK, Leonie. **Towards Cosmopolis: planning for multicultural cities**. Nova York: Wille, 1997.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Hucitec, 1985.

_____. O papel ativo da geografia: um manifesto. In: **Encontro Nacional de Geógrafos**, 12., 2000. Florianópolis. Anais. Florianópolis: 2000.

_____. **O território e o saber local: algumas categorias de análise**. Rio de Janeiro: Cadernos UPPIR, Ano XIII, nº 2, p. 15-26, 1999.

_____. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Editora USP, 2008.

_____. **A urbanização brasileira**. 5ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

SASSEN, Saskia. **As cidades na economia mundial**. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

SCHMIDT, Marina. **Restauo do Gondoleiros atrai olhares ao 4º Distrito**. 23 maio 2016. Jornal do Comércio. Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/2016/05/economia/500427-restauro-do-gondoleiros-atrai-olhares-ao-4-distrito.html>. Acesso em 11 agosto 2018.

SCHMITT, Carl. **O conceito do político**. Tradução de Álvaro L. M. Valls. Petrópolis: Vozes, 1992.

SCHUCK, Sofia. **Após morte de ciclista, movimento quer fechar corredor de ônibus aos domingos**. 13 agosto 2018. Jornal do Comércio. Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/geral/2018/08/643926-movimento-pede-a-liberacao-de-corredor-de-onibus-da-farrapos-a-populacao-aos-domingos.html>. Acesso em 16 agosto 2018.

SMITH, N. **Gentrificação, a fronteira e a reestruturação do espaço urbano**. GEOUSP, Nº 21, p. 15-29, 2007.

_____. Gentrification, the frontier, and the restructuring of urban space. In N. SMITH; P. WILLIAMS (ed.), **Gentrification of the City, London**. Londres: Allen & Unwin, pp.15-34, 1986.

_____. **The New Urban Frontier: Gentrification and the revanchist city**. New York: Routledge, 1996.

_____. A gentrificação generalizada: de uma anomalia local à “regeneração” urbana como estratégia urbana global. In: Bidou-Zachariansen, C.; Hiernaux-Nicolas, D.; Rivière d’Arc, H. (orgs.) **De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos**. São Paulo: Annablume, 2006.

_____. Gentrification of the city. London: Allen and Unwin, 1986. In: HAMNET, Chris. **Les Aveugles et l’Elephant: l’explication de la gentrification**. Strates 9, 1996 – 97.

_____. Toward a theory of gentrification: a back to the city movement by capital not people. **Journal of the American Planning Association**, n.º 45, p.538-548, 1979.

SUL21. **Câmara aprova redução de impostos a empresas de tecnologia do 4º Distrito**. 14 dez 2015. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/cidades/2015/12/camara-aprova-reducao-de-impostos-a-empresas-de-tecnologia-do-4-distrito/>>. Acesso em 09 agosto 2018.

SWYNGEDOUW, Erik. Globalisation or ‘glocalisation’? Networks, territories and rescaling. **Cambridge Review of International Affairs**, 17:1, 25-48, 2004.

THROSBY, D. **The Economics of Cultural Policy**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

TITTON, Cláudia Pauperio. **Reestruturação produtiva e reestruturação urbana: o caso do 4º distrito de Porto Alegre**. 2012. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.

UNCTAD. **Economia Criativa: uma opção de desenvolvimento viável**. Brasília: Secretaria da Economia Criativa/Minc; São Paulo: Itaú Cultural, 2012.

UNESCO. **Porto Alegre, cidade criativa**. 08 setembro 2009. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/ia/about-this-office/single-view/news/porto_alegre_cidade_criativa/>. Acesso em 12 agosto 2018.

VIA. **Floripa recebe Jorge Piqué para falar sobre o Distrito C de Porto Alegre**. 8 nov 2018. Disponível em: <http://via.ufsc.br/floripa-recebe-jorge-pique-do-distrito-c/?fbclid=IwAR2tO_iKpHsFbUBoj9FXBgu4wywhwenPVAWf-JMsBHRcRzS4c8iq9-9Zg0>. Acesso em 12 março de 2019.

VIGEVANI, Túlio. **Problemas para a atividade internacional das unidades subnacionais: Estados e municípios brasileiros**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol 21, nº 62, 2006.

VIGNA, Rafael. **Revitalização do 4º Distrito está mais próxima**. 06 julho 2015. Jornal do Comércio. Disponível em: <<https://www.jornaldocomercio.com/site/noticia.php?codn=201446>>. Acesso em 30 agosto 2018.

WEISSHEIMER, Marco. **Ocupação Primavera questiona projeto de revitalização do Quarto Distrito**. Sul21. 25 Março 2017. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/cidades/2017/03/ocupacao-primavera-questiona-projeto-de-revitalizacao-do-quarto-distrito/>>. Acesso em 12 agosto 2018.

YIN, R. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2010.

YUDICE, George. **A conveniência da cultura: usos da cultura na era global**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

ZEROHORA. **Pesquisa revela que Porto Alegre é a segunda cidade mais criativa do Brasil**. 13 abril 2012. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/economia/noticia/2012/04/pesquisa-revela-que-porto-alegre-e-a-segunda-cidade-mais-criativa-do-brasil-3725859.html>>. Acesso em 10 agosto 2018.

ZISPOA. **A evolução da ZISPOA desde setembro de 2015**. Disponível em: <<https://www.zispoa.info/>>. Acesso em 20 de maio de 2019.

ZUKIN, S. Paisagens do século XXI: notas sobre a mudança social e o espaço urbano. In: Arantes, Antonio A. (org.) **O espaço da diferença**. Campinas: Papius, 2000.

_____. **Gentrification in three paradoxes.** *City and Community*, vol.15, n.3, p.202-207, 2016.

_____. **Loft living:** cultural and capital in urban change. New Brunswick: Rutgers University Press, 1989.

Anexo I: ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA (AGENTES CRIATIVOS)

1. CABEÇALHO

Nome; Idade; Profissão; Escolaridade; És dono do imóvel onde trabalhas; Rendimento total em média anual.

2. ECONOMIA CRIATIVA

2.1 No que consiste o teu trabalho artístico? Como aprendeu? Da onde vêm as tuas ideias e inspirações?

2.2 Tens trajetórias fora do país e traz essas iniciativas para o teu trabalho?

2.3 Como o teu trabalho te envolve com a chamada economia criativa? Vês potencialidade de desenvolvimento nesse setor?

2.4 De onde são trazidos os materiais que necessitas? Como buscas financiamento/recursos?

3. ENVOLVIMENTO COM O BAIRRO

3.1 Estás há quanto tempo morando/trabalhando no bairro Floresta? Por que decidiste te instalar no Floresta? Como foi o início e como está esse processo? Percebes mudanças históricas no entorno?

3.2 Utilizas dos serviços locais como comércio, praças, mobilidade urbana?

3.3 Faz algum trabalho com a comunidade local? Detalhe

4. ENVOLVIMENTO COM AS OUTRAS INICIATIVAS

4.1 Conheces e te envolves nos eventos e ações das iniciativas de economia criativa? Existe alguma rede que participas?

4.2 Percebes mudanças no bairro desde os maiores envolvimentos em rede da economia criativa? Quais seriam?

4.3 Exemplos de ações congruentes ao trabalho de economia criativa/espço urbano do bairro Floresta.

5. ENVOLVIMENTO MACRO: TERRITORIALIDADE

5.1 Como percebes os projetos de reestruturação urbana? Vês alguma mudança? Te envolve em debates e discussões relativas a esse espaço?

5.2 Vês processos que facilitam ou obstaculizam a reestruturação do espaço urbano? (Violência urbana, diferenças de classes, especulação imobiliária, burocracia da prefeitura, sociabilidade dos habitantes, boa relação entre os empreendedores criativos).

Anexo II – PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Empreendimentos Criativos	Estado do Imóvel	Atividade	Tempo no Floresta	Morador do Bairro
A	Aluguel	Escritório de Arquitetura	4 anos	Não
B	Aluguel	Restaurante/Café	2,5 anos	Não
C	Aluguel	Dramaturgo	4 anos	Sim
D	Aluguel	Café/Bikes	2,5 anos	Não
E	Próprio	Casa de Dança	6 anos	Sim
F	Aluguel	Galeria e escola de arte	4 anos	Não
G	Aluguel	Espaço de coworking	3,5 anos	Não
H	Aluguel	Bar/Estúdio	2,5 anos	Não
I	Aluguel	Brechó	13 anos	Sim
J	Próprio	Associação cultural/Espaço de coworking	5 anos	Não
K	Próprio	Hostel	2,5 anos	Não
L	Sem imóvel	Designer social	6 anos	Não
M	Residência	Jornalista	14 anos	Sim
N	Aluguel	Antiquário	6 anos	Não
O	Aluguel	Negócio de sustentabilidade	2 anos	Não
P	Residência	Coletivo de moda	3,5 anos	Sim
Q	Residência	Escritor	20 anos	Sim
R	Aluguel	Atelier	10 anos	Não
S	Aluguel	Artista plástica	3,5 anos	Não
T	Aluguel	Reparo e venda de bicicletas	2 anos	Não